



PAULO FREIRE EM TEMPOS DE FAKE NEWS

Edição 2020

Artigos produzidos durante o curso da EaD
Freiriana do Instituto Paulo Freire

Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha
ORGANIZADORES



INSTITUTO
PAULO FREIRE
Associação Cultural e
Educativa Instituto Paulo Freire

EaD
Freiriana

UniFreire Universitas
Paulo Freire

PAULO FREIRE EM TEMPOS DE FAKE NEWS

Edição 2020

Artigos produzidos durante o curso da EaD
Freiriana do Instituto Paulo Freire

Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha
ORGANIZADORES

SÃO PAULO, OUTUBRO DE 2020.



INSTITUTO
PAULO FREIRE
Instituto de Educação e
Direitos Humanos Paulo Freire

EaD
Freiriana

UniFreire *Universitas*
Paulo Freire

AUTORAS(ES)

Adriana Marques de Oliveira
Amaurícia Lopes Rocha Brandão
Brenda Iolanda Nascimento
Carine Silva Lima
Caroline Costa Silva Candido
Cristino Cesário Rocha
Daniele Próspero
Fátima Nogueira da Silveira
Fernanda Antunes Gomes da Costa
Francisco Nascimento
Gabriely Cristine de Souza
Iago Vilaça de Carvalho
Isadora Massoni de Souza
Leila Pessôa da Costa
Livian Aparecida Corsi Machado
Luciana Ferreira
Lucinalva de Almeida Silva
Marcio Gomes
Marco Mazzarotto
Marcos Brogna
Maria Alice Ramalho Cardoso
Maria Tereza de Oliveira
Marlúcia Nogueira do Nascimento
Monica Abranches
Nelson Adriano Ferreira de Vasconcelos
Osvaldo José da Silva
Paulo Henrique de Souza
Raisa Ketzer Porto
Rosylane Doris de Vasconcelos
Sandra Regina Gardacho Pietrobon
Simone Maria Gugliotta
Vinny Pellegrino
Ywanoska Maria Santos da Gama

EXPEDIENTE

INSTITUTO PAULO FREIRE

Patrono | Paulo Freire

Presidente de Honra | Moacir Gadotti

Diretores Pedagógicos | Ângela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha

Diretora de Comunicação | Janaina M. Abreu

Organizadores | Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha

Autores(as) | Adriana Marques de Oliveira, Amaurícia Lopes Rocha Brandão, Brenda Iolanda Nascimento, Carine Silva Lima, Caroline Costa Silva Candido, Cristino Cesário Rocha, Daniele Próspero, Fátima Nogueira da Silveira, Fernanda Antunes Gomes da Costa, Francisco Nascimento, Gabriely Cristine de Souza, Iago Vilaça de Carvalho, Isadora Massoni de Souza, Leila Pessôa da Costa, Livian Aparecida Corsi Machado, Luciana Ferreira, Lucinalva de Almeida Silva, Marcio Gomes, Marco Mazzarotto, Marcos Brogna, Maria Alice Ramalho Cardoso, Maria Tereza de Oliveira, Marlúcia Nogueira do Nascimento, Monica Abranches, Nelson Adriano Ferreira de Vasconcelos, Osvaldo José da Silva, Paulo Henrique de Souza, Raísa Ketzer Porto, Rosylane Doris de Vasconcelos, Sandra Regina Gardacho Pietrobon, Simone Maria Gugliotta, Vinny Pellegrino, Ywanoska Maria Santos da Gama

Docentes do Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' – Edição 2020 | Afonso Celso Scocuglia (UFPB, Brasil), Aléssio Surian e demais docentes (Centro Paulo Freire de Padova, Itália), Ângela Biz Antunes (IPF, Brasil), Carlos Rodrigues Brandão (Unicamp, Brasil), Florenço Varella (IPF, Cabo Verde), Francisca Rodrigues de O. Pini (IPF, Brasil), Guillermo Williamson (Univ. de La Frontera, Chile), Ismar Soares (ECA-USP, Brasil), Jaciara de Sá Carvalho (Unesa, Brasil), Jason Mafra (UniNove e IPF, Brasil), José Eustáquio Romão (Uninove e IPF, Brasil), Ladislau Dowbor (PUC-SP, Brasil), Luiza Cortesão (Univ. Porto, Portugal), Moacir Gadotti (IPF, Brasil), Oscar Jara (CEAAL, Peru e América Central), Paulo Roberto Padilha (IPF, Brasil), Sheila Ceccon (IPF, Brasil) e Sonia Couto (IPF, Brasil).

Revisão Pedagógica desta edição | Ana Luísa D'Maschio, Francisca Rodrigues de O. Pini, Janaina M. Abreu, José Walter Silva e Silva, Lina Rosa, Paulo Roberto Padilha, Priscila Ramalho, Roberta Stangherlim, Sabrina Abbas, Simone Lee e Vanessa Batista de Oliveira.

Coordenação Gráfico-Editorial | Janaina M. Abreu

Projeto Gráfico, Diagramação e Arte-Final | Pablo Mazzucco

EAD FREIRIANA

Coordenação Geral | Paulo Roberto Padilha

Coordenação de Comunicação e Produção Gráfico-Editorial | Janaina M. Abreu

Equipe Pedagógica | Ângela Biz Antunes, Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha, Sheila Ceccon, Simone Lee e Sonia Couto.

Conselho Editorial da EaD Freiriana | Ana Luísa D'Maschio, Ângela Biz Antunes, Alessandra Rodrigues dos Santos, Anderson Alencar, Angélica Ramacciotti, Deisy Boscaratto, Delma Lúcia de Mesquita, Francisca Rodrigues de O. Pini, Gabriela Albanás Couto, Genuíno Bordignon, Jaciara de Sá Carvalho, Janaina M. Abreu, Jason Mafra, José Walter Silva e Silva, Julia Tomchinsky, Lina Rosa, Luiz Marine, Paulo Roberto Padilha, Priscila Ramalho, Roberta Stangherlim, Sabrina Abbas, Sheila Ceccon, Simone Lee, Sonia Couto Souza Feitosa e Vanessa Batista de Oliveira.

Equipe de TI, Suporte Técnico e Audiovisual | Plínio Pinheiro e Simone Lee

Captação de Imagem e Som | Bernardo Baena e Plínio Pinheiro

Edição e Tratamento de Imagem, Áudio e Vídeo | Bernardo Baena

Gestão Administrativa, Financeira e Contábil | Cláudio Nogueira e Simone Lee

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

P331 Paulo Freire em tempos de fake news : edição 2020 : artigos produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire [recurso eletrônico] / organizadores Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha. — São Paulo : Instituto Paulo Freire, 2020.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5854-045-8

1. Freire, Paulo, 1921-1997. 2. Educação. 3. Fake news.
4. Alfabetização midiática. 5. Educomunicação. I. Abreu,
Janaina M. II. Padilha, Paulo Roberto. III. Título.
CDD 370.115

DOI 10.29327/523688

SUMÁRIO

PREFÁCIO

- 10** Moacir Gadotti

ARTIGOS

A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE POLÍMEROS PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO ANO DE 2009: CONEXÕES COM O PENSAMENTO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE NOS DIAS ATUAIS

- 13** Adriana Marques de Oliveira

EDUCOMUNICAÇÃO, COMBATE A FAKE NEWS A PARTIR DA FILOSOFIA E METODOLOGIA FREIRIANA

- 19** Amaurícia Lopes Rocha Brandão

A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA ENGAJADA E A LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: CONSTRUINDO MUNDOS POSSÍVEIS A PARTIR DO DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

- 28** Brenda Iolanda Nascimento

PAULO FREIRE: DIALOGICIDADE E AMOROSIDADE NO PROCESSO EDUCATIVO

- 36** Carine Silva Lima

CONTRIBUIÇÕES DA OBRA DE PAULO FREIRE FRENTE À INTENSIFICAÇÃO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

- 44** Caroline Costa Silva Candido

UMA REFLEXÃO SOBRE FAKE NEWS: O CASO PAULO FREIRE

- 53** Cristino Cesário Rocha

A EDUCOMUNICAÇÃO COMO UMA PONTE À PRÁTICA FREIRIANA DE COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NAS ESCOLAS

- 61** Daniele Próspero

INFORMAÇÃO E REDES SOCIAIS: UMA LEITURA CRÍTICA

- 70** Fátima Nogueira da Silveira

NARRATIVAS FEMININAS PARA O COMBATE ÀS FAKE NEWS: POR UMA EDUCAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, POR UMA EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM A PRÁTICA DA LIBERDADE

- 78** Fernanda Antunes Gomes da Costa

- 87** [Francisco Nascimento](#)
- POR QUE ACREDITAMOS EM FAKE NEWS?
- 95** [Gabriely Cristine de Souza](#)
- A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE: NO CONTEXTO DO AVANÇO DO NEOCONSERVADORISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA
- 105** [Iago Vilaça de Carvalho](#)
- A LEITURA DE MUNDO A PARTIR DA OBRA QUARTO DE DESPEJO: UM DIÁLOGO COM A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE
- 114** [Isadora Massoni de Souza](#)
- PERCURSOS DA ESCUTA E DA CURIOSIDADE NA AULA DE ARTE NA ESCOLA PÚBLICA
- 123** [Leila Pessoa da Costa](#)
- DOS ASPECTOS SUBJACENTES AO ATUAL DISCURSO POLÍTICO DA EDUCAÇÃO E SUA REJEIÇÃO AO LEGADO FREIREANO
- 133** [Livian Aparecida Corsi Machado](#)
- (DES)CONSTRUÇÃO DO FAKE EM ENUNCIADOS SOBRE A AMAZÔNIA: DISCURSO E MANIPULAÇÃO À LUZ DE FREIRE E PÊCHEUX
- 143** [Luciana Ferreira](#)
- PRÁXIS PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS
- 152** [Lucinalva de Almeida Silva](#)
- PESQUISA-FORMAÇÃO EM FAKE NEWS E A RECONFIGURAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NUMA PERSPECTIVA FREIRIANA EM TEMPOS DE PANDEMIA
- 161** [Marcio Gomes](#)
- DESGLOBALIZAÇÃO DAS MENTES: MITO E ÉTICA
- 171** [Marco Mazzarotto](#)
- AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA UM DESIGN EMANCIPATÓRIO
- 180** [Marcos Brogna](#)
- A PALAVRAMUNDO LIBERTA DAS PALAVRAS-FAKE: PAULO FREIRE, UM NÃO-INÉDITO VIÁVEL E NECESSÁRIO
- 189** [Maria Alice Ramalho Cardoso](#)
- PAULO FREIRE (1921-1997): COMPREENDER O 'DITO PARA REDIZÊ-LO'
- 197** [Maria Tereza de Oliveira](#)
- EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA FREIRIANA

- EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE, PAULO FREIRE RESPONDE: LEITURA DO MUNDO E CONSCIENTIZAÇÃO
207 [Marlúcia Nogueira do Nascimento](#)
- SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE FAKE NEWS: DIALOGANDO COM PAULO FREIRE SOBRE A RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL
216 [Monica Abranches](#)
- A "CULPA" É DE PAULO FREIRE
225 [Nelson Adriano Ferreira de Vasconcelos e Rosylane Doris de Vasconcelos](#)
- PAULO FREIRE E A RESISTÊNCIA NEGRA EM TEMPOS DE FAKE NEWS - NOTAS PRELIMINARES
234 [Osvaldo José da Silva](#)
- AS NOTÍCIAS FALSAS EM TEMPOS DE OLIGOPÓLIOS FINANCEIROS
243 [Paulo Henrique de Souza](#)
- ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL
251 [Raisa Ketzer Porto](#)
- O FENÔMENO DAS FAKE NEWS E A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA
259 [Sandra Regina Gardacho Pietrobon](#)
- FONTES DA VERDADE CONTRA AS FALSAS NOTÍCIAS: O LIVRO MEDO E OUSADIA EM TEMPO DE FAKE NEWS
268 [Simone Maria Gugliotta](#)
- EDUCOMUNICAÇÃO: DO COMBATE ÀS FAKE NEWS AO INCENTIVO À PRÁTICA DEMOCRÁTICA
276 [Vinny Pellegrino](#)
- BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: O INÉDITO VIÁVEL DE PAULO FREIRE NA LUTA PELO DIREITO HUMANO À LEITURA E INFORMAÇÃO
284 [Ywanoska Maria Santos da Gama](#)

POSFÁCIO

- 294** [Paulo Roberto Padilha e Janaina M. Abreu](#)

PREFÁCIO

UMA REDE VIRTUAL FREIRIANA DE APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA

Tempos de situações-limite, como os que vivemos, obrigam-nos a reinventar a nós mesmos e a abrir novos caminhos, ou, pelos menos, inventar novos jeitos de caminhar. Essa é a sensação que tive ao ler os artigos que compõem esta belíssima obra coletiva, que responde propositivamente ao contexto que estamos vivendo e que traduzi no título deste prefácio.

Sim, estamos reunidos nessa nova teia de aprendizagem porque nos encontramos unidos pelas mesmas preocupações em torno da busca da verdade em tempos de fake news. São tempos que apelam por cumplicidade, por companheirismo e estreitamento de laços de solidariedade. Como gentes utópicas em tempos distópicos alçamos alto nossas bandeiras que traduzem nossas crenças num outro amanhã possível.

Por isso, sinto-me feliz e honrado em poder introduzir os leitores nesta obra, que muito me agradou.

Trata-se de um livro que nos convida a estarmos atentos e atentas ao complexo cenário atual, a fazer a leitura do mundo de hoje. Fake news é sinônimo de desinformação, falsas notícias. Elas ameaçam o bem viver entre as pessoas e ameaçam a própria democracia.

O mundo das fakes news também alcançou Paulo Freire. Nesse caso, elas fazem parte de um movimento de desconstrução de um modo de vida. Essa desconstrução tem um endereço, um propósito: atacar o que ele defendia que era uma escola democrática, popular, emancipadora. O alvo da campanha contra Paulo Freire não é só ele: o alvo é o direito à educação pública.

Os artigos que vocês vão ler evidenciam particularmente o nosso papel, como educadoras e educadores, que é o de esclarecer, argumentar, conscientizar. Sabemos que a educação, a escola, não podem tudo, mas podem alguma coisa. E aqui nos reunimos nesta nova rede virtual de aprendizagem freiriana porque acreditamos nisso.

Daqui para a frente creio que precisamos nos acostumar a conviver com isso numa época em que a cultura digital tornou o planeta muito menor, onde o chão da escola é o próprio planeta e a sala de aula uma extensão da virtualidade e da conectividade global.

Nesse contexto, mais do que nunca, urge formar o espírito crítico e científico, frente à banalização do mal e a malvadez de quem não vê o outro como si mesmo, mas como inimigo. Porque, não se trata apenas de fake news, de falsas notícias, trata-se de inserir-se num território em disputa de projetos de sociedade e de futuro da humanidade.

A escola não é apenas um lugar de aprendizagem escolarizada onde a vida real fica do lado de fora. É um lugar onde também se decide o futuro de uma geração a qual precisa pronunciar-se sobre o país que deseja construir e sobre a educação necessária para construí-lo. A escola é um lugar onde outro país, onde outro mundo, pode estar sendo gestado.

Moacir Gadotti

Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire

Professor aposentado da Universidade de São Paulo

ARTIGOS

A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE POLÍMEROS PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO ANO DE 2009: CONEXÕES COM O PENSAMENTO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE NOS DIAS ATUAIS

MARQUES-DE-OLIVEIRA, Adriana

RESUMO

Nestas escritas narrarei minha pesquisa de mestrado ocorrida no ano de 2009, desenvolvida no terceiro ano do Ensino Médio, numa escola pública na cidade de Dourados/MS. O intuito desse relato foi refletir acerca dos pressupostos de Freire e suas conexões com os nossos dias atuais. À medida que as análises foram descritas articulei interlocuções nas discussões advindas da videoaula 5, qual seja, “As bases e as conexões do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire”. Esse movimento de reflexão e conexão acerca desta pesquisa desenvolvida mostrou a magnitude do pensamento freireano e suas potencialidades na formação de professores de Ensino de Ciências, especialmente de Química e de todos os agentes envolvidos e engajados na proposta.

Palavras-chave: Conexão. Formação freireana de professores de Ensino de Ciências. Reflexão.

ABSTRACT

In these writings I will narrate my master's research that took place in 2009, developed in the third year of high school, in a public school in the city of Dourados/MS. The purpose of this report was to reflect on Freire's assumptions and their connections with our present day. As the analyzes were described, I articulated interlocutions in the discussions arising from video class 5, namely, “The bases and connections of Paulo Freire's political-pedagogical thinking”. This movement of reflection and connection about this developed research showed the magnitude of Freire's thought and its potential in the formation of Science Teaching teachers, especially in Chemistry and of all the agents involved and engaged in the proposal.

Keywords: Connection. Freirean education of Science Teaching teachers. Reflection.

ITINERÁRIOS REFLEXIVOS

Nesse relato abordarei reflexões acerca de minha pesquisa de mestrado realizada, no segundo semestre do ano de 2009, numa escola pública da cidade de Dourados/MS. Tais reflexões foram proporcionadas a partir dos estudos advindos do **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news - Edição 2020**, mais especificamente na videoaula 5, em que se discutiu acerca das bases e as concepções do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire com o professor Afonso Celso Scocuglia da Universidade Federal da Paraíba.

As discussões advindas desta videoaula, permitiu-me rememorar a pesquisa de dissertação que realizei sobre uma Sequência Didática para ensinar polímeros no terceiro ano do Ensino Médio. Na época, atuava como professora da Educação Básica e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS.

Ainda rememorando os tempos de mestrado, não posso deixar de citar sobre a professora Maria Celina, minha orientadora do mestrado. Pois foi por meio das conversas e estudos da perspectiva freireana que me “encantei” por esse referencial. Além de uma professora muito querida – ela sempre estava disponível para o diálogo – mostrou-me que o processo dialógico pode estar presente em todas as etapas de ensino com sua humildade, colaboração, singeleza e criticidade – valorizando todos os saberes.

A partir disto, as escritas deste relato configuram-se num misto de descrição e análise. Abordarei a Sequência Didática desenvolvida em 2009, relacionando as inquietações e contribuições proporcionadas a partir da videoaula citada. Acredito que a emergência destas discussões propulsiona um diálogo permanente abordado, discutido e cristalizado na perspectiva freireana.

Entendo, que ao lançar um olhar acerca do trabalho realizado pode promover a práxis, no sentido de refletir sobre a prática e nesse contexto permitir um diálogo com outros interlocutores, possibilitando os desvelamentos de novos conceitos que podem se constituir como “novas tendências teóricas”, [...]“a concepção de docência é bem maior, e exige uma responsabilidade mil vezes maior do que a do autoritário, que é puramente discursador sobre o conteúdo. Eu espero que no ano de 2200 essa gente tenha aprendido que isso não é conhecer” (FREIRE e GUIMARÃES, 2011, p.145). Esse excerto do livro “dialogando com a própria história”, Paulo Freire e Sérgio Guimarães nos provocam a pensar sobre a concepção do ser professor.

Também, nos revelam a importância deste diálogo permanente com a nossa

história, um movimento dialético que pode proporcionar outros olhares, outras possibilidades, outras aprendizagens. Com esse intento, que mobilizo a narração desta pesquisa ora realizada alguns anos atrás.

A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA REALIZADA EM 2009: QUAIS AS CONEXÕES COM O PENSAMENTO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE?

Essa proposta foi realizada por meio de uma adaptação da Investigação Temática sobre “plásticos” para contemplar o conteúdo curricular “polímeros”. A escolha do tema plásticos foi indicada por mim, professora da escola – da turma – na época da realização da pesquisa. Nestas reflexões, destaquei que o procedimento realizado se afastou do preconizado por Freire no processo de Investigação Temática, pois foi uma escolha “a priori”. Entretanto, busquei uma alternativa para desenvolver um ensino problematizador, no âmbito do ensino formal, sem o afastamento de pressupostos da concepção dialógica.

Conforme enfatizado pelo professor Afonso Celso Scocuglia, na perspectiva freireana as propostas tendem a serem reinventadas, recriadas. Outrossim, valorizar a realidade tanto dos educandos quanto dos educadores a fim de promover uma educação mais politizada. Nesta ótica a dialogicidade é fundamental para o processo de conscientização deste cenário.

Ou seja, esta dialogicidade destacada na videoaula pode promover um conhecimento da realidade. Neste contexto, embora não tenha realizado as etapas da Investigação Temática tal qual descreve Freire, foi possível adaptá-la da maneira como consegui naquela época – lembro-me da cobrança de seguir a “prescrição” curricular dos conteúdos – no qual o indicado nesta prescrição era “polímeros”, e, neste sentido, o desafio foi articulá-lo com uma proposta de educação libertadora freireana.

Primeiramente, com o intuito de investigar/conhecer mais a escola, consultei o Projeto Político Pedagógico (PPP), além das observações realizadas no espaço escolar por mim. Essas observações me inquietaram e fizeram com que realizasse um estudo que partisse do contexto dos estudantes, mas que ao mesmo tempo tivesse interação com os conceitos/conhecimentos da ciência química. O tema que possibilitava essa articulação do contexto com o conhecimento científico foi “plásticos”. Vale lembrar que as discussões advindas da videoaula 5 possibilitaram destacar a importância da educação como prática da liberdade, neste sentido os

conceitos químicos só têm sentido e significado se puderem desvelar aspectos relacionados com o dia-a-dia dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

A partir das observações na escola e da leitura de uma escrita de redação solicitada aos alunos, elaborei uma análise para detalhar as possíveis contradições vivenciadas a partir da temática escolhida, qual seja, plásticos. As contradições emergidas foram retratadas em três categorias de análise: Mídia; Concepção dos plásticos e Meio ambiente.

Com essas categorias, foi possível elaborar as codificações, ou seja, as “apostas” que representariam situações de conflito que os estudantes viviam. Foram apresentados vídeos, poesia e questões problematizadas e norteadoras acerca dos plásticos e meio ambiente. Durante esse processo foram realizadas gravações das aulas em áudio e vídeo.

O processo de diálogo dessas codificações foi denominado (e de acordo com a leitura de Freire) de descodificação, momento que as contradições podem ser exploradas, aprofundadas e desveladas. Tais discussões permitiram o direcionamento para a etapa seguinte que foi a redução temática, pois o diálogo é a busca do conteúdo programático, expressando-se de forma organizada, sistematizada e acrescentada aos estudantes.

Esse diálogo que Freire enfatiza é permeado pela influência de vários matizes teóricos. A videoaula 5 destacou que o pensamento de Freire foi se constituindo em diálogo na forma de espiral com diversos autores, por exemplo, Gramsci e Amílcar Cabral. Ou seja, este processo de descodificação descrito na Sequência Didática também permitiu uma constituição espiralada dos conhecimentos dos educandos de forma a reelaborar e redirecionar as demais etapas.

Nesta ótica, assim como Freire assumiu a autocrítica como possibilidade de reelaboração e aprimoramento do seu pensamento se constituindo em diálogo com vários autores, este processo de descodificação utilizado em sala de aula - abordado nesta Sequência Didática - permitiu a constituição de novos valores; os educandos expuseram suas ideias, revoltas e angústias sobre a situação dos plásticos na sociedade, o que possibilitou a delimitação temática, isto é, foram identificados quais conhecimentos disciplinares eram necessários para a compreensão do tema.

Sob essa ótica, a problematização e discussão com os estudantes sobre o tema “plásticos” proporcionou à professora delinear uma abordagem diferenciada para trabalhar o conteúdo curricular polímeros, visando a articulação entre o conhecimento trazido pelo educando e o conhecimento científico.

Entendi que a contribuição da educação problematizadora, com base nos pressupostos de Freire, que se desenvolveu ao longo das etapas do trabalho narrado, proporcionaram aos educandos a possibilidade de se auto analisarem criticamente – as suas posturas no mundo. A adaptação da Investigação Temática proporcionou momentos de reflexão sobre o cotidiano destes. Vale ressaltar que esse processo não investiga os estudantes como meros objetos, mas o pensamento/ linguagem referido à realidade, a sua visão do mundo.

Portanto, em consonância com as discussões proporcionadas na videoaula 5 Freire é atual, pois conecta atores por meio da dialética, a constituição do seu pensamento é amalgamada de humanidade em que há um desvelamento da realidade por meio da problematização. Entendi que um trabalho realizado em 2009 – época em que eu estava sendo professora na educação básica – me fez perceber a magnitude das ideias provocadas e suas potencialidades na formação de todos os agentes envolvidos. A videoaula destacada neste artigo possibilitou esse movimento recursivo proporcionando a reflexão acerca desta proposta desenvolvida, me mostrando o quão conectado e atualizado estão as bases do pensamento de Paulo Freire.

MEMÓRIAS, REFLEXÕES, INTERLOCUÇÕES E ANÚNCIOS: A INCOMPLETUDE DA FORMAÇÃO

A partir destas memórias relatadas com base nos achados de meu trabalho de dissertação, concluído em 2009, e as atuais reflexões provocadas pelo professor Afonso Celso Scocuglia na videoaula 5, pude compreender a dimensão da importância da dialogicidade e da problematização para uma educação libertadora.

Neste aspecto, portanto, destaco o papel do educador para o desenvolvimento de uma Sequência Didática em que se valorize o diálogo, por exemplo, a Investigação Temática. Esta, pode ser um processo de delineamento teórico-metodológico que vislumbra potencialidades no fazer pedagógico. Nestas escritas narradas, a Sequência Didática permitiu a constituição de novos valores e saberes em que os educandos expuseram suas ideias, revoltas e angústias sobre a situação dos plásticos na sociedade, de forma que o conhecimento da realidade e o conhecimento científico se entrelaçassem.

Todas essas categorias estão em conexão com o pensamento político-pedagógico de Paulo Freire nos dias atuais, anunciando possibilidades e desvelamentos desses tempos sombrios – de fake news, de negacionismos da ciência, de aniquilação do Outro, de propagação do ódio.

Assim, este é o convite: “seguir caminhando, dialogando sempre. Lutando por um hoje pelo menos decente, e por um amanhã mais solidário, mais justo, mais alegre. Melhor”, e sobre nossa incompletude, “seguir vivendo e aprendendo, inclusive com a própria história” (FREIRE e GUIMARÃES, 2011, p.157).

REFERÊNCIAS

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news: atualidades, metodologias e práticas’ - Edição 2020**. Videoaula 5/16 – As bases e as concepções do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. Ministrada por Afonso Celso Scocuglia. (27’19 minutos). São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020.

FREIRE, PAULO; GUIMARÃES, SÉRGIO. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MARQUES-de-OLIVEIRA, Adriana. **O ensino do tema polímeros na perspectiva da educação dialógica com enfoque CTS: reflexões e ações**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010. 188 f.

MARQUES-de-OLIVEIRA, Adriana. O Ensino de Polímeros na Perspectiva da Educação Dialógica com Enfoque em CTS. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.7, n.1, p.103-126, maio 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/38180/29109>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Adriana Marques de Oliveira é doutora em Educação para a Ciência pela UNESP, professora adjunta do Ensino de química da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Contato: adrianamarques@ufgd.edu.br.

EDUCOMUNICAÇÃO, COMBATE A FAKE NEWS A PARTIR DA FILOSOFIA E METODOLOGIA FREIRIANA

BRANDÃO, Amaurícia Lopes Rocha

RESUMO

A era da informação e a hiperconectividade de indivíduos produtores e compartilhadores de conteúdo, estimulados pelo interesse comercial de operadoras de telefonia móvel que ofertam acesso às redes sociais sem consumo de dados móveis, estimula a disseminação de fake news. Neste contexto, reaparecem movimentos negacionistas e contrários à metodologia e filosofia freiriana. O artigo tem o objetivo estabelecer diálogo entre a educomunicação e as videoaulas do curso Paulo Freire em Tempos de Fake News – EAD Freiriana.

Palavras-chave: Educomunicação. Paulo Freire. Protagonismo social.

ABSTRACT

Information age and hyperconnectivity of individuals producing and sharing content, stimulated by the commercial interest of mobile operators that offer access to social networks without consuming mobile data, stimulates the spread of fake news. In this context, denialist movements and contrary to Freire's methodology and philosophy reappear. The article aims to establish a dialogue between educommunication and the video classes of the Paulo Freire iem Tempo de Fake News - EAD Freiriana.

Keyword: Educomunicação. Paulo Freire. Social Protagonism

INTRODUÇÃO

As últimas três décadas marcam a tentativa de instauração de ideologias neoliberais. O aumento de usuários na internet e a disputa por clientes estimulam as operadoras de telefonia móvel ofertar pacotes sem uso de dados moveis durante o acesso as redes sociais, contribuindo com fake news.

Nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, desinformação e manipulação de informação propulsionou pesquisas sobre pós-verdade. Eleita a palavra do ano pelo Dicionário de Oxford, e definida ao “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais” (GENESINI, 2018).

Philip Howard, diretor do Oxford Internet Institute, da Universidade Oxford, afirma que “a manipulação da opinião pública pelas redes sociais continua sendo uma ameaça decisiva para a democracia, à medida que a propaganda computacional se transforma em uma parte dominante da vida cotidiana” (JORNAL ANJ ONLINE, 2019).

No Brasil, fake news ocupam posição relevante nas redes sociais, sendo um dos fatores de decisão nas últimas eleições presidenciais, quando mensagens foram compartilhadas alegando necessidade de libertar o país da ameaça de ideologias comunistas e socialistas inseridas na educação. A obra e legado de Paulo Freire é perseguida novamente, e o título de patrono da educação brasileira é contestado.

O Curso Paulo Freire em tempos de fake news – Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, apresentou videoaulas ministradas por docentes do Brasil e de outros países. Despertada pela obra de Freire, este artigo tem o objetivo de estabelecer diálogo entre educomunicação e as videoaulas do curso. Dentre as quais as videoaulas: 2-Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas, pela docente Luiza Cortesão da Universidade do. Porto, em Portugal; 3-Educomunicação: uma herança dialógica freiriana, pelo docente Ismar Soares da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; 10-O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?, professor Guillermo Williamson, da Universidade de La Frontera, no Chile; 14-Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo, pela professora Jaciara de Sá Carvalho. Unesa, São Paulo.

Almeja-se a partir de pesquisas e publicações nesta área contribuir para que em um futuro próximo haja um aumento significativo de usuários autônomos e capazes de identificar fake news.

PAULO FREIRE: O PENSADOR E MILITANTE

Outrora a consolidação da Educomunicação, Paulo Freire, ainda na década de 1970, contribuía ao afirmar na obra *Extensão ou comunicação?* que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69).

Além de atemporal, Cortesão nos apresenta Paulo Freire como pensador, militante, sábio, lúcido, corajoso e criativo. E relata que as principais contribuições de sua obra, são: utilização do conhecimento para desenvolvimento social; educação para a construção de um mundo menos injusto e menos discriminatório; e a constituição de obras universalmente aceitas, consideradas patrimônio da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, desde 2017.

Cortesão (2020) acrescenta que as obras de Freire possuem como conceitos estruturantes, a cultura, concepção antropológica que implica na capacidade de transformação do homem sobre a natureza. Destaca que quando “a escola não leva em conta as diferenças”, resulta no insucesso das atividades e evasão de discentes, que não se sentem acolhidos ou não se identificam com o ambiente acadêmico (EAD FREIRIANA, 2020a).

O segundo, a politicidade da educação, resgatando o conceito original do termo *polis* que significa povo, sendo necessária ampliar a discussão da política na escola. E por fim, a educação como transformadora da sociedade, Cortesão reconhece, que talvez esta seja, uma das principais razões da tamanha rejeição de sua obra por parte das classes dominantes, ao perceber a capacidade libertadora da educação (EAD FREIRIANA, 2020a).

A Educomunicação minimiza o distanciamento entre escola e sociedade, por meio do conhecimento contextualizado contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da sociedade contemporânea. Conforme Fígaro (2000, p. 41), “esse estreitamento entre comunicação e educação permite repensar se estão disponíveis instrumentais analíticos e teóricos adequados para a prática diária de comunicadores e educadores”.

Esta relação e a necessidade de mudanças no processo de ensino-aprendizado, será abordado no tópico seguinte, quando o professor Ismar Soares ressalta ser incompatível o modelo de educação tradicional na contemporaneidade

A EDUCOMUNICAÇÃO E A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO DIALÓGICA FREIRIANA

Antes de adentrar nas reflexões permitidas a partir da videoaula 3, em que o professor Ismar Soares relaciona a educomunicação a herança dialógica freiriana, o texto trará uma breve contextualização que permitirá compreender a relevância da Educomunicação na efetivação do processo de ensino-aprendizado como prática libertadora, defendida por Paulo Freire.

Na década de 1960, o conceito de cultura estende-se as manifestações populares, outrora referia-se apenas a produção erudita, consumida pela classe dominante, e eram considerados aculturados quem não tinha acesso a esta. Em 1973, a publicação intitulada *Encoding and Decoding in Television Discours* do sociólogo Stuart Hall, ressalta a comunicação de massa e a interpretação ativa de códigos para a construção do sentido, defendia-se a natureza polissêmica da mensagem, relacionada a perspectiva sociocultural da audiência, possibilitando a coexistência de diferentes versões interpretativas de uma mesma mensagem (ALMEIDA, 2017, p. 6).

Paralelamente, a América do Sul vivia um período de instabilidade econômica e regimes políticos autoritários, o que dificultava o acesso à cultura e informação. O governo se apropriava dos meios de comunicação para atender interesses próprios, dificultando a utilização da esfera pública de comunicação como espaço para promoção de diálogos sociais pelos mais diversos atores da sociedade civil. Ao mesmo tempo, este período foi determinante para a constituição do pensamento latino-americano de educação para a mídia, estabelecendo vínculos entre meios de comunicação, exercício político, cidadania, cultura e movimentos sociais, reflexos da luta social para a consolidação do regime político democrático (ALMEIDA, 2017, p. 8-9). No Brasil, Paulo Freire, afirmava que a libertação social está vinculada a construção do pensamento crítico, oriundo não apenas de atividades educativas, mas da reformulação do conhecimento capaz de transformar a realidade (FREIRE, 1992, p. 103). Desta forma, defendia a educação e os fluxos dialógicos como recursos indicados para o desenvolvimento da cidadania ativa (FREIRE, 2006).

Apartir dos anos 1980, inicia-se a discussão formal entre os campos da comunicação e da educação na América Latina e no início dos anos 2000, tais contribuições permitem a distinção entre cultura erudita e cultura popular, admitindo-se que a audiência, incluindo as crianças, não aceita passivamente o conteúdo midiático, já que existe autonomia e criticidade. Com isso, a educação para a mídia torna-se foco para a preparação de jovens para conviver com as mídias, amenizando os

confrontos socioeconômicos (BUCKINGHAM, 2003).

Ismar Soares durante a videoaula, acrescenta a relação entre comunicação e educação sob três perspectivas: a educação e conteúdo; educação e produção de efeitos; educação e processo de construção, denominada construtivista. Fundamenta-se na metodologia freiriana, como educação capaz de promover transformação mútua no indivíduo para o protagonismo social (EAD FREIRIANA, 2020b).

Soares compartilha as críticas de Paulo Freire a metodologia conteudistas e educação para produção de efeitos, como modelos educacionais não complacentes a educação de qualidade. Mas uma alternativa, a médio e longo prazo, ineficaz para a resolução de problemas estruturais de desigualdade no país. Além disso, reforça a construção de valores, juízos e preconceitos, aumentando os desafios para quem trabalha com a educação (EAD FREIRIANA, 2020b).

A educação dialógica e comunicativa permite o exercício dialético e transformador do processo de ensino-aprendizagem, construído de forma mútua entre docente e discentes. Estimular o protagonismo contribui para a produção de conteúdo, por grupos sociais outrora marginalizados. Os programas midiáticos comunitários passam a ser produzidos por e para grupos socioculturais que compartilham os mesmos interesses. Desta forma, priorizar um modelo educacional que dialogue com a comunidade, e estimule o discente a compreender qual papel social deve exercer na comunidade, assegurando a esta o direito a comunicação, uma maneira eficiente de combater a produção e disseminação de fake news (EAD FREIRIANA, 2020b).

Martirani (2008) acrescenta que a Educomunicação é responsável pela democratização da comunicação, possibilitando o acesso e compreensão das informações veiculadas. Desta forma, o próximo e último tópico deste artigo irá complementar o diálogo estabelecido entre as videoaulas discutidas e as definições acerca das pesquisas no campo da Educomunicação.

A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE PAULO FREIRE POR MEIO DAS FAKE NEWS

Este tópico contemplará as videoaulas dez e quatorze, intituladas e ministradas, respectivamente, "O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?", Guillermo Williamson e Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo", Jandira Sá de Carvalho.

Durante a videoaula dez, o professor Guillermo Williamson, leva seus discentes a refletir a partir do título, uma pergunta que pode ser respondida, mesmo por quem possui um mínimo conhecimento sobre a obra de Paulo Freire. A perseguição a sua metodologia e filosofia, ainda hoje, é compreensiva, já que a elite política dominante brasileira na tentativa da manutenção da estabilidade social, projeto que vem sendo executado desde o período colonial, sendo um dos principais responsáveis pela disparidade socioeconômica. Justificando a negação, reconhecendo a filosofia de Freire prejudicial a estabilidade social, ao oportunizar a transformação social, por meio da prática de uma educação libertadora (EAD FREIRIANA, 2020c).

Desta forma, fake news sobre a vida, obra e pensamento de Paulo Freire continuam difundidas, reconhecendo-a como uma ideologia aliada a ameaça de ideais comunistas e socialistas a manutenção das democracias capitalistas. Para Dunker (2017) a fake news, sustenta-se no discurso da pós-verdade, que diz defender o discurso individual, condenado a censura, confundida com a moral. Ao mesmo tempo, influenciado pela convicção em um determinado grupo que o receptor confia, ato compreendido pela “inclinação a fechar o sentido cedo demais, a compreender o outro rápido demais, a nos alienarmos em sua imagem e assim nos fechamos para suas palavras” (DUNKER, 2017, p. 35).

A videoaula da professora Jandira Sá de Carvalho ressalta os prejuízos produzidos a partir destas notícias. Segundo a mesma, as novas tecnologias possuem uma sofisticação, produzindo veracidade no formato destas notícias. Somado aos algoritmos que permitem, o envio a indivíduos com pensamentos compatíveis a estas informações, por meio dos recursos psicológicos. Ao mesmo tempo, o compartilhamento é facilitado pela facilidade das redes sociais, e a veracidade dá-se muitas vezes por quem a mensagem foi enviada (EAD FREIRIANA, 2020d).

Estas fake news trazem prejuízos globais, que vão além de notícias. A complexidade destes conteúdos falsos, impostos, manipulados e compartilhados por perfis falsos, criados a partir de conteúdos genuínos, utilizando plataformas de fonte de credibilidade, mas que não corresponde a fonte de fato. Além disso, utiliza *robots* para aumentar o compartilhamento destas notícias, que são alimentadas e alimentam discursos de ódios e tendenciosos. Diante dos inúmeros prejuízos, faz-se urgente uma fiscalização e punição para quem produz e compartilha tais mensagens (EAD FREIRIANA, 2020d).

Inúmeros sites sensacionalistas, com ideologia direita, religiosa e mesmo o ex-ministro da educação nos últimos anos veiculam mensagens que comprometem a imagem de Paulo Freire, como responsável pelos índices negativos da educação brasileira. Em 2016, o Projeto de Lei nº 193/2016, de autoria de Magno Malta

(PR-ES), conhecido como Escola Sem Partido, acusa a metodologia Freiriana de uma “doutrinação ideológica e política em sala de aula” (REVISTA GALILEU, 2018), gerando inúmeras fake news que o discurso freiriano influenciava docentes a impor uma consciência esquerdista nos estudantes e que os pais deveriam defender seus filhos de tais ameaças. A partir daí, o ensino brasileiro é, novamente, alvo de ataques e acusações ilegítimas, mas que se torna uma causa a ser defendida por parte da população.

Desta forma, a partir dos estudos de educomunicação, a relação entre as áreas do conhecimento comunicação e educação devem ser discutidas e despertar avanços ao retrocesso que o país enfrenta nos últimos anos, legitimado por meio do compartilhamento de fake news, sobretudo, nas redes sociais. Citelli (2012) destaca que a escola pode e deve incorporar os recursos tecnológicos, digitais ou não, como maneira de estimular o aluno ao protagonismo e ao interesse pela assimilação no processo de ensino-aprendizado. E com estes recursos, possibilitar que a expansão deste processo de pós verdade seja detido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso Paulo Freire em Tempo de Fake News, deu-me a oportunidade de conhecer e admirar a metodologia e filosofia deste teórico, também considerado filósofo que nos presenteou com reflexões atemporais, que continuam sendo pertinentes, sobretudo, aos desafios da educação brasileira. Ao longo da história da educação no Brasil, observa-se um movimento de avanços e retrocessos, marcado pelo acesso de forma desigual à educação de qualidade a maior parte da população, que muitas vezes por questões financeiras necessita evadir, comprometendo as transformações socioculturais, perpetuando a continuidade cíclica de um modelo opressor e garantindo a sustentabilidade de uma elite conservadora que consegue se manter no poder a séculos.

A relação educação e comunicação já era defendida por Freire e com os avanços nos estudos do campo da Educomunicação, observa-se muito da prática freiriana, perceber o discente como protagonista no processo de ensino-aprendizado é contribuir para a contextualização e diminuição da distância entre comunidade e escola, é promover a integração social e incentivar a construção de conteúdos midiáticos educacionais pelo cidadão que sabe quais as necessidades de sua comunidade. Consolidando assim, a libertação de um povo que continua refém de políticas assistências que não trazem melhoria para a população, mas sim a condiciona a situação de vulnerável, deixando esta alvo de manipulação de políticos com desejo de continuar no poder.

Espera-se assim, a partir do conhecimento adquirido neste curso, engajamento em produções e publicações que desmitifiquem as falsas acusações a pessoa e obra de Paulo Freire, almejando uma continua luta a educação como capaz de mudar o contexto cidadão de um país, com condições de equidade para todos.

REFERÊNCIA

- ALMEIDA, L. B. C. **Educomunicação: o pensamento latino-americano sobre educação para a mídia e a produção literária nacional sobre o tema.** ResearchGate. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320394592>. Acesso em: 20 jul 2018.
- CITELLI, A. **Educomunicação. Imagens do Professor na Mídia.** São Paulo: Editora Paulinas, 2012.
- Dunker, C. (2017). **Subjetividade em tempos de pós-verdade.** In C. Dunker, C. Tezza, J. Fuks, M. Tiburi, & V. Safatle. *Ética e pós-verdade* (pp. 10-45). São Paulo, SP: Brasiliense.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020.** Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020.** Videoaula 3 – Educomunicação: uma herança dialógica freiriana. Ministrada por Ismar Soares. Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020.** Videoaula 10 – O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?. Ministrada por Guillermo Williamson. Universidade de La Frontera, Chile. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020.** Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Unesa, São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020d.
- FÍGARO, R. A. **Estudos de recepção para a crítica da comunicação. Comunicação e Educação,** São Paulo, v. 17, p.37-42, abr. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36895>. Acesso em: 02 jul 2018.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GENESINI, S. **A pós-verdade é uma notícia falsa.** Revista USP, n. 116, p. 45-58, janeiro/fevereiro/março 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/Article/download/146577/140223>. Acesso em: 17 ago 2020.
- JORNAL ANJ ONLINE.** Estudo de Oxford: crescem a desinformação e a manipulação nas redes

sociais; Facebook é o campeão das fake News, 2019. Disponível em: <https://www.anj.org.br>. Acesso em: 17 ago 2020.

MARTIRANI, L. A. **Comunicação, Educação e Sustentabilidade: o novo campo da Educomunicação Socioambiental**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1697-2.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2017

SOUZA, M. **Legado de Paulo Freire é defendido por uns e odiado por outros**. Revista Galileu, 19 set 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05>. Acesso em: 26 ago 2020.

Amaurícia Lopes Rocha Brandão é comunicadora social habilitada em publicidade e propaganda e mestre em Gestão de Negócios Turísticos pela UECE, docente efetiva da área de Turismo, Hospitalidade e Lazer do IFCE – Campus Acaraú e pesquisadora no campo da educomunicação. Contato: amauricialopes@ifce.edu.br.

A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA ENGAJADA E A LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: CONSTRUINDO MUNDOS POSSÍVEIS A PARTIR DO DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

NASCIMENTO, Brenda Iolanda

RESUMO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar uma reflexão das contribuições do pensamento de Paulo Freire e das escrituras de Conceição Evaristo para se pensar em uma educação científica engajada no combate às desigualdades sociais.

Palavras-chave: Educação em Ciências. Escrituras. Fake News. Paulo Freire.

ABSTRACT

This chapter aims to present a reflection of the contributions of Paulo Freire's thought and Conceição Evaristo's literature to think about a scientific education engaged in the fight against social inequalities

Keywords: Science Education. Escrituras. Fake News. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O legado de Paulo Freire enquanto educador e pensador brasileiro que gostaria de ser lembrado “[...] como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (FREIRE, 1997), nos convida a pensar em nossas próprias condições de (re) existências e os desafios atuais a qual estamos inseridos.

Logo, percebemos que o modelo atual de desenvolvimento econômico global que tem como aliada a ciência e a tecnologia tem se mostrado insustentável. As respostas desencadeadas pela Terra enquanto organismo vivo nos deixam em posições vulneráveis frente às crises civilizatórias provocadas pela lógica capitalista. Deparamo-nos então, com as crescentes desigualdades sociais e os desequilíbrios ambientais de diferentes ordens (STENGER, 2005).

A partir desse contexto, a disseminação de notícias falsas vem operando para o fortalecimento dos aparatos ideológicos da indústria do lucro pela vida, beneficiando, assim, projetos antidemocráticos de sociedade (SOARES, 2019). O obscurantismo científico e educacional, fruto das falsas notícias impactam as tomadas de decisões conscientes e promovem a violação dos direitos humanos de populações historicamente oprimidas. Sendo assim, podendo até mesmo prejudicar e agravar a saúde de toda a população (SILVA JÚNIOR, 2019) (MORSCHBACHER, 2020).

Se para Paulo Freire em *Educação como Prática da Liberdade* (1967) a educação deve ser capaz de promover as problematizações acerca dos perigos de nosso tempo... Também é verdade que, para ele em *Pedagogia da Autonomia* (2006), o significado da ciência e tecnologia está no compromisso da superação e consciência crítica de tais perigos. Portanto, o autor nos lembra de que, entre tantas outras coisas, não é possível passar pelo mundo sem fazer história, sem sonhar, sem cuidar da terra, das águas, sem ensinar e aprender. Sem fazer ciência. Sem politizar.

Assim, inspirada pelas discussões promovidas pelo **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, o presente capítulo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da seguinte questão: De que forma podemos pensar o papel da educação científica na construção de mundos possíveis?

A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA ENGAJADA E O COMBATE ÀS FAKES NEWS

A autora bell hooks em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da Liberdade* (2013) aponta Paulo Freire como um dos educadores mais importantes de sua vida. Para ela – enquanto professora, mulher negra e feminista – o encontro com a obra e vida de Paulo Freire foi fundamental para que ela pensasse em uma pedagogia engajada. Logo, de forma a considerar o processo educativo como uma prática descolonizadora, promotora de saúde e capaz de questionar os vieses capitalistas/coloniais, sexistas e racistas estruturados no tecido social.

Em vista disso, o autor Milton Santos destaca que a globalização e seu projeto de mundializar as relações econômicas possibilitou a concentração e centralização do poder econômico e político; a massificação da cultura; a cooptação da ciência e da tecnologia para interesses econômicos em contrapartida aos interesses sociais. O autor destaca que esse cenário culminou para “[...] a base de um acirramento das desigualdades entre países e entre classes sociais, assim como da opressão e desintegração do indivíduo” (SANTOS, 1998. p. 7).

Isso fica bastante perceptível com a chegada do novo coronavírus no Brasil em que podemos perceber que as desigualdades raciais e de gênero ficaram ainda mais evidentes, principalmente, quando observamos a distribuição do número de mortes, infectados e vítimas de violência (SILVA, 2020). As injustiças de gênero e raça, presentes no tecido social brasileiro, evidenciam a não superação dos vínculos coloniais que se perpetuam através de práticas antidemocráticas e, portanto, contra a vida em sua diversidade.

Dentro desse aspecto, ainda há a disseminação das falsas notícias que podem prejudicar ainda mais o processo educacional e de saúde da população. Diante disso, a Educação em Ciências se mostra como campo de saber importante para o combate às falsas notícias. Ao observamos os conteúdos que são propagados através das fake news, podemos perceber a relação com: teorias conspiracionistas como o terraplanismo (ALVIM, 2017); a negação da eficiência de determinadas vacinas como o caso da febre amarela (SACRAMENTO, 2020); e, recentemente, a divulgação da “cura” da COVID-19, por meio do uso da hidroxicloroquina (RECUERO, SOARES, 2020).

Como aponta a professora Jaciara de Sá Carvalho na aula ‘Introdução ao fenômeno fake news e as contribuições de Paulo Freire para combatê-lo’, a sofisticação das falsas notícias reflete através da variedade de conteúdos que causam a desinformação (EAD FREIRIANA, 2020a). As consequências da propagação

dessa variedade de notícias falsas são consideradas nocivas, pois impactam diretamente os grupos sociais vulnerabilizados historicamente. Principalmente porque dificulta as tomadas de decisões conscientes e os efeitos disso podem ser fatais (BARBOSA, 2020).

Nesse sentido, é importante pensarmos em uma educação científica que possa superar os vieses tecnicistas e objetivistas de suas práticas. De forma a reconhecer a presença de discursos hegemônicos em seus currículos que podem reforçar o ensino tradicionalista e bancário (KRASILCHIK, 1987). A partir disso, a educação científica em diálogo com as experiências de vida de pessoas subalternizadas pode lançar olhares para que possamos refletir que

Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma "ordem" desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesmo, que sua fome é uma fatalidade do fim do século. (FREIRE, 2006, p. 52)

Pelo contrário, a educação científica ao se comprometer com a superação dos fatalismos impostos pelo colonialismo/capitalismo global abrem possibilidades para se construir discursos e práticas contra-hegemônicas e descolonizadoras. Nesse sentido, promovendo espaços de construções de diálogos que, levem em consideração, os aspectos sociais, políticos e culturais para o estabelecimento de uma relação saudável entre nós e o mundo a qual fazemos parte (LEITE, FEITOSA, 2011). Essas considerações se fazem importantes para o combate às falsas notícias, pois como aponta o professor Ladislau Dowbor na aula 'Resgatar o poder do conhecimento', este movimento implica pela luta ao acesso democrático do conhecimento (EAD FRERIANA, 2020b).

Portanto, é pertinente retomarmos o conceito de pedagogia engajada de bell hooks (2013). A autora nos lembra de que as comunidades de aprendizagens devem construir relações de solidariedade em que os saberes ditos científicos possam dialogar com os demais saberes. A educação deve se contemplar em sua totalidade e não apenas seguindo uma perspectiva de história única. Pensar a educação científica engajada consiste em reorientá-la para a formação humana e dos saberes científicos em defesa da justiça social. Pois, a nossa sociedade brasileira, marcada pela inexperience democrática como aponta Freire (1967), encontra-se diante de uma crise que nos redireciona para o posicionamento ético-político-estético de que o amanhã não está à venda (KRENAK, 2020).

O INÉDITO-VIÁVEL: A LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA ENGAJADA PARA OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS

Ao refletir sobre as formas como as quais podemos lutar contra as injustiças históricas, as obras de Paulo Freire nos aponta reflexões sobre a importância de pensarmos a relação dos saberes com a construção de sonhos coletivos. O 'inédito-viável' que se apresenta através da possibilidade concreta de construção do mundo através dos saberes presentes no processo educativo, convoca o direito ao sonho ao mesmo tempo em que denuncia as práticas de desumanização vigentes (FREIRE, 2014).

A partir dessa concepção, o diálogo da Educação em Ciências com a Literatura de Conceição Evaristo – professora, escritora e mulher negra – se mostra como possibilidade para o processo de humanização e descolonização dos saberes. Suas escrituras que nascem do entre lugar do que é vivência e do que é ficção, nos arrebatam para contextos de vidas humanas que sofrem sistematicamente com as violações de seus direitos. De acordo com as autoras Lucia Castelo Branco e Ruth Silviano Brandão (1995) acerca da função do texto literário, as autoras destacam que

“Se todo sujeito falante se inscreve e se constitui no discurso, o texto literário o faz duplamente, na medida em que a linguagem não é só individual e a literatura é produtividade que se engendra com o tecido do imaginário social.” (p. 35).

A literatura de autoras como Conceição Evaristo se mostra como uma contra narrativa frente à ordem hegemônica global e sua produção de informações falsas. A denúncia das estruturas de opressão através das palavras da autora contribui para que possamos ampliar nossa leitura do mundo através de vozes marginalizadas. Por conseguinte, podemos pensar a relação da literatura com a educação científica engajada, através da obra da autora *Ponciá Vicêncio*, publicado pela Editora Palas (2007). A obra aponta alguns trechos para se pensar na discussão da relação ser humano-natureza, levando em consideração as categorias como: raça, gênero, classe e território.

Então, a autora ao narrar a trajetória de Ponciá, que sai de sua cidadezinha do interior – marcado pelas paisagens de herança colonial – a autora nos convida a percorrer entre memórias, afetos e inquietações sentidas por Ponciá e os demais

personagens do enredo. Em um dos momentos, em que observamos Ponciá jovem, perto de partir do povoado rumo à cidade grande, notamos os incômodos presentes na personagem quando ela se depara com a relação que sua família estabelece com o povoado. Conceição Evaristo traz à tona alguns elementos como as relações de trabalho no campo e sua historicidade como aponta o seguinte trecho:

[...] Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros cobertas de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias [...] (p. 30)

Neste momento, a autora nos apresenta as relações de exploração da terra que se estende às pessoas que residem no povoado. A autora toca em pontos como a pobreza e o esforço sem sucesso de romper com o ciclo de exploração mesmo em tempos pós-coloniais. Realidade esta que se mostra sensível à diversas paisagens brasileiras que passam pelo campo, florestas, morros, puxadinhos, esquinas das ruas, entre outros. E realidades estas, que também, se mostram mais vulneráveis aos efeitos das crises ambientais e sanitárias causadas pelo capitalismo (STENGER, 2015). Não nos esqueçamos das inúmeras pessoas que perderam suas vidas frente às dinâmicas do colonialismo/capitalismo e que suas ausências sem fazem ainda mais notórias durante a pandemia do novo coronavírus. Pensar a Educação em Ciências a partir dessa perspectiva implica em negar a história dada. Recusar-se aos fatalismos como nos aponta Paulo Freire (2006), para além de propor caminhos esperançosos através da experiência do aprendizado construído através do diálogo horizontal entre os diferentes saberes e atores/atrizes sociais.

Para isso é necessário que outras histórias sejam contadas, principalmente, nas salas de aulas. Aprender e ensinar ciências de forma comprometida com o direito à verdade, memória e justiça, de forma a pautarmos as injustiças raciais e de gênero nas aulas de ciências. Ao mesmo tempo em que partimos da dimensão política, crítica e esperançosa de Freire para sermos mais no mundo. E assim, criativos para continuarmos a pensar em inéditos-viáveis para mundos possíveis.

POR FIM... MUNDOS OUTROS SÃO POSSÍVEIS

A discussão do potencial das Escrevivências na educação científica engajada não se esgota nesse trabalho. A partir das reflexões do pensamento de Paulo Freire e da Literatura de Conceição Evaristo, foi possível pensar o papel da educação científica contextualizada com a conjuntura social, histórica e política do país. O combate às falsas notícias se mostra como parte fundamental para se pensar este processo. Discutir estratégias de humanização e consciência crítica através de perspectivas educacionais anticolonialistas/anticapitalistas, antirracistas e antissexistas podem contribuir para o combate às desigualdades sociais. Por fim, mundos outros são possíveis.

REFERÊNCIA

- ALVIM, M. Quem são e o que pensam os brasileiros que acreditam que a Terra é plana. BBC Brasil, 16 set. 2017. Disponível em Acesso em 27/03/2019.
- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of economic perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211–36, 2017.
- BRANCO, Lúcia Castello. **Literaterras: as bordas do copro literário**. Annablume, 1995.
- DA SILVA SOARES, Lucia Maria. **Capitalismo Contemporâneo, Formação Social Brasileira e Barbárie: breves reflexões**, 2019.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 12 – Introdução aos fenômenos das Fake News e as contribuições de Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Host Publications, Inc., 2007.
- FÁVERO, O. Paulo Freire: Importância e Atualidade de sua Obra. In: **Revista e-Curriculum**, v. 7, n. 3, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo (SP): Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. (1997, 17 de março). Última entrevista. PUC, São Paulo. Recuperado el 31 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.ocafezinho.com/2019/04/14/a-ultima-entrevista-de-paulo-freire>>. Acesso em: 20 jun 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 1967.
- LEITE, Raquel Crosara Maia; FEITOSA, Raphael Alves. **As contribuições de Paulo Freire para um ensino de ciências dialógico**. VIII ENPEC. Editora da ABRAPEC. Campinas-SP, UNESP, 2011.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KRASILCHIK, Myriam. **O professor e o currículo das ciências**. Editora Pedagógica e Universitária, 1987.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020.

JÚNIOR, F. V. DA S. J. DA S. **Mentiras Sinceras (Não) me Interessam: Estratégias Biopolíticas do Ministério da Saúde no Combate às Fake News**. Revista Intersecções, v. 12, n. 27, p. 226–246, 2019.

MORSCHBACHER, M. Ciência e Educação Escolar em Tempos de Obscurantismo. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, v. 3, n. 1, p. 112–129, 2 abr. 2020.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. **O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter**: Estudo de caso. 2020.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, v. 5, 1997.

SILVA, Marcos Antonio Batista da. **População Negra e Coronavírus (COVID-19): algumas notas**. D'Cimarrón, n. 5, 2020.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, p. 71, 2015.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**, v. 14, n. 1, p. 79–106, 2020.

Brenda Iolanda S. do Nascimento é professora de Ciências e Biologia e mestranda em Educação em Ciências e Saúde pela UFRJ; Orientadora Pedagógica da Liga de Saúde Coletiva e Núcleo CEBES-MACAÉ. Contato: bisnascim@gmail.com.

PAULO FREIRE: DIALOGICIDADE E AMOROSIDADE NO PROCESSO EDUCATIVO

LIMA, Carine Silva

RESUMO

Este artigo direciona o seu olhar para as contribuições de Paulo Freire para um processo educativo pautado na dialogicidade e na amorosidade. Uma educação com esse viés demonstra a importância de relações e situações dialógicas, democráticas, onde professor e aluno desbravam e caminham juntos na construção do conhecimento. Assim, o estudo da dialogicidade no processo educativo evidencia a sua relevância para uma aprendizagem significativa, crítica, feliz, transformadora, além de estimular a análise e reflexão acerca de aspectos e barreiras que enrijecem as ações/relações/interações no contexto escolar. As explanações apresentadas foram contextualizadas a partir de vivências próprias, de diálogos entre Freire e autores como: Afonso Scocuglia, Jilvania Bazzo, Moacir Gadotti, Rubem Alves, além dos estudos e reflexões produzidos ao longo do curso 'Paulo Freire em tempos de fake news'.

Palavras-chave: Amorosidade. Dialogicidade. Paulo Freire. Processo Educativo.

ABSTRACT

This article directs your look at the contributions of Paulo Freire to an educative process ruled on the dialogicity and amorousness. An education with this bias, demonstrates the importance of relations and dialogical situations, democratic, where teacher and students explore and walk together in the construction of knowledge. Thus, the study of dialogicity in the educational process evidences its relevance for meaningful, critical, happy, transformative learning, besides stimulating analysis and reflection on aspects and barriers that stiffen actions/relationships/interactions in the school context. The explanations presented were contextualized from of own experiences, of dialogs between Freire and authors like: Afonso Scocuglia, Jilvania Bazzo, Moacir Gadotti, Rubem Alves, besides the studies and reflections produced along the course 'Paulo Freire in times of fake news'.

Keywords: Amorousness. Dialogicity. Educative Process. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O desejo em aprofundar numa temática tão atual e discutida como as “*fake news*” manifestou-se na reta final do curso de Pedagogia, mais fortemente, ao participar da “Jornada Paulo Freire em tempos de fake news”, realizada pela EaD Freiriana, em abril de 2019. Participar desse curso agora, permitiu-me refletir mais profundamente à luz de diálogos com diversos professores/pesquisadores que reforçam o legado e as contribuições de Paulo Freire para a educação global.

As inúmeras *fake news* compartilhadas contra Freire revelam tempos obscuros que estamos vivendo, onde a sua obra e a sua pessoa são atacadas, vítimas de informações mentirosas e caluniosas, aceitas sem reflexão e criticidade, sem pesquisas e diálogos. Essas informações são tidas com “verdades”, e as verdades verdadeiras – relevem a redundância – são silenciadas diante manipulações e doutrinação. Tal questão lembra-me da seguinte passagem do livro *Admirável mundo novo*, publicado em 1932, pelo escritor Aldous Huxley, “*grande é a verdade, mas maior ainda, do ponto de vista prático, é o silêncio em torno da verdade*”.

No presente artigo, busco analisar as contribuições de Paulo Freire para o processo educativo pautado na dialogicidade e na amorosidade. A ideia desse tema surgiu a partir da aula “Bases e conexões do pensamento de Paulo Freire”, do prof. Afonso Celso Scocuglia, que citou: “Freire tem na sua essência a construção de uma pedagogia dialógica, que é o fio condutor do seu pensamento” (EAD FREIRIANA, 2020a). A aula “A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação” do prof. Moacir Gadotti, também embasa esse ensaio. Ambos abordam o diálogo, a conectividade e o respeito de Freire aos diferentes conhecimentos. Na aula bônus de abertura Gadotti versou sobre uma educação/escola pautada na beleza, na felicidade, na igualdade, na emancipação, na transformação, na liberdade e no companheirismo. Assim, acredito que a dialogicidade e a amorosidade caminham juntas, é possível acreditar e construir outros mundos possíveis através de uma educação mais humana e dialógica.

Este estudo teve como delineamento adotado, o levantamento bibliográfico, através de obras de Paulo Freire, das videoaulas do **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2020**, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, correlacionando com outros autores que discutem a temática abordada. Após esse levantamento e as leituras exploratórias e reflexivas, buscou-se responder a seguinte questão problema: quais as contribuições de Paulo Freire para um processo educativo pautado na dialogicidade e na amorosidade?

Este artigo está organizado da seguinte maneira: Introdução; Freire e a Educação:

reflexões; Dialogicidade e Amorosidade no Processo Educativo: caminhos que se entrelaçam; Considerações Finais.

FREIRE E A EDUCAÇÃO: REFLEXÕES

Começo este parágrafo com uma “escrevivência”¹. A minha relação com Paulo Freire começou ainda no Ensino Médio, pois desejava aprofundar meus estudos sobre a educação; me preparava para a realização do vestibular e todo esse processo despertava em mim ainda mais fascínio e encantamento, uma vez que sempre vi a educação como sonho vivo e pulsante da minha alma. Ao iniciar a faculdade de Pedagogia e aprofundar os estudos e pesquisas, esses encantamentos tornaram-se mais presentes e intensos. Freire nos convida para a vida, para o mundo, para a educação libertadora, ele nos acolhe com sensibilidade. Sobre o acolhimento de Freire, Bazzo (2008, p. 25) diz, “Paulo Freire é um dos mais fortes exemplos de acolhimento educacional e de sensibilidade para favorecer o desenvolvimento da capacidade criadora das pessoas e de anúncio das possibilidades do ser desejante”.

Somos um ser no mundo e com o mundo, que está em uma constante transformação, que constrói relações, que faz e vive culturas. Logo, as nossas vivências devem ser valorizadas, a educação precisa estar ligada aos saberes já existentes, às culturas, à realidade e à diversidade, para que ocorra um processo educativo mais significativo e feliz. Uma educação que vai contra a tudo isso não está preocupada com o aluno sujeito desse processo, que critica, compreende e vive a sua realidade política, social e cultural.

A educação que vai contra a tudo isso, é uma educação “bancária”, que não estimula a criticidade, a autonomia, que não estimula voos, é uma educação pautada na passividade, na transmissão de conhecimentos e valores. Freire (1987) reflete que esta visão de educação “bancária” vê o homem como ser que se adapta e se ajusta, e que quanto mais se arquiva conhecimento, menos a sua criticidade será estimulada e exercida, fazendo com que ele não se insira no mundo como transformador. Dessa forma, estará satisfazendo os interesses dos opressores, que deleitam em paz ao saber que o homem se adapta, mas não reflete, não critica e não tenta mudar a sua realidade.

Correlacionando com esse pensamento, Alves (2004, p. 36) diz:

¹ Conceito criado pela escritora Conceição Evaristo, para denominar a escrita que surge a partir do seu cotidiano, vivências, lembranças de sua vida e do seu povo.

Nossas escolas são construídas segundo o modelo das linhas de montagem. Escolas são fábricas organizadas para a produção de unidades biopsicológicas móveis, portadoras de conhecimentos e habilidades. Esses conhecimentos e habilidades são definidos exteriormente por agências governamentais a que se conferiu autoridade para isso.

As linhas de montagem, o modelo de mercado baseado no poder de mando e subordinação não se conectam com uma educação enquanto processo de construção, que deve propiciar a formação de sujeitos cognoscentes, livres, que reconhecem e compreendem a si mesmo e o mundo. Se conectam sim, com uma educação que tenta moldá-los, encaixando-os num padrão de felicidade irreal e doentia. Freire (1987, p. 35) afirma que, “[...] “seres fora de” ou “à margem de”, a solução para eles estaria em que fossem “integrados”, “incorporados” à sociedade sadia de onde um dia “partiram”, renunciando, como trânsfugas, a uma vida feliz...”

Retornando às minhas reflexões sobre as inúmeras ondas de “fake news” constantemente associadas a Paulo Freire, percebo a potência de explorar e aprofundar os estudos em suas teorias e filosofias, pois me estimulam e me convidam a ressignificar a minha prática, estabelecer relações concretas entre pensamento e ação, pois como afirma Boal (1998, p.13) “Somos todos espectadores”. Portanto, observo e ajo.

Destarte, diante das sensibilizações de Freire, não posso me assumir educadora se não reflito e ressignifico as minhas atitudes, se não combato ideologias doutrinadoras, se não estabeleço relações dialógicas e democráticas. A educação que defendo e acredito é a que contribui para a formação de sujeitos que não aceitam um modelo imposto por uma minoria, não aceitam ser massa de manobra dos opressores, e conscientes da sua emancipação e do seu poder de transformação, leem, analisam, refletem e criam novos mundos possíveis, mundos de dentro e de fora. Um sujeito que tem voz e é autor da sua história.

DIALOGICIDADE E AMOROSIDADE NO PROCESSO EDUCATIVO: CAMINHOS QUE SE ENTRELAÇAM

Retornando às minhas “escrevivências”. Principiando da minha experiência com a educação. Que começa, obviamente, como aluna. Fui aluna de escola pública em Mundo Novo, interior da Bahia. Foi a relação com minhas professoras da creche até o Ensino Fundamental I que despertou fascínio e encantamento pela educação. Ao longo do Fundamental II e Ensino Médio encontrei outros professores que

marcaram a minha vida, que me convidaram a ler o mundo, a andar com ele, a ser crítica e usar a palavra ao meu favor. E assim, o meu sonho de ser professora sempre esteve vivo e em permanente movimento. Mesmo diante dessas relações, percebo que o modelo educacional era pautado na relação: professor, autoridade maior; detentor do conhecimento, e aluno, receptor, folha em branco. E alguns professores deixavam isso bem claro, mesmo com possibilidades de estabelecer relações dialógicas, elas não existiam.

Durante as videoaulas do curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' havia sempre abordagens sobre o diálogo, articulado com as bases e pensamentos de Freire, evidenciando o caráter dialógico de sua prática, de suas vivências e relações, marcado pela horizontalidade, coletividade, respeito, escuta e reconstrução. E é nessa perspectiva que deve ocorrer o processo educativo.

Dialogicidade e amorosidade se transpassam. Para Freire (1987, p. 45):

Não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.

O processo educativo fundamentado na dialogicidade e na amorosidade faz parte da teoria freiriana. Onde não há dominação na relação entre professor e aluno, estes, dialogam, respeitam, desbravam caminhos juntos e abrem espaços pra acolhimento e reconhecimento do eu no outro e vice-versa. Nesse processo onde o aluno é acolhido diante de sua subjetividade, de suas vivências e culturas, a aprendizagem torna-se mais significativa e bonita, ele se sente instigado a buscar, conhecer, reconhecer, desvendar, além de se ver autônomo, digno e parte ativa da construção de seu conhecimento. "É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando." (FREIRE, 1996, p. 7).

O processo educativo transcorre na relação de boniteza, de felicidade, de olhar atento e de respeito com o outro, com a sua vida e com os seus sonhos. Envolve coração, alma, sentidos, curiosidades e desejos. E assim como Freire que acreditava em uma educação bonita e alegre, Gadotti (2003, p. 5) diz: "aprender e ensinar com sentido para que o sonho que embalam em suas mentes e em seus corações, o qual compartilhamos, possa tornar-se realidade".

Ensinar e aprender vai além de uma matriz curricular a ser seguida, vai além de transmitir e depositar conteúdos e saberes que são considerados importantes para uma formação, mas que não preparam para a vida, para a liberdade e autonomia, para “ler o mundo e transformá-lo”². Logo, a austeridade não deve fazer parte do processo educativo, o professor não precisa ser rígido e frio, o aluno não terá interesse em aprender ao se sentir pressionado, amedrontado e desestimulado, a aprendizagem precisa ter sentido e ser sentida.

Ismar Soares (2020) disse na sua videoaula, “uma educação não seria eficiente se não fosse comunicada, dialógica e participativa”. Amor, diálogo e educação não se correlacionam com dureza, com práticas educativas fechadas e vazias. É no diálogo visto enquanto parte do sujeito, onde este busca compreender e mudar a sua realidade, que o processo educativo deve ser pautado. E ao encontrar outro sujeito disposto a isso, as possibilidades de mudanças são potencializadas. É nesse ponto que Freire (1986, p. 64) enfatiza:

O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. Outra coisa: na medida a em que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros enquanto nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade, somos capazes de *saber que sabemos*, que é algo *mais* do que só saber.

Quando Freire fala sobre comunicarmos uns com os outros, ele fala sobre estar disponível para o novo, para o desejo de ser aprendiz sempre, pois aprender e ensinar caminham paralelamente, de mãos dadas. O professor compreende que a aprendizagem não ocorre sem motivação, emoção e disponibilidade com si mesmo e com o mundo. Sobre esse aspecto da disponibilidade, lembro-me de um estudo sobre Neuropedagogia, onde Welferinger (2017, p. 23), diz que segundo Hélène Trocmé-Fabre³, “não existe aprendizagem humana possível, sem compreensão de si mesmo, sem compreensão do mundo que nos cerca, sem disponibilidade para com seu próprio ser.”

Freire (1996) diz que não há como ser educador se não desenvolver a amorosidade pelos alunos, afinal quando ao se comprometer com a formação do sujeito, ele faz parte diretamente desse processo. Sobre a dialogicidade, Freire (1986) explana que o diálogo firma a aprendizagem, que mesmo tendo uma dimensão individual, não é assim que ocorre.

2 Freire apud Gadotti (2003, p. 43).

3 “Hélène Trocmé-Fabre é uma especialista da aprendizagem, doutora em Linguística, em Letras e Ciências Humanas. Autora de vários livros e artigos de referência sobre a Ciência da Educação, métodos de ensino e aprendizagem de línguas.”

Diante do exposto, percebe-se que em um processo educativo onde a dialogicidade e a amorosidade se entrelaçam, há liberdade; autonomia; empatia; cuidado com o outro. Onde não há autoritarismo nem opressão. Nesse processo, a educação está em constante desenvolvimento e transformação, abrindo espaço para a expansão de olhares; para o amor ao outro e ao mundo; para uma formação bonita, crítica, emancipadora, democrática e dialógica, contribuindo para a formação de sujeito sócio-histórico-cultural consciente do seu poder de criar, recriar, de ressignificar, e de transformar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por este estudo foi possível contribuir com alguns objetivos que o curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' busca alcançar, como a valorização do legado freiriano, de caráter atual e expansivo e o combate às fake news. Permitindo que continuemos no processo de busca, de construção de conhecimento, de articulação entre teoria e prática, para que não transcorram de forma desencontrada e vazia. Assim, os estudos, as leituras durante o curso permitiram partir das minhas "escrevivências", refletir sobre ser professora, sobre ser e estar no mundo consciente da minha contribuição para uma educação mais humanizada e libertadora.

Defronte ao que foi exposto ao longo deste artigo, percebe-se a fundamentação da teoria freiriana na dialogicidade, e esta ligada à amorosidade são caminhos que se entrelaçam, contribuindo para um processo educativo feliz, transformador, estimulador de sonhos, formando sujeitos para a vida. Freire confirma essa ligação ao afirmar, "**Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.** [...] Amor [...] é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens." (FREIRE, 1987, p. 45 – grifo meu).

Educação é compromisso com o homem, com a sua história, com a sua cultura, com as suas vivências e saberes. Educação é amor, é diálogo, é caminhar e percorrer caminhos, é olhos de dentro e olhos de fora, é querer profundo. Educação é tudo que sei, que ainda não sei e que estou disposta a descobrir. Educação é me reconhecer no outro, é me reinventar a cada dia. Educação é pesquisa, é crítica, é revolução. É ser eu mesma, e ainda assim, ser tantas outras.

Dialogicidade e amorosidade no processo educativo é comprometer-se com uma educação que vai contra a tudo o que prega a doutrinação, a opressão e o autoritarismo. É contribuir para nos tornarmos "pessoas-povos".⁴

4 Termo citado por Mariateresa Muraca, do Centro Paulo Freire, de Pádova, Itália, durante a videoaula 12: O pensamento vivo e generativo de Paulo Freire do curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' 2020.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- BAZZO, Jilvania. **Jean-Jacques Rousseau e o amor de si**: ou dos fundamentos para uma pedagogia do sentimento de preservação e benevolência. Salvador, 2008.
- BOAL, Augusto. **Logos para atores e não atores**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo e Cosac, 2015.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
(Videoaulas 1, 4, 5 e 12)
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 22ª ed. São Paulo: Globo, 2014.
- WELFERINGER, Mara. **Neuropedagogia**. São Luís: UemaNet, 2017.

Carine Silva Lima é poetisa; Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; pós-graduanda em Neuropsicopedagogia; Técnica em Multimeios Didáticos pelo IFBaiano. Contato: carine_kal@hotmail.com.

CONTRIBUIÇÕES DA OBRA DE PAULO FREIRE FRENTE À INTENSIFICAÇÃO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

CANDIDO, Caroline Costa Silva.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a intensificação e precarização do trabalho docente em tempos de pandemia, enfatizando a importância das contribuições de Paulo Freire, e considerando a definição do que é trabalho docente, e a intensificação da sua precarização, a partir também da contribuição de autores na temática. Nesse sentido, Basso (1998) afirma que o trabalho docente é um universo na sua totalidade; já Freire (2014) reflete o tema como, inclusive, uma forma de luta por uma educação em favor das classes sociais menos favorecidas. A autora Dalila Oliveira (2004) discute sobre a precarização nas condições de formação e trabalho de professores e o consequente comprometimento da função social e cultural da escola, o que altera significativamente, para o professor, o modo de enxergar o mundo e pensar a realidade educacional. Pergunta-se então: quais contribuições Paulo Freire traz para o momento educacional atual? Entende-se que a atualidade de Paulo Freire, está em propiciar uma visão lúcida da realidade, capaz de trazer a reflexão sobre a ação que propiciará mudanças na ação docente para uma educação de qualidade em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Contribuições de Paulo Freire. Intensificação e Precarização do Trabalho Docente. Pandemia.

ABSTRACT

This work has the purpose of discussing the increasing and precariousness of the teaching work in times of pandemic, emphasizing the importance of the contributions of Paulo Freire, and taking in consideration the definition of teaching work, and the increasing of its precariousness, considering also the contribution of another authors to the thematic. In this sense, Basso (1998) states that the teaching work is an universe in its totality; whereas Freire (2014) reflects about the theme as a way of fighting for an education in favor of the less favored social classes. Dalila Oliveira (2004) discusses about the precariousness in the conditions of formation and work of the professors and the subsequent compromising of

the social and cultural function of the school, which modifies meaningfully the way of seeing the world and reflecting about the educational reality for the professor. Then, we ask: Which contributions Paulo Freire bring to the educational nowadays? We understand that the contribution of Freire consists in a lucid vision of the reality, which would be able to bring reflection to the action that would take to changes in the teaching work for a qualified education in times of pandemic.

Keywords: Contributions of Paulo Freire. Increasing and Precariousness the Teaching Work. Pandemic.

TRABALHO DOCENTE, O QUE É?

São muitas as discussões acerca do trabalho docente, defini-lo é essencial para o entendimento de sua importância, e os fatores que interferem nesta atividade são diversos. Atividade dinâmica, fruto de contatos pessoais, engloba envolvimento e participação tanto do aluno quanto do professor, pede invenção e reinvenção, principalmente em tempos de pandemia.

Basso (1998) define o trabalho docente como uma totalidade, com relações essenciais entre elementos articulados que são responsáveis por seu desenvolvimento, natureza e produção, pressupondo relações entre as condições subjetivas (formação do professor) e as condições objetivas (condições efetivas de trabalho). Já Freire (2014) reflete tal prática caracterizando-a como uma forma de luta por uma educação em favor das classes dominadas.

Há convergência no raciocínio dos autores, só é possível alcançar uma prática docente igualitária se entendermos os elementos articulados e trabalharmos criticamente o ato docente. Pois, o trabalhador que perde o controle sobre o processo de trabalho perde a noção de integridade do processo, passando a executar apenas uma parte, alienando-se da própria concepção.

Para tanto, o ato educativo requer o desenvolvimento de um trabalho voltado reflexivamente sobre o saber pedagógico, exigindo a compreensão do educador de que, como sujeito ativo, seu papel tem abrangente significação, uma vez que atua para a transformação.

Mais do que simplesmente executar a ação docente, é necessário refletir sobre tal prática, avaliá-la e reavaliá-la, enfatizando sempre a práxis educativa:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 2014, p. 40).

Tal práxis suscita o aperfeiçoamento da prática do educador ao mesmo tempo em que proporciona ao educando a superação de uma curiosidade ingênua para uma curiosidade epistemológica. Estimulando assim uma disponibilidade de desenvolvimento de atitudes de ruptura com a alienação, desigualdades e exploração. Portanto, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2014, p. 47).

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro (FREIRE, 2014, p.25. Grifo do autor).

Constata-se então que, a ação docente no processo de ensino-aprendizagem exige autenticidade, ética e democracia, o que conduz a uma experiência de fato diretiva, política e radicalmente democrática. Nesse sentido, ensinar não é apenas tratar o conteúdo de forma superficial, mas propiciar condições para uma aprendizagem crítica, o que exige educadores curiosos, criadores, humildes, inquietos, instigadores e persistentes, que sejam capazes de contribuir para uma formação crítica e transformadora, na qual o educando perceba-se como sujeito real da construção e reconstrução do saber ensinado. Levando a conscientização dos alunos para uma atitude desafiadora, inquieta e revolucionária, afim de reinventar a prática educativa, com reflexão crítica capaz de exercer o real papel de cidadãos em permanente processo de conscientização, evitando a eles o acomodar ao mundo dado, mesmo porque, o mundo pode ser transformado e reinventado diariamente. Conforme Freire (2013, p. 127), “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.”

SOBRE A INTENSIFICAÇÃO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Constante também é a precarização do trabalho docente. Dalila Oliveira (2004) nos apresenta que tais problemas circundam além das condições de formação e trabalho de professores, comprometendo a realização da função social e cultural da escola, a partir de determinadas condicionantes materiais de sustentação da organização do ensino, tais como a definição de rumos e de abrangência da Educação Básica e outras dimensões da escolarização.

Nesta mesma direção, Kuenzer (2020) apresenta a precariedade no processo educacional e a defasagem nas políticas públicas voltadas à ela. Uma relação entre educação e sistema produtivo, processo de reprodução e reificação, que ganha o sentido de “moldar” o estudante passivamente para compor um conjunto de engrenagens do sistema capitalista.

Ainda segundo Oliveira (2004), tal precarização altera significativamente o modo de perceber a realidade, pois, tais elementos estabelecem conexões acerca das intervenções práticas no mundo, as quais visam sua transformação, demonstrando e decodificando novas possibilidades de compreensão e organização social, científica, cultural e política, como um produto que mantém relações objetivas e subjetivas com o processo produtivo, com a realidade econômica e com o mundo do trabalho.

Vale ressaltar, aqui, as reformas educacionais discutidas pela autora (Oliveira, 2004), descrevendo que tais alterações atuam não apenas no nível da escola, mas em todo o sistema, acarretando mudanças significativas para os trabalhadores docentes, fato que promoveu mudanças profundas na natureza do trabalho escolar. Tendo como elemento central a “transformação produtiva”, as regulamentações repercutiram diretamente na composição, estruturação e gestão das redes públicas de ensino, trazendo medidas que alteraram a configuração das redes, tanto em seus aspectos físicos como organizacionais, implementando os conceitos de “eficácia, eficiência, excelência e produtividade”, impondo assim as teorias administrativas para o campo pedagógico.

Ainda segundo a mesma autora (Oliveira, 2004), os desdobramentos de tais reformas ocorrem em duas vertentes:

- A educação dirigida à formação para o trabalho; e
- A educação orientada para a gestão ou disciplina da pobreza.

A fórmula de expansão do sistema se deu por meio de estratégias de gestão e financiamento, que vão desde a focalização das políticas públicas educacionais ao apelo ao voluntarismo e ao comunitarismo. Marcadas pela padronização e massificação de certos processos administrativos e pedagógicos, sob o argumento da organização sistêmica, da garantia da suposta universalidade, as reformas possibilitaram baixar custos ou redefinir gastos e permitir o controle central das políticas implementadas, combinando formas de planejamento e controle central, associando as reformas a descentralização administrativa, possibilitando, então, arranjos locais.

Concomitantemente aliada a tal processo, nos dias atuais, temos a intensificação da precarização do trabalho docente. Trabalho este que, cada vez mais, vem sofrendo ataques acarretados pelo questionamento da legitimidade de seus afazeres à medida em que contesta o lugar em que as relações escolares se colocam.

O MOMENTO PANDÊMICO

Afirma Nóvoa (2020) que a pandemia trouxe a evidenciação das fragilidades educacionais, afinal, o que antes era assunto de debate entre especialistas, passa agora a ser interesse de todos.

É preciso repensar o papel social da escola, afinal, tal realidade revela as condições absolutamente precárias da sociedade. E a lógica neoliberal desvela a educação pública como função social, agudizando na pandemia a responsabilização educacional, colocando a profissão docente no centro do debate.

Para Nóvoa (2000), não se trata apenas de uma questão operacional ou de aprendizagem, mas afetiva e emocional. Muitos professores, mesmo em difíceis condições, conseguiram criar respostas úteis e pedagogicamente consistentes, se desdobrando na tentativa desta cobertura, implicando na intensificação de seu trabalho ao mesmo tempo em que também são igualmente atingidos pela pandemia, através de dinâmicas de colaboração dentro e fora das escolas. E esse fato comprova a capacidade desta classe, mesmo massacrada, de se reinventar, “corporeificando a palavra pelo exemplo” (FREIRE, 2014, p. 35).

Nesse sentido, a efetivação do “inédito viável” apresentado por Freire (FREIRE, 1997, p. 6) propicia, também, a valorização docente em sua essência, reafirmando seu papel como centro das relações humanas, uma forma de legitimar sua prática, tendo como fundamentos a sensibilidade e o tato pedagógico, como lembrou Nóvoa (2020):

Precisamos de construir ambientes educativos favoráveis a uma diversidade de situações e de dinâmicas de aprendizagem, ao estudo, à cooperação, ao conhecimento, à comunicação e à criação, o digital pode ser um instrumento importante para apoiar as mudanças necessárias na educação e no ensino (NÓVOA, 2020, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o processo de precarização não é algo novo, trata-se de uma construção que vem se dando ao longo das últimas décadas, e continua... A pandemia traz para a educação novos contextos, são novas as realidade das salas de aula (agora virtuais), novas as realidades relacionais e de contato aluno/professor, e do processo ensino/aprendizagem. É uma nova existência, pautada sobre o isolamento social – tudo o que conhecíamos já não funciona.

Sobre o ensino remoto emergencial, nos tempos de pandemia, o processo de aprendizagem se perde no caminho, deixando de existir, abandonando-se os alunos ou deixando-se abandonar. O que vivencia-se nesta experiência remota, no que tange a relação entre alunos e professores, é a exacerbação da concepção bancária, que revela uma superficialidade nas relações educacionais, um engessamento que ignora o sentido humanitário do ensino, afetando a saúde mental de ambos.

Será que estamos fazendo uso das concepções de Freire? O **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire** nos trouxe a possibilidade de pensar e repensar o momento pandêmico, a educação e o papel do professor à partir das perspectivas freirianas.

Vejamos:

Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontramento da palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos (FREIRE, 1987, p. 44).

É necessário efetivar o real como um espaço de troca, capaz de propiciar profunda reflexão sobre o inédito viável, que seja não uma reflexão inócua. E cabe, ao professor considerar todas estas condições. Só existe a práxis educativa se há a promoção de uma nova ação, de superação destas novas dificuldades, alicerçada num diálogo que considere as várias vias deste processo.

Na videoaula 5, Scocuglia (EADFREIRIANA, 2020) tratou as bases e conexões do pensamento Freiriano, construído ao longo do tempo, através de um diálogo permanente com vários autores. O nacionalismo desenvolvimentista capaz de contribuir no pensar sobre: a escola, a educação e a atualidade brasileira. Freire constrói seus pensamentos fundamentado em conceitos já existentes, que, resultam na reflexão sobre a prática educativa, o que possibilitou o iluminar de novas práticas com outros conceitos para realidades diferentes.

Paulo Freire nos presenteou com um pensamento vivo, que encontra-se em constante desenvolvimento, o que possibilita ligar suas concepções a outras temáticas, bem como com a atualidade. Seu legado? A continuação e reinvenção de suas obras.

Esta é a grande atualidade de Paulo Freire: propiciar uma visão lúcida da realidade, capaz de trazer a reflexão sobre a ação que levará à mudança não só das atitudes, mas principalmente a função da educação. Afinal, sua teoria só tem utilidade quando é capaz de modificar a prática docente.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Andréa Golveia; ARAÚJO, Heleno; ALVES, Mirian. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia: entre ataques e desvalorização**. Live ANPED. 20 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nB-ZvBP70vI>> Acesso em 03 ago 2020.
- BASSO, Itacy Salgado. **Significado e sentido do trabalho docente**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 44, p. 19-32, abr. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- EADFREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 5 – Bases e Conexões do pensamento de Paulo Freire. Ministrada por Afonso Celso Scocuglia. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Educação à distância, tecnologias e educação do campo**. Live Canal TV Fonec. Abril de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3bdh20KTWj4&t=1527s>> Acesso em 10 jun 2020.
- GUEDES, Diego Hellere Ferreira; SILVA, Lucas Vieira de Lima; ABREU, Marcia Kelma de Alencar. **A prática docente na perspectiva freiriana: reflexões preliminares**. Id onLine Revista Multidisciplinar e de Psicologia, vol.10, n.31, Supl 1. p. 255-266. set-out/2016. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/508>> Acesso em 23 jul 2020.
- KUENZER, Acácia Zeneida. **O trabalho como princípio educativo**. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n.68, p.21-28, fev. 1989. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1118/1123>> Acesso em 22 jul 2020.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada. **Reunião Regional ANPED**. UFPR, Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-21-Educa%C3%A7ao-e-Trabalho.pdf>> Acesso em 28 jul 2020.

NOGUEIRA, Nivaldo Antônio David. Entrevista com Acácia Zeneida KUENZER. **Pensar a Prática**, UFG, Goiânia, v. 3, p. 1-18, 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/25/2654>> Acesso em: 20 ago 2020.

NÓVOA, Antônio. **E agora, Escola?** Jornal da USP, São Paulo Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/e-agora-escola/>> Acesso em: 21/08/2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, set - dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>> Acesso em 10 jul 2020.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira; MARIM, Alda Junqueira. **Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1203-1225, Set./Dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302004000400007&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em 20 jul 2020.

Caroline Costa Silva Candido é graduada em Comércio Exterior (FATEC); Especialista em Gestão de Pessoas (PUC); Graduanda de pedagogia (UEMG). Realiza pesquisas sobre a formação de professores das escolas públicas, membro de Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Educação Pública (NEPEP). Contato: charollcosta@hotmail.com.

UMA REFLEXÃO SOBRE FAKE NEWS: O CASO PAULO FREIRE

ROCHA, Cristino Cesário

RESUMO

Este contributo apresenta uma reflexão crítico-analítica do ataque intencional e deliberado feito a Paulo Freire de que ele é “doutrinador”. Há interesses dominantes-dirigentes por trás de todo tipo de agressão e desrespeito a esse educador, filósofo e patrono da educação brasileira. Objetiva-se desconstruir fake news que desqualificam Freire em seu mover-se no mundo como ser da práxis transformativa, legado em pessoa, obras e concepções de pessoa, sociedade, natureza, cultura, educação e mundo de cunho libertador.

Palavras-chave: Caso Paulo Freire. Fake News. Reflexão.

ABSTRACT

This contribution presents a critical-analytical reflection of the intentional and deliberate attack made on Paulo Freire that he is a “doctrinaire”. There are dominant-leading interests behind all kinds of aggression and disrespect for this educator, philosopher and patron of Brazilian education. The objective is to deconstruct fake news that disqualify Freire in his movement in the world as a being of transformative praxis, legacy in person, works and concepts of person, society, nature, culture, education and a world of liberating nature.

Keywords: Paulo Freire case. Fake News. Reflection.

UMA PROSA INTRODUTÓRIA

Fake News possui um conceito que se desdobra em impactos práticos. Seu significado semântico é falsa notícia, uma espécie de produção e difusão do inverossímil. Usos e sentidos ultrapassam a semântica e entram em diversos espaços produzindo um mal-estar no indivíduo, na sociedade, na ciência, na educação e nos rumos da política.

Há uma série de afirmações fake news que atacam e agridem Paulo Freire, tais como “enquadrado em uma única tendência teórica”, “Freire não é um filósofo, intelectual e cientista brasileiro”, “atrapalha e desqualifica a educação brasileira”, “não possui cientificidade em sua produção teórica”, “é comunista em sentido negativo”, “é doutrinador”, etc. Faço breve discussão sobre a falsa notícia de que Freire é “doutrinador”.

A metodologia é qualitativa com aportes teóricos – pesquisa bibliográfica que potencializa uma reflexão crítica sobre fake news. Ludke & Menga (2015, p. 55) propõem a esse respeito que se “relacione descobertas feitas durante o estudo com o que já existe na literatura”.

Busca-se deslindar as seguintes questões: o que está por trás dos ataques a Paulo Freire? O que se pode fazer para frear fake news? Objetiva-se desconstruir equívocos e fake news que desqualificam Paulo Freire em seu mover-se no mundo como ser da práxis transformativa. Iniciemos a reflexão, problematizando.

O QUE ESTÁ POR TRÁS DOS ATAQUES À PAULO FREIRE?

O processo histórico de ataques à educação pública brasileira deixa evidente que não há inocência, também, nos recentes ataques a Paulo Freire. Ambos são faces de uma mesma moeda. Há contextos concretos que ultrapassam a semântica “falsa notícia”. Há aspectos significativos que potencializam essa reflexão em Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020, realizado pela EAD Freiriana do Instituto Paulo Freire.

A emergência do estudo sobre fake news na perspectiva freiriana tem seu contexto, e Antunes (EAD Freiriana, 2020) tem algo a dizer: “o contexto é de intenso ataque a Paulo Freire enquanto pessoa, educador e intelectual, entre 2018 e 2019”. O cenário de hoje não é nada animador, o que exige, mais do que nunca, a continuidade desta reflexão.

A discussão sobre fake news precisa levar em conta as suas características. Braga (2018, p. 203-220) entra na prosa a esse respeito: “são despidas de fundamentos;

nota-se ausência de tolerância; são estereotipadas; têm incidência maior em polarização política; são estigmatizantes; disseminam o discurso do ódio; são direcionadas ao insulto e à perseguição e há intervenção mínima do Estado”.

Das inúmeras características, o discurso do ódio, o insulto, a perseguição e seu caráter infundado são as que mais marcam as posições dos/as detratores/as e agressores/as de Freire. Dizer que “Paulo Freire é doutrinador” é, sem sombra de dúvida, um ataque e ofensa às causas defendidas por ele (dignidade humana, ética universal do humano em detrimento da ética do mercado) e todas as formas de opressão e discriminação. Freire compartilha sua vivência:

Muita gente, em discursos pragmáticos acusam sonho e utopia não apenas como inúteis, mas também de inoportunos. Às vezes se discute se sou ou não um educador. Foi isto que, recentemente, ocorreu em um encontro realizado na UNESCO, em Paris, me disse um dos que dele participaram, em que representantes latino-americanos negavam, a mim, a condição de educador. Criticavam em mim o que lhes parecia minha politização exagerada. Não percebiam, porém, que, ao negarem a minha condição de educador, por ser demasiado político, eram tão políticos quanto eu. Certamente, contudo, numa posição contrária à minha. (FREIRE, 2001, p. 9).

Paulo Freire refuta aqueles/as que o consideram defensor de uma utopia vazia e rejeitam sua condição de educador. Ao negar sua dedicação, como ele mesmo assumia, nega-se sua vida dedicada à defesa dos *esfarrapados*. Quem ataca Freire não possui neutralidade pedagógico-política. Contudo, há algo maior subjacente à prática das fake news em relação a Paulo Freire, em nível de movimento.

No Brasil atual, há um movimento em curso, que tenta desqualificar e banir experiências fundadoras de uma sociabilidade humanitária e que reforça a opressão e desumanização. Gadotti (EAD Freiriana, 2020) fala de uma “guerra suja de fake news em redes sociais e grande mídia que destrói reputações, obras, pessoas, a exemplo de Paulo Freire”. Guerra também no âmbito de lideranças políticas que agredem Freire por sua busca de humanização.

A perseguição a Freire tem a mesma proporção do ataque ao marxismo, ao comunismo, ao Partido dos Trabalhadores/as, à esquerda brasileira, ao Estado de Bem-Estar Social, à Imprensa, ao STF e ao Estado Democrático de Direito. Fake news é, a rigor, negação inescrupulosa dessas tendências. Gadotti (EAD Freiriana, 2020) faz memória de Freire: ele está sendo perseguido, extensão da perseguição no contexto da ditadura civil militar e quando exilado, em razão do que defendia”.

A perseguição continua a Freire e o desejo de que ele seja banido do pensamento pedagógico brasileiro, acusando-o de “doutrinador”, têm a ver com uma burguesia dominante-dirigente que rejeita compartilhar direitos com os *esfarrapados/as* e desumanizados/as. Para fortalecer o ideário neoconservador e neoliberal burguês, desqualifica-se Freire que amou todas as formas de vida.

Gadotti (EAD Freiriana, 2020) derruba a falsa premissa “Freire é doutrinador” ao dizer “Doutrinação é impensável em Paulo Freire por uma razão evidente: Freire foi contrário à doutrinação e à alienação. Foi enfaticamente defensor do diálogo, liberdade, esperança, autonomia e emancipação humana”. A acusação a Freire de “doutrinador” é, na verdade, ataque aos profissionais da educação pública.

A rejeição a Freire tem a ver, fundamentalmente com a sua postura crítica do capitalismo (economia de mercado, sociedade de consumo, processo de exclusão e exploração em massa, inclusão precária...). Freire (2019, p. 98) é contundente: “É uma imoralidade, para mim, que se sobreponha, como se vem fazendo, aos interesses radicalmente humanos, os do mercado”. Ao sobrepor o mercado sobre o humano, rompe-se com a dimensão ética enquanto justiça e libertação, e só a luta ancorada em uma teoria crítico-propositiva poderá romper com a lógica capitalista.

Educação que respeita saberes dos/as educandos/as, suas vivências, culturas, múltiplas relações e pulsões é, também, parte do que se tem considerado como “doutrinação”, alusão feita pelos/as detratores de Paulo Freire. E Freire (2019, p. 101), refuta, por ele mesmo: “é o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de experiência feito que busco superar com ele”.

Freire (2012, p. 38) desarticula a ideia de escola como espaço doutrinador: “não sendo neutro o espaço escolar, não significa, porém, que deva transformar-se numa espécie de terreiro, de um partido no governo”. Em outros termos, Freire postula que atitude crítico-reflexiva que desnuda a realidade vivido-pensada não pode ser confundida com doutrinação. As concepções de Freire apresentam evidências de que seus/as agressores/as não estudam suas obras com rigorosidade teórico-conceitual de cunho revolucionário.

Respeito, diálogo, conhecer com e para além do vivido-pensado para transformar, amar as pessoas, romper com a lógica de dominação e exploração pelo capital não coadunam com doutrinação. Dizer “Paulo Freire é doutrinador” é artimanha de manipulação para distorcer, confundir e desqualificar o legado de Freire. O que se pretende é produzir e disseminar falsa informação a respeito de uma das forças históricas da educação brasileira, com objetivo evidente de impor o controle da educação pública sob os ditames do capital nacional/internacional e de lideranças

políticas neoconservadoras, tendo em conta que não faltam programas de cunho conservador no Brasil.

Em oposição ao Freire que denuncia todas as formas de opressão e anuncia a urgência de uma outra sociedade livre e soberana, encontra-se o “Programa Escola sem Partido” de nível federal e entes federados, e que Gadotti (EAD Freiriana, 2020) considera como “movimento de defesa da doutrinação no Brasil de cunho nazista partidário que ameaça professores/as, a democracia e a liberdade de ensino constante na Constituição Federal e na LDB 9394/1996”.

O ideário doutrinador fordista-taylorista-toiotista do “Programa Escola sem Partido” é uma afronta e agressão à concepção freiriana, à liberdade de expressão, à democracia, à Constituição brasileira, à LDB 9394/1996 e a outras contribuições, que têm como base a educação enquanto práxis transformativa. Esse movimento neoconservador, com apelo nazifascista tenta inverter a ordem dos fatos, divulgando a falsa ideia de que Freire é “doutrinador” e, deliberada e intencionalmente, confunde as pessoas com objetivos de dominação e exploração.

Lideranças políticas e sociedade civil burguesa neoconservadoras e reacionárias temem o tipo de pedagogia de Freire (2016, p. 79-82): “do oprimido, humanista, que desvela o mundo da opressão, e promove compromisso, práxis e transformação; temem que os oprimidos/as superem as contradições em que se encontram”. Dito de outro modo, opressores/as desejam silenciar vozes indignadas em face das tensões e contradições antagônicas de classes e identidades exploradas, discriminadas e subjugadas.

O que se quer de fato substituir, por meio de ataques e desrespeito a Paulo Freire e à educação pública, é uma epistemologia crítico-reflexiva transformadora e uma ontologia dos sujeitos dignos e de direitos por uma epistemologia e ontologia massificadora, opressora, silenciadora, escravocrata, colonial e patriarcal, em sentido prático-teórico. Falsas notícias têm um alcance maior, e Jaciara Carvalho dialoga com esse entendimento.

Carvalho (EAD Freiriana, 2020) traz a essa reflexão um alcance para além da falsa notícia: “o Projeto First Draft, ligado à Universidade de Harvard, considera que não se trata apenas de falsa notícia, mas de um problema que envolve um ecossistema de informações incorretas”. Ainda a esse respeito, Carvalho (idem) compartilha sete tipos de conteúdos problemáticos que fazem parte do ecossistema causadores de desinformações, segundo o Projeto First Draft: “conteúdo fabricado, conteúdos impostos, conteúdo manipulado, conteúdo enganoso, conexão falsa, contexto falso, e sátiras e paródias”.

Esses tipos produzem um mal-estar na sociedade, na política, na educação e em legados históricos, no caso Paulo Freire. A produção de conteúdo falso, manipulado, imposto e enganoso coloca em risco e agride o acúmulo de vivência de Freire enquanto um legado ético-político-estético-epistemológico-ontológico redivivo.

É preciso, portanto, adentrar em uma reflexão ecossistêmica da informação para aprofundar, neste nível, maiores desdobramentos das falsas notícias enquanto algo que transcende a expressão em uso, tanto na particularidade do caso Freire, como em relação a outras pessoas, grupos sociais e instituições.

Na verdade, a palavra “fake news” está no cotidiano, mas sem o devido entendimento de suas consequências, de maneira que a reprodução e disseminação ainda continuam em nossa realidade brasileira atual. E Carvalho apreende, com criticidade, a perversidade do ecossistema de notícias. Carvalho chama para o entendimento do seja fake news:

As fake news são conteúdos intencionalmente produzidos para enganar aqueles/as que leem, que assistem e que ouvem. Há na produção de fake news o propósito de enganar quem recebe a informação. Por essa razão, não podemos confundir fake news com deslizos ou erros de quem produziu a informação. As fake news não são novidades, sempre existiram na história da humanidade, considerando que sempre existiu quem produziu mentira e disseminou essa mentira. O que mudou foi a capacidade de sofisticação dessas mentiras – muito por conta das tecnologias. De acordo com o MIT NEWS (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), uma notícia falsa tem 70% de possibilidade de ser mais disseminada do que uma notícia verdadeira, baseada em fatos. (EAD Freiriana, 2020).

O que se observa é que as falsas notícias sobre diversos temas da vida cotidiana e na particularidade do caso Freire, têm uma intencionalidade de acordo com os interesses em jogo. No contexto do que se discutiu como *ecossistema de falsas informações*, tudo indica que há interesses de corporações dominantes-dirigentes em produzir e disseminar notícias descontextualizadas, desconexas e falsas para distorcer a veracidade dos fatos e, evidentemente, esse modo de operar favorece a quem produz e dissemina. Aqui, avisados/as e desavisados/as estão mergulhados/as em uma artimanha nada inocente. Parto para a questão à guisa de conclusão.

RESULTADOS: O QUE FAZER?

Paulo Freire possui memória histórica que não pode ser revivida na pura repetição, mas com reinvenção criativa, lúcida e revolucionária. Não basta reinventar, é necessário e imprescindível que se reinvente com objetivos de vivências de direitos, por meio de uma práxis antideterminista.

A adoção de uma consciência crítica diante das falsas notícias é urgente, e Gadotti (EAD Freiriana, 2020) alerta: “a era da pós-verdade é tempo de fake news, em que as pessoas acreditam nas informações que recebem sem checar as fontes com criticidade”. Em tempos de desgovernos nas múltiplas esferas que afundam o Brasil no fechamento (conservadorismo, autoritarismo, proselitismo, fundamentalismo, sectarismo, fascismo...), é urgente uma consciência que vê, ouve, age e interpreta com sensibilidade humanitária.

Fake news é um fato de nosso tempo, e o caso brasileiro é escancarado (inquérito da indústria das fake news), existe e precisa ser enfrentado. Daí a importância de se buscar, via educação, romper com a disseminação virológica. Uma releitura crítico-analítica é imprescindível neste contexto, e Gadotti (EAD Freiriana, 2020), ainda a esse respeito, alarga a função social educativa: “Nosso dever, nosso trabalho docente é o esclarecimento, de argumentação e conscientização, e não só de professores/as, mas também de pais, intelectuais, jornalistas, comunicadores”. É preciso apreender o que está por trás das falsas notícias e, mais do que isso, evitar compartilhar o que não se conhece.

Há muito a fazer ainda, entre outras coisas, a disputa pela atuação do Estado no combate, e não no fomento e perseguição de legados significativos. É preciso educar para a libertação e a dignidade na esteira de Freire e celebrar seu centenário de nascimento como referência à luta por uma vida digna pelos direitos humanos e por uma educação pública, laica, democrática e de qualidade integral. É preciso conhecer Freire, sua pessoa, concepção e obras, mas para tanto, exige-se uma leitura e releitura humanizada e humanizante. E como nós que conhecemos o legado podemos contribuir?

REFERÊNCIAS

- EAD FREIRIANA. Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020. Videoaula bônus de abertura – **Centenário de Paulo Freire**: reafirmando a causa freiriana frete às fake news. Ministrada por ANTUNES, Ângela Biz. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020.
- EAD FREIRIANA. Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020. Videoaula 1 – **A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Paulo Freire à educação**.

Ministrada por GADOTTI, Moacir. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020.

EAD FREIRIANA. Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020. Videoaula 14 – **Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo.**

Ministrada por CARVALHO, Jaciara de Sá. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 8ªed. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Professora, sim; tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 23ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 58ªed. Rio de Janeiro/SP: Paz & Terra, 2019.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. **A indústria das fake news e o discurso de ódio.** In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org). Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio. Vol. I. Belo Horizonte: IDDE – Instituto para o desenvolvimento democrático, 2018, p. 203-220).

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2ª ed. Rio de Janeiro: EPU, 2015.

Cristino Cesário Rocha: formação filosófico-teológica, especialista em Administração da Educação; Culturas Negras no Atlântico: História da África e afro-brasileiros; Escola, Democracia e Gestão Escolar; Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase na Educação de Jovens e Adultos. É mestre em Educação pela UnB e professor da rede pública do DF. Contato: cristino.arcanjo@gmail.com.

A EDUCOMUNICAÇÃO COMO UMA PONTE À PRÁTICA FREIRIANA DE COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NAS ESCOLAS

PRÓSPERO, Daniele

RESUMO

O artigo aborda os pressupostos da pedagogia de Paulo Freire, com foco na comunicação dialógica, e estabelece uma relação com o campo da educomunicação e suas práticas de intervenção social na formação de crianças e adolescentes no âmbito escolar. O artigo toma como base pesquisa bibliográfica assim como análise de dados de estudo realizado pela autora com escolas participantes do campo pedagógico de "Comunicação e Uso de Mídias" do Programa Mais Educação.

Palavras-chave: Comunicação dialógica. Educomunicação. Paulo Freire. Programa Mais Educação.

ABSTRACT

This article approaches the pedagogy assumptions of Paulo Freire, with focus on communication dialogical, and establishes a relation to the educommunication field and its practices of social intervention in forming children and teenagers in their school ambit. The article is based on bibliographic research as well as data analysis of the author's research with the participating schools of pedagogical field of "Comunicação e Uso de Mídias" of Programa Mais Educação.

Keywords: Dialogical communication. Educommunication. Paulo Freire. Programa Mais Educação.

INTRODUÇÃO

A comunicação - muito mais do que apenas meio, instrumento que serve para transmitir mensagens aos outros, visão esta predominante nos estudos do campo¹ -, na pedagogia do educador Paulo Freire tem o seu verdadeiro significado resgatado, tendo em vista que sua origem do latim "*comunicatio*" quer dizer "tornar comum".

Para tornar algo comum é preciso que haja diálogo. É preciso que exista proximidade, conexão, troca. É necessário que as muitas vozes tenham oportunidade e espaço para se colocarem, para tornar comum seus sonhos, suas crenças, seus desafios, suas vidas.

Como dizia Paulo Freire (1987, p.25),

"a verdadeira comunicação não admite uma só voz, um só sujeito, a transmissão, a transferência, a distribuição, um discurso único, mas sim a possibilidade de muitas vozes, alteridade cultural, independência e autonomia dos sujeitos, inúmeros discursos, enfim, estruturas radicalmente democráticas, participativas, dialógicas."

E é justamente por essa sua perspectiva que Paulo Freire é um dos pioneiros em reconhecer a intensa aproximação entre as áreas de educação e da comunicação. Segundo Freire, "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados." (1977, p. 69)

Para o educador, a educação é vista como um processo da comunicação, já que é uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo. A comunicação é elemento fundamental, pois é ela que transforma seres humanos em sujeitos. Ser dialógico, diz Freire, "é não invadir. É não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação da realidade" (1977, p. 43).

Assim, Paulo Freire propõe uma pedagogia baseada na "intersubjetividade", na "intercomunicação", na interação entre sujeitos que são "coparticipantes" da produção compartilhada do conhecimento, "sujeitos interlocutores" atuando em condições de plena reciprocidade.

1 A visão de Paulo Freire da comunicação humana como diálogo supera a tradição conceitual da época sobre este conceito, ao sair da ideia de diálogo na relação Eu-Tu (Buber, 1977) – como ação interior do indivíduo – e transcender o mesmo para "ação social" direcionada para a "mudança revolucionária" (Lima, 2011, p. 102-103).

São conceitos fundantes como esses da pedagogia de Paulo Freire que se fazem presentes nas práticas educacionais. Assim, o artigo busca analisar de que forma a comunicação dialética, a proposta de leitura de mundo, o incentivo a uma educação emancipadora, libertadora e transformadora são vivenciadas por crianças e adolescentes que participam de iniciativas que têm a educação como base para o seu desenvolvimento e vivência cidadã.

Tomaremos como estudo de caso para análise deste artigo a política pública do Programa Mais Educação, tendo como base a pesquisa promovida pela autora a respeito das práticas educacionais presentes em 10 cidades do país².

A INTER-RELAÇÃO COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: UMA HERANÇA DIALÓGICA FREIRIANA

Os princípios do diálogo, do protagonismo popular, da participação horizontal, da criticidade e de educação emancipadora de Paulo Freire passou a inspirar, nas décadas de 1960 e 1970, segundo Ismar de Oliveira Soares, docente do **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire** (EAD FREIRIANA, 2020a), as práticas de grupos, movimentos sociais e organizações da sociedade civil pelo país, desenvolvendo iniciativas de "comunicação de resistência/popular/comunitária" e "educação popular".

Essa prática vai possibilitar que grupos sociais marginalizados iniciassem processos de comunicação alternativa, ou seja, iniciativas que iam na contramão da comunicação de massa e mercadológica vigente, à serviço do capital, e do pensamento hegemônico, e que buscava trazer à tona as vozes e os saberes aos marginalizados, a disseminar e a praticar os direitos humanos e a educação popular.

Peruzzo (1998) explica que a comunicação comunitária é resultado de um processo, realizando-se na própria dinâmica dos movimentos populares, de acordo com as suas necessidades, representando um grito, antes sufocado, de denúncia e reivindicação por transformações, envolvendo diversos atores das classes subalternas como moradores de determinada localidade desassistidos de seus direitos.

2 Os dados utilizados para análise fazem parte da dissertação de mestrado "Educação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação, da autora deste artigo, concluída em 2013 na Universidade de São Paulo. A pesquisa analisou as atividades do campo pedagógico "Comunicação e Uso de Mídias", de 2008 a 2011, focando em 10 cidades que mais tiveram atividades de educação em 2011. São elas: Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Fortaleza (CE), João Pessoa (PB), Manaus (AM), Nova Iguaçu (RJ), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e São Paulo (SP). Foi enviado um questionário às escolas destas cidades, obtendo-se um retorno de 68 instituições escolares.

Portanto, essa comunicação se insere no contexto da mobilização e da ação coletiva, o que ultrapassa a noção de uso de meios (canais) de comunicação para determinados fins, ou de tomar a comunicação apenas como instrumento para conscientizar, mobilizar etc., mas chegar a seus processos³.

Duas décadas depois, no final dos anos de 1990, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) desenvolve uma ampla pesquisa na América Latina para compreender o pensamento latino-americano em torno de uma comunicação a serviço da cidadania, com forte cunho popular, que se fazia vigente na base da sociedade. Para designar a realidade constatada, o Núcleo da USP passou a fazer uso do neologismo “educomunicação”.

O termo identifica a existência de um entendimento comum entre os pesquisados, segundo o qual o que se promovia, sob o signo da resistência e da alternatividade, no início da segunda metade do século XX, não havia desaparecido mas, ao contrário, ganhara escala, na passagem do milênio, articulando novos grupos sociais, em todo o continente⁴.

De acordo com a pesquisa foi possível identificar, no discurso dos entrevistados, alguns eixos mobilizadores de seus diferentes projetos de intervenção social:

- *A promoção da cidadania* em sua plenitude, a partir do reconhecimento do direito de acesso aos recursos da comunicação, garantidor do direito universal à expressão.
- *O fortalecimento dos espaços de convivência*, mediante a gestão democrática dos processos de comunicação e de seus recursos tecnológicos, nos diferentes ambientes de relacionamento humano;
- *A ampliação do potencial comunicativo dos indivíduos e grupos humanos*, mediante práticas culturais e artísticas, assim como por meio do acesso e uso dos recursos disponibilizados pela era da informação;
- *A educação para a comunicação*, como um direito das novas gerações, favorecendo aos consumidores dos meios de informação o desenvolvimento de um relacionamento autônomo e construtivo com o sistema de comunicação;
- *O favorecimento do protagonismo comunicativo infanto-juvenil*, mediante a promoção, entre os membros das novas gerações, de práticas de comunicação democrática e participativa.

Assim, o NCE passou a descrever este novo campo de intervenção social, identificando-o como: “o conjunto das ações voltadas ao planejamento e

4 PERUZZO, Círcia. Ideias de Paulo Freire aplicadas à comunicação popular e comunitária. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 24, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2017.

4 SOARES, Ismar de Oliveira. A Educomunicação a serviço de um Plano de Educação para os Direitos Humanos.

implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, dessa forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas” (SOARES, 2002).

Desta forma, falar em ecossistema comunicativo implica buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade, a interação. As relações devem ter equilíbrio e harmonia em ambientes onde convivem diferentes atores.

A educomunicação é um modelo de interação social onde todos participam com igual oportunidade de conhecimento e acesso. Trata-se, portanto, de uma prática que busca um novo sujeito, uma nova espacialidade, nova temporalidade e uma nova construção do significado e da práxis. É um espaço para o exercício pedagógico da formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no seu meio social.

E isso acontece a partir de um conjunto de ações em vários subcampos: a “educação para a comunicação”; a “mediação tecnológica”; a “expressão comunicativa”; a “pedagogia da comunicação” e a “gestão dos processos comunicativos em espaços educativos”.

EDUCOMUNICAÇÃO NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

A educação humanizadora proposta por Paulo Freire é a base das práticas educacionais e podem ser observadas em experiências como as vivenciadas pelas escolas participantes do Programa Mais Educação – realizado no país de 2007 a 2016 – como indutor da educação integral⁵.

As escolas que participaram do Programa receberam recursos do governo federal para a implantação de uma jornada mínima escolar de sete horas, com a previsão de atividades em campos pedagógicos, entre eles o de “Comunicação e uso de mídias”, que teve sua base metodológica e de intervenção na educomunicação.

As escolas puderam optar por receber recursos e/ou equipamentos para promoverem atividades formativas com os estudantes em rádio, jornal, fotografia, vídeo e histórias em quadrinhos, mediadas por um educador.

O direcionamento oferecido pelo MEC para as atividades foi de que as escolas utilizassem os recursos da mídia no desenvolvimento de projetos educativos dentro dos espaços escolares, com a construção de propostas de cidadania

5 O Programa ficou em vigência no Brasil de 2007 a 2016 com o objetivo de contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da oferta de tempo integral, com jornada igual ou superior a sete horas diárias ou 35 horas semanais no contraturno. De 2017 a 2019, o foco do programa foi modificado e passou a se chamar “Novo Mais Educação”. No ano de 2020, a iniciativa foi paralisada pelo governo federal. Mais informações em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1724/o-que-muda-no-novo-mais-educacao>

engajando os alunos em ações de colaboração para a melhoria das relações entre as pessoas, além de projetos de aprendizagem por meio da reflexão crítica e da possibilidade de intervenção na escola e na comunidade.

Essa tomada de consciência, de liberdade e de criticidade é a essência da pedagogia freiriana. Como ele dizia, não existe educação neutra (EAD FREIRIANA, 2020b). É impossível separar o processo de aprendizagem do processo político, já que ao construir significados de uma realidade, estamos atribuindo valores que podem ser imobilizantes ou, ao contrário, ativos, que acreditem que reflexão e ação podem transformá-la.

A proposta é permitir uma interação dialética entre as pessoas e suas realidades. "Comunicar é comunicar-se em torno do significado signifiicante. "[...] Na comunicação não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam com seu conteúdo" (FREIRE, 1977, p. 67).

E essa ação e reflexão dos alunos se deu, em grande parte nas escolas do Mais Educação, por meio da produção dos veículos de comunicação. É no fazer que os alunos, justamente, encontraram sentido para muitas questões colocadas pela escola que, até então, pareciam desconectadas.

Durante a elaboração dos veículos, os estudantes foram instigados a produzir uma comunicação que fazia sentido a eles. Este contexto como base educativa também faz parte da pedagogia freiriana. Ou seja, os conteúdos devem partir do universo do educando. É a dialética de leitura de mundo e da leitura da palavra (EAD FREIRIANA, 2020c).

Essa ampliação da leitura de mundo, inclusive, foi possível perceber a partir das discussões que pautavam debates sobre problemas e soluções comunitárias nas produções de comunicação, trazendo assim a possibilidade de conhecerem e falarem sobre suas realidades. E essa aproximação gerou um maior interesse por parte dos estudantes pelo processo educativo. De acordo com a pesquisa, as escolas apontaram que 86% dos estudantes participavam ativamente das atividades de comunicação, davam sugestões e ideias e demonstrando grande interesse.

Outro ponto fundante das práticas educomunicativas e presente nas escolas foi a possibilidade das crianças e dos adolescentes terem o seu direito à comunicação de fato garantido. O que ocorre, assim, é a ampliação de vozes, a possibilidade de dar vozes aos silenciados, como ressaltou Freire (1977).

Ao dar voz aos estudantes novas relações são incentivadas neste "ecossistema comunicativo". De acordo com o caderno pedagógico do campo, o processo de

elaboração do produto de comunicação (com a participação de um monitor), bem como a posterior negociação para a publicação do jornal (ou veiculação do programa de rádio ou vídeo), coloca, inicialmente, no mesmo patamar de debate e liberdade de opinião, educadores, educandos e gestores. A importância prática desse processo é a de que o trabalho em grupo entre alunos, e também a relação entre educador e educando, ganham novos papéis (BRASIL, 2011, p. 25).

E isso se fez presente. Em 80% das escolas pesquisadas foram as sugestões dos estudantes que direcionaram a ação monitor, ou seja, os alunos tiveram um papel essencial na definição e planejamento das atividades que foram desenvolvidas.

Essa relação dialógica entre educador e educando (EAD FREIRIANA, 2020d), fomentado pelas práticas educomunicativas, é também um dos pressupostos da educação problematizadora proposta por Freire. "O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo." (FREIRE, 1987, p.79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire acreditou no sonho de uma escola democrática, popular e emancipadora. Numa educação como prática da liberdade. Na formação de sujeitos críticos e atuantes na transformação da sociedade. E a escola, mais do que nunca, se configura como o espaço propício e fundamental para que isso ocorra.

E a educomunicação – que é justamente uma herança da comunicação dialógica preconizada por Paulo Freire – tem contribuído em várias experiências e práticas pelo país na formação dos jovens, na medida em que, pelas experiências de comunicação compartilhada, abre para eles novas possibilidades de leitura e de construção de mundo (SOARES, 2011, p. 53).

"[As atividades] visam à construção de um espaço democrático e interativo na escola e seu entorno, contribuindo para prevenção da violência e integração das ações pedagógicas ao cotidiano da comunidade educativa."
(Maria Oliveira, EMEF Dr. João Augusto Breves, São Paulo/SP)

"O aluno inserido na oficina de comunicação se sente participante e transformador da comunidade em que está inserida." (Daniela Terra, EM Hugo Pinheiro Soares, Belo Horizonte/MG)

“A oficina de vídeo possibilita ver, ouvir e experimentar um mundo novo, consequentemente ampliando a visão de mundo dos alunos.” (Bárbara Azevedo, EM Prof^a Leopoldina Machado Barbosa de Barros, Nova Iguaçu/RJ)⁶

Os depoimentos dos educadores sobre os impactos que essas e tantas outras experiências educacionais pelo Brasil a fora têm trazido para os estudantes são um respiro e um alento frente aos ataques ao legado de Paulo Freire. E aqui seguimos, como destaca Soares (EAD FREIRIANA, 2020a), lutando por uma educação processual e que a comunicação transversal, dialógica, participativa seja o grande objetivo a ser alcançado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Caderno pedagógico do macrocampo “Comunicação e Uso de Mídias”**. Brasília: MEC, 2011.
- EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020. **Videoaula 3 – Educomunicação: uma herança dialógica freiriana**. Ministrada por Ismar de Oliveira Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020. **Videoaula 8 - Contribuição de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos**. Ministrada por Francisca Pini. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr.2020b.
- EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020. **Videoaula 6 - Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas globais**. Ministrada por Florenço Mendes Varela. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr.2020c.
- EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020. **Videoaula 9.1 - Paulo Freire no contexto do “Império contra-ataca”**. Ministrada por Jadson Mafra. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr.2020d.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LIMA, Venício A. de. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. 2.ed.rev. Brasília: UnB, 2011.
- PERUZZO, Cícília. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PERUZZO, Cícília. **Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária**. Comunicação e o conhecimento em experiências comunitárias. In: Revista Compós. Porto Alegre, v.24, n.1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2017.

6 Depoimentos partes da pesquisa apresentada ao longo do artigo.

PRÓSPERO, Daniele. **Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. In: BACCEGA, M. A. (Org.) Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP/Salesiana, n.23, p.16-25, jan./abr., 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **A Educomunicação a serviço de um Plano de Educação para os Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://peedhsp.blogspot.com/2017/03/a-educomunicacao-servico-de-um-plano-de.html>>. Acesso em: 30 junho 2020.

Daniele Próspero é jornalista (UMESP), especialista em Jornalismo Social e em Educação Comunitária e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). É sócia-fundadora da ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação) e membro do Núcleo de Comunicação e Educação da USP. Contato: danieleprospero@gmail.com.

INFORMAÇÃO E REDES SOCIAIS: UMA LEITURA CRÍTICA

SILVEIRA, Fátima Nogueira da*

RESUMO

A circulação veloz e numerosa de informações por meios tecnológicos e redes sociais provocam uma caracterização de verdade em conteúdos frequentemente dúbios. Refletir como informações, até anônimas, podem nos transformar em disseminadores de inverdades e nos induzem à desconstrução de iniciativas de buscas de saberes para uma leitura crítica de mundo se torna urgente. Por um legado de pensamentos que buscam e discutem uma educação que pondere sobre o sistema político brasileiro, o alcance de direitos, de construção de saberes, de autonomia e emancipação por meio do diálogo democrático, Freire vêm sendo alvo de *fake news*.

Palavras-chaves: Freire. Informação. Leitura crítica. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

The fast and numerous circulation of information through technological means and social networks provoke a characterization of truth in frequently dubious contents. Reflecting on how information, even anonymous, can transform us into disseminators of untruths and leads us to deconstruct knowledge-seeking initiatives for a critical reading of the world becomes urgent. For a legacy of thoughts that seek and discuss an education that considers the Brazilian political system, the reach of rights, the construction of knowledge, autonomy and emancipation through democratic dialogue, Freire has been the target of fake news.

Keywords: Digital technologies. Freire. Information. Critical reading.

INTRODUÇÃO

É impossível não refletir o tanto que somos interligados pela atmosfera, água, crosta terrestre e intercorrências inerentes à natureza biológica e não biológica de “tudo” que existe. Nosso meio de convivência e vivências, nossa Terra, nos distancia geograficamente, mas, por construções culturais, há diferenciações que se originam de parte dos seres humanos que ainda se percebem distintos dos demais. A pandemia, COVID-19, com a qual estamos coexistindo, pode nos remeter a perceber que vivemos em um imenso “aquário” ou “terrário”, submetidos as mesmas intempéries. Este e outros eventos nos atingem por influências, diretas ou indiretas dos desenvolvimentos tecnológicos, com velocidade e alcance que nos surpreendem. Assim, seguindo o exemplo de Paulo Freire, enquanto pensador, educador e cidadão, torcemos para que a parcela de humanos, que ainda se sente diferenciadamente com poder de opressão, se sensibilize em acolher os outros humanos que vivem sem conhecer seu digno lugar de bem-estar cidadão.

Freire é um exemplo de humanidade que incomoda aos opressores, só restando a estes deturpar e disseminar informações que objetivam provocar desinformação, reprodução de condições de opressões além de destruir a imagem e o valioso legado das obras de Paulo Freire. Que informações são estas que atacam Freire? Desinformações! As *fake News*!

De acordo com a Resolução CNE/CP Nº2/2017, aos estudantes, desde o Ensino Fundamental, devemos dar uma educação que propicie compreender o nosso “sistema político” (BRASIL, 2017, p.2) e que deve propiciar a formação de valores e atitudes no viver em nossa sociedade. E por vivermos em sociedade, deve propiciar o desenvolvimento de tolerância em nossas vidas para que a recíproca ocorra. Deve propiciar que se compreenda a dinâmica do ambiente social e, claro, também do ambiente natural. A educação deve fornecer uma formação para que o estudante se torne um cidadão sabedor de seus deveres em respeitar o bem comum, mas também de seus direitos, por ser um humano. Ensinar de modo que o estudante aprenda seus deveres e direitos por viver em uma sociedade democrática. Foi o que Freire de modo sábio e amoroso acrescentou que seja feito por meio do diálogo, que se valorize os saberes prévios de cada estudante, estimulando a autoestima, a curiosidade, a conscientização de que se precisa ter iniciativa além de autonomia para ser e saber mais.

Quando Freire disseminou o ser e saber mais, ele, conjuntamente com os estudantes e demais professores, provocou uma continuidade do aprender, do refletir, do evoluir na busca de seu lugar participativo e digno na sociedade. E há

mais “frutos” em seus pensamentos visando que *todos* concretizem os aspectos citados anteriormente além de, obviamente, adquirir variados conhecimentos que a educação pode e deve fornecer.

Freire abraçou tudo isto, e mais, desde segunda metade do século XX.

Como Freire pode ser acusado de desserviço à educação? Seria devido ao primeiro aspecto citado (propiciar o compreender o nosso sistema político)? Por vários deles? Por todos os aspectos?

Recebemos, recebemos, recebemos informações, mas e aí? Repassar? Que iniciativas tomamos, ou assumimos, de acordo com o que recebendo de informação? O que seria realmente informação? São muitas questões...

INFORMAÇÃO E SEU USO

Freire permanece atualíssimo e reconhecido internacionalmente. Todos os aspectos citados como deveres da educação e abraçados por Freire há mais de quarenta anos, estão presentes, há cerca de vinte e quatro anos, nos incisos II e IV do Artigo 32, sobre a Educação Básica, de nossa Lei de Diretrizes e Bases – LDB nº 9394/1996 que encontra-se respaldada em nossa Constituição Federal de 1988. Tal artigo e incisos permaneceram mesmo após emendas de alteração em diferentes outros artigos e incisos por várias leis, como por exemplo a Lei nº 11.525/2007, Lei nº 12.796/2013, Lei nº 13.415/2017, Lei nº 13.796, de 03/01/2019, Lei nº 13.803, de 10/01/2019, Lei nº 13.826, de 13/05/2019, e Lei nº 13.868, de 03/09/2019, além de recentemente, devido à pandemia, alterada pela medida Provisória de nº 934/ de 01/04/2020.

Os pensamentos de Freire há décadas se voltaram para o “como” e “para quem” a educação serve. Ele se voltou para que todos, democrática e verdadeiramente, tivessem e tenham acesso a uma educação que conscientizasse, que desse autonomia e que desse condições para a libertação de uma opressão e que não se deixasse mais voltar a ser oprimido.

Dentre as videoaulas do curso EaD “Paulo Freire em tempos de *fake news*” do Instituto Paulo Freire (IPF), a prof.^a Pini abordou os preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, constituída após a 2ª Guerra Mundial, explicitando o tanto que este documento se volta à preocupação em afiançar às pessoas seu humanizado direito à dignidade, sendo tratado igualmente a qualquer outro indivíduo, independentemente de sua situação socioeconômica desfavorável, não se admitindo, também, que a integridade dos humanos seja negligenciada e/ou violada. A prof.^a nos apresentou que em 2006 foram elaborados sete “Princípios do

Plano Nacional de Educação e Direitos Humanos [ressaltando que] “sem direitos humanos não é possível avançarmos em direção à uma educação emancipadora [e ressaltou a elaboração de sete] Princípios do Plano Nacional de Educação e Direitos Humanos (2006)”. (EAD FREIRIANA, 2020a).

Os princípios educacionais abordam a dignidade, igualdade, repúdio à preconceitos, à um Estado laico, à uma educação democrática, construção de valores éticos, de modo interdisciplinar, além de transversal, e educação cidadã elencando a preservação, sustentável, socioambiental. A videoaula da prof.^a Pini constrói reflexões sobre a democracia que, em todos os fóruns que frequentamos, necessitamos cultivar ativamente, principalmente nos diálogos com nossos alunos.

Paulo Freire se empenhou disseminar a necessidade do diálogo, com verdadeira escuta durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Sempre com o exercício do diálogo promover uma educação problematizadora, emancipadora, propiciando autonomia e saberes, provocando uma iniciativa de ser e saber mais...

Os pensamentos de Freire, de libertação das opressões, incomodam aos opressores e estes vieram obscuramente reagindo por meio de tecnologias digitais/*internet*. As tecnologias digitais podem ser bem ou não utilizadas, para comunicações de informações, dependendo das atuações e intensões das pessoas.

Discernirmos que comunicações, de ideias e informações postadas em plataformas populares como Facebook, Instagram, Amazon, Google e outros, na *internet*, não se assemelham com o diálogo pensado por Freire e nem representam acertadamente os seus pensamentos, evitaria o equívoco em crer, por falta de reflexões, no que vem sendo divulgado. Tais informações deturpadas geram fakes news.

Ao serem postadas, estas recebem inúmeras concordâncias públicas sem contestações verdadeiramente dialogadas, pois muitas vezes quem destoa das opiniões é “banido” dos fóruns. As diferenças não aparecem, apenas ficam as igualdades.

Na videoaula do prof.^o Ladislau Dowbor foi abordado, sobre postagens em plataformas norte-americanas ou chinesas (como Alibaba ou Waidou). O quantitativo independentemente da qualidade das postagens de comunicações de ideias e informações, beneficiam os “grupos que querem ganhar com isto. (...) A gratuidade é apenas aparente, (...) se somam um conjunto de custos de publicidades, e se apropriam do conhecimento de nossos dados, conhecimentos sobre nós, e vendê-los.” (EAD FREIRIANA, 2020b).

Assim, nos deparamos com expressões: “Informações *estão* circulando...”, “Dados

informam...”, “Informações *chegaram...*”, “Divulgaram informações...”, “*Disseram...* ou *escreveram...*” isto ou aquilo... Estas são algumas de variadas expressões utilizadas e muitas vezes desinformadas das fontes iniciais, das origens.

Expressões em que um “objeto” se personaliza em “sujeito” e dissemina informações, ficando encoberto o interessado em disseminar. Mas, o que seria ou significaria informação?

Capurro e Hjørland (2007) abordaram a importância da conceituação de verbetes apesar dos desencontros que ocorrem entre as diferentes iniciativas de estudos que buscaram e buscam definições. Eles apresentaram que há inúmeros “conceitos de informação e eles estão inseridos em estruturas teóricas mais ou menos explícitas. Quando se estuda informação, é fácil perder a orientação. (...) muitas abordagens envolvem conceitos implícitos ou vagos (...)” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.16). Partindo do senso comum, eles apontaram para as etimologias e usos das palavras, ao longo do tempo. A partir dos registros do “The Oxford English Dictionary” (1989) eles contextualizaram a valorização das variadas visões de estudiosos e as alterações da concepção da palavra *informação* desde o “período helenístico bem como na Idade Média e nos tempos modernos.” (Ibid., p.3). Estes autores apresentaram a conclusão de que seria indevido “considerar o conceito de informação isoladamente, mas vê-lo em relação a outros conceitos como, por exemplo, documentos e mídia.” (Ibid., p. 16) e estes envolvem os contextos de interesses culturais e também socioeconômicos.

E como informação seria tratada em nossa língua, no Brasil?

Encontramos no dicionário, impresso, de Língua Portuguesa do Ximenes (2001) que informação é “1. Ação ou efeito de informar(-se). 2. Conjunto de dados acerca de alguém ou algo. 3. Notícia transmitida a uma pessoa ou ao público. 4. Instrução, direção.” (p. 493). A segunda e a terceira significações podem ser interpretadas como “elementos” expostos e daí atuaremos com eles. A primeira e quarta significações podem ser interpretadas como “instrumentos” de atuação sobre as pessoas. Contudo, quando buscamos significação na *internet*, cerca de 20 anos depois do que foi registrado por Ximenes, encontramos diferentes exemplos, em endereços com teor de *marketing* ou *business* (negócios) ou de tecnologias¹, em que a significação de informação ora se associa ou ora sobrepuja outros elementos afins (os termos: fenômenos, dados), que lhes atribuem um valorizado “poder” de atuação (relembrando: com boas intensões ou não).

1 <https://www.significados.com.br/informacao/>
<https://expertdigital.net/diferenca-entre-dados-e-informacao/#gsc.tab=0>
<https://www.binapratice.com.br/dados-x-informacao>

Segundo Freire a curiosidade nos move para a busca de saberes. Seguindo os pensamentos de Freire, a videoaula da prof.^a Jaciara Carvalho abordou que a curiosidade não deve ser ingênua, e sim uma “curiosidade crítica ou curiosidade epistemológica”, evitando assim acreditar em uma informação que não representa a realidade. Carvalho ressaltou que a “Curiosidade ingênua: faz com que nos aproximemos do ‘objeto’ [informativo. Se tomarmos] uma certa distância do ‘objeto’, [vamos] refletir sobre ele investigar e tentar desvendar a informação.” (EAD FREIRIANA, 2020c) de modo crítico. Nesta videoaula, percebemos com o exemplo da prof.^a Carvalho que pesquisar informação significa adquirir saberes consistentes, nada ingênuo e bastante crítico. Ela nos apresentou resultados de sua pesquisa no *site* do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), que é um renomado centro de pesquisa e estudos em ciências, tecnologias e engenharia (EUA). Os resultados mostraram que “informação falsa tem 70% mais chance de ser disseminada do que uma notícia verdadeira ou baseada em fatos. Notícias foram compartilhadas 4 milhões e quinhentas mil vezes, entre 2006 e 2017. [Elas] mexem com emoções e parecem ser inéditas...” (EAD FREIRIANA, 2020c).

A prof.^a Carvalho orientou à observação da datação e autoria do registro da informação, pois se não identificamos, criticamente precisamos pesquisar antes de repassar. Ela pesquisou também um projeto da universidade de *Harvard*, chamado *First Draft*. Sua investigação nos mostrou que há sete modos desse espalhar as *Fake News*: com informações fabricadas, impostoras, manipuladas, enganosas, falsas com recursos visuais, falsas com “conteúdos genuínos [mas] compartilhado com informações contextuais falsas, além de “sátiras e paródias”. (EAD FREIRIANA, 2020c). A professora nos lembrou sobre os ataques que incidiram sobre Freire por meio de *fake news*, em 2018, por redes sociais.

Tais ataques nos fazem refletir o como as obras de Paulo Freire são importantes e eficientes para a educação que se volta a formar cidadãos conscientes em busca de seus saberes e suas próprias palavras.

REFLEXÕES

O curso nos apontou caminhos e saberes para que cada um de nós tenha condições de ler o mundo e, sem ingenuidade, ter a iniciativa de buscar a veracidade dos “objetos” com os quais nos deparamos em nosso dia a dia. As discussões da videoaula da prof.^a Carvalho, nos fortaleceu e provocou reflexões sobre o investigar se as informações seriam reais e sobre a responsabilidade em não se tornar um disseminador manobrado por inverdades. Os diálogos com nossos estudantes,

famílias e comunidade escolar estarão enriquecidos e com direcionamentos de como analisá-las criticamente frente aos contextos socioeconômicos que todos vivenciamos. Os seres humanos em contextos socioeconômicos desfavoráveis, conforme o profº Dowbor e a profª Pini discutiram, necessitam ter preservados seus direitos em acessar e compreender as informações que circulam e as que necessitam ser buscadas, pois elas interferem e/ou influenciam o meio sociopolítico e cultural. Os direitos e deveres precisam ser conhecidos e passar por reflexões de todos como uma forma importante de interromper a corrente aceitação fatalista que Freire combatia. Basta um olhar atento aos índices que retratam as condições socioeconômicas do país para identificarmos que os pensamentos de Freire permanecem muito atuais e por isto incomodam opressores.

Enfim, por meio das obras de Freire e de recriações apoiadas em seus pensamentos, enraizaremos, que neste imenso “aquário” ou “terrário” em que convivemos e que precisamos cuidar socialmente uns dos outros, enquanto humanos na diversidade do meio ambiente, além de que a educação se contextualiza nas buscas e diálogos sobre as verdades da realidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, 1996. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 18 ago. 2020.
- BRASIL, 2017. **Resolução CNE/CP Nº2, 22 dezembro de 2017**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18 de ago. 2020.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. In: **Perspect. Ciênc. Inf. v. 12, n.1 On-line**. Belo Horizonte. Jan./Apr. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000100012&lang=pt. Acesso em: 28 jun. 2020.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 8 – Contribuições de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos. Ministrada por Francisca Pini. Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake News e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.
- XIMENES, Sérgio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Ediouro. SP, 2001.

Fátima Nogueira da Silveira é doutoranda em Educação pela Universidade Estácio de Sá /UNESA. Graduação em Geografia - Licenciatura - pela UERJ (1988). Prof.^a dos Anos Iniciais/RJ: Contato: fatimanogs@gmail.com

NARRATIVAS FEMININAS PARA O COMBATE ÀS FAKE NEWS: POR UMA EDUCAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, POR UMA EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM A PRÁTICA DA LIBERDADE

COSTA, Fernanda Antunes Gomes da

RESUMO

A partir da leitura e compreensão das narrativas femininas que emergem da pandemia, a partir da leitura literária de autoras que denunciam a condição das mulheres na sociedade, do comprometimento com a pauta do Direitos Humanos e de uma educação como prática da liberdade, pensada por Paulo Freire, este ensaio teórico propõe problematizações a serem consideradas para o enfrentamento da desinformação que assola a conjuntura atual da nossa sociedade.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Educação. Fake News. Narrativas Femininas.

ABSTRACT

From the reading and understanding of the female narratives that emerge from the pandemic, from the literary reading of authors who denounce the condition of women in society, the commitment to the human rights agenda and an education as a practice of freedom, thought by Paulo Freire, this theoretical essay proposes problematizations to be considered to face the disinformation that plagues the current conjuncture of our society.

Keywords: Human Rights. Education. Fake News. Female Narratives.

1. INTRODUÇÃO

A chegada do novo coronavírus vem impactando de forma severa a vida de muitos brasileiros. Além da doença COVID-19, a nossa sociedade também vive o contexto pandêmico das fake news e da desinformação. Notícias mostram que áudios de WhatsApp, vídeos com falas que aparentam confiabilidade e pessoas que se passam por médicos ou professores, agravam ainda mais o contexto atual. Situações essas que podem impulsionar tomadas de decisão danosas aos que confiam nestas mensagens, como tomar medicação sem eficácia contra o vírus ou acreditar em conspirações não comprovadas. Além disso, informações que poderiam engajar pessoas na luta contra a desigualdade, que se alastra tão fortemente quanto a pandemia, ficam em segundo plano, pois o objetivo das fake news é, sem dúvida, desarticular reflexões críticas frente à realidade.

E a realidade deste nosso tempo nos leva a perceber os sujeitos sociais que vêm enfrentando desafios ainda maiores, como o caso de milhares de mulheres em nosso país. Narrativas de / sobre mulheres denunciam desigualdades sociais nunca superadas e agora agravadas pelo avanço do coronavírus e pelas consequências de um modelo neoliberal de organização econômica em muitos países. São vários enfrentamentos às mulheres neste contexto pandêmico: aspectos de vulnerabilidade social, como desemprego, violência, aumento da pobreza e falta de acesso aos serviços de saúde, impactam mais vidas femininas. Vale ressaltar que essa condição desigual acerca das mulheres na conjuntura atual é, na verdade, uma realidade de desigualdades nunca superada historicamente e que agora é intensificada a partir de uma crise global. Essa discussão urgente precisa ser pensada também a partir de um debate interseccional, de forma a promover a justiça social, racial e de gênero. Afinal, apesar do nosso país ser composto em sua maioria pela população negra e pelo gênero feminino, ambos, negros e mulheres (principalmente mulheres negras), ainda são subjugados, sendo isso refletido diretamente na qualidade de vida da maior parte dos brasileiros, no desenvolvimento nacional e agora no enfrentamento ao coronavírus.

Combater fake news, ideias sexistas e racistas que estruturam nossa sociedade se mostra fundamental para a formação das novas gerações e para a possibilidade de futuro ao nosso país após essa crise. Garantir novos debates através de narrativas que nunca nos foram apresentadas, ou nos foram a partir de uma única perspectiva, é possibilitar um mundo pós-pandemia comprometido com a mudança social e com a possibilidade de se narrar (no) o mundo a partir de espaços mais democráticos.

Assim, nosso objetivo, neste texto, é trazer à tona o debate acerca do comprometimento com uma educação dos direitos humanos, portanto, com uma educação que promova sempre a prática da liberdade, mostrando ser isso urgente para edificação de uma sociedade outra, que não mais venha a silenciar vozes que emergem da experiência da desigualdade e da luta por tempos melhores. Nosso texto, um ensaio teórico, problematizará esse debate, principalmente, à luz de Paulo Freire e bell hooks. Acreditamos, assim, que narrativas femininas na sala de aula podem impulsionar este debate acerca de espaços mais justos e igualitários para todas, todos e todes.

2. NARRATIVAS FEMININAS PARA OS DIREITOS HUMANOS

Sabemos que a educação tem papel importante e potente no debate e no enfrentamento das desigualdades, por ser um direito e por ser via para promoção de outros direitos. Sendo assim, não devemos perder de vista, agora e no futuro pós-pandemia, as práticas pedagógicas democráticas necessárias para questionar o cotidiano que se estabeleceu nesta crise global e que precisam fomentar reflexões acerca das desigualdades apresentadas e vividas por nossa sociedade, justamente para combater essas assimetrias e as fake news que tentam invisibilizar projetos de justiça social. Para tal, revisitar e ressignificar o processo de 'ensinar-aprender' se torna fundamental. Entendemos com Paulo Freire (2016, p. 55) que "o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende" e compreendemos, na experiência desta crise global de 2020, que a existência do sujeito, ou melhor a vivência deste sujeito, não poderá mais ser ignorada pelos conteúdos curriculares. Pelo contrário, a existência de educandos e educadores, atravessada para além da chegada de um novo vírus, mas pela urgência do debate a respeito das diferenças que se impuseram na luta por sobre-viver em tempos de pandemia, deve ser o conteúdo maior. O conteúdo precisará considerar a re-existência, principalmente de mulheres, as mais afetadas por esta narrativa histórica.

Para isso, para que enredos de desigualdade de gênero e de raça venham à tona na sala de aula, a pauta dos Direitos Humanos precisa também permear essas discussões, garantindo assim a compreensão, pelos discentes e docentes, da necessidade urgente de promovermos a igualdade social. Em sua aula, 'Contribuições de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos', para o Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' – Edição 2020, realizado pela EaD Freriana do Instituto Paulo Freire, a Professora Dra. Francisca Pini afirma que Freire, mesmo não nomeando o tema dos Direitos Humanos em sua obra, sempre foi um grande defensor desses direitos, pois sempre pensou pedagogias comprometidas com os

esfarrapados do mundo¹, ou seja, sempre manteve uma posição teórico-política em relação à vida das pessoas mais necessitadas da sociedade e ao direito à essa vida (EAD FREIRIANA, 2020b). Vale ressaltar que, de forma geral, o Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' – Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire' revistou, ressignificou e ratificou, em todas as aulas, o compromisso do legado freiriano frente ao combate às desigualdades sociais.

Portanto, devemos pensar a problematização de uma educação comprometida com a prática da liberdade, como pregou Freire, também a partir Declaração Universal dos Direitos Humanos que afirma em seu artigo XXV:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle (ONU, 1948)

Ressaltamos o trecho 'circunstâncias fora do seu controle', lendo isso à luz da realidade pandêmica atual, que vulnerabiliza ainda mais mulheres pelo mundo, levando muitas à pobreza extrema. A ONU já admite "a importância da igualdade de gênero para o combate às desigualdades sociais e para a erradicação da fome e da pobreza no mundo"², pois, de forma geral, são as mulheres as mais impactadas pelos fatores econômicos e pelas desigualdades. Vale ressaltar que se mostra indispensável também revistar nosso Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2006), pensando as narrativas femininas como narrativas que podem fazer emergir em sala de aula denúncias à realidade e também possibilidades para um mundo mais justo e igualitário, além de caminho ao combate às fake news, pois trazem à tona enredos capazes de fomentar a pauta do respeito às diferenças por meio de um pensamento crítico frente à realidade. Além disso, acreditamos ser a igualdade de gênero, a partir de uma análise interseccional, também potência ao combate às fake news, pois reivindica a justiça e os direitos àquelas que sempre foram silenciadas historicamente.

Gostaríamos de encorajar esse debate a partir de duas narrativas teóricas: a narrativa da intelectual negra e educadora bell hooks e a do educador Paulo Freire.

1 Menção à obra Pedagogia do oprimido (FREIRE, P. 2013) em que consta a seguinte epígrafe inicial: "Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofre, mas, sobretudo, com eles lutam".

2 ONU BRASIL. Igualdade de gênero é essencial para mundo sem fome e pobreza, dizem agências da ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/igualdade-de-genero-e-essencial-para-mundo-sem-fome-e-pobreza-dizem-agencias-da-onu/>. Acesso em 2 de jul 2020.

Ela por nos apontar a possibilidade de uma educação feminista, colocando em questão nossas práticas pedagógicas e nos convocando a pensar de que forma o conhecimento feminista é importante para aqueles que se comprometem com uma sala de aula e com uma sociedade verdadeiramente democrática. bell hooks nos ensina, na obra *O feminismo é para todo mundo* (2018), a importância de levarmos para nossos currículos trabalhos produzidos por mulheres, esquecidos e ignorados por um cânone acadêmico masculino. Além disso, nos aponta caminhos fundamentais para pensar um feminismo comprometido, dentro e fora da sala de aula, com a luta contra a desigualdade racial. Ele, Paulo Freire, por sempre nos conduzir a uma educação libertadora e dialógica em que o 'ensinar-aprender' precisa constantemente ser ressignificado a partir das experiências que emergem da relação entre discente, docente e o mundo em que estão inseridos. Vale ressaltar aqui que a escolha por bell hooks e Paulo Freire não acontece de forma dissonante. Pelo contrário. bell hooks já anuncia em *Ensinando a transgredir* (2017) seu alinhamento às ideias de Freire:

Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador (...) Ao mesmo tempo, eu usava seus paradigmas pedagógicos para criticar as limitações das salas de aula feministas (HOOKS, 2017, p.15).

Assim, pensar um diálogo entre Freire e hooks nesta problematização se mostra essencial: uma discussão em que narrativas de mulheres em contexto de crise global fazem emergir práticas pedagógicas outras, propostas para pensar um mundo pandêmico, pós-pandêmico e preparado ao combate às fake news, portanto, comprometido com a justiça social.

3. NARRATIVAS FEMININAS EM SALA DE AULA A PARTIR DA LITERATURA

Outras linguagens e dizeres são urgentes, principalmente quando um colapso global se estabelece e quando sabemos que, na maioria das vezes, vozes e experiências femininas não são consideradas nas tomadas de decisão de crises assim (lembramos que as mulheres não ocupam, de forma paritária, os principais cargos políticos de decisão em muitos países, incluindo o Brasil). Por isso, acreditamos na potência de formas outras de narrar e ler o mundo, de aprender e criar novas possibilidades de existir e de re-existir, de histórias e estórias.

Acreditamos na força da palavra literária de mulheres, palavra essa sempre insubmissa e que rompe com os cercados estabelecidos pelas formas canônicas de produção de conhecimento e pelo perigo da história única (Chimamanda Adichie, 2019). Leituras e propostas para sala de aula que emergjam de narrativas femininas na pandemia e da literatura são capazes de humanizar o processo de ressignificação do mundo, contribuindo assim para uma educação que se deseja também humanizadora, cidadã, democrática e que coloque em questão as rasuras da história oficial hegemônica.

Antonio Candido, há alguns anos, escreveu um importante ensaio intitulado “O direito à Literatura” (2011). Nesses escritos, o autor reflete acerca dos Direitos Humanos, reconhecendo, assim, tudo aquilo que seria indispensável aos sujeitos sociais. Problematisa a ideia de que muitos defendem o direito a certos bens, mas que não são capazes, muitas vezes, de concordar com o direito também à arte, à arte literária.

Como afirma Candido, a literatura é ação poderosa na sociedade, pois é poder que humaniza enquanto (re)constrói e significa o mundo aos sujeitos sociais que somos. Afinal, a “literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2011, p. 177). Literatura é arte. Literatura é viver. Literatura é experiência. Literatura é conhecimento. Literatura é, portanto, um direito.

E a Literatura produzida por mulheres é potência e re-existência. Trazemos, aqui, como exemplo, a obra *Quarto de Despejo* (2014), de Carolina Maria de Jesus, como potencial leitura a esta problematização. Carolina, mulher negra, mãe solo, escritora, pensadora e sobrevivente da antiga favela de Canindé, localizada em SP. Ela fez do seu diário uma narrativa que ainda se faz presente na vida de muitas mulheres brasileiras: a narrativa da luta contra fome. Sabemos que as consequências da pandemia afetam principalmente mulheres, que muitas Carolinas existem e sofrem ainda mais no momento atual do nosso país. Sendo a Educação fundamental ao combate às desigualdades é hora de pautarmos em nossas agendas de pesquisa e práticas docentes, incluindo nossas leituras, a realidade das Carolinas de nossa sociedade. A literatura de autoria feminina, como potência da palavra e das experiências humanas, nos levará, em sala de aula, a contextos urgentes.

Portanto, nomes como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes, Ryane Leão, da angolana Ana Paula Tavares, da moçambicana Paulina Chiziane, da Nigeriana Chimamanda Adichie, devem se fazer presença em sala de aula, em diálogo com narrativas outras femininas na pandemia (entrevistas, notícias

de jornais, relatos), promovendo assim uma consciência crítica, cidadã, capaz de perceber, denunciar e combater desigualdades, principalmente, aquelas que são potencializadas pelas fake news, impedindo projetos de emancipação aos sujeitos mais vulneráveis à pobreza e à crise pandêmica, como as mulheres.

Por fim, vem à tona este poema inspirador de Conceição Evaristo:

Eu-mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.

Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.

Meia palavra mordida
me foge a boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.

Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.

Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.

Antevejo.

Antecipo.

Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.

Eu fêmea-matriz.

Eu força-motriz.

Eu-mulher
abrigo da semente

moto-contínuo

do mundo.

(EVARISTO, 2017, p. 23)

Conceição Evaristo que, a partir de suas escrituras, anuncia neste poema-identidade a existência de um 'eu' que só reconhece sua completude ao assumir sua condição de mulher e, portanto, de palavra-corpo. Este "antes-agora-o que há de vir" que será sempre palavra de um conhecimento que se deseja afeto e travessia, denúncia e anúncio, engajamento e comprometimento, paisagem e memória, bordas e entre-lugares, existir e resistir: narrativas femininas para uma sala de aula justa, igualitária, comprometida com uma leitura de mundo democrática, com a arte, com a democratização do conhecimento, portanto, empenhada na luta

pelos direitos humanos de todas, todos e todes.

4. CONCLUSÃO

Neste texto, buscou-se discutir e pensar as narrativas femininas como percurso possível para uma educação dos direitos humanos, educação esta capaz de combater a desinformação que se propaga através das fake news em nossa sociedade e também comprometida com a prática da liberdade ensinada por Paulo Freire. Assim, com esta proposta desejamos encorajar práticas educacionais que questionem os sistemas de dominação, mais uma vez evidentes neste momento da história, e que mostrem possibilidades outras de narrar o mundo, ensinar e aprender a partir de um mundo outro. Vale ressaltar que coordeno, atualmente, o projeto 'Vou para o sul saltar o cercado: narrativas femininas para o incentivo de meninas nas Ciências', na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ – *Campus Macaé*. Em nosso perfil @narrativasfemininas (Instagram) passamos a publicar, durante a atual quarentena, reflexões acerca do impacto da pandemia na vida de meninas, de mulheres e na Educação, sempre tendo a literatura de autoria feminina como nosso sul.

5. REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: SEDH-MEC-MJ-UNESCO, 2006
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- Declaração Universal dos Direitos humanos 1948**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 02 jul 2020.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo freire em tempos de fake news' – Edição 2020**. Videoaula 8 – Contribuições de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos. Ministrada por Francisca Pini. Instituto Paulo Freire, jun. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 2. ed. Rio de Janeiro:

Rosa dos Tempos, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

ONU BRASIL. **Igualdade de gênero é essencial para mundo sem fome e pobreza, dizem agências da ONU**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/igualdade-de-genero-e-essencial-para-mundo-sem-fome-e-pobreza-dizem-agencias-da-onu/>. Acesso em 2 de jul 2020.

Fernanda Antunes Gomes da Costa é formada em Letras (Português – Literaturas) pela UFRJ e Doutora em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas – PPGLEV, da UFRJ. Atualmente é Professora Adjunta da UFRJ Campus Macaé e do NUTES UFRJ. Contato: nandantunes80@gmail.com.

POR QUE ACREDITAMOS EM FAKE NEWS?

NASCIMENTO, Francisco

RESUMO

Este artigo analisa o fenômeno comunicacional das *Fake News*, sua composição e relação com a era da pós-verdade. Desvelado seu funcionamento e intencionalidade, que é a de enganar, é discutido o papel dialógico das culturas na escola, acompanhando as ideias de Snyders para a construção de uma educação emancipadora, que no respeito as culturas e aos indivíduos, se caracteriza como uma perspectiva de educação Freiriana. Ao final, um exemplo de prática de ensino/aprendizagem capaz de contribuir para a construção de uma leitura crítica de mundo, é apresentada.

Palavras-chave: Cultura. Fake News. Paulo Freire. Pós-Verdade.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the communicational phenomenon of Fake News, its composition and the relationship with the post-truth era. Once the operation of a Fake News and its intentionality, which is to deceive, have been dismembered, we held a discussion on the dialogical role of cultures in school, following Snyders' ideas for the construction of an emancipatory education, which respects cultures and to individuals, it is characterized as a perspective of Freirean education.

Keywords: Culture. Fake News. Paulo Freire. post-truth.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o fenômeno comunicacional das *Fake News* com o objetivo de caracterizá-lo como consequência de uma educação desconexa dos princípios Freirianos. O estudo tem como base o levantamento histórico a respeito de uma conhecida *Fake News* (CATHCART, 2015) e a contraposição do processo de sua construção com os prepostos para uma educação emancipadora a partir dos trabalhos de Freire (1987) e Snyders (1988).

Para o início deste diálogo resgato uma história muito famosa, largamente divulgada e promovida através de diversos sítios na internet e que pode ser familiar ao leitor. Ela se passa em 1815, ao final das guerras Napoleônicas, e conta que Nathan Rothschild, fundador da filial Londrina do banco de sua família, havia presenciado o desenrolar final da batalha de Waterloo. Ao constatar a vitória das forças inglesas lideradas pelo Duque de Wellington sobre os franceses, Nathan partiu em disparada para a Inglaterra, não medindo esforços para chegar a Londres antes dos mensageiros oficiais. Conseguiu, tornando-se assim capaz de divulgar um boato de que a Inglaterra havia perdido a batalha, causando pânico na cidade e derrubando o preço de todas as ações de empresas negociadas na bolsa de valores local. Ele teria, então, comprado todas essas ações e obtido um lucro mirabolante no dia seguinte, com a chegada dos mensageiros oficiais e a informação correta sobre a derrota de Napoleão.

De acordo com essa história, esta seria a origem da grande fortuna dos Rothschild, e de como ela se tornou uma das famílias mais ricas de toda a Europa. Trata-se, entretanto, de uma fábula já desmentida diversas vezes, que carece de evidências históricas, cuja origem foi desvelada em 2015 pelo jornal britânico "The Independent".

Em 1846, Georges Dairnvaell escreveu e divulgou essa história com o objetivo de atacar a honra dos Rothschild, em uma propaganda antissemítica.

Optei por iniciar esta análise a partir de um caso esclarecedor a respeito da identidade das *Fake News*, um termo em inglês cuja tradução literal para o português seria "Notícias Falsas" e que vem atribuindo diferentes significados para uma mesma significação: a mentira com finalidade. Como esclarece a professora Jaciara de Sá Carvalho na aula 14 do **Curso "Paulo Freire em Tempos de Fake News" – Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, sobre o termo:

"[...] As *Fake News* não são necessariamente no formato de notícias, como nós conhecemos [...] de um modo geral, elas são um conteúdo intencionalmente

produzido com a intenção de enganar aqueles que as leem, que as assistem ou simplesmente aqueles que as ouvem” (EAD FREIRIANA, 2020b)

Seu uso é característico da época em que vivemos, que vem sendo chamada “era da pós-verdade”, em que as pessoas decidem acreditar ou não nas informações que recebem, sem que isso implique em sua veracidade, de acordo com suas próprias convicções: a escolha é feita a partir de afinidades pessoais, sendo julgado verídico tudo aquilo que está consoante seus valores e crenças, atribuindo-se ao contraditório o título de *Fake News* – uma mentira destinada a aviltar seu posicionamento, substituindo-o por uma irreabilidade.

Por isso apresento a história dos Rothschild no início deste debate, para nela identificar alguns conceitos que consideramos caros ao entendimento das *Fake News*:

- As *Fake News*, como fenômeno da comunicação, são característica da era da pós-verdade, mas não surgiram com ela, estando presente em toda a história da humanidade: o que mudou foi sua capacidade de propagação pelas novas tecnologias;
- O discurso das *Fake News* possui ideologia e intenção, que é a negação da realidade, substituindo-a por outra que proporcione ganho material ao enunciador;
- Elas são largamente utilizadas em tempos de conflito, seja ele militar, social ou de interesses econômicos, porque são mais facilmente recebidas como verdade em tempos de crise;
- As *Fake News* nunca contam uma história isolada, sempre apresentando uma narrativa em laços que produzem aspecto de veracidade a si mesmas. No caso apresentando, foi espalhada uma informação falsa respeito de uma família que teria enriquecido através do uso de uma informação falsa.

Trata-se de uma leitura do mundo desprovida de crítica, como se ao ler a história da Branca de Neve, o leitor enunciasse em voz alta a história da Chapeuzinho Vermelho, negando-se a reconhecer aquilo que lê. Este pode parecer um exemplo simplório para o fenômeno das *Fake News*, mas se o comportamento é adotado com o intuito de enganar, fazendo passar a história da Chapeuzinho Vermelho pela da Branca de Neve, é uma aproximação válida. Agora, considere que a pessoa que ouve a história consegue ver a capa do livro e ali lê o título “Branca de Neve e os Sete Anões”, uma história que já conhece, mas que não reconhece naquela que

está escutando. Ainda assim o enunciário decide que aquele enunciado deve ser tomado por verdadeiro, por uma questão de posicionamento ideológico pessoal.

UM PROBLEMA PARA A EDUCAÇÃO

Esclarecido o conceito das *Fake News*, gostaria de discutir agora como é possível interpretá-lo como uma exploração malvada de uma falha na leitura do mundo de quem a ouve, que é a falta da consciência crítica.

A leitura do mundo, que precede a leitura da palavra (FREIRE, 1991), é o contexto que dá sentido ao texto da vida do indivíduo, é onde se encontra o conjunto de valores e conhecimentos que cada um categoriza como cultura própria. A leitura do mundo capaz de distinguir entre verdades ou inverdades, fato ou ficção, conteúdo impostor ou verdadeiro, é tema de suma importância para a área da educação, dado seu papel na libertação dos educandos das diferentes correntes de opressão que o aprisionam: a mais cruel dentre elas talvez seja a leitura do mundo pelos olhos do opressor, o que requer da educação uma renovação cultural em sua abordagem. Como apresenta o professor Moacir Gadotti, na aula 01 do curso “Paulo Freire em Tempos de Fake News”,

“[...] Nosso trabalho é o esclarecimento, enquanto educadores [...] nós temos um dever, como seres humanos, de esclarecer as coisas e não de simplesmente, de forma ingênua, receber informações falsas.” (EAD FREIRIANA, 2020a)

Nesta mesma aula o professor Gadotti salienta a diferença entre estar bem informado e saber o que está de fato acontecendo. Decerto, no boato sobre Nathan Rothschild, os britânicos ao receberem a notícia da vitória de Napoleão teriam se considerado bem informados, mas sem a menor ideia do que estaria realmente acontecendo. Do mesmo modo, as pessoas que receberam o panfleto em 1846, quando a história foi inventada e circulada (CATHCART, 2015) também podem tê-la considerado informação valiosa, ainda que se trate de um conhecimento falso.

A lição que se apreende dessa breve análise é de que ao receber uma informação, é necessário avaliá-la de forma crítica, para não correr o risco de se assumir bem-informado ao se encontrar em plena ignorância dos fatos.

E aqui chegamos à importância de se compreender os ataques aos trabalhos e a imagem de Paulo Freire através das *Fake News*, o que só pode ocorrer se

desvendarmos o mistério que envolve sua aceitação: o que leva uma pessoa a acreditar em uma *Fake News*? Para responder a essa questão é necessário entender as diferenças culturais que, ao menos em tese, deveriam ser dialogados na escola, espaço dedicado a realçar o papel do sujeito em sua vida através da leitura do mundo, auxiliando a se tornar capaz de dizer sua palavra e escrever sua história. Afinal, não é esta a contribuição universal de Paulo Freire?

DIÁLOGOS CULTURAIS

Cultura, em uma concepção Freiriana, pode ser considerada como o conjunto de elementos capazes de prover de sentido a vida do sujeito. Daí a valorização dos diferentes saberes, das diferentes experiências de vida, sem que haja entre eles nenhum tipo de hierarquização, tratando a todas as pessoas como iguais em suas diferenças.

Este é o caminho para uma educação libertadora, que não pode ser percorrido somente com o uso de inovações comportamentais ou metodológicas, como pode ocorrer em determinadas escolas de caráter privado. Para contribuir para a experiência de vida dos educandos, despertando-os para a consciência crítica através de sua leitura do mundo, é necessário que a educação praticada seja aquela que Freire (1987) nos apresenta em sua “Pedagogia do Oprimido”, publicada pela primeira vez em 1962.

A educação que Freire nos apresenta em sua obra é uma introdução, e não uma definição, ao despertar para a importância do sentimento de prazer em sua prática. Não nos referimos aqui ao prazer decorrente do emprego dos sentidos, mas ao sentimento que educadores e educandos devem experimentar por suas vidas, por estarem vivos e por viverem como vivem. É o prazer ao qual o pedagogo francês George Snyders (1988) se refere como “satisfação cultural”, que considera poder ser alcançado como consequência de um processo de renovação escolar:

[...] para dar alegria aos alunos, coloco minha esperança na renovação dos conteúdos culturais. A fonte de alegria dos alunos, não a procuro inicialmente do lado dos jogos, nem dos métodos agradáveis, nem do lado das relações simpáticas entre professores e alunos, nem mesmo na região da autonomia e da escolha: não renuncio a nenhum destes valores, mas conto reencontrá-los como consequência e não como causas primeiras (SNYDERS, 1988, p. 13)

Em sua análise sobre a escola, Snyders (1988) identifica a presença de duas culturas distintas que disputam a primazia desse espaço, as quais chama de Culturas Primeira e Elaborada, sendo cada uma composta por diferentes elementos constitutivos.

A Cultura Primeira é formada pelos sentimentos de satisfação, de alegria e prazeres dos educandos, típicos do consumo da mídia de massa. A Cultura Elaborada, pelo conhecimento significativo a ser acessado através da escola, possibilitando aos indivíduos o controle de suas histórias pessoais e coletivas.

E é nesta ruptura que o autor encontra uma das bases para um dos problemas enfrentados pela educação, a concepção estática de sociedade:

A Cultura Primeira é aquela próxima da pessoa, pois é formada pelas “alegrias simples” que o autor considera como fontes inegáveis de satisfações legítimas, englobam gostos e interesses pessoais como a religião, o partido político, a música, esportes, TV, as mídias sociais e a leitura de revistas de histórias em quadrinhos de super-heróis, por exemplo.

Embora esses prazeres não sejam encontrados na escola, Snyders (1988) considera compatíveis os caminhos da escola e das alegrias proporcionadas pela cultura de massa, não encontrando incompatibilidade entre eles. É neste caminho que considera possível proporcionar alegria aos educandos através da renovação dos conteúdos culturais no espaço escolar.

Entretanto, encontramos na fronteira entre as culturas Primeira e Elaborada um espaço a ser preenchido por certezas capazes de fortalecer a leitura de mundo do sujeito, ainda que esta ocorra de modo enviesado: uma vez que a escola não promova o diálogo entre essas culturas, optando por estabelecer entre elas uma relação de hierarquia, o que ocorre é um processo de colonização cultural, um ato de silenciamento do educando para que deixe de dizer a sua palavra e passe a repetir a da escola.

EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO

Neste cenário que visitamos, que é a ausência de uma educação emancipadora, como poderíamos exigir da parte do educando que realize uma leitura crítica a respeito das informações que recebe, quando essas informações estão em desacordo com as crenças e valores presentes em sua Cultura Primeira? Se a Cultura Elaborada, quando lhe foi apresentada, agiu como elemento colonizador e não dialógico, como esperar de sua parte uma ação em sua defesa?

A escola pode cercear a liberdade ao adotar práticas que não respeitam as diferenças, utilizar instrumentos como a censura e a criminalização da figura do professor, pode ensinar ao sujeito que suas crenças pessoais são superiores às demais. Reforçar seus preconceitos e convencê-lo da existência de um inimigo que constantemente atenta contra seu modo de vida. Não deve, mas pode e em muitos casos, é o que faz.

Por outro lado, a escola pode fortalecer a liberdade, assumindo a concepção de educação Freiriana, que é a ação construtora de uma prática educativa mediada pelo mundo e não a seu serviço

Como exemplo podemos citar o projeto de uma das “Oficinas do Saber” realizadas pelo Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro (CIEPS): trata-se de uma atividade que parte do jogo de RPG para ensinar Ciências, e que vem contribuindo para desenvolver o desempenho dos educandos nas práticas de redação.

Uma “Oficina do Saber” corresponde ao espaço dedicado, trimestralmente, a um projeto de base interdisciplinar, realizado por professores do CIEPS em horários específicos, com a assessoria de estudantes estagiários das Licenciaturas Interdisciplinares da Universidade Federal do Sul da Bahia (Campus Sosígenes Costa). Os professores são livres para propor e construir projetos no formato de oficinas, nas quais os alunos do Ensino Médio escolhem (ou não) se inscrever. O RPG, sigla em inglês para o jogo de interpretação de papéis, é uma oficina de teatro verbal, onde os participantes interpretam falas e atitudes de personagens em situações contextualizadas por um narrador externo.

Esta oficina toma por base a criação de uma narrativa de fantasia, escolhida pelos alunos, onde seus personagens interagem com situações relacionadas ao campo das Ciências da Natureza. Cabe a cada educando redigir o “diário pessoal” de seu personagem, onde além dos acontecimentos da narrativa do jogo, deve também responder “por que essa personagem é assim?”. Por se tratar de um diário pessoal, mesmo que fictício, a aparência é importante e cada educando constrói um caderno artesanalmente para si. Como atividade final, todos são levados para a biblioteca em posse dos diários de seus personagens, onde devem discutir a relação entre os livros das estantes e seus diários. A roda de conversa termina com a estruturação de uma visão da Ciência como construção humana e a troca de diários, para que cada educando leia e analise a história de vida de outro personagem, explicando sua razão de ser.

Se toda criança, jovem, adulto ou idoso for compreendido como membro em formação de uma sociedade ainda não formada, que necessita enfrentar as

condições de sua existência, assim como a própria sociedade a que integra, o fenômeno comunicativo das *Fake News* encontrará sua merecida extinção.

REFERÊNCIAS

CATHCART, Brian (3 de maio de 2015). «The Rothschild Libel». Independent. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/the-rothschild-libel-why-has-it-taken-200-years-for-an-anti-semitic-slur-that-emerged-from-the-10216101.html> Consultado em 28 de maio de 2020.

EAD FREIRIANA. Curso '**Paulo Freire em tempos de Fake News - Edição 2020**'. Videoaula 1 – A Noção de Fake News, Pós-Verdade e as Contribuições de Paulo Freire à Educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, mar./jun. de 2020a.

EAD FREIRIANA. Curso '**Paulo Freire em tempos de Fake News - Edição 2020**'. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno Fake News e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, mar./jun. de 2020b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Coleção O mundo de hoje. 17 Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam** 25a ed., São Paulo-Cortez, 1991(coleção Polemicas do nosso tempo, v.4).

NASCIMENTO, Francisco; PIASSI, Luís Paulo. **Crise de identidade: gênero e ciência nos quadrinhos de super-heróis**. Tese (Doutorado) –Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo, Manole, 1988.

Francisco Nascimento é licenciado em Física, mestre em ensino de Ciências e doutor em Educação pela USP; professor adjunto no IHAC da Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Sosígenes Costa. Contato: francisco.nascimento@ufsb.edu.br.

A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE: NO CONTEXTO DO AVANÇO DO NEOCONSERVADORISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

SOUZA, Gabriely Cristine de

RESUMO

Paulo Freire (1921-1997) foi declarado Patrono da Educação Brasileira no ano de 2012. Suas concepções sobre educação e sociedade, suas obras possuem um alcance internacional e uma relevância acadêmica, sem ser academicista porque é centrado na práxis e no compromisso com os oprimidos. Porém, no momento sociopolítico atual que culminou com a eleição do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) em 2018, com o avanço do neoconservadorismo na sociedade brasileira, no país de origem de Freire, suas obras e suas ideias são alvos de ataques nos discursos políticos e nos meios digitais. Freire é atacado devido a seu pensamento que defendia uma educação democrática e crítica e uma sociedade mais justa e igualitária, que vão contra as ideias do movimento neoconservador, que defende uma educação acrítica e utilitarista e que quer a manutenção da sociedade como está. A partir desse contexto, e das informações e reflexões propostas pelo Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, surgiu o presente artigo, que tem como objetivo analisar brevemente o contexto atual do neoconservadorismo na educação brasileira, com a perspectiva da atualidade do pensamento de Paulo Freire para combatê-lo no sentido das ideias, reforçando e reinventando o pensamento que Freire defendia. Desse modo, para o desenvolvimento deste artigo, parte-se de pesquisas bibliográficas. Considerando todos os pressupostos, é válido afirmar que o pensamento de Freire é mais do que necessário nesse momento, em tempos em que há pessoas defendendo o individualismo e o fim de políticas públicas, é urgente reforçar pensamentos como os de Freire que prezam pela afetividade.

Palavras-chave: Educação. Neoconservadorismo. Paulo Freire.

ABSTRACT

Paulo Freire (1921-1997) was declared a Patron of Brazilian Education in 2012.

His conceptions about education and society, his works have an international reach and academic relevance, without being an academic because is centered on praxis and commitment to the oppressed. However, in the current social-political moment that culminated with the election of President Jair Bolsonaro (without political party) in 2018, with the advance of neo-conservatism in Brazilian society, in Freire's country of origin, his works and his ideas are targets of attacks in political discourses and in digital media. Freire is attacked due to his thought that defended a democratic and critical education and a more just and egalitarian society, that go against the ideas of the neo-conservative movement, that defend an uncritical and utilitarian education and that want the maintenance of society as it is. From this context, and from the information and reflections proposed by the Course 'Paulo Freire in times of Fake News' – Edition 2020, conducted by EaD Freiriana of the Paulo Freire Institute, this article arose, which aims to briefly analyze the current context of Neo-conservatism in Brazilian education, with the perspective of the current thought of Paulo Freire to combat it in the sense of ideas, reinforcing and reinventing the thought that Freire defended. Thus, for the development of this article, bibliographic researches are based. Considering all the assumptions, it is valid to say that Freire's thinking is more than necessary at that moment, in times when there are people defending individualism and the end of public policies, it is urgent to reinforce thoughts like Freire's that value affection.

Keywords: Education. Neo-conservatism. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire (1921-1997) tornou-se conhecido no Brasil no início de 1963, quando seu método de alfabetização de adultos foi divulgado em ampla campanha publicitária promovida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, já que o governo do estado empregou o método de alfabetização de adultos de Paulo Freire, iniciado na primeira experiência em Angicos (RUCKSTADTER; SOUZA, 2020). A primeira turma da experiência de Angicos concluiu o curso no dia 2 de abril de 1963, sendo 300 pessoas alfabetizadas em 40 horas. Paulo Freire enfatizou, nesse momento, os princípios científicos e filosóficos do seu método, propondo uma educação que conscientizasse o povo brasileiro e superasse a compreensão predominantemente mágica, por uma visão crítica do saber, e em que os alfabetizandos seriam os sujeitos de sua própria história (GADOTTI, 2014). Pela repercussão de sua experiência de alfabetização, o educador foi designado para assumir a coordenação nacional do Programa Nacional de Alfabetização, criado na passagem de 1963 para 1964 (RUCKSTADTER; SOUZA, 2020). Porém, enquanto desenvolvia esse Programa, o educador foi preso e exilado pelo Golpe Civil-Militar de 1964, e esse Programa que seria implantado pelo então Presidente da República João Goulart e previa a importância da participação popular na luta contra o analfabetismo, foi extinto pelo novo regime (GADOTTI; ABRÃO, 2012).

Passado mais de 30 anos do fim da Ditadura, Freire voltou a ser alvo de ataques nos discursos políticos e nos meios digitais, especificamente devido a suas obras e as ideias que defendia, por pessoas que apoiam movimentos neoconservadores, já que seu pensamento se opõe ao pensamento antidialógico, mercadológico e individualizante do neoconservadorismo. Isso com a nova onda intolerante e conservadora que assola o Brasil após 2015, com o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, até os dias atuais do governo Bolsonaro. O contexto sociopolítico de 2015 até os dias atuais é marcado por uma ampla campanha midiática de criação de um antipetismo e um discurso de anticorrupção, que culminou, com a contribuição das redes sociais, como o WhatsApp, no compartilhamento em massa de notícias falsas, entre outros fatos, na eleição do atual presidente que possui forte vertente neoconservadora.

Assim, vale dizer que Freire é combatido pelos adeptos do movimento neoliberal e, especificamente, pelos adeptos do neoconservadorismo, que possuem interesse na educação tradicional “Bancária”, que serve ao meio empresarial, em que o professor “deposita” seus conhecimentos nas mentes de seus alunos, que só recebem essas informações de maneira mecânica e acrítica, sem atribuir significado algum, sem que o estudante possa participar integralmente do seu processo de ensino-aprendizagem, já que não interessa aos que estão no poder,

que são, geralmente, os adeptos a esses movimentos, que os sujeitos pensem, isso tudo para continuar com a estrutura excludente e desigual brasileira. A educação estaria a serviço da domesticação e da alienação ou estaria a serviço da conscientização e da liberdade. Seu método foi criado seguindo a ideia da educação a serviço da conscientização, que seria um instrumento para a passagem da consciência transitivo-ingênua para a transitivo-crítica (FREIRE, 1967). Essa educação, a educação denominada por Freire de libertadora, é “uma constante prática da liberdade e do diálogo” (KIMIECIKI, 2018, p. 167). Ela é uma proposta de educação em que os docentes e os discentes, mesmo sendo diferentes, devem ser os sujeitos cognitivos, os agentes críticos do ato de conhecer (KIMIECIKI, 2018). Proposta essa que se opõe a proposta de educação neoliberal e neoconservadora.

Freire é referenciado em diversos países. Porém, no Brasil, país onde nasceu seu pensamento está sendo julgado e atacado, como mencionado acima. Dessa maneira, surgiu a problemática de pesquisa: O pensamento de Paulo Freire é atual diante deste contexto do avanço do neoconservadorismo? Assim sendo, o presente artigo visa, de modo geral, analisar brevemente o contexto referido do neoconservadorismo na Educação brasileira, bem como apresentar algumas das concepções de Educação para Paulo Freire, e como seu pensamento pode contribuir para enfrentar este avanço do neoconservadorismo. É válido afirmar que o pensamento de Freire é mais do que necessário nesse momento, em tempos em que há pessoas defendendo a não reflexão por parte dos estudantes, o individualismo e o fim de políticas públicas, é urgente reforçar pensamentos como os de Freire que prezam pela afetividade. O presente artigo é proveniente de um estudo realizado a partir do Curso ‘Paulo Freire em Tempos de Fake News’ - Edição 2020, realizada pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire.

NEOCONSERVADORISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES

O movimento neoconservador surge após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, especificamente em meados dos anos 1960 e 1970. Esse movimento passou a ser construído a partir de ideias decorrentes dos grupos dos velhos conservadores e dos libertários, como afirma Moll (2010 apud LIMA; HYPOLITO, 2019, p. 07), “ao mesmo tempo em que neoconservadores incorporam princípios dos velhos conservadores – afirmam a centralidade da sociedade [...] baseados em uma série de valores morais comuns –, passam a defender, também, um foco no indivíduo e na sua capacidade de escolha”. Assim sendo, esse movimento sofreu influência do neoliberalismo, já que tinham um foco no indivíduo e na livre economia.

Os neoconservadores [...] partiam do mesmo princípio dos neoliberais, acreditando que a interferência do governo na economia e os programas sociais geravam inflação, endividamento, prejuízos à produtividade e, mais do que isso, desestimulavam o trabalho e a inovação. Portanto, afetavam a produtividade e enfraqueciam o país. Acima de tudo, o Estado teria passado a perseguir um igualitarismo pervertido e abstrato e para isso usurpou o lugar da família, da igreja e da comunidade, enfraquecendo esses laços supostamente naturais. Como consequência, os jovens passaram a valorizar a leniência, a dependência, o consumo de drogas, a pornografia e o sexo. Isso teria aumentado a criminalidade e enfraquecido os Estados Unidos. Desse modo, os problemas morais derivavam do Estado totalizante. Por isso, além de medidas econômicas, seria necessário reforçar os valores clássicos ocidentais para prover a base normativa para os Estados democráticos, liderados por homens capazes [...] (MOLL, [201-?], p. 2-3).

No Brasil, essas ideias chegaram rapidamente através de canais políticos, intelectuais e midiáticos transnacionais, e as diferenças entre essas duas ideologias do campo da direita também estão presentes. Pode-se citar, como exemplo, que nos últimos anos, a Rede Globo, que é uma emissora com tendências neoliberais, defendendo um plano econômico baseado no corte de gastos, principalmente, nas políticas públicas, ao mesmo tempo, apresenta em sua programação algumas concepções progressistas, mesmo que limitadas, como questões de gênero, racismo e defesa do meio ambiente. Assim, grupos no mesmo campo da direita, só que com tendências neoconservadoras, passaram a atacar a emissora, a partir de premissas moralistas. No congresso brasileiro, políticos como Aécio Neves (PSDB-MG) e alguns quadros do seu partido se aproximam do modelo neoliberal. Já políticos como Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e o Presidente Jair Bolsonaro (sem partido) frequentemente se aproximam do ideal neoconservador. Todos eles defendem políticas de austeridade e ajuste fiscal. Contudo, o primeiro adota uma postura pragmática ao passo que os outros dois adotam um discurso moralista baseado, inclusive em pressupostos cristãos fundamentalistas (MOLL, [201-?]). Paulo Freire presenciou mais a chegada do neoliberalismo, já que o neoconservadorismo tornou-se mais presente no Brasil na última década, mas o pensamento e a prática educativa para ambas ideologias são semelhantes, assim, o avanço do neoliberalismo na sociedade brasileira preocupava Freire, uma vez que:

A educação não pode orientar-se pelo paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um “fator humano”. O ato pedagógico é democrático por natureza, o ato empresarial orienta-se pela “lógica do controle”. O neoliberalismo consegue naturalizar a desigualdade [...]. Por isso, Paulo Freire chama nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da subjetividade democrática, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural (GADOTTI, 1997, on-line).

Há três correntes de ideias neoconservadoras no Brasil: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o antigo anticomunismo, porém, pela delimitação do artigo, é válido explicar somente as duas primeiras correntes. O libertarianismo defende o menor Estado possível e entende que qualquer situação que tenha origem em mecanismos de mercado é justa por si, por mais desigual que pareça. Já o fundamentalismo religioso, vem se tornando uma força no Brasil desde os anos de 1990, considerando não somente todas as denominações protestantes, como também a presença do setor mais conservador da Igreja Católica (LIMA; HYPOLITO, 2019).

Um exemplo que se pode citar da corrente do fundamentalismo religioso, que envolve a Educação, é o movimento Escola Sem Partido. O Escola Sem Partido se define como uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis, cujo objetivo do grupo é barrar o que chamam de um exército organizado de militantes travestidos de professores que utilizam-se da liberdade de cátedra para, como eles mesmo falam, “doutrinar” seus alunos com a sua própria visão de mundo (LIMA; HYPOLITO, 2019). Tal movimento foi fundado em 2004, pelo advogado Miguel Nagib. O movimento Escola Sem Partido foi citado também pelo professor Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020a.) que afirmou que a escola é um terreno de disputas de concepções, assim, a escola pode tanto fortalecer a liberdade quanto cercear ela, criminalizando os professores, silenciando as vozes, como o projeto do Escola Sem Partido, que quer silenciar as vozes de professores e educandos. Ademais, Gadotti afirmou que esse movimento é conservador, e se há um movimento de defesa da doutrinação no Brasil, é esse Escola Sem Partido, já que é esse projeto que não propõe o diálogo, pelo contrário, quer silenciar vozes. Em outra videoaula do curso supracitado, Mafra (EAD FREIRIANA, 2020b) explicou que neste contexto do avanço do neoconservadorismo, há um ataque aos Direitos

Humanos, ao diálogo, a qualquer posição que defenda a humanização e que vai contra o modelo capitalista atual estabelecido que causou e causa muitas desigualdades. O educador Paulo Freire foi um grande defensor de todas estas causas que envolvem a defesa do humano, da igualdade, e contra este sistema excludente. Esses ataques são unilaterais, são violações sociais, que suprimem o diálogo. O pensamento de Freire e seu legado promove um empoderamento dos oprimidos e oprimidas, ao entender que a sociedade está sendo, mas que pode ser transformada, e que o ser humano é inacabado, condicionado, mas não determinado, assim, pode e deve intervir na sociedade (FREIRE, 1996). Quem tem como proposta um modelo de dominação, como o movimento Escola Sem Partido, tem como estratégia minar qualquer empoderamento, criticidade.

A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE: COMBATE E ESPERANÇA

Paulo Freire defendia uma Educação significativa, que valorizasse os saberes prévios dos estudantes e o diálogo. Assim, considerando todo este contexto supracitado, Freire é atual não só pelo seu legado, mas por ter desenvolvido ideias muito originais sobre o processo de aprender e ensinar. Como exemplo, ao afirmar que o ato educativo não é um processo de transmissão do conhecimento, mas que o ato educativo é um processo do-discente, quem aprende ensina e quem ensina aprende, não deixando de reconhecer a posição do discente e do docente, mas de saber que o processo do conhecimento ocorre de maneira dialógica, portanto a Educação Bancária que ele criticava não faz a promoção de sentido que sua pedagogia propõe, muito menos agora, com toda a disponibilidade de conhecimento que se tem disponível nos meios digitais, Assim, é necessário que os educadores construam com os educandos novos saberes, como foi mencionado pelo professor Jason Mafra na videoaula do curso.

A aprendizagem, na ótica neoliberal, realça apenas o chamado “conhecimento útil” e os aspectos individualistas e competitivos. Não se trata de deslocar a tônica da educação para a aprendizagem. Trata-se de garantir, por meio de uma educação com qualidade social, a aprendizagem de todos os cidadãos e cidadãs que deve ser “sociocultural” e “socioambiental” (PADILHA, 2007 apud GADOTTI, 2016, p. 58).

Dessa forma, para Freire a educação não está apenas no ato de aprender, mas na qualidade do que se aprende. A questão é garantir uma aprendizagem transformadora, no conteúdo e na forma. Sua concepção de Educação é o

contrário da concepção da aprendizagem sustentada pelas políticas neoliberais e neoconservadoras, que é centrada na responsabilidade individual, em que a solidariedade é substituída pelo individualismo e pela competição. Freire considerava a sociedade desigual, seu pensamento, para além da educação democrática, é de uma sociedade democrática, que dialoga, que pensa nas diversidades culturais, que é transformadora no sentido de conscientizar os estudantes para promoverem uma nova sociedade, sem opressão, mais justa e mais humana.

Há princípios que Freire aborda em seus livros, e que a professora Jaciara de Sá Carvalho (EAD FREIRIANA, 2020c.) explicou em sua videoaula, que ajudam a combater, enfrentar, neste contexto neoconservador, as desinformações, como a curiosidade, que é própria do ser humano, mas precisa ser transformada em epistemológica para que ocorra reflexão crítica. Há também a escuta, que é a abertura para o outro, para o diferente, para o contraditório, sem escuta não há diálogo e, por fim, a amorosidade, que é necessário em meio ao ódio vivenciado também na mídia no geral. Desse modo, o pensamento educacional e do mundo de Freire é muito atual e necessário. Freire nos inspira uma esperança, de que "a melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível ser feita hoje, é fazer hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã o que hoje também não pude fazer" (FREIRE, 1996, p. 12). Essa esperança pode ser traduzida pelo conceito do Inédito Viável, uma vez que o ser humano é condicionado, mas não é determinado, é sim inacabado, há sim algo inédito em via de ocorrer, uma sociedade como Freire defendia e que cabe aos seres humanos, a educação transformadora promover.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nome de Paulo Freire está muito ligado a sua metodologia de alfabetização de jovens e adultos, porém essa metodologia encontra-se em uma base epistemológica. Desde seus primeiros textos, há uma concepção de sociedade, de Educação, de ser humano, e sem essas concepções a metodologia freiriana não pode ser compreendido em sua totalidade.

Por fim, pôde-se apreender que Freire tinha esperança na Educação e na humanidade, para ele a esperança faz parte da natureza humana e pode ser geradora de mudança. Nesta perspectiva, seu pensamento e seus conceitos relacionados à Educação e a uma sociedade transformadora servem como uma inspiração e uma base para enfrentar o contexto atual de avanço do neoconservadorismo. Assim

sendo, Freire é muito atual e necessário neste período por defender e pensar uma sociedade mais justa e solidária e não individualista, passiva e competitiva como ocorre com o neoconservadorismo. Ademais, Freire lutou por uma Educação mais significativa, com diálogo e reflexão, que continua sendo muito necessária, ainda mais considerando o avanço do fenômeno supracitado.

REFERÊNCIAS

- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news'**. Módulo 2, Videoaula 1 – A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação – Ministrado por Moacir Gadotti. Instituto Paulo Freire. Edição 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news'**. Módulo 2, Videoaula 9.1 – Paulo Freire no contexto do “Império contra-ataca” – Ministrado por Jason Maфра. Instituto Paulo Freire. Edição 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news'**. Módulo 2, Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno Fake News e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo – Ministrado por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire. Edição 2020c.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir; ABRÃO, Paulo (Orgs.). **Paulo Freire: anistiado político brasileiro**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- GADOTTI, Moacir. Alfabetizar e Politizar. Angicos, 50 anos depois. **Foro de Educación**, v. 12, n. 16, p. 51-70, 2014.
- GADOTTI, Moacir. Educação Popular e Educação ao Longo da Vida. In: NACIF, Paulo Gabriel Soledade. et. al. (Org.). **Coletânea de textos CONFITEA Brasil +6: tema central e oficinas temáticas**. Brasília: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf. Acesso em: 25 mai. 2020.
- GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 ago. 2020.
- KIMIECIKI, Domingos. Educação Libertadora. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 165-167, 2018.
- LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, 2019.
- MOLL, Roberto. **Diferenças entre neoliberalismo e neoconservadorismo: duas faces da mesma moeda?** [201-?]. Disponível em: <http://ieei.unesp.br/portal/wp-content/uploads/2016/11/>

Diferen%C3%A7as-entre-neoliberalismo-e-neoconservadorismo.pdf. Acesso em: 17 ago. 2020.
RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano; SOUZA, Gabriely Cristine de. "Um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida": trajetória biográfica e intelectual de Paulo Freire (1921-1997). In: PEREIRA, Ana Lúcia; SOUZA, Antônio Carlos de; BRÍGIDO, Edimar; GABRIEL, Fábio Antonio; MARTINEZ, Flávia Wegrzyn Magrinelli (Orgs.). **Ágora**: fundamentos epistemológicos e pesquisas avançadas em educação. Vol. 2. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 225-236, 2020.

Gabriely Cristine de Souza é graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP/*Campus* Jacarezinho. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UENP – Fundação Araucária.
Contato: gabysouza090198@gmail.com.

A LEITURA DE MUNDO A PARTIR DA OBRA QUARTO DE DESPEJO: UM DIÁLOGO COM A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE

CARVALHO, Iago Vilaça de

RESUMO

Este artigo visa incentivar a abordagem da literatura como caminho para problematização da realidade brasileira em sala de aula, a partir do diálogo Freireano com a leitura de mundo da autora Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, corroborando para a defesa de uma educação para a liberdade.

Palavras-chave: Desigualdade. Leitura de mundo. Pensamento crítico. Quarto de despejo.

ABSTRACT

This article aims to make connections between the contributions of Paulo Freire and the Brazilian social reality from the world reading by Carolina Maria de Jesus, in her work *The Trash Room*, corroborating for the defense of an education for freedom.

Keywords: Critical thinking. Inequality. The Trash Room. World reading.

INTRODUÇÃO

Em seu livro *Educação como prática da Liberdade*, Freire (1967) inaugura as bases para sua pedagogia e seu pensamento, baseando-se nos dilemas da sociedade brasileira. Ele faz uma breve trajetória pelos sucessivos acontecimentos na vida econômica, social e política que modificaram significativamente os arranjos sociais do país. Ao passo que permaneceram velhas estruturas, sejam políticas ou mentais, sustentadas nas lógicas coloniais e oligárquicas.

Assim foi com a urbanização e formação dos grandes centros, que apesar de abrir os horizontes para a democracia e novas possibilidades de vida, também criam e recriam formas de dominação. O **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire nos fez perceber que ainda não superamos antigos desafios, decorrentes dessas formas de dominação presentes no contexto capitalista nacional e global. Pelo contrário, estes desafios ganharam novos contornos e se intensificaram, mediados pelos avanços científicos. Tais desafios permeiam diferentes esferas da vida, mas pensaremos aqui, mais precisamente, na esfera da educação. Por isso, olhamos agora para o contexto do conhecimento educacional, pautado nas contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas, apontados pela prof.^a Dr.^a Luiza Cortesão (EAD FREIREANA, 2020a).

Dentre outras contribuições, está a dimensão antropológica da palavra cultura. Nesta concepção, todas as atividades humanas que incidem sobre o ambiente, modificando-o, podem ser consideradas como cultura. Além disso, pensando neste sentido de cultura, passamos a identificar não apenas uma cultura única¹, e sim, culturas. Isso porque a partir desse conceito, cada ser humano pode ser compreendido como um produtor de cultura.

Sob esta ótica, considero a literatura como um campo do conhecimento humano capaz de trazer importantes contribuições. Para isso, trago duas hipóteses: a primeira é que a produção literária permite o acesso à dimensão subjetiva das impressões humanas sobre o mundo, modificando nosso próprio ser e estar no mundo, e operando como fonte e veículo de cultura. Isto porque a literatura motiva outro modo de atuação no mundo, ou seja, motiva novas formas de produzir e reproduzir cultura.

A segunda hipótese é que a literatura pode produzir a comunicação e o anúncio das vozes silenciadas dos oprimidos. Isso porque os sujeitos menos abastados e seus modos de ser e de estar no mundo não são valorizados no processo educativo

¹ Em referência à crítica de Adiche (2019) às narrativas e histórias que nascem a partir das relações de poder geopolítico nas sociedades ocidentalizadas, e que suplantam as narrativas e histórias de outras populações.

tradicional (FREIRE, 2011). Dessa forma, as culturas e saberes desses sujeitos não ganham destaque nos currículos, materiais didáticos e salas de aula. Por isso, quando a literatura emerge dos oprimidos de maneira engajada, é possível romper com este silêncio e valorizar o conhecimento produzido através destas culturas ignoradas pelos reguladores do processo educativo.

É o caso da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (JESUS, 2014), escrita por Carolina Maria de Jesus, uma autora negra, favelada e semianalfabeta que ganhava a vida como catadora de papel na cidade de São Paulo. Na obra está impressa a narrativa da angústia da fome e das desigualdades social, racial e de gênero na capital paulista, no final da década de 1950. Uma análise crítica da realidade que guarda em seus sentidos grande potência e sensibilidade sobre temas para além dos limites da favela em que morava.

Sendo assim, a fim de valorizar a produção epistêmica da Literatura - e rompendo com as fronteiras estabelecidas entre o conhecimento científico e o sensível - trazemos a leitura de mundo a partir de *Quarto de Despejo* (JESUS, 2014). O relato e as análises no referido livro podem nos fornecer outras formas de enxergar a realidade brasileira, sobretudo, pelo olhar de dentro da favela. Este olhar é fruto da vivência num contexto complexo e atravessado por diversas tensões, que não foram superadas, como a violência do Estado, o suicídio, o sexismo, o racismo, a falta de acesso à água, à alimentação e à saúde adequadas, entre outras.

Apesar destas questões já serem problematizadas no âmbito científico, a perspectiva de quem vive estas tensões vai além de um olhar distante e compadecido, que estes temas muitas vezes recebem da academia. Para Jesus (2014), por exemplo, a leitura e a escrita são refúgios para sobreviver e para denunciar a realidade, da mesma forma que a educação pode ser um caminho para a busca por novos mundos possíveis. Desta forma, o artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da literatura, que emerge dos oprimidos, como meio para fomentar a prática pedagógica comprometida com a formação cidadã. Para isso, realizaremos uma leitura de *Quarto de Despejo*, a partir das contribuições de Paulo Freire.

UMA POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO

Carolina Maria de Jesus enxergava na leitura uma possibilidade de ampliar as possibilidades de vida e as oportunidades, bem como via na escrita uma forma de inscrever-se *no* mundo e *com* o mundo. Esse papel transformador da educação também está presente na pedagogia de Paulo Freire. Para ele, a educação comprometida com as mulheres e homens é uma educação comprometida com a

liberdade e com a libertação dos oprimidos e com aquelas e aqueles “que neles se descobrem e [...] com eles lutam” (FREIRE, 1987, p. 15).

Quando falamos desta educação, não podemos desconsiderar a dura realidade revelada por Jesus (2014), que muitas vezes se oculta por trás das estatísticas e das manchetes de jornal. Uma realidade que, apesar de muito sofrimento, não permite à Carolina se distanciar da palavra escrita², com a qual ela também lê o mundo, sempre consciente de sua posição social e dos interesses e das dinâmicas do poder. A autora escreve: “Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014, p. 32). E ainda: “Há de existir alguém que lendo o que escrevo dirá...isto é mentira! Mas, as misérias são reais. ... O que revolto é contra a ganancia dos homens que que espremam uns aos outros como se espremisse uma laranja” (JESUS, 2014, p. 46).

Nesse sentido, além do conceito de cultura abordado anteriormente, podemos pensar no conceito de politicidade (EAD FREIREANA, 2020a), um aspecto indissociável da prática educativa comprometida. Este conceito nos convida a pensar a educação não só trazendo o conhecimento através dos conteúdos, mas através dos contextos individuais e da realidade, de forma problematizadora. Este é o exercício de problematização é feito pela literatura de Carolina, o que pode inspirar a prática docente não apenas de maneira didática, mas de maneira humana. A exemplo do seguinte trecho:

“15 de Maio Tem noite que eles [moradores da favela] improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

- Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos (JESUS, 2014, p. 32).

Nesta passagem, a autora usa o termo “vizinhos de alvenaria” para se referir às classes mais abastadas, que argumentam que os pobres são protegidos pelos políticos. Esse pensamento das classes mais altas respalda a desumanização dos mais pobres, visto que, no contexto da fala de Carolina, os moradores são impedidos de manifestações festivas. Ou seja, além da falta de acesso à recursos

2 A escrita de Carolina possui indícios ortográficos de sua falta de escolaridade, que cursou apenas até a segunda série do primário. No diário ficou preservado o marcador social da falta ou parcialidade de acesso à educação escolar, por isso, também optarei por transcrever as citações na íntegra, sem corrigir a escrita da autora.

que garantem a plena cidadania, a população mais pobre ainda é vista como detentora de uma cultura de menor prestígio³.

Esta crítica se aproxima com a crítica de Francisco Weffort apontada em seu capítulo *Educação e Política* (in FREIRE, 1967, p. 01-26). Weffort comenta a visão simplista que a elite e a classe média assumem sobre a “marginalização social e política da grande maioria da população” (FREIRE, 1967, p. 13). Os dirigentes, que antes encaravam o analfabetismo – muito atribuído à população do campo e aos demais marginalizados – como uma condição social que freava o desenvolvimento nacional, agora, passam a considerar a origem desta frenagem nos próprios analfabetos. Assim,

Criam uma imagem preconceituosa sobre os trabalhadores do campo e sobre todos os demais setores marginalizados do processo político. Passam a associar com muita facilidade a “ignorância”, isto é, a ausência de cultura formal no estilo das classes médias e dos oligarcas, à “indolência” e à “inércia” (FREIRE, 1967, p. 13).

Nesta crítica, Weffort apresenta uma sequência de pensamentos da elite, e que são incorporados no imaginário social brasileiro. Pensamentos que não condizem com a realidade da maioria da população, mas que, no entanto, demonstram uma falta de postura crítica. Sobre isso, hooks (2013, p. 45) escreve que quando incorporamos este tipo de discurso que inverte as reais dinâmicas do poder que reforçam a dominação por meio de inverdades, “nossa capacidade de enfrentar a realidade diminui severamente, assim como nossa vontade de intervir e mudar as circunstâncias de injustiça”. Por isso, quando a educação se alinha com este tipo de discurso, está se alinhando também à esta postura acrítica.

Mais adiante Carolina retoma à questão:

Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparecem aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. Este ano já tivemos a visita do candidato a deputado Dr. Paulo de Campos Moura, que nos deu feijão e ótimos cobertores. Que chegou numa época oportuna, antes do frio (JESUS, 2014, p. 45-46).

Neste trecho, a autora revela uma lúcida noção da marginalidade de seu contexto e de como apesar das mazelas que sua situação econômica lhe presta, ainda sim, esse lugar é visto como privilégio por cidadãos de maior poder aquisitivo. Além disso, o interesse político sobre o eleitorado de sua comunidade é um tema recorrente, numa época que pouco se avançou na minimização das desigualdades sociais. A contestação de Carolina só é possível mediante uma dose de politicidade. Dessa forma, *Quarto de despejo* nos convida a assumir uma postura crítica no que se refere a perceber criticamente as informações.

Nesse aspecto, retomo a fala de bell hooks (2013, p, 45) que alerta sobre o “consumo cultural coletivo de desinformação” como um obstáculo para a interpretação crítica da realidade. De um lado, o pensamento crítico está ausente entre as classes dirigentes da população; do outro, o quadro geral de nossa educação é o de desalinhamento com uma base emancipatoriamente crítica. Assim, podemos inferir que está instaurado é um cenário propício para a continuidade (ou até do aumento) da despolitização.

É possível pensar, desse modo, na atualidade da obra de Carolina de Jesus, e do pensamento de Paulo Freire, em relação ao fenômeno das *fake news*. Parece ser indispensável para os dias de hoje lutar por acesso à informação verdadeira e lutar pelas estruturas democráticas atacadas por essas falsas notícias (EAD FREIREANA, 2020b). Ainda nesse sentido, a educação para a cidadania e a formação crítica e engajada se tornam imperativas para a vida coletiva.

Outra questão que podemos perceber nas linhas de Carolina Maria de Jesus é uma dicotomia utopia-desesperança. Para a autora, “a democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os politicos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia” (JESUS, 2014, p. 39). Essa postura desgostosa frente ao processo político, ainda muito presente na contemporaneidade, revela uma descrença nos projetos de governo e nas conquistas da democracia, o que abre espaço para o escalonamento do autoritarismo, através da reação neoconservadora (EAD FREIREANA, 2020c).

Já em *Educação como prática da Liberdade*, Freire (1967) também problematiza esta desesperança como uma consequência da histórica incapacidade criativa e autônoma do Estado brasileiro de buscar soluções para seus problemas. Este, por sua vez, recorre a modelos e estrangeirismos para solucionar problemas ou edificar o próprio pensamento nacional. Como estas soluções tomadas de empréstimo não são contextualizadas para o cenário nacional, “não frutificam. De tanto insistirem essas sociedades nas soluções transplantadas, terminam as suas gerações mais velhas por se entregarem ao desânimo e a atitudes de

inferioridade” (FREIRE, 1967, p. 52). Sufocada, a esperança passa a desabitatar no coração dos cidadãos, sobretudo na população marginalizada.

Também é possível perceber em Carolina o desejo de contribuir com o mundo, de ser sujeito da história, de transitivar-se e de ter sua humanidade restituída, mas que, no entanto, este desejo se vê atravessado por outras questões:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil, porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para minha mãe:

- Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os politicos distante de povo. Eu cançava e sentava. Depois começa a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para minha mãe:

- O arco-íris foge de mim (JESUS, 2014, p. 53-54).

Nesta passagem, Carolina traz à tona sua percepção do privilégio que é reservado aos homens, no que se refere ao reconhecimento e à valorização de narrativas. Para a autora, as personalidades que ganham destaque nas narrativas históricas são as personalidades masculinas. Desse modo, ela escreve que, para ser considerada pela historiografia oficial como sujeito, seria necessário realizar tamanha façanha quanto alcançar um arco-íris. Esta é uma crítica à nossa sociedade, fundada num paradigma anglo-europeu, notadamente masculino e branco. Um paradigma que, assim como a classe política, não está alinhado às demandas e anseios da população pobre.

Além do machismo estruturante da sociedade, a autora também critica o preconceito racial, para além dos episódios de racismo sofridos na favela:

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro tambem. A natureza não seleciona ninguem (JESUS, 2014, p. 65).

Por se preocupar com a materialidade de tais questões, Carolina expressa seu desejo por igualdade e justiça social, ao mesmo tempo que percebe a estrutura racializada da sociedade brasileira, um retrato de um sistema global complexo onde “o mundo é como o branco quer” (JESUS, 2014, p. 70). Sendo assim, podemos perceber nela o inédito viável (EAD FREIRIANA, 2020a) como uma possibilidade de lidar com a realidade que, por um lado, demanda um compromisso com a matéria física das relações sociais e com o mundo tal qual nos é dado. E por outro, um compromisso com a matéria da utopia e da esperança, tal qual um futuro melhor nos é possível.

CONCLUSÃO

Este artigo pretendeu incentivar a abordagem da literatura periférica como uma possibilidade reflexiva para compreender a realidade brasileira, a partir da discussão de alguns aspectos da obra *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* sob um olhar Freiriano. Uma realidade perpassada por assimetrias de poder fundadas em paradigmas e estruturas racializadas e genderizadas. Tais estruturas se firmam nas bases de uma política que desconsidera as classes socialmente marginalizadas.

Destaco que os pontos de intercruzamento entre a obra de Paulo Freire e a obra de Carolina Maria de Jesus são ainda muito atuais pois partem de leituras de mundo profundas e questionadoras. Leituras que dialogam com a situação não superada dos oprimidos e esfarrapados do mundo, seja na periferia da cidade ou do campo. Esta situação está em muito atravessada pelo não acesso à direitos básicos, por narrativas de fome e pela exclusão social, racial e de gênero.

Por fim, pensar nas questões que nos são colocadas pela contemporaneidade, como a desinformação e as *fake news*, é também pensar em problemas seculares e que ainda não foram dissolvidos. Num contexto de disputa de narrativas onde o controle da informação e do capital se dá de maneira cada vez mais desproporcional, percebemos os abismos sociais se alargarem, ao passo que as inovações tecnológicas e científicas parecem estreitar distâncias.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho, abr. 2020b.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 15 – Paulo Freire frente a onda neoconservadora mundial. Ministrada por José Eustáquio Romão. Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. ed. 23. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

Iago Vilaça de Carvalho é graduado em licenciatura em Química e estudante de mestrado em Ensino de Ciências e Saúde pela UFRJ; bolsista de pós-graduação pelo Programa de Excelência Acadêmica da CAPES. Contato: iago.v.carvalho@gmail.com.

PERCURSOS DA ESCUTA E DA CURIOSIDADE NA AULA DE ARTE NA ESCOLA PÚBLICA

SOUZA, Isadora Massoni de

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a prática da arte educação com ênfase na dança na escola pública, como terreno propício para a construção de uma educação cada vez mais emancipadora contrapondo-se à educação bancária, no exercício da escuta e da curiosidade crítica em sala de aula.

Palavras-chave: Arte humanizadora. Dança. Educação emancipadora. Escola pública.

ABSTRACT

This article presents a reflection on art education with an emphasis on dance at the public school, as a fertile ground for the construction of critical and emancipatory education as opposed to banking education, in the practice of hearing and critical curiosity in the classroom.

Keyword: Dance. Emancipating education. Humanizing art. Public school.

I. INTRODUÇÃO

O presente artigo, apresenta uma reflexão sobre meu processo como professora de arte, licenciada em dança, na escola pública, no qual foi necessário mediar, junto aos educandos e educandas, o diálogo entre uma visão de “educação bancária” (FREIRE, 2016), presente na escola, e uma visão de educação humanizadora e crítica - um legado de Paulo Freire - a qual me orienta.

A abertura às culturas dos alunos e alunas em uma relação pedagógica horizontal, bem como a valorização de seus conhecimentos e de seu contexto, pode ser entendida pela escola de visão bancária como uma brecha para a indisciplina, para a bagunça e para os conflitos interpessoais. Ainda mais quando se propõe mais movimento corporal a um ambiente acostumado com o corpo parado e sentado.

No processo de desestabilização das relações pedagógicas verticalizadas surgem conflitos e desafios a serem superados por meio do diálogo e da problematização dos entendimentos da comunidade escolar. O objetivo deste artigo é discutir sobre a prática dos saberes da escuta e da curiosidade em uma aula de arte - saberes tanto da arte de viés humanizador como da educação emancipadora - e sua contribuição nesse processo de construção de uma outra aula possível, superando aos poucos, a educação bancária e tornando-a cada vez mais emancipadora.

II. EDUCAÇÃO BANCÁRIA X EDUCAÇÃO EMANCIPADORA NA ARTE

A “educação bancária” (FREIRE, 2016), mesmo em Arte, também visa transferir conhecimentos ausente de discussão e de problematização. Sobre a história da arte e sobre as maneiras e técnicas de criar - nas artes cênicas, na música e nas artes visuais - estimulando a reprodução mecanizada, sem reflexão, de modelos de arte muito distantes da realidade dos alunos e alunas, excluindo a sua possibilidade de entrar em contato com seu próprio universo, interno e do entorno, e com sua necessidade própria de expressão.

Esta educação não está aberta à cultura das crianças e nem contribui para seu crescimento e desenvolvimento crítico. Nela não há escuta, portanto, a curiosidade, o desejo de aprender e a necessidade de expressar dos educandos não tem espaço para conduzir e orientar o caminho do aprendizado na experiência da arte.

Para Freire, a escuta, não é “a capacidade auditiva e cordial de ouvir o que o outro está falando”, mas sim, “a abertura para o outro, a abertura para o diferente, a abertura para o contraditório”, segundo a Profa. Dra. Jaciara de Sá Carvalho (EAD

FREIRIANA, 2020), na videoaula do Curso Paulo Freire em tempos de fake news – Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire.

Estar aberto é disponibilizar-se a experienciar com respeito e com amor o diferente, ou o que é novidade, o que causa incômodo ou produz uma pergunta. É, também, a disponibilidade para “estar entre” – interessar-se – e no “entre”, parar, ficar, observar e logo, transformar-se no encontro com o outro, questionando as próprias certezas e propondo reflexões.

Na educação humanizadora e crítica a escuta é uma premissa e, na arte de viés humanizador, também. A curiosidade dos educandos e educandas é o que move o caminho do estudo e o educador e a educadora tem a função de construir junto a eles e elas um espaço para o aprendizado da autonomia em seu próprio processo de aprender, tornando-o cada vez mais crítico por meio do estudo e da problematização.

A visão de arte humanizadora pode ser fundamentada pelo pensamento dos artistas brasileiros das artes cênicas, Klauss Vianna¹ (1928-1992) e Angel Vianna², precursores desta visão de arte no Brasil, contemporâneos a Paulo Freire. Para Klauss Vianna, a arte que não está a favor do crescer e do autoconhecimento, a arte que não tem como objeto de investigação a própria vida e o corpo presentificado do artista, não tem sentido prático no mundo.

Quando uma técnica artística não tem um sentido utilitário, se não me amadurece nem me faz crescer, se não me livra de todos os falsos conceitos que me são jogados desde a infância, e não facilita meu caminho em direção ao autoconhecimento, então não faço arte, mas apenas um arremedo de arte. (VIANNA, 2005, p.72-73)

A visão de dança e consequentemente de arte de Vianna é humanizadora pois entende o artista como um pesquisador e não como uma pessoa que tem capacidades mágicas de criar; e também, porque entende que cada um pode desenvolver e explorar sua linguagem própria, de acordo com suas necessidades de expressão, se desvencilhando, pouco a pouco, de modelos pré estabelecidos de arte por meio da investigação crítica e presentificada: “A dança deve ser abordada com base na sensibilidade, na verdade de cada um.” (VIANNA, 2005, p.76).

1 <<http://www.klaussvianna.art.br/> - acesso em 26/08/2020>

2 <<https://www.angelvianna.com.br/> - acesso em 26/08/2020>

No processo de ensino-aprendizado dessa arte humanizadora o saber da escuta é uma premissa, assim como na educação emancipadora e crítica, pois fundamenta a abertura às culturas dos educandos e educandas como o ponto de partida da educação. Entretanto, na arte, o entendimento da escuta também vai além pois relaciona-se com a atenção aos processos do corpo de cada um na relação com o ambiente: “A atenção propicia a escuta do corpo” (MILLER *apud* NEVES, 2010, p.12).

Na Técnica Klauss Vianna³, um desdobramento artístico e científico do pensamento da “Família Vianna” (MILLER, 2012), a atenção é estudada em três níveis que se inter relacionam para o desenvolvimento do processo de investigação do movimento e da criação em dança: a atenção a si, ao espaço e ao outro. Uma atenção que se intensifica com o estudo e o aprimoramento da percepção cada vez mais sensibilizada do corpo com o ambiente. Assim, a curiosidade ganha espaço para voltar-se, também, ao corpo próprio, criticizando-se no estudo detalhado e presentificado de si mesmo em relação com o ambiente.

Ao propor na escola, junto ao estudo da arte, um estudo do corpo de cada um, abre-se espaço para a valorização e a exploração dos sentimentos, emoções, possibilidades e limites de movimento e desejos de expressar das crianças no processo de tomar decisões em sala de aula. E essa oportunidade de expressar-se por inteiro é muito importante para seu desenvolvimento. Sua vida, a qual vivencia com seu corpo, pode tornar-se seu material de estudo.

O diálogo dos pensamentos de Paulo Freire, na educação, e de Klauss Vianna, na arte, faz sentido pois nossa leitura do mundo não está separada da leitura que fazemos de nós mesmos, de nosso corpo. Criticizar a nossa leitura do corpo, do que somos, sentimos e de como agimos por meio do movimento, contribui, também, para a criticização de nossa leitura do mundo e vice e versa.

III. ESCUTA E CURIOSIDADE: PERCURSOS PRÁTICOS

Quando abrimos, pela primeira vez, espaço para o movimento na sala da escola, as crianças confundem o momento de estudo do movimento com o momento do livre brincar, e a escola o lê como uma bagunça e o quer proibir, sem entender que é um processo a construção desse novo tipo de estudar.

Se a visão de educação bancária está presente na escola predomina o entendimento de que a sala de aula, a “hora de aprender”, requer sentar-se, calar-se e ouvir a professora, aceitando sua transferência de conhecimento. Não há espaço nem

3 A Técnica Klauss Vianna está sistematizada pela artista, pesquisadora e educadora brasileira Jussara Miller em seu livro “A Escuta do Corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna, São Paulo: Summus, 2007.”

para o movimento corporal e nem para o movimento das ideias a partir do diálogo e do questionamento.

A repetição da atitude “sentada e quieta” em sala faz com que as crianças aprendam que aprender, estudar e se concentrar para desempenhar as habilidades do estudar só é possível nessa relação cadeira-silêncio-imobilidade. O “escutar” é confundido com “ouvir” e entendido como um dever pautado pelo medo de serem repreendidas.

Quando a aula se abre a sua participação e a relação professora-alunos se horizontaliza, perdem a referência do silêncio do medo e precisarão aprender a envolverem-se pela aula por curiosidade, pelo desejo de aprender e de se expressar.

Será que a atitude de escuta pelo medo é realmente “escutar” ou é fingir “escutar”? O medo nos abre ao outro, ao diferente, ou nos fecha? É preciso trabalhar outra escuta com elas, a escuta da curiosidade como nos ensina Freire, para assim superar a curiosidade ingênua criticizando-a, aprendendo a serem pesquisadoras.

Segundo o pensamento de Freire, conforme nos apresenta Jaciara de Sá (EAD FREIRIANA, 2020), a curiosidade crítica ou epistemológica é uma atitude de investigação e observação crítica do objeto, uma atitude de estudo, onde nos distanciamos do objeto para estudá-lo.

A curiosidade ingênua e seu vir a ser crítica pode ser trabalhada em relação até mesmo à própria aula. Foi o que percebi do processo com meus alunos e alunas: a própria aula tornou-se um objeto de estudo, com todas as suas camadas de relações, pois ela mesma gerou inquietações e perguntas; logo, a própria aula de arte foi objeto de investigação da área de conhecimento arte. Esse foi o começo essencial para nós, eu como professora de arte novata e pouco experiente e eles e elas como inexperientes alunos de arte ou alunos de aulas mais democráticas e com mais movimento.

Foi necessário problematizar com as crianças a qualidade de sua escuta pois ela mesma era necessária para prosseguir no caminho do ensino. Se os alunos e alunas não desejam aprender nada o que a educadora vai ensinar? Para despertar a curiosidade das crianças foi necessário desafiá-las, convencê-las de que a dança e que a arte podem ser caminhos divertidos de investigação – e, além de divertidos, potentes e necessários, pois são áreas de conhecimento humano assim como as ciências biológicas, humanas e matemáticas.

Essa necessidade de começar pelo começo, estudando o próprio processo da aula, mostra a necessidade da escuta do educador e da educadora para a necessidade de seus alunos, deixar de lado a idealização de por onde “eu professora” quero

começar ou por onde um currículo estático e fechado indica o começo, para por onde se faz necessário começar pela leitura do mundo da sala de aula.

Para despertar as crianças à curiosidade (inicialmente ingênua), penso que é necessário abrir espaços para que vivenciem o movimento corporal improvisado e espontâneo que pode vir a ser dança e teatro, a exploração de sons corporais e dos objetos que pode vir a ser música e a exploração de materiais visuais e táctos que podem vir a ser uma obra de arte plástica. Experimentar vai abrindo seu apetite para o aprofundamento e para a investigação, abrindo caminho para a criticização da curiosidade.

Também é preciso problematizar sobre a qualidade dessa experiência: as crianças precisam sentir-se envolvidas com sua ação, tomar gosto pelo que estão fazendo, para isso, precisam sentir-se relaxadas e à vontade e não pressionadas e obrigadas a desenvolver algo satisfatório em busca da aprovação da professora. Precisam se libertar da ideia do certo e do errado, pois em arte o relevante é a experiência de cada um e sua busca por aprofundamento e desenvolvimento crítico.

Articulando o que produzem com o que os artistas e os mestres da cultura popular produzem e, utilizando o material didático não como uma regra ou uma meta, mas como material de pesquisa, que pode e deve ser problematizado, se abrem possibilidades para um estudo crítico da arte com as crianças, onde cada uma, além de desenvolver seu próprio conhecimento criando materialidades artísticas, também deve falar e escrever sobre elas e sobre seu processo, avaliando-o e sentindo-se convidada a construir seu próprio conhecimento.

Além de trabalhar a escuta das crianças para com a proposta da aula, trabalhar a sua escuta do corpo com o espaço potencializa seu envolvimento com o processo da aula de arte e com seu processo de desenvolvimento pessoal.

A atenção ao próprio corpo pode ser praticada de muitas maneiras. Em minha prática, com base na Técnica Klauss Vianna, iniciamos percebendo os ossos, nos apoios com as superfícies do espaço, seja na própria cadeira ou no chão. Ou, ao tocar-se com as mãos, tatear o formato e o tamanho dos ossos do corpo, por exemplo, percebendo a pequenice de cada falange dos dedos das mãos ou a grandeza do fêmur, o maior osso do corpo.

Fazer uma breve auto massagem nos músculos, ou na pele, com um toque muito suave, observar o movimento da respiração que expande a caixa torácica e chega a sentir-se até na barriga, repousar as mãos sobre o peito e perceber as batidas do coração, vai auxiliando a estarmos cada vez mais presentes no momento presente.

Junto a esse processo, ampliar a relação com a sala, explorando-a de maneiras não habituais, também vai ativando a atenção ao aqui e agora, por exemplo: reconhecendo os níveis do espaço (baixo, médio e alto) e o explorando, andando, engatinhando ou se arrastando como uma cobra no chão. Ou, dançando espontaneamente nesses níveis, improvisando os movimentos com a provocação de uma música, dos sons do ambiente ou do silêncio.

As carteiras da sala não precisam ser sempre retiradas, só reorganizadas de outras maneiras possíveis e logo rearranjadas para as outras aulas. Elas tornam-se obstáculos a serem contornados com dança ou entram para o jogo fazendo parte de alguma regra de troca de lugares, por exemplo.

Um lugar importante e esquecido é o fundo da sala e suas paredes laterais. Com a excessiva preocupação com a frente, onde a professora fica, onde está a lousa, nos esquecemos até de nossas próprias costas, nossa coluna vertebral, escápulas e da parte posterior do crânio. Observar e ocupar o fundo da sala em um jogo de movimento ou em uma proposta de sensibilização, pode ajudar a ampliar a percepção do espaço como um todo e de maneira mais equilibrada, além de propiciar outras possibilidades de movimento.

Uma estratégia para organizar trinta crianças se movimentando na sala é dividir grupos, enquanto uns dançam os outros observam ativamente para depois conversar sobre o que viram, ou, desenharam e pintam os movimentos dos colegas ou sobre o tema que está sendo trabalhado em uma folha de papel ou outra superfície. As crianças se envolvem muito com seu ato de desenhar, mesmo que com dificuldade em desenvolvê-lo, e isso as ajuda no treino da concentração, necessária, também, para dançar depois, em sua vez.

Dançar na sala da escola requer muita atenção, por isso, é um ótimo exercício. Há muito o que observar para poder manejar o espaço que se tem para o movimento, levando em conta os outros colegas, o tamanho da sala, os objetos que estão nela, para não machucar a si nem aos outros e para aproveitar do movimento com mais liberdade e segurança.

O objetivo é ampliar a compreensão do espaço da sala e as maneiras possíveis de estar com ele, ampliar as possibilidades de movimento do próprio corpo e fazer da aula um espaço de experimentação e criação de conhecimento diversificado. As possibilidades são muitas, é preciso inventar. Assim, aprendem que há diversas maneiras de estudar e de construir conhecimento, com a dança, com a arte e com as palavras; e todas essas maneiras envolvem o corpo e seu movimento.

IV. CONCLUSÕES FINAIS

Problematizando a qualidade da escuta das crianças e praticando a escuta atenta da curiosidade, foi possível construir, aos poucos, o processo da aula de arte de maneira mais ativa e participativa. Aprofundando o entendimento de que a aula depende de cada um pois é um espaço de trocas de conhecimentos e de culturas o qual a diversidade enriquece.

A relação professora e alunos e alunas inicialmente tensa e agitada por conta da transição a uma relação pedagógica horizontalizada, foi sendo ajustada por meio do diálogo e do exercício do respeito mútuo, o que possibilitou a criação de vínculos de cuidado uns com os outros em sala e favoreceu um ambiente de amizade propício ao aprendizado.

Dançar em sala de aula passou a ser um momento esperado com entusiasmo pelas crianças pois, gerador de leveza, em comparação com as outras aulas que acabam por esgotar a posição sentada e gerar cansaço. O momento do movimento trouxe alegria para o processo do estudo, ainda que com uma permanente necessidade de ajustes para sua melhor organização.

A sala de aula aberta aos processos do corpo, ao fluir dos sentimentos e dos pensamentos em trocas de conhecimentos e culturas, faz com que o processo de aprender e ensinar seja vivo e pulsante, sempre revigorado pelas decisões e necessidades do momento.

REFERÊNCIAS

- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 14 – Introdução aos fenômenos das Fake News e as contribuições de Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire, abr. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** - 60. ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia, Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar** - 24. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- MASSONI, Isadora. **A potência do Encontro Entre Klauss Vianna e Paulo Freire em Cursos de Dança: reflexões sobre o aprendizado da dança em cursos livres de arte, na instituição escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Técnica Klauss Vianna. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.
- MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna**. São Paulo: Summus, 2007.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?: Dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

NEVES, Neide. **A técnica como dispositivo de controle do corpomídia**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

VIANNA, Klauss. **A Dança** – 7. ed.. São Paulo: Summus, 2005.

Isadora Massoni de Souza é artista da dança, professora e pesquisadora na Arte e na Educação. Tem pós-graduação na Especialização em Técnica Klauss Vianna pela PUC-SP e é graduada e licenciada em Dança pela UNICAMP. Contato: isadoramassoni@gmail.com.

DOS ASPECTOS SUBJACENTES AO ATUAL DISCURSO POLÍTICO DA EDUCAÇÃO E SUA REJEIÇÃO AO LEGADO FREIREANO

DA COSTA, Leila Pessôa

RESUMO

Este artigo é fruto de um processo de reflexão empreendido a partir do Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, que tem como objetivo discutir alguns aspectos veiculados pelo discurso político educacional de um determinado grupo político, em especial os aspectos relacionados à má qualidade da educação no Brasil e a doutrinação marxista nas escolas. O primeiro aspecto é analisado semioticamente, considerando a significação e significantes que subjazem ao discurso político. Considera os dados do IBGE e a legislação federal que autorizam a leitura do universo de discurso da democracia que dialeticamente tem o conceito de legalidade articulado ao de legitimidade, perpassados pela ética e vontade política. Ampara-se ainda na análise do universo do discurso do sistema produtivo, no qual há uma tensão entre o capital e o trabalho e entre a elite e as massas. Observamos o esforço para a ampliação da oferta do ensino e qualificação para o trabalho, cujo empenho tem como referência as necessidades do capital e da formação de mão de obra especializada. O segundo aspecto, é analisado a partir da concepção metodológica dos Círculos de Cultura proposto por Freire, visto terem como princípios o diálogo, a participação, o respeito ao outro e essencialmente o trabalho em grupo e o processo de educomunicação. Concluímos que o discurso político educacional de um determinado grupo político é eficiente para encobrir a concepção ideológica que se ausenta da responsabilidade que tem frente ao processo educacional do nosso país.

Palavras-chave: Círculo de Cultura. Educação Emancipadora. Educomunicação. Fake News. Sociossemiótica

ABSTRACT

This article is the result of a process of reflection undertaken from the course "Paulo Freire in the fake news time - Edição 2020" and aims to discuss some aspects conveyed by the educational political discourse of a particular political group, especially the aspects related to the poor quality of education in Brazil and Marxist indoctrination in schools. The first aspect is analyzed semiotically, considering the significance and significance that underlie the political discourse. It considers the data of the IBGE and the federal legislation that authorize the reading of the discourse universe of democracy that dialectically has the concept of legality articulated to that of legitimacy, permeated by ethics and political will. It also supports the analysis of the discourse universe of the productive system, in which there is a tension between capital and labor and between the elite and the masses. We observe the effort to expand the offer of education and qualification for labor, whose commitment has as a reference the needs of capital and the formation of specialized labor. The second aspect is analyzed from the methodological conception of the Circles of Culture proposed by Freire, since they have as principles the dialogue, the participation, the respect to the other and essentially the work in group and the process of educommunication. We conclude that the educational political discourse of a certain political group is efficient to cover up the ideological conception that is absent from the responsibility that it has in front of the educational process of our country.

Keywords: Culture Circle. Emancipatory Education. Educommunication. Fake News. Sociossemiotics

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é discutir alguns aspectos veiculados pelo discurso político educacional de um determinado grupo político, em especial os aspectos relacionados à má qualidade da educação no Brasil e a doutrinação marxista nas escolas.

Apesar de conviver com esse discurso que permeia o meio acadêmico no qual atuo, a seleção desses aspectos se deu por estarem relacionados à minha atuação profissional de formadora de professores, atuando no curso de Pedagogia e de outras licenciaturas, à minha trajetória estudantil na PUC-SP, como ex-aluna de Paulo Freire a minha atuação no âmbito pedagógico das primeiras prefeituras petistas, entre outras ações, que incluem ainda o desenvolvimento da pesquisa Globalização e Educação (IPF, 2002/2008).

Minha vivência e a participação no **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire**, suscitaram essa reflexão que ora compartilho.

Esses dois aspectos selecionados, pouco evidenciam, para aqueles que não se dedicam às pesquisas educacionais, o que está subjacente a esse discurso. É preciso considerar que o processo de comunicação, por mais simples que seja, envolve pelo menos quatro fatores: os emissores, os receptores, um espaço público e os meios de comunicação.

Enquanto comunicação, possibilita um intercâmbio de signos, sinais ou símbolos de qualquer espécie entre as pessoas e todo discurso advindo desse processo tem uma intencionalidade. De acordo com Foucault (2002, p. 10), "o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar". Assim, ao nos depararmos com o discurso político educacional de um determinado grupo político é necessário explicitar o que na realidade ele manifesta, tendo como pressuposto os aspectos abordados durante o curso, e, em especial na videoaula 9 ministradas por Jason Mafra e Oscar Jara Holliday (EAD FREIRIANA, 2020b) além da videoaula ministrada por Ângela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha (EAD FREIRIANA, 2020a).

DA MÁ QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A qualidade da educação brasileira apresenta historicamente índices insatisfatórios se considerarmos as necessidades da população do país. Questões sobre a ineficiência do sistema escolar brasileiro são colocadas desde a metade do século passado até os dias de hoje e continuam válidas, visto que

A história mostra que a educação escolar no Brasil nunca foi considerada como prioridade nacional: ela serviu apenas a uma determinada camada social, em detrimento das outras camadas da sociedade que permaneceram iletradas e sem acesso à escola. (MARÇAL RIBEIRO, 1990, p. 15).

O Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020, elaborado pela organização Todos Pela Educação (TPE) com base nas 20 metas do Plano Nacional de Educação (PNE), evidencia que apenas 35,7% das crianças de 0 a 3 anos e 92,5% de jovens de 15 a 17 anos estão matriculados nas escolas (TPE, 2020, p. 22). O Censo Escolar de 2018 observa ainda que “a distorção idade-série alcança 11,2% das matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental, 24,7% nos anos finais e 28,2% no ensino médio” (BRASIL, 2019, p. 3).

Dados apresentados por Fracalanza (1999, p. 101) evidenciam o decréscimo dos investimentos na educação no período de 1980 a 1993, no estado de São Paulo, o que não é um caso isolado.

Se observamos que em 2017 o orçamento federal para a Educação, aprovado pelo Legislativo em 2020, foi de R\$ 108,6 bilhões e em 2019 de R\$ 102,9 bilhões, ilusoriamente poderíamos concluir um aumento de verbas para o setor, contudo, apesar do aparente aumento de recursos, em 2016 esse mesmo orçamento foi de R\$ 109,90 e em 2018 de R\$ 114,3 bilhões.

De forma geral, a educação tem avançado em nosso país, como por exemplo, no acesso à educação, cuja taxa de analfabetismo no país é de 6,6% e a de escolarização de 6 a 14 anos de idade (99,7%) (BRASIL, 2020), mas persistem ainda, problemas relacionados à qualidade e a permanência dos alunos no sistema.

Assim, ao analisar os dados relacionados à aprendizagem dos alunos e as metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), Bof (2016, p. 30) observa que “Muito há que se avançar para garantir a todos os estudantes brasileiros o direito à educação de qualidade com equidade”.

A diminuição de recursos para o setor da educação em um país que a considera “um direito social”, ou ainda como “direito de todos e dever do Estado e da família”, conforme estabelecido na Constituição Federal (BRASIL, 1988), nos autoriza a retomarmos alguns aspectos sobre o discurso democrático da educação.

Em estudos anteriores (DA COSTA, 2004 e 2006), baseados nos princípios teóricos da semiótica estabelecidos por Greimas e discutidos por Pais (1997, 1998), observamos ser necessário analisarmos a significação e significantes que subjazem ao discurso político, para que possamos melhor compreendê-lo.

Assim, os dados e a legislação aqui observados nos autorizam a leitura do universo de discurso da democracia que dialeticamente tem o conceito de legalidade articulado ao de legitimidade, perpassados pela ética e vontade política, autorizando-nos afirmar que é legal e legítimo o direito dos cidadãos a educação, mas isso não se legitima quando o Estado nega esse direito a uma parcela da sociedade.

Podemos ainda formalizar os valores do universo de discurso da Cidadania Plena (Pais, 1998) no qual direitos e deveres se sustentam, como contrários, numa tensão dialética.

O direito à cidadania plena, caracterizada pelo acesso à educação fundamental, coloca na dêixis negativa a massa, para quem a educação pública se destina, reservando à elite, na dêixis positiva, não só um maior número de anos de escolaridade, mas também, uma escolaridade que garante o direito à cidadania plena, reforçando inclusive que a organização social do sistema educacional está estreitamente vinculada ao sistema econômico vigente.

Os resultados das diferentes avaliações acerca da educação básica brasileira indicam que garantir a aprendizagem desejável para todos os alunos ainda é um grande desafio para o sistema educacional brasileiro e antes de ser um fator isolado da nossa sociedade, o fracasso escolar é antes de tudo fruto de uma política econômica – o capitalismo – que se faz à custa da marginalização da maioria dos brasileiros.

Na análise do universo do discurso do sistema produtivo, temos uma tensão entre o capital e o trabalho e entre a elite e as massas. A análise da legislação e dos dados da educação no Brasil nos permitiu observar o esforço para a ampliação da oferta do ensino e em especial da qualificação para o trabalho que há anos mobilizam nosso país, mas parte desse empenho tem ocorrido em função das necessidades do capital e da formação de mão de obra especializada e/ou ainda devido à preocupação em não romper o ordenamento social, em função das reivindicações

das massas (DA COSTA, 2004) e não para o exercício pleno da cidadania.

O discurso político educacional desse determinado grupo que culpabiliza Freire pela má qualidade da educação oculta na verdade, o que já observamos: procura isentar-se do que lhe compete, ou ainda, encobrir em função *de quem e para que* a educação que preconiza serve.

Explicitar os aspectos subjacentes no atual discurso político da educação brasileira desse determinado grupo, perpassa necessariamente por evidenciar o óbvio, pois “nem sempre o óbvio é tão óbvio quanto a gente pensa que ele é” (FREIRE, 1983, p. 92). Mafra ((EAD FREIRIANA, 2020b), ao discutir sobre o método ou uma filosofia freireana, salienta a importância de se pensar permanente a construção de saberes numa práxis dialógica e foi nesse sentido que fizemos a leitura do universo do discurso democrático, da cidadania e do sistema produtivo.

DA DOCTRINAÇÃO MARXISTA NAS ESCOLAS

O chefe de Estado brasileiro nessa gestão (2019-2022), com frequência faz alusões em seus discursos à ideologia marxista, que segundo ele tem permeado as ações do país, o que pode ser observado em sua fala quando anunciada sua vitória eleitoral: “libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que foram submetidos nos últimos anos”; ou ainda na sua posse: “o Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas [...] não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade” (TAVARES, 2019, p. 1).

Tavares (2019, p. 1) ao analisar essas falas, sob as quais evidencia-se o repúdio do Presidente ao “marxismo”, relembra a proferida por um dos ministros que assumiram a pasta da educação¹, de que “vai combater o lixo marxista nas escolas brasileiras”.

Não é objetivo deste texto discutir a concepção histórica do marxismo ou o que seja ideologia, mas evidenciar o que esse discurso quer coibir: a opção metodológica de uma certa forma de ver o mundo, ou seja, o método dialético de “ler o mundo”, presente na obra freireana e efetivado pelos Círculos de Cultura, como o discutido por Padilha (EAD FREIRIANA, 2020a).

Sobre a dialética, Ramirez (2019, p. 1) afirma que ela “é contradição e, por isso,

¹ No atual governo (2019-2022), foram designados para o Ministério da Educação os seguintes ministros: Ricardo Vélez Rodrigues de 01.01 a 08.04.2019; Abraham Weintraub de 09.04.2019 a 19.06.2020; e Milton Ribeiro de 16.07 até a escrita desse artigo, além de indicações que não se efetivaram.

representa um método distante do que vemos hoje, a avalanche de fake news e interpretações superficiais, ingênuas e toscas de textos filosóficos densos” e completa ainda que

[...] está-se apostando num mundo reencantado pela superstição, fatalismo e visão mística do mundo, idealismos grosseiros que têm como principal objetivo usurpar a consciência histórica. Toda censura a qualquer filosofia é um ato de repressão, tentativa de tornar as massas mais dóceis, úteis e acéfalas (RAMIREZ, 2019, p. 1).

Os Círculos de Cultura surgiram na década de 60 do século passado, como uma proposta metodológica a ser desenvolvida no processo de alfabetização de Jovens e Adultos trabalhadores, em substituição a uma postura escolar autoritária, tendo como pressuposto a importância do diálogo e da cultura daqueles que dele participam.

A metodologia do círculo de cultura tem como ferramenta o diálogo, numa perspectiva dialógica com a mediação de um coordenador e entende que o diálogo “se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos [...] a diferença não deve apenas ser respeitada. Ela é a riqueza da humanidade, base de uma filosofia do diálogo” (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1995, p. 9-10).

O diálogo nesse processo é uma ferramenta importante para que o grupo se estabeleça, pense, reflita e busque alternativas para superação dos problemas encontrados, colocando em prática “uma teoria do conhecimento que tem como dimensão principal a natureza dialógica da produção do saber” (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1995, p.12).

Freire (1967, p. 7) aponta ainda que “o ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem [...] se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica”. Padilha (2012, p. 1), acerca dos Círculos de Cultura no processo de ensino e de aprendizagem, acrescenta que neles “todas as pessoas participantes podem pesquisar, pensar, praticar, refletir, sentir, deliberar, ser, plantar, agir, cultivar, intervir e avaliar o seu fazer, num movimento permanentemente dialógico”.

Ao nos defrontarmos com a realidade da sala de aula e a multiculturalidade que nela se insere, emergirão dilemas e conflitos para os quais serão necessárias práticas

alicerçadas em bases éticas, capazes de dialogar com o contexto sociocultural e político que vivemos e tem como princípios e pressupostos àqueles propostos pelos Círculos de Cultura. Reiterando Padilha (EAD FREIRIANA, 2020a), é importante se pensar em um currículo intertranscultural em oposição a um currículo que se constrói de forma dialógica, criativa e ousada.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No decorrer do texto procuramos observar aspectos que permeiam o discurso político educacional de um determinado grupo político que tem na figura de Paulo Freire o seu alvo maior, atribuindo-lhe a má qualidade e o alegado marxismo presente nas escolas.

Observamos que o discurso manifesta ou oculta intenções e para compreendê-lo se faz necessário explicitá-lo e tomamos como referência a análise sociossemiótica de termos como a democracia e cidadania, contrapondo a intencionalidade do discurso e sua prática.

Evidenciamos que as acusações a Paulo Freire estão intrinsecamente relacionadas aos aspectos subjacentes ao discurso político educacional e à concepção metodológica dos Círculos de Cultura. Essa metodologia por ele proposta traz à tona princípios que tanto incomodam os atuais gestores federais, entre eles o diálogo, a participação, o respeito ao outro e essencialmente o trabalho em grupo. São esses princípios que podem contribuir para a superação da “consciência ingênua” com vistas a alcançar a “consciência crítica”. Esse processo é a força motriz capaz de operar mudanças na prática pedagógica, além de ser – o grupo – o coletivo como local de excelência para que elas se instaurem.

Contudo, sabemos que não há discurso que possa legislar ou legalizar uma prática pedagógica excludente, mas com certeza é eficiente para encobrir a concepção ideológica que se ausenta da responsabilidade que tem frente ao processo educacional do nosso país.

O curso, Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020, traz ainda muitos outros aspectos sobre os quais devemos nos debruçar para ampliarmos nosso espaço e ressignificarmos o processo educacional.

REFERÊNCIAS

- BOF, A. M. **A Aprendizagem dos alunos e os desafios do PNE**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2016.
- BRASIL (MEC/INEP). **Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília:DF, 2019. Disponível in: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf. Acesso em 15 jul. 2020.
- BRASIL (IBGE). Produto Interno Bruto – PIB. Disponível in: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em 11 set. 2020.
- BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988** de 5 de outubro de 1988. Disponível in: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 15 jul. 2020.
- DA COSTA, Leila Pessôa. Fracasso Escolar e avaliação: duas faces de uma mesma moeda. **Acta Semiótica et Linguística**, São Paulo, v. 10, p. 167-180, 2004.
- DA COSTA, Leila Pessôa. Para uma análise da propaganda no discurso político na educação. **Revista Brasileira de Linguística**, v. 14, p. 37-46, 2006.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaulas 4.1: Acervo Paulo Freire: patrimônio documental da humanidade e 4.2: O Círculo de Cultura como referência de metodologia ativa: por uma Pedagogia Intertranscultural. Ministrada por Ângela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaulas 9.1 – Paulo Freire no contexto do “Império contra-ataca” e 9.2 – Paulo Freire: um método ou uma filosofia? -. Ministrada por Jason Mafra e Oscar Jara Holliday. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRACALANZA, Paulo Sérgio. A gestão do Ensino Fundamental pelo governo do estado de São Paulo: Uma análise do financiamento e dos indicadores sociais de educação (1980-1993). **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 69, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995.
- MARÇAL RIBEIRO, Paulo Rennes. Educação Escolar no Brasil: Problemas, Reflexões e Propostas. **Coleção Textos**. Vol. 4. Araraquara, UNESP, 1990.
- PADILHA, Paulo Roberto. O “Círculo de Cultura” na perspectiva da intertransculturalidade, Grupo de estudo Paulo Freire, Faculdades Integradas de Taquara/RS (GEPFFACCAT). Disponível in:

<https://gepffaccat.files.wordpress.com/2012/10/o-cc3adrculo-de-cultura-na-persepectiva-intertransculturalidade-paulo-roberto-padilha.pdf>. Acesso em 15 jul 2020.

PAIS, Cidmar Teodoro. Conceptualização, Denominação, Designação: relações. In. **Revista Brasileira de Lingüística**. SBPL. Vol. 9. São Paulo: Plêiade, 1997.

PAIS, Cidmar Teodoro. Sociossemiótica, semiótica da cultura e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. In: **Anais** do VI encontro nacional da ANPOLL. Porto Alegre: ANPOLL, 1998.

RAMIREZ, Paulo. Nicolli. O significado do ataque ao marxismo no governo Bolsonaro. Jornal GGN. 06 de 01 de 2019. Disponível in: <https://jornalgggn.com.br/artigos/o-significado-do-ataque-ao-marxismo-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em 15 jul 2020.

TAVARES, Wendryll. Bolsonaro, ideologia e o Marxismo do Aveso. Ogro Historiador. 04 de Jan de 2019. Disponível in: <https://www.ogrohistoriador.com/bolsonaro-ideologia-marxismo-aveso>. Acesso em 15 jul 2020.

Leila Pessoa da Costa é pedagoga, licenciada em Matemática, mestre em Semiótica, Tecnologia de Informação e Educação; doutora em Educação para a Ciência e a Matemática e professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: lpcosta@uem.br.

(DES)CONSTRUÇÃO DO FAKE EM ENUNCIADOS SOBRE A AMAZÔNIA: DISCURSO E MANIPULAÇÃO À LUZ DE FREIRE E PÊCHEUX

MACHADO, Livian Aparecida Corsi

RESUMO

Objetivamos com este artigo refletir sobre dois recortes no Twitter a respeito das queimadas na Amazônia dados como Fake News enquanto estratégia de leitura por um prisma teórico-bibliográfico, com alvo na construção do sujeito-leitor consciente e crítico. A pesquisa orienta-se por um lado pela noção freireana, o modo de se ler o mundo e, por outro lado, pela Análise do Discurso (AD). Este conjunto teórico levará o leitor autonomamente deliberar sentidos e relações.

Palavras-chave: Amazônia. Análise do Discurso. Fake News. Noção freireana.

ABSTRACT

With this article, we aim to reflect on two snippets on Twitter about the burning in the Amazon, given as Fake News as a reading strategy through a theoretical-bibliographic prism, aimed at building the conscious and critical subject-reader. The research is guided on the one hand by the Freirean notion, the way of reading the world and, on the other hand, by Discourse Analysis (AD). This theoretical set will lead the reader to autonomously deliberate meanings and relationships.

Keywords: Amazon. Discourse analysis. Fake News. Freirean notion.

INTRODUÇÃO

Freire em seu livro "A importância do ato de ler" (1985) evidencia que para se ler um "texto", as "palavras" e as "letras" é imprescindível uma compreensão crítica do texto, uma "leitura" do mundo, que ultrapasse a mera decodificação, em que não aconteçam rupturas, mas um continuum.

Logo, é inviável um texto sem o seu contexto (1985) e, para tal, Freire evidencia a noção de integração contextual do homem (1967), pois dela resulta o homem Sujeito, que existe no tempo e no espaço determinado. O homem integrado é um Sujeito-leitor participativo, questionador, consciente e sobretudo crítico, capaz de transcender as práticas desumanizadoras.

Um dos grandes desafios do leitor moderno está na dominação pela "[...] força dos mitos, comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não. E, por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir" (FREIRE, p. 43, 1967). O sujeito leitor tem sido tratado como um espectador domesticado e "coisificado" em sua história, pois a classe dominante tem ditado as respostas e reflexões, e, por vezes, os caminhos que devem ser seguidos. O homem coisificado, não consciente, então se ajusta, pois exime-se de pensar, opinar e sentir, para atender a expectativa do outro (FREIRE, 1967).

Nessa esteira, considerando os efeitos e as consequências das desinformações ou notícias falsas, as noções freireanas (1967; 1985; EAD FREIRIANA. Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake News e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire, abr. 2020b) de *leitura de mundo, educação e conscientização* se tornam fulcrais para nossa análise. Diante disso, para pensarmos inicialmente as Fake News, no seu espaço de funcionamento, corroboramos que se faz necessário dizer que a internet é um veículo de informação rápida, poderosa e, por isso, capaz de influenciar devido seu alto teor atrativo de entretenimento e informativo, que permite que pessoas, em qualquer lugar do planeta, acessem notícias, lugares e fatos em questão de segundos (DELMAZO, VALENTE, 2018; EAD FREIRIANA, 2020b). De acordo com Dowbor, atualmente "temos uma imensa oportunidade da desmaterialização do conhecimento e da gratuidade de sua disseminação e o potencial que se abre: generalização de um processo planetário colaborativo e interativo de construção de conhecimento" (EAD FREIRIANA, 2020a).

Nesse sentido, esta pesquisa quer averiguar as práticas de comunicação que acontecem nas redes sociais, especificamente no Twitter, investigando as práticas

de leitura em enunciados de Fake News, considerando os hábitos de produção na internet, identificando seus usos sociais em ambientes virtuais. Estabelecemos o seguinte *norte de pesquisa*: efetivar reflexões de cunho teórico-bibliográfico, com alvo na construção do sujeito-leitor consciente e crítico, orientados, por um lado, pela noção freireana, o modo de se ler o mundo, e, por outro lado, pela AD. Dito isto, propomos nos valer de dois recortes de enunciados no Twitter que tematizam as queimadas na Amazônia, um deles dado como Fake News. Isto é, o tratamento da Fake News não se dará pela constituição inverídica, mas pelos modos de leituras que este objeto desperta: as Fake News, a priori, provocam no sujeito-leitor uma apreensão de mundo crítica, ingênua, fanática ou mágica (FREIRE, 1967), rica em informações históricas (PÊCHEUX, 2009), da qual o sujeito-leitor autonomamente deliberará sentidos e relações.

ANÁLISE

Pensemos em nosso corpus:

IMAGEM 1



Fonte – Twitter, 2019.

Enunciado do Presidente da França sobre as queimadas na Amazônia¹.

¹ Tradução do enunciado da Imagem 1: “Nossa casa está queimando. Literalmente. A floresta amazônica – os pulmões que produzem 20% do oxigênio do nosso planeta – está em chamas. É uma crise internacional. Membros da Cúpula do G7, vamos discutir esta primeira ordem de emergência em dois dias! [#ActForTheAmazon](#)”.

Essa Imagem 1 foi publicada no mundo no ano de 2019 pelo Presidente da França Emmanuel Macron e circulou rapidamente pelas redes sociais. Várias discussões sobre o desmatamento no Brasil estavam acontecendo neste momento e, devido a velocidade da informação que hoje é processada, transmitida e multiplicada, ampliou-se rapidamente, convertendo-se em notícia internacional. Isto, levou diversas figuras públicas (atores famosos e líderes do mundo) a compartilharem em suas redes sociais a mesma imagem, demonstrando seus posicionamentos sobre o aumento das queimadas na Amazônia. No entanto, descobre-se que a foto compartilhada pelo presidente francês, não correspondia ao ano de 2019, mas sim, ao ano de 2003, ou seja, a foto publicada era falsa. Dessa forma, desvela-se uma grande problemática que vivemos na atualidade, as notícias falsas, popularmente conhecida Fake News.

No tocante ao interdiscurso (a história dos discursos já ditos que “voltam” aos discursos presentes), temos a foto da queimada, acontecimento passado que se atualiza na queimada atual. Então, o uso de uma foto anterior (interdiscurso) para autorizar a pauta do G7 (Grupo dos 7 países - Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido) no enunciado atual (intradiscurso) é que produz o efeito de sentido de Fake News.

Diante do exposto, se usamos uma imagem antiga para defender uma ideologia de intervenção, mesmo que favorável a certo grupo (a Amazônia) é entendido de que forma pelos leitores? Dito mais teoricamente, se o discurso é “efeito de sentido entre interlocutores”, pergunta-se quais são os efeitos de sentido que se produzem nesta cena enunciativa? Como será a leitura deste acontecimento pelos leitores brasileiros, dos seguintes sujeitos: representantes brasileiros, presidente francês, membros do G7, chefes de Estado Mundiais?

IMAGEM 2



Fonte – Twitter, 2019.

Grupo de enunciados em resposta à fala do Presidente francês (Imagem 1).

A Imagem 2 nos mostra a atualização de sentido. Para a linguística, os sentidos sempre se atualizam, eles não se repetem, eles acontecem, isto porque a linguagem está sempre em movimento. O sentido que se produz depende de quem lê, como também depende de quem fala. Segundo Orlandi (2006), o sentido não é transparente, ele sempre pode ser outro, não é possível domesticá-lo. Dito mais teoricamente, se o discurso é “efeito de sentido entre interlocutores”, pergunta-se, quais são os efeitos de sentido que se produzem nas cenas enunciativas que envolvem os sujeitos de nosso corpus? Como será a leitura do acontecimento Fake News?

No enunciado da Imagem 1, a partir da identificação dos interlocutores, vários discursos e interpretações e múltiplos sentidos foram acontecendo. Dessa maneira, a leitura deve ser entendida como um lugar de construção de sentidos para o sujeito. Um sujeito que compreende estes sentidos a partir de suas histórias de leitura, suas relações sociais e culturais. Para Pêcheux (2009), o discurso é “efeito de sentido entre interlocutores”. Deste modo, todo discurso envolve interlocutores: quem fala e para quem fala. No discurso acima, temos um locutor que se desloca de “presidente da França” para “sujeito ativista ambientalista”, já que deixa a práxis de seu ofício (de ordem francesa) e deixa igualmente a língua de seu ofício de presidente (o francês) para a língua inglesa. Ao enunciar em inglês, Macron demonstra dirigir-se não só à França, mas ao mundo todo; ao falar de um objeto fora de sua República, a Amazônia, adota um discurso de ativista internacional. Fica claro também, de modo pressuposto, que aquele discurso de Macron envolve, nos seus dizeres, outros sujeitos, passivos e sem voz, mas ali presentes: aqueles que não fazem ou não conseguem fazer nada a respeito (efeito produzido pela foto), uma vez que não é um ativista brasileiro que pede ajuda, mas alguém deslocado de outro continente.

Diante disso, podemos nos perguntar: como garantir que o leitor leia adequadamente um texto, um enunciado se o seu conhecimento da língua não garante a compreensão do texto, de qualquer texto?

Como percebemos nas Imagens 1 e 2, são visíveis os múltiplos modos de leitura e independentemente de uma leitura ser ou não adequada, do ponto de vista de uma instituição ou uma ideologia, a AD se preocupa com os percursos de quem lê como lê. Para exemplificar, o leitor acaba lendo no texto o que já “sabia” antes (uma leitura fechada), às vezes ideológica, algo que ele já dominava, mesmo que o texto diga outra coisa. Podemos elucidar, conforme o discurso de um dos interlocutores, na imagem 2: “É nossa casa, e não a sua”. Esse interlocutor parte do pressuposto de uma certeza, de que o pronome possessivo “nossa” usado pelo presidente Macron,

no enunciado da imagem 1, estaria determinando domínio, posse ou usurpação de algo, por meio da força, do que não lhe é devido (POSSENTI, 2001). Lembrando que para a AD as interpretações são infinitas, pois um texto possui características complexas, devido ao interposto do *não-dito* (Ducrot, 1972). “Não-dito” significa não manifestado em superfície, a nível de expressão: mas é justamente este não-dito que tem de ser acessado a nível de atualização do conteúdo.

No que tange às formações ideológicas, constituídas pelo discurso da imagem 1: quanto é dito, “our house” (nossa casa), flagra-se um debate de cunho ideológico. Ou seja, de que a Amazônia não é de exclusividade brasileira. No contexto político, desvela a ideologia de que líderes mundiais podem/devem intervir em lugares específicos em momentos de crise devido a situações climáticas, as quais considerarem necessárias. Pêcheux (2009, p. 133) nos elucida que “[...] no interior do complexo dos aparelhos ideológicos de Estado sob *a dominação da ideologia (da classe) dominante*, a saber: a função subordinada, mas inevitável e, como tal, “necessária”, pela qual a classe dominante assegura o “contato” e o “diálogo” com o adversário de classe”. Em outros termos, o que se estabelecem são novas relações de desigualdade-subordinação entre os diferentes aparelhos ideológicos, entre uma nação (dominante) sobre a outra (subordinada), e esta última incontestavelmente é vista incapaz de exercer uma determinada função.

De acordo com Orlandi (2006, p. 193), o texto possui um espaço de informações incompletas e que convoca o leitor a estabelecer uma relação de interação, o que o leva a um confronto de sentidos e significações. “[...] A leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação”. Na cena discursiva da imagem 2, notamos um discurso que demonstra uma leitura de mundo hierarquizada e hierarquizante, de dominadores e dominados. Desse modo, um dos efeitos de sentido das Fake News foi produzir um discurso de ódio, que emergiu da intolerância ao outro, da não aceitação da divergência. “Os discursos que materializam intolerâncias, discriminações e ódios em circulação social inserem-se num movimento sócio-histórico no qual a relação com outro é tomada como relação de antagonismo e não como uma relação de interlocução” (SOUZA, p. 929, 2018). E no confronto entre os sentidos e significações, vislumbramos na imagem 2 os interlocutores demonstrando em sua prática discursiva, hostilidade, discriminação e ódio, ou seja, impondo um certo universo de sentido. Este tipo de discurso demonstra o quanto a nossa sociedade brasileira ainda se baseia em uma relação dicotômica, perpetuando desse modo relações sócio-históricas de desigualdade,

de subordinação, de inferioridade. Segundo Dowbor (EAD FREIRIANA. Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. Instituto Paulo Freire, abr. 2020a), “as pessoas só ouvem o que querem, não escutam as críticas”. As redes sociais criaram as bolhas sociais², que levaram à fragmentação da sociedade e à ausência de diálogo, colocando as pessoas umas contra as outras. E com as Fake News, se torna mais fácil a manipulação da opinião pública.

Dialogando com as noções de Freire (1967), os discursos da imagem 2 sugerem uma leitura puramente instintiva e emotiva. A resposta dos sujeitos ao enunciado da imagem 1 mostra a não captação e compreensão de temas complexos sobre a “Fake News” e a “Amazônia”. Preocupações como a desinformação midiática que levou Macron e tantas outras figuras públicas, pessoas que têm acesso informativo privilegiado, a publicarem em suas redes sociais esta mesma imagem, que não corresponde à imagem atual da Amazônia (de acordo com as informações obtidas pelos satélites da Nasa). Isso demonstra o quanto estamos vulneráveis frente aos fatos que podem facilmente ser manipulados e alterados. Por outro, se Macron foi vítima ou aproveitador de um enunciado sobre a Amazônia, pois esta seria uma possível leitura, as questões levantadas no enunciado da imagem 1 não deixam de ser emergenciais. Ambientalistas de todo o mundo reforçam uma mudança de comportamento global e consciente. Entretanto, por que na imagem 2 estas questões não foram levantadas ou sequer problematizadas?

Uma possível resposta é que o homem, sob a funcionalidade instintiva e emocional, apreendida no enunciado da imagem 2, a partir de uma consciência ingênua, “crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada” (FREIRE, p. 105, 1967). Ou, por outro lado, uma consciência mágica, ou seja, que capta os fatos, porém se submete as explicações dominadoras. “É próprio desta consciência o fatalismo, que leva ao cruzamento dos braços, à impossibilidade de fazer algo diante do poder dos fatos, sob os quais fica vencido o homem”. E por último, uma consciência fanática, “cuja patologia da ingenuidade leva ao irracional, o próprio é a acomodação, o ajustamento, a adaptação” (FREIRE, p. 105, 1967).

Freire sugere que a nossa dificuldade pode estar atrelada à dificuldade em gestar temáticas e captá-las a partir de nossas funções intelectuais, que evocam nossa criticidade, capacidade questionadora e investigativa dos fatos. Ao invés disso, usufruímos das funções instintivas e emocionais, o que nos leva a um

2 “Bolhas sociais, espécie de confinamento informático ao qual são submetidos os usuários de ferramentas on-line” (PELLIZZARI, BARRETO JUNIOR, 2019).

enfrentamento ou a respostas a estas questões de maneira mágica, ingênua e, por vezes, fanática (FREIRE, 1967).

Para Freire, independentemente de o homem ser alfabetizado ou não, ele se encontra num lugar de saber sobre sua realidade, ou seja, um modo de ler o mundo. Ele tem algo a dizer, ainda que este saber ou ler o mundo seja meramente opinativo, absolutizado ou ingênuo. Por isso, as fake news preocupam. Essa leitura de mundo acrítica, irreflexiva e baseada na emoção e não consciente deixa o saber do homem à mercê da consciência dominadora, de um modo de ler hegemônico, o que permite que ele seja facilmente enganado. Então o homem “não capta o dado da realidade, o fenômeno, a situação problemática pura” (FREIRE, p.104, 1969).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos vislumbrar as distintas relações, sentidos e apropriações, que se produziram a partir da análise das cenas enunciativas (Imagens 1 e 2). Constatamos o quanto esses enunciados carregam ideologias e múltiplos sentidos para os sujeitos envolvidos, pois a construção de sentido se dá a partir de suas histórias de leitura, suas relações sociais e culturais.

Em Freire evidenciamos o processo de significação para a compreensão crítica, consciente e libertadora do ato de ler, indicando como uma proposta pedagógica para a alfabetização, pois o modo de se ler o mundo nos leva a reescrevê-lo, a ressignificá-lo, a transformá-lo, promovendo o sujeito-leitor da transitividade ingênua à crítica. Somente assim evitaríamos a sua massificação e uma formação sloganizante, domesticadora, e nos distanciaríamos de uma visão de mundo falsa, manipulada ou uma mera reprodução da ideologia autoritária hegemônica (EAD FREIRIANA, 2020b).

REFERÊNCIAS

- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas. C. L. Fake News nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Revista Media & Jornalismo**. Imprensa da Universidade de Coimbra, v. 18, n. 32, p.155-169, 2018.
- DUCROT. Oswald. **Dire et ne pas dire: principes de la sémantique linguistique**. Paris: Hermann, 1972.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula

14 – Introdução ao fenômeno fake News e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12a. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MACRON, Emmanuel. **Ourhouseisburning**. Paris, 22, agosto. 2019. Twitter: @emmanuelmacron. Disponível em: https://twitter.com/EmmanuelMacron?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1164617008962527232&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.tercalivre.com.br%2Fmacron-posta-informacoes-erradas-sobre-amazonia-e-cai-no-ridiculo-no-twitter%2F. Acesso em: 02 ago. 2020.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

PELLIZZARI, Bruno Henrique M.; BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco. Bolhas Sociais e seus efeitos na sociedade da Informação: ditadura do algoritmo e entropia na internet. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Belém, v. 5, n. 2, p. 57 – 73, jul./dez. 2019.

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a análise. In: MARINHO, M. (org.). **Ler e Navegar: Espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOUZA, Mariana Jantsch de. Discurso de ódio e dignidade humana: uma análise da repercussão do resultado da eleição presidencial de 2014. **Trabalhos em Linguística Aplicada** [online]. v. 57, n. 2, p. 922-953, 2018.

Livian Aparecida Corsi Machado é psicóloga e mestranda em Educação FaE/UEMG; bolsista FAPEMIG 11392 PAG-Educação; pesquisadora no Projeto “Estudos Enunciativos da Opressão em Paulo Freire: a semântica argumentativa aplicada às práticas de liberdade no ensino” da FaE/UEMG. Contato: livian.machado@gmail.com.

PRÁXIS PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS

FERREIRA, Luciana

RESUMO

Este artigo é uma reflexão teórica sobre formas de conectar conhecimentos das Ciências da Comunicação e Educação tendo como ponto de ligação a *práxis* pedagógica de Paulo Freire. Este artigo propõe fomentar ideias que se transformem em ações educativas que tornem as pessoas capazes de lidar de forma consciente sobre o mundo que está cada vez mais midiaticado e diversificado frente às incessantes novas demandas sociais, políticas, ambientais e econômicas.

Palavras-chave: Alfabetização midiática. Desinformação. Educação de adultos. Redes sociais.

ABSTRACT

This article is a theoretical reflection on ways to connect knowledge of Communication and Education Sciences having as a point of connection the pedagogical praxis of Paulo Freire. This article proposes to foster ideas that become educational actions that make people capable of consciously dealing with the world that is increasingly mediatized and diversified in the face of incessant new social, political, environmental and economic demands.

Keywords: Adult education. Media literacy. Misinformation. Social networks.

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo momentos repletos de características únicas que justificam olhares diferenciados para o que nos cerca. Esse texto é resultado de reflexões sobre o momento atual, elaboradas sobre a problemática da desinformação e do aprendizado recente, fundamentado nas ideias de Paulo Freire adquiridas no curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire.

O educador Paulo Freire, em suas ideias e práticas pedagógicas, sempre defendeu uma educação emancipadora e libertadora da conscientização do educando e por isso seus ensinamentos foram incorporados na construção teórica desta reflexão, que se fundamentou em duas ciências (Comunicação e Educação). Embora separadas em muitos aspectos epistemológicos, seus propósitos teóricos e práticos se cruzam nos objetivos de formar culturalmente os indivíduos. A metodologia usada para este artigo foi a pesquisa bibliográfica na análise da inter-relação desses dois campos científicos, pois de acordo com Flick (2013) possibilita responder sobre o que se discute em relação a um determinado assunto, quais teorias e conceitos podemos utilizar, embora muitas questões se mantenham abertas. Os temas geradores tratam sobre redes sociais na internet, literacia midiática e educação de adultos.

Uma importante reflexão neste texto foi inspirada nas palavras do pedagogo e doutor em Educação Moacir Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020), em aula proferida no 'Curso Paulo Freire em tempos de fake news – Edição 2020', realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. Para ele "o atual momento de pós-verdades é um desafio ainda maior para os educadores que necessitam fazer um pacto com o compromisso e com a verdade". Ou seja, Gadotti enfatiza que a escola e a educação não podem perder de vista sua maior função: promover nas pessoas pensamento crítico sobre o que se passa em seu entorno, e também em relação ao que cada um consome e dissemina através dos meios de comunicação e nos lugares que socializa.

É urgente, portanto, reconhecer que os instrumentos de comunicação humana encontram-se cada vez mais imbricado com uma realidade midiaticizada, e a necessidade de se ter sujeitos emancipados com conhecimentos de literacias, sobretudo a midiática, é imprescindível. É preciso transformar as pessoas para que saibam lidar com o que lhes chega através das mídias.

PARA QUE EDUCAR PARA AS MÍDIAS?

Comunicar não é linear, e para que o entendimento aconteça são necessários muitos fatores envolvendo o comunicante e os interlocutores das mensagens. Assim, neste artigo, buscamos explorar duas questões sobre o processo da desinformação: como promover a educação para as mídias de pessoas jovens e adultas que já possuem um repertório de conhecimentos e representações sociais; e como as propostas de práxis pedagógica de Paulo Freire podem se adequar ao contexto da educação para as mídias e conduzir para literacia midiática?

A internet e redes sociais mostraram capacidade instrumental de conectar pessoas ao redor do planeta. Mas na última década se destacou pelo impacto que provocou nas sociedades promovendo conflitos em democracias, fortalecendo extremismos e a volta do fascismo ao topo da política. Ao contrário das primeiras décadas de esperança por sua capacidade expansiva, no contexto atual, tem trazido preocupações com a velocidade crescente da desinformação. Este é o caso da União Europeia que em 2018, preocupada com a disseminação de desinformação entre seus cidadãos, realizou uma pesquisa para entender a conscientização, experiências e percepções dos europeus sobre questões de segurança cibernética.

Dados interessantes surgiram daí, sobretudo quando a abordagem foi sobre notícias falsas. Esses dados podem ser conferidos no *Eurobarometer* 464 (2018) e destacamos aqui o relatório *"Fake news and disinformation"*. Sublinhamos a pergunta "quem são os responsáveis por conter a propagação de notícias falsas disseminadas nas redes sociais?". O resultado deste dado é preocupante. Na percepção dos pesquisados são as várias "instituições e atores da mídia os responsáveis" por interromper a propagação de notícias falsas. Ou seja, o documento descreve que 70% dos inquiridos acreditam que os "usuários das mídias sociais não são responsáveis" pela propagação de informações falsas.

Estes resultados demonstram fatos interessantes para se pensar no jogo de responsabilidades das emissões de informações e notícias. A despeito da disseminação de informações terem sido descentralizadas dos grupos de mídias tradicionais, devido as tecnologias de comunicação digital em rede, ainda não faz parte do entendimento da maioria das pessoas que, as informações e notícias das quais elas também produzem e compartilham, também são de sua responsabilidade.

Ora, se adultos usuários das comunicações em rede, que há mais de uma década são receptores e produtores de informações, não compreendem que o ato de disseminar dados produz efeitos com a capacidade de comprometer as

democracias, difamar imagens e reputações, então é preciso centrar esforços urgentes nesses sujeitos, educá-los e formá-los para a alfabetização midiática e pensamento crítico.

Sabe-se que os esforços em atuar nas questões sobre educação para as mídias não é recente. Em janeiro de 1982, a UNESCO promoveu o encontro de Grünwald (Alemanha ocidental), com representantes de 19 países que adotaram uma Declaração comum sobre a importância das mídias e a obrigação dos sistemas educacionais de ajudarem os cidadãos a melhor compreenderem estes fenômenos (BEVORT; BELLONI, 2009). De lá para cá muito têm-se feito para aprimorar as condições estabelecidas no encontro, sobretudo com o surgimento das redes sociais na internet. Entretanto os esforços empreendidos não pareceram ser suficientes, mediante os resultados, na prática, do uso das mídias online.

Mas como é possível mudar essa realidade, se os usuários do sistema acreditam que não são responsáveis pelo que criam e disseminam, sem verificação, causando muitos danos políticos e sociais, a exemplo de países como o Brasil, Itália, Polônia, EUA, Hungria, e outros, que elegeram recentemente governantes alinhados a tendências populistas, ou de extrema direita?

Além disso um estudo preliminar de 2019, das Universidades de Princeton e New York, publicado na revista *Science Advances*, (GUESS, A. & NAGLER, J. & TUCKER, J., 2019), apontam que pessoas com mais de 65 anos e com tendências sociais e políticas conservadoras tem maior probabilidade de compartilhar notícias falsas. Ao explicar suas descobertas, os pesquisadores descrevem que pode haver aí uma correlação entre os fatores idade e habilidades de alfabetização em mídia digital. Ou neste caso, da falta dela.

É necessário olhar para esses sujeitos e promover uma educação para as mídias próprios. Essas pessoas se constituem em um grupo etário avançado, no qual a grande maioria encontra dificuldade nos avanços tecnológicos vigente. Muito deles, provavelmente, já passaram por processos educativos regulares e formais, entretanto, parece não ter sido suficiente para atender a demanda de conhecimentos necessários que as mudanças tecnológicas tem gerado.

O fato é que esse público necessita ser aprimorado dentro de seu próprio universo, enquanto recursos de educação e formação de adultos na construção e reconstrução de uma consciência cidadã. Assim como Freire que desenvolveu um método de alfabetização de adultos baseado nas experiências de vida das pessoas, é bastante coerente que em vez de buscar a alfabetização para as mídias com os métodos apenas informativos, deve-se buscar apoio na linguagem da realidade do sujeito.

AS MÍDIAS E A EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE ALIADOS NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Nos tópicos anteriores, argumentamos que as redes online têm influenciado fortemente as perspectivas dos sujeitos na forma de ver, pensar e agir em sociedade. As informações se colocam disponíveis nos diversos meios de comunicação existentes e cabe aos receptores das mensagens fazerem análises e interpretações ao que são expostos, sendo que as formas de se entregar as mensagens estão cada vez mais complexas. Nunca foi tão necessário que os recebedores das mensagens questionem as informações e notícias e perguntem sobre sua origem, se é verdadeira ou falsa, mas sobretudo sobre a sua intenção, ou o propósito de quem a emite.

Para André Lemos e Pierre Lévy (2010) os sistemas pós-massivos¹ de comunicação modificaram a forma tradicional de conceber emissor e receptor da informação. Para os autores, esse modo informacional é marcado por conteúdos que são criados e postados pelos próprios usuários das mídias sociais, e isso modifica profundamente as formas de comunicação entre os sujeitos e a forma de interação entre eles. Portanto, modificadas as possibilidades instrumentais de se comunicar, naturalmente, podem surgir mudanças na forma de pensar e de realizar o processo de comunicação.

Venerado por uns, endemoniado por outros, é preciso entender que os meios de comunicação são apenas mediadores para a comunicação humana, instrumentos a serviço de ideias, e se olharmos da perspectiva freiriana, o mais urgente é sair do debate polarizador sobre o caráter ético das mídias e concentrar forças na educação libertadora dos sujeitos para transpor definitivamente a educação bancária², para que as pessoas tenham condições de desenvolver uma visão crítica sobre o que lhes chega, seja de forma passiva ou ativa, através da mediação tecnológica.

O trabalho que precisa ser expandido, é de prover os indivíduos por meio da educação, de instrumentos e capacidades para poderem desenvolver a alfabetização midiática, frente a exposição dos conteúdos. Com isso, podemos estabelecer uma relação intrínseca entre educação e comunicação, ou seja, os meios de comunicação por si só não representam um problema, mas é necessário interpretar suas intenções.

1 Sistemas de comunicação pós veículos de comunicação de massa (Nota da autora).

2 De acordo com Paulo Freire educação bancária é aquela em que muitas pessoas supõe que, para educar alguém, basta fazer depósitos sucessivos de informações/conhecimentos, como se o educando fosse um banco, e no dia da prova se preenche o cheque, que pode vir ou não fundo. Como se o aluno ou aluna, seja qual for a sua idade, fosse um recipiente vazio, que bastava o "educador" depositar o que quisesse e o quanto quisesse.

Nesse entendimento, trazer o pensamento de Paulo Freire para analisar essas duas formas de transmissão de saberes é relevante para unir os campos, e levar os meios de comunicação para dentro da educação formal no sentido de entender definitivamente que também faz parte na construção social do sujeito. Castells (2007) também corrobora com esta ideia ao colocar que os problemas não estão nas mídias, e sim no nível educativo e cultural das pessoas. De acordo com ele, um país com educação aliada aos meios de massa e internet, de fato se desenvolve, mas sem “educação” está sempre sujeito a tutela das elites.

A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA. POR QUE FOCAR NOS JOVENS E ADULTOS?

Por que enfatizar a “educação ao longo da vida”, quando falamos de educação para as mídias e cidadania? Segundo Gadotti é porque ela tem como base estrutural o tema “vida”. Compreende não apenas o processo formal da educação, mais também a vida cotidiana, do trabalho e da cultura. Refere-se ao viver bem das pessoas, à cidadania. Ele enfatiza que a educação e a aprendizagem é uma necessidade vital para todos os indivíduos e que isso dura uma vida inteira (GADOTTI, 2016).

Essa concepção e perspectiva no campo da educação, surge nos atos constitutivos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), desde 1946. Seu campo de abrangência compreende as áreas da Educação, Ciência e Tecnologia, Cultura e Comunicação, e sua missão é generalizar o conhecimento para que a humanidade atinja padrões aceitáveis de convivência humana e de solidariedade.

Tal missão não pode ser cumprida, entretanto, sem que se coloque como pressuposto orientador da política para os Estados-Membros o combate da ignorância e a universalização do acesso de todos ao conhecimento disponível (WERTHEIN; CUNHA, 2000). Para a realização desta missão, uma das iniciativas da Unesco foi a elaboração de um “relatório” coordenado por Edgar Faure em 1972³, com quatro postulados considerados um marco importante na história do pensamento educacional da Organização. O relatório enfatiza a educação formadora das pessoas num momento histórico em que medidas de coações cada vez mais duras do “ter” separam e fragmentam o “ser”(FAURE et al, 1972).

3 Postulados de Faure: 1. A existência de uma comunidade internacional que, sob a diversidade de nações e de culturas, das opções políticas e dos níveis de desenvolvimento deve buscar solidariedade e a unidade de aspirações; 2. A crença numa democracia concebida como o direito de cada ser humano se realizar plenamente e de participar na edificação de seu próprio futuro; 3. O desenvolvimento que deve ter por objetivo a expansão integral das pessoas em toda a riqueza e a complexidade de suas expressões e compromissos; 4. Uma educação formadora das pessoas, cujo advento se torna mais necessário à medida que coações sempre mais duras separam e fragmentam cada ser.

Entretanto, para Gadotti (2016), a “educação ao longo da vida” perdeu sua característica de ser uma educação voltada para a participação e para a cidadania como foi prevista no Relatório de Edgar Faure. “A visão humanista inicial foi substituída, nas políticas sociais e educativas, por uma visão instrumental, mercantilista, apesar de declarações em contrário”(id. Ibid., p.3). Gadotti explica ainda, que os dois modelos resultantes foram classificados em “modelo do capital humano” e “modelo humanitário”. E obviamente, são concepções opostas de aprendizagem ao longo da vida.

São propostas antagônicas e que tem defensores de cada lado, e ao que parece o modelo do capital humano saiu na frente com amplas vantagens institucionais e de recursos ao longo do século XX e início do XXI. Contudo, a dureza do neoliberalismo vem se rompendo ao colocar novamente em pauta o problema do fascismo no mundo, pelo populismo político de extrema-direita e que tem corroído as bases liberais, e o que é pior, democráticas em todas as sociedades.

É preciso educar as pessoas para os usos das mídias. Mas não apenas alfabetizar o sujeito nas tecnologias, e sim promover uma educação integradora, humanista, com aprendizado cívico e comunitário, pois conhecer a história e se ver parte dela faz muito sentido no resgate da autonomia do sujeito. Assim, um projeto bem definido de educação para as mídias se mostra essencial dentro do contexto da educação ao longo da vida. O propósito é que estas ações tornem as pessoas capazes de lidar de forma consciente com suas decisões sobre o mundo que está cada vez mais diversificado frente às incessantes novas demandas sociais, políticas, ambientais e econômicas.

CONCLUSÃO

Para Freire as pessoas devem ser desafiadas a pensar criticamente, o que implica não dicotomizar o ensino de conteúdos em um ensino do “pensar certo”, expressão que podemos encontrar em muitas de suas obras. A educação cidadã depende dessa decisão, do compromisso do educador com o processo de conscientização. Ensinar a “pensar livre”, coerente com as próprias práticas de vida, e não a “pensar certo”, como fazem atualmente os meios de comunicação.

Se refletirmos que existe neste projeto de libertar as pessoas pela educação graus de complexidade, é suposto que apenas um campo do conhecimento não dá, e não dará conta desses elementos de ação consciente no mundo. Por isso, abordar estas questões na forma da transversalidade dos conhecimentos, é a proposta aqui apresentada. Utilizar os campos da comunicação e educação centrado, sobretudo,

nas propostas de *práxis* pedagógica de Paulo Freire, pode ser um modelo para projetos muito mais amplos de soma de conhecimentos na jornada humana para educação libertadora.

No que tange aos usos dos recursos de comunicação social mediados pelas atuais tecnologias digitais, essa tarefa fica cada vez mais complexa e vêm requerendo dos sujeitos habilidades e competências que estão sendo negligenciadas pela educação formal, mas que se buscado recursos em um processo de transversalidade de conhecimentos, podemos vislumbrar um avanço na educação para as mídias num contexto de cidadania e politização do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- COMISSÃO EUROPÉIA. **Livro Branco sobre a Educação e a Formação**: Ensinar e aprender – Rumo a Sociedade cognitiva. Bruxelas, 1995. Disponível em: <<https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/d0a8aa7a-5311-4eee-904c-98fa541108d8/language-pt>>.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 1 - A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020.
- Flash Eurobarometer 464: **Fake News and Disinformation Online**, 2018. Disponível em: <https://data.europa.eu/euodp/en/data/dataset/S2183_464_ENG>
- FAURE, Edgar. et al. **Aprender a ser**. Lisboa: Portugal, 1972.
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- GADOTTI, Moacir. **Educação popular e educação ao longo da vida. Documento para a CONFITEA –BRASIL + 6**. São Paulo, 2016.
- GUESS, Andrew & NAGLER, Jonathan & TUCKER, Joshua. **Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook**. Science Advances. 5, 2019.
- BEVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, Dec. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000400008
- LEMONS, André.; LÉVY, Pierre. **O Futuro da Internet: em Direção a uma Ciberdemocracia Planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, Apr. 2001.
- MENEZES, Isabel & FERREIRA, Pedro. **Educação para a cidadania participatória em sociedade**

em transição. Porto: CIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2012.

WERTHEIN, Jorge.; CUNHA, Célio da. **Fundamentos da nova educação.** Brasília : UNESCO, 84p. – (Cadernos UNESCO. Série educação; 5), 2000.

Luciana Gomes Ferreira é jornalista, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Portugal. Desenvolve pesquisas em tecnologias da comunicação e atualmente tem concentrado estudos em educação e literacia para as mídias. Contato: luciana.gferreira@gmail.com.

PESQUISA-FORMAÇÃO EM FAKE NEWS E A RECONFIGURAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NUMA PERSPECTIVA FREIRIANA EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

SILVA, Lucinalva de Almeida

RESUMO

A chamada “sociedade em rede” tem suscitado a desinformação que afeta os ambientes educacionais e sociais, provocando aos indivíduos dificuldades para saber discernir com precisão tantas informações, que se sobrepõe no contexto midiático. A pesquisa que origina este escrito é um recorte de pesquisa de Mestrado. Dessa forma, apoiado na abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-formação, objetivou analisar as percepções de docentes dos anos finais - Ensino Fundamental, com foco na práxis pedagógica, sobre a capacidade de desenvolver seu próprio senso crítico e dos discentes em tempos de pós-verdade. Embasamos na concepção crítica, humanística e participativa. Como instrumento investigativo, utilizamos o diário reflexivo e a entrevista coletiva, tendo no campo da investigação doze professoras dos anos finais-Ensino Fundamental, de seis escolas da rede municipal de Afrânio-PE. As produções de conhecimento possibilitam uma análise construída a partir da concepção crítica de Freire (1997). O encontro elencado denota a necessidade de se promover uma ação formativa permanente, de modo a fomentar as contribuições de Paulo Freire no combate a desinformação e proliferação de *fake news*.

Palavras-chave: Desinformação. Educação crítica. Fake news. Pesquisa-formação.

ABSTRACT

The so-called “network society” has caused the misinformation that affects the educational and social environments, causing individuals to have difficulties in

¹ Artigo desenvolvido com o professor orientador Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro (UPE/UNIVASF). Recorte de pesquisa maior em curso no Mestrado em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares/Educação, na Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina-PE. O referido foi aprovado pelo Comitê de Ética da UPE com o CAAE 16405019.5.0000.5191. Linha de pesquisa: Políticas Educacionais, Formação Docente e Práxis Pedagógica. Integra o Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação (coordenado pelo parceiro deste escrito), da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina-PE.

knowing how to accurately discern so much information, which overlaps in the media context. The research that originates this writing is an excerpt of Master's research. Thus, supported by a qualitative approach, of the research-training type, it aimed to analyze the perceptions of teachers in the final years - Elementary School, focusing on pedagogical praxis, on the ability to develop their own critical sense and in students in post-truth times. We are based on the critical, humanistic and participative conception. As an investigative instrument, we used the reflective diary and the collective interview, having in the field of investigation twelve teachers from the final years of elementary school, from six schools in the municipal network of Afrânio-PE. Knowledge productions enable an analysis built on the critical conception of Freire (1997). The listed meeting denotes the need to promote a permanent training action, in order to foster Paulo Freire's contributions in combating misinformation and proliferation of *fake news*.

Keywords: Disinformation. Critical education. Fake news. Research-training.

MARCOS INICIAIS

A formação docente no atual cenário de desinformação e *infodemia*² de *fake news*,³ remete-nos aos desdobramentos das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC), sobretudo no campo educacional e no que concerne a propagação e disseminação de informações que circulam na rede – internet. A chamada “sociedade em rede” e a desinformação fabricada por ela afeta dentro e fora dos ambientes educacionais e sociais, dificultando discernir com precisão tantas informações que se sobrepõem, a exemplo: em 30 de abril, a *infodemia* de *fake news*, “caixões vazios”, rendeu 1,9 mil compartilhamentos. As imagens continham caixões vazios e abertos. Segundo a Agência Lupa, especializada em *fact checking*, uma das imagens tinha sido feita há mais de dois anos, e a outra em 2015, sem nenhuma relação com o contexto de pandemia.

O ecossistema da *fake news* tem afetado exponencialmente a qualidade de vida das pessoas, em virtude do pouco conhecimento que elas têm, acerca do manuseio e verificação das notícias fabricadas oriundas de ambientes virtuais educacionais ou sociais, ocasionando sua rápida disseminação.

Não obstante a isso, conhecer os desafios e perspectivas dos professores e de que maneira desenvolvem saberes e estratégias de ensino. Neste contexto de *fake news* e pós-verdade,⁴ a sala de aula é essencial, visto que potencializar ações práticas contra este fenômeno, é a defesa primeira, dimensionando o processo formativo no que diz respeito ao desenvolvimento crítico e profissional.

Reitera-se, desse modo, a importância desse estudo, frente à utilização indevida das notícias veiculadas a internet, às chamadas *fake news* e a desinformação na “era da pós-verdade”. Apresenta-se necessário, no que tange ao desenvolvimento do estudante por meio das competências e habilidades, analisar conteúdos que recebe no seu dia a dia, em suas relações midiáticas, como estratégia de defesa e de tomada de consciência e pertencimento, exercitando a empatia e a qualificação saudável na comunicação.

Dialogamos com D’Ancona (2018), o qual elenca fatos alternativos potencializados pela pós-verdade, Castells (1999) discute a respeito da sociedade em rede, Freire

2 A palavra aqui empregada foi cunhada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020, e anuncia que vivemos uma epidemia de informações, e é comumente utilizada nesse contexto, estando relacionada ao exponencial de informações com todo tipo de interpretação sobre a Covid-19.

3 Notícias falsas, definidas como notícias, boatos, deliberadamente fabricadas, atentando contra crenças e emoções.

4 Oxford Dictionaries escolheu em 2016, “pós-verdade” como sua palavra do ano, definindo-a como forma abreviada para “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que apelos à emoção e a crença pessoal”.

(1997), traz a relevância do docente no desenvolvimento da criticidade, EaD Freiriana (2020), elucida acerca do ecossistema da *fake news*, entre outros.

Este estudo foi organizado da maneira que segue: reconfiguração do ecossistema da *fake news*, Paulo Freire frente à *fake news*: um antídoto real, análise e discussão e, por fim, as considerações.

RECONFIGURAÇÃO DO ECOSSISTEMA DA *FAKE NEWS*

É de suma importância rememorar o final da década de 1960, na qual “o mundo via um grupo de ativistas e câmeras portáteis com potencial para a TV a cabo, que se propunham a registrar as injustiças e contestar direitos” (MOROZOV, 2018, p. 13). O momento era extraordinário, cidadãos teriam acesso à tecnologia, podendo produzir seus próprios programas e dessa maneira compartilhá-los de modo autônomo.

Essa possibilidade de produzir informações, acompanhada da disseminação em massa por vários pontos de compartilhamento, criou a chamada sociedade em rede (CASTELLS, 1999). Paralelamente, verdades pré-estabelecidas e, comprovadas cientificamente se dissolvem, sendo reputadas por opiniões, visando manipular a verdade, sem comprovação, caracterizando a era da “pós-verdade”, a exemplo, negar o formato da terra e a existência da Ditadura Militar. Conforme elucida D’Ancona (2018, p. 45), “a pós-verdade desponta nesse viés, quando os *firewalls* e os anticorpos se enfraqueceram, trazendo à luz seu fracasso e decadência”. Isto posto, dimensiona, a expansão coordenada por estratégias midiáticas, por vezes, trazendo a dúvida, causando confusão e representação de um conflito imaginário proposital, trazido por fatos alternativos.

Baudrillard (2001, p. 60), diz que “na visão comum a mídia é utilizada por aqueles que estão governando a fim de influenciar, seduzir e alienar as massas” via as tecnologias, em virtude do uso pretencioso carregado de sutilidade, trazendo assim à evidência, uma luta de classes e, consigo, uma hipótese que também evidencia o contrário, levantada pelo referido autor, para ele é impossível decidir. Aqueles que estão no poder utilizam a mídia para alienar as massas? Ou as massas por intermédio das mídias manipulam aqueles que estão no poder?

Logo, hipóteses levantadas por Baudrillard são consideradas e sua interpretação reverbera o que se apresenta atualmente, de um lado, a grande massa compartilha exacerbadamente informações vinculadas às mídias preferidas sem a responsabilidade crítica da verificação, e do outro, aqueles que estão ocupando cargos políticos acreditam de maneira sutil manipular as massas, as persuadir,

o que atualmente se configura com maior exatidão e tende a se expandir mais fortemente com as *deep fakes* (combinação das palavras “falsa” e “profunda”).

Entendemos que saber lidar com as *fake news* é algo necessário e pode estar nas propostas pedagógicas dos contextos escolares. Livros, *sites* de *fact checking*⁵ e outros veículos comprometidos com a verdade, a exemplo, dão dicas e apontam ações que podem ser incorporadas às práticas docentes:

- (a) olhar com atenção e atentar para a confiabilidade das fontes;
- (b) ir além das chamadas e reconhecer sinais de sensacionalismo;
- (c) procurar por outras fontes;
- (d) verificar os fatos, sua data de publicação;
- (e) conferir se o conteúdo afeta seus preconceitos;
- (f) reconhecer quando se trata de brincadeira e conferir se vem de uma fonte fiável. (SANTAELLA, 2018, p.40)

PAULO FREIRE FRENTE À *FAKE NEWS*: UM ANTÍDOTO REAL

No que se refere aos aspectos metodológicos da nossa pesquisa, fundamentamos numa abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-formação, realizada em seis encontros. O campo da investigação corresponde a seis escolas, dos anos finais - Ensino Fundamental, pertencentes à rede municipal de ensino de Afrânio – PE, com um grupo de doze professoras. Como dispositivos de produção de informações, destacamos para este recorte o diário reflexivo e a entrevista coletiva. Elegemos um dos encontros realizados, sobre o eixo “estratégias para identificação de *fake news* versando a navegação segura na e pelas mídias”, e seis das docentes de duas das escolas. Para resguardar a identidade das participantes que estiveram à disposição da pesquisa, foram utilizados nomes fictícios (Algoritmo, Checagem, Codificação, Comunicação, Consciente e Fonte).

As produções de conhecimento trazem a análise construída a partir da concepção crítica, epistemológica, elencada por Freire (1997), e a contextualização trazida pela videoaula de número quatorze, apresentada pela professora Dra. Jaciara de Sá Carvalho, oriunda do **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. A referida professora traz uma relação entre a educação crítica, epistemológica questionadora, que direciona o indivíduo a duvidar do que lhe é proposto. O contrário do pensamento de colmeia⁶.

5 A verificação de fatos ou verificação de informações ou ainda checagem é uma prática própria do jornalismo. Seu principal foco é detectar erros e desinformação, é parte principal do jornalismo investigativo.

6 Se refere a uma única mente. Na qual todos os indivíduos pertencentes a um grupo não têm livre arbítrio, suprimindo sua consciência.

Assumindo a abordagem qualitativa, partimos do entendimento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real, o participante e uma relação de familiarização com o pesquisador.

Há necessariamente na pesquisa qualitativa o desenvolvimento de meios descritivos que favorecem a apreensão das qualidades dos conjuntos-objetos fenomenais investigados. Tais meios são essencialmente lingüísticos e só podem atualizar-se através de sistemas gramaticais completos em sua finitude moduladora e gerativa. (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009, p.33)

Pautado nessa concepção de constructos norteadores da pesquisa, propomos compreender as qualidades, valores e saberes que caracterizam a identidade das participantes da pesquisa, bem como partilhar suas crenças, compreensões e vivências no âmbito escolar, voltadas as questões elencadas pela pesquisa.

Tivemos como referência metodológica a pesquisa-formação, corroborando no contexto do estudo para o “desenvolvimento crítico social do corpo docente a fim de fortalecer ações pedagógicas capazes de instigar o conhecimento teórico tão necessário para a construção do campo profissional e intelectual” (IBIAPINA, 2008, p. 55). A pesquisa-formação se coloca horizontalizada, envolta nas práticas e histórias experienciais do vivido, fortalecendo relações afetivas. Por meio destas, professores formam-se na escuta junto ao outro e da realidade pesquisada, oportunizando a compreensão crítica no campo individual e coletivo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Franco (2018) indica que a garantia à fidedignidade e validade do conteúdo analisado é feita via comparação entre pares. Nesse sentido, para este trabalho a análise foi organizada em torno do eixo “estratégias para identificação de *fake news* versando a navegação segura na e pelas mídias”. Foi direcionada a seguinte questão as professoras: Qual a relevância do estudo da *fake news* e sites de *fact checking* para a Educação? As participantes Algoritmo, Checagem, Codificação, Comunicação, Consciente e Fonte mediante suas vivências pedagógicas, foram unânimes ao responderem que consideram de elevada magnitude por se tratar de um assunto contemporâneo, que atinge diretamente a todos, suas relações escolares, pessoais, e tem despertado comportamentos perigosos dentro e fora das redes. Tratam da importância do estudo elencado pelo referido eixo, para a construção da ética e da cidadania entre pares e nos demais espaços sociais contra

a *fake news* e a desinformação, não esquecendo das ações de curtir, compartilhar e comentar, relacionadas a linguagem midiática.

Freire (1997), ao falar da educação crítica observa que para a professora, em sua escola, falar *a*, e *com* os educandos é altamente positivo, e que sua contribuição para a formação de cidadãos e cidadãs responsáveis e críticos é indispensável. Ao exporem as suas percepções, às professoras compreendem a importância deste estudo, e se posicionaram nos seus espaços escolares de atividade docente, nas relações com seus pares e discentes. Corroborando com Freire, frisa também a professora Dra. Jaciara de Sá Carvalho, o “ecossistema da *fake news* é ameaça exponencial a democracia”, evidenciando que a educação crítica defendida por Freire seria o antídoto contra a *fake news*. Freire traz fortemente em suas obras o vocábulo curiosidade crítica, epistemológica, convidando-nos a nos afastar do objeto, propondo-nos desse modo, desvelá-lo das armadilhas da mentira e conspiração.

A professora Checagem trouxe sua preocupação sobre compartilhamentos e sua dificuldade em identificação da *fake news* dizendo que: “é um tema bastante abordado nas mídias, porém, mesmo tendo certo conhecimento a respeito não discirno tais informações e compartilho”. Para além destes atravessamentos que preocupam a referida docente, há também o lugar de cada indivíduo, singularidades que se constroem e ganham maior sentido dentro dos espaços coletivos, propiciados pela pesquisa-formação, esse paradoxo reverbera a maneira de constituir saberes frente as transformações advindas do processo de escuta de si, junto aos outros e do objeto de pesquisa. Este, oriundo das emergências contemporâneas advindas do uso constante do virtual, pela sociedade em rede. Nessa direção, ao remeter o exposto aos escritos do patrono da educação brasileira, no que se refere à comunicação, podemos verificar o exposto:

Ninguém vive plenamente a democracia nem tampouco a ajuda a crescer, primeiro, se é interditado no seu direito de falar, de ter voz, de fazer o seu discurso crítico; segundo, se não se engaja, de uma ou de outra forma, na briga em defesa deste direito, que, no fundo, é o direito também a atuar. (FREIRE, 1997, p. 60)

Ao estabelecer a dimensão ética, Freire complementa que a escola é lugar para ouvir o outro, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-lo. “É tão imoral ter nossa voz silenciada, nosso “corpo interditado” quanto imoral é o uso da voz

para falsear a verdade, para mentir, enganar, deformar” (FREIRE, 1997, p.60). Um retorno à história é oportuno, este último postulado de Freire, lembra-nos do exílio, pela Ditadura Militar Brasileira, de 1964, motivada pela sua luta, voltada para levar conhecimento igualitário a conteúdos que incitariam a emancipação e pensamento crítico, daqueles menos favorecidos e muito afetados pelas condições precárias de acesso a escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa-formação em “*fake news*” indica a necessidade de se promover uma ação formativa permanente para os professores, envolvida pelo senso da comunicação consciente, defesa primeira, a ser ratificada na escola em tempos de negação por meio de soluções coletivas que destitua discursos tóxicos, *infodemia* de *fake news* e disseminação de desinformação.

Das observações empreendidas no estudo realizado, foi constatado que as professoras se sentem preocupadas com a disseminação de *fake news* e da desinformação nos ambientes midiáticos e veem a escola como meio de transformação, por intermédio da educação midiática que visa à conscientização e a formação crítica/cidadã dos indivíduos.

Por todos estes aspetos, estudos ainda são insipientes, nos inquietando pensar nas possibilidades de extensão desta pesquisa na educação, vislumbrando sua abrangência futuramente com um grupo maior, num sentido amplamente coletivo, e em virtude de sua relevância para a sociedade em diferentes perspectivas.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2020**. Videoaula 14 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Campinas: Editora Autores associados, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** - cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d’Água, 1997.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro editora, 2008. 136 p.

MACEDO, Roberto Sidnei.; GALEFFI, Dante.; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências antropológicas. Prefácio Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018. 192 p. / Coleção Exit.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

Lucinalva de Almeida Silva é mestrande pelo PPGFPPI em Educação na UPE, *Campus Petrolina*. Especializações: Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, Gestão e Coordenação Pedagógica, Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias e em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Licenciada em Inglês, Letras e Pedagogia. Professora permanente na Educação Básica. Contato: lucinalvalmeidasilva@hotmail.com.

DESGLOBALIZAÇÃO DAS MENTES: MITO E ÉTICA

GOMES, Marcio

Temos o direito de lutar por um outro mundo possível quando se tornou impossível o mundo tal qual é hoje (Eduardo Galeano, Fórum Social Mundial, 2005)¹

RESUMO

Este artigo versa sobre a disseminação das *fake news* nas redes sociais sobre inúmeros temas, da dimensão do sujeito à social, em contexto da sociedade da informação, no início do século XXI, como um fenômeno global, mas com relação a educação versa sobre a tentativa de desconstrução do educador Paulo Freire e de seu legado. Ressaltando uma pequena fração do legado de Paulo Freire e Amílcar Cabral a *descolonização das mentes* dos povos que outrora foram colonizados por todo o mundo, fez-se necessário reinventá-los em contexto de globalização e construir a ideia da *desglobalização das mentes* dos povos atualmente globalizados por todo o mundo. Nesse sentido, apresentamos uma reflexão que perpassa a ideia do mito e da ética, não para simplesmente negar a globalização, mas para privilegiar e reinventar a ideia de Milton Santos de que uma outra globalização é possível e a ideia de Paulo Freire de que um outro mundo é possível e de que para construir essa ideia ética universal devemos caminhar na Utopia da Pedagogia da Esperança.

Palavras-chave: Educação emancipadora. Ética. *Fake News*. Mito. Paulo Freire.

ABSTRACT

This article brings with the spread of fake news on social networks on numerous topics, from the dimension of individual to the social, in the context of the information society at the beginning of the 21st century, as a global phenomenon, but which in the specific case of the Course deals with the attempt deconstruction of educator Paulo Freire and his legacy. Highlighting a small fraction of legacy the Paulo Freire and Amílcar Cabral decolonization of the minds of the people, it was necessary to reinvent them in the context of globalization and to build a worldwide

1

Citado por Moacir Gadotti na Jornada "Mestres do Amanhã Fazedores do Futuro", EAD FREIREANA, 2020.

idea of deglobalization of people' s mind. In this sense, we present a reflection that permeates the idea of myth and ethics, not to simply deny globalization, but to privilege and reinvent Milton Santos' idea that another globalization is possible and Paulo Freire' s idea that another world it is possible and that to build this ethical idea we must live in the Utopia of Pedagogy of Hope.

Keyword: Emancipating education. Ethic. Fake News. Myth. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Esta reflexão sobre a disseminação de *fake news* surge no Curso 'Paulo Freire em tempos de *fake news*', Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire². Acreditamos que *fake news* é um fenômeno global em contexto da sociedade da informação no período da globalização, sobretudo da segunda década do século XXI. Embora, com isso não significa dizer que em outros períodos da história não houvesse tido a disseminação de notícias falsas. A sociedade da informação se constituiu no contexto de transição do regime de acumulação de capital taylorista-fordista para o regime de acumulação de capital flexível. Por meio do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação – TIC – construiu-se uma enorme estrutura em forma de rede. Nos últimos anos às *fake news* se proliferam em todos os âmbitos da vida, seja individual ou de grupo, observa-se uma *infomitemania* ou como fala Paulo Roberto Padilha vivemos um contexto de *infodemia* e, no caso da educação, como diz Moacir Gadotti, trata-se de um momento para impor na educação a lógica do mercado em detrimento da cidadania; incentivadas pelo desconhecimento, se intensificaram as notícias falsas sobre Paulo Freire, seu legado de sonho de uma escola democrática e de direitos humanos. (EAD FREIRIANA, 2020a). Por um lado, verificamos o seu crescimento com a ascensão dos governos capitalistas neoliberais de ultradireita em vários países do mundo, particularmente, no caso do Brasil, teve um agravamento durante o processo eleitoral que culminou com a eleição de um governo capitalista neoliberal e neopentecostal de ultradireita. No entanto, por outro lado, identificamos uma *reação ética*, a possibilidade de estar nascendo uma nova consciência sobre a exploração e opressão capitalista e a relevância do Estado de bem-estar social, que possibilitará construirmos juntos, por meio de uma dialogicidade mundial, um novo mundo que possa superar as desigualdades e buscar a igualdade nas diferenças entre os seres humanos e os ecossistemas, um novo mundo mais bonito e solidário. E para contribuir com essa transformação do mundo menos malvado, como diz Ângela Antunes, vamos celebrar os cem anos de Freire para atualizar e reinventar o seu legado e como fala Gadotti, esperar e celebrar a Utopia por um mundo mais bonito, feliz, de paz e de convivência entres os seres humanos. (EAD FREIRIANA, 2020a). Nesse sentido, privilegiando uma pequena fração do enorme legado de Paulo Freire e

2 A escolha deste Curso surge no contexto de novas leituras das teorias e práticas que inspiram e fundamentam meu projeto de pesquisa de pós-doutorado, Em busca do território da esperança: aprendizagem dialógica entre as pessoas da escola e do bairro nos meandros entre a comunidade e a rede, desenvolvido em estágio no Community of Researchers on Excellence for All – CREA, da Universidade de Barcelona - UB, Espanha. O CREA tem como conceitos: aprendizagem dialógica e comunidades de aprendizagem; tendo Paulo Freire, Jürgen Habermas, Lev Vygotsky, dentre outros, seus principais referenciais teóricos.

Amílcar Cabral, ressaltando a vossa ideia e luta para a *descolonização das mentes* dos povos que outrora foram colonizados por todo o mundo, fez-se necessário reinventá-los em contexto de globalização e construir à ideia da *desglobalização das mentes* dos povos atualmente globalizados por todo o mundo. Assim, faz-se necessário tirar o véu que esconde a perversidade da realidade da globalização e a torna uma fábula que serve aos interesses dos globalizadores para alcançar seus objetivos fundamentais: a exploração e opressão dos globalizados. E para isto, nos debruçamos na ideia de mito e de ética, não para simplesmente negar a globalização, mas para explicitar a sua mitificação e reinventar a ideia de Milton Santos de que uma outra globalização é possível e a ideia de Paulo Freire de que um outro mundo é possível e de que para construir essa ideia ética devemos caminhar na Utopia da Pedagogia da Esperança. Para falar de Utopia, Freire (2013a) cria o conceito de *inédito viável*, de Utopia não num vir a ser distante do hoje, mas, segundo Luiza Cortesão, para Freire o *inédito viável* é “a única possibilidade que tenho de fazer amanhã o impossível de hoje, é fazer hoje, o possível de hoje”. (EAD FREIRIANA, 2020b).

GLOBALIZAÇÃO E A SOCIEDADE EM REDE

Santos (2010), conceitua a globalização em três perspectivas: é uma *fábula*, uma máquina ideológica que nos quer convencer que vivemos numa aldeia global; é *perversa*, uma fábrica de perversidade sistêmica, na qual sua raiz encontra-se na adesão desenfreada aos comportamentos competitivos. Por fim, nos faz compreender que é possível um mundo novo *por uma outra globalização*, na qual a mesma materialidade técnica, atualmente utilizada para construir um mundo fabuloso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um *mundo mais humano*, por meio de uma *mutação tecnológica*, quando sua utilização for democratizada e uma *mutação filosófica* da espécie humana, que seja capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa, e, também, do planeta. Este Curso contribuiu para repensar e ressignificar o conceito de rede, apropriado por mim em trabalhos anteriores.³ Gomes (2006), conceitua rede em perspectiva dual: *rede técnica* e *rede de relações sociais*. As redes técnicas estariam associadas às tecnologias informacionais, expressas em nós (fixos) e linhas (fluxos), constituem como suportes e formas materiais e imateriais que contribuem para unificar o espaço e as redes de relações sociais estariam associadas às tecnologias

3 O conceito de rede, na perspectiva de redes técnicas e redes de relações sociais, foi apropriado por mim, para desenvolver minha pesquisa de doutorado: A Territorialidade dos Conglomerados Financeiros no Brasil; e, atualmente, ressignificado para pensar aprendizagem dialógica entre as pessoas da escola e do bairro nos meandros entre comunidade territorial e rede virtual, para desenvolver minha pesquisa de pós-doutorado.

organizacionais, constituem as estratégias, concepções, funções e conteúdos simbólicos e expressivos que permitem tecer as tramas e os esquemas de poder. Na medida em que as intermediações das “informações globalizadas” se tornaram imperativas, as ordens e as normas podem sair de poucos pontos do território-rede do comando “globalizador” e repercutir por meio das redes instantaneamente sobre o imenso território-rede dos comandados “globalizados”. Castells (1999), diz que poucos são os que tem acesso a este “cassino global”.

DESCOLONIZAÇÃO E DESGLOBALIZAÇÃO DAS MENTES

Segundo Afonso Scocuglia (EAD FREIRIANA, 2020c), Paulo Freire, nos anos 70, ao trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, Suíça, busca outras ideias e práticas em outros lugares e autores. Em países africanos de língua portuguesa recém-libertos do colonialismo português, tem contato com a realidade e luta daqueles países e com a obra de Amílcar Cabral. Segundo Romão e Gadotti (2012), naquele contexto o processo de descolonização e reconstrução nacional dos países da África tinha por fundamento de suas políticas o princípio da autodeterminação dos povos, a valorização da sua história e cultura. Conforme Florenço Varela (EAD FREIRIANA, 2020d), na África, Freire ao revisitar suas ideias pedagógicas se apropriou das obras de Cabral, um humanista, revolucionário, educador-educando de seu povo. Há uma conectividade profunda entre o legado de ambos, sobretudo em relação à razão revolucionária, tanto em seu sentido político quanto em seu significado gnosiológico, epistemológico e pedagógico. Para Freire e Cabral a libertação política não eliminava a presença do colonizador, pois o colonizador continuava na cultura colonial imposta e introjetada nos colonizados. Assim, fazia-se necessário valorizar o contexto como base educativa, uma *educação cultural para descolonizar as mentes dos colonizados*.

Freire, há 60 anos, escreveu por um lado, que uma vivência plenamente democrática se torna maior quanto mais o ser humano se torna crítico e se apropria do conhecimento sobre sua realidade. Por outro lado, uma vivência ingênua se torna maior quanto menos criticidade em nós e mais conhecimento superficial sobre os temas. A alienação cultural é uma característica histórica da mentalidade brasileira e que se origina de uma estrutura econômica e social inteiramente colonial. Importamos a estrutura do estado nacional democrático, sem considerar nosso contexto (FREIRE, 1967, p.79). E já naquele momento, Freire dizia o quanto a “situação-limite” da “civilização tecnológica” pode gerar a rigidez mental dos sujeitos, massificá-los, torná-los acríticos e míticos.

A falta desta permeabilidade parece vir sendo dos mais sérios descompassos dos regimes democráticos atuais, pela ausência, dela decorrente, de correspondência entre o sentido da mudança, característico não só da democracia, mas da *civilização tecnológica* e uma certa *rigidez mental do homem* que, *massificando-se*, deixa de assumir postura conscientemente crítica diante da vida. Excluído da órbita das decisões, cada vez mais adstritas a pequenas minorias, é comandado pelos *meios de publicidade*, a tal ponto que, em nada confia ou acredita, se não ouviu no rádio, na televisão ou se não leu nos jornais. Daí a sua identificação com *formas míticas* de explicação do seu mundo. Seu comportamento é o do homem que perde dolorosamente o seu endereço. É o homem desenraizado. (FREIRE, 1967, p. 90-91, grifo nosso)

Segundo Chauí (2000, p. 134, grifo nosso), os filósofos Sartre e Merleau-Ponty disseram que “somos ‘*seres em situação*’ e que a verdade está sempre *situada nas condições objetivas* em que foi alcançada e está sempre voltada para compreender e interpretar a situação na qual nasceu e à qual volta para trazer transformações”, ou seja, em condições histórico-concretas, que ao conhecê-las, podemos escolher o que fazer com elas. Santos (2010), ao fazer a crítica a globalização e pensá-la como *fábula*, *perversidade* e *possibilidade* propõe a superação do pensamento único por meio da construção de uma consciência universal, na qual tomaria relevo à resistência consciente de parte da humanidade a partir dos seus lugares, ou seja, da “situação”: “A velocidade com que cada pessoa se apropria da verdade contida na história é diferente, tanto quanto a profundidade e coerência dessa apropriação” (SANTOS, 2010, p.168-169). Essa compreensão sistêmica permite entender como cada lugar, coisa, pessoa e relação dependem do mundo. Essas condições,

deverão permitir a implantação de um novo modelo econômico, social e político que, a partir de uma nova distribuição de bens e serviços, conduz à realização de uma *vida coletiva solidária* e, passando da escala do lugar à escala do planeta, assegure uma reforma do mundo, por intermédio de outra maneira de realizar a globalização.” (SANTOS, 2010, p. 170, grifo nosso).

Desse modo, esse novo mundo não será uma construção de cima para baixo, como quer a globalização perversa, mas se dará de baixo para cima, ou seja, haverá possibilidade de construção de um espaço de liberdade para a cultura popular se

opor à cultura de massa, de um espaço de solidariedade na luta dos “de baixo” em oposição aos “de cima”, construindo uma nova centralidade do social e, por conseguinte, de uma nova política. Para Freire (2013b), o enfrentamento e a superação à globalização e à sua “ética de mercado” se dará com o contraponto da *solidariedade histórica* de homens e mulheres como uma das formas de luta capaz de promover e instaurar a “ética universal do ser humano”:

[o] discurso da globalização que fala em ética esconde, porém, que a sua é a *ética do mercado* e não a *ética universal do ser humano*, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. (FREIRE, 2013b, p. 124, grifo nosso).

O CREA propõe que por meio da *aprendizagem dialógica*, se estabeleçam consensos baseados na validade dos argumentos e não de poder, pois no contexto da transição da sociedade industrial para a sociedade informacional, as antigas relações de poder baseadas na autoridade estão sendo questionadas e substituídas pelo diálogo, uma vez que o que não se resolve por meio do diálogo gera violência física ou simbólica (AUBERT et al., 2016).. Pensar em privilegiar o diálogo diante de conflitos, que podem gerar violência física ou simbólica, sempre foi uma preocupação central de Freire. Segundo Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020e), Freire se definiu como “um menino conectivo”⁴. E, por isso, seguindo a ética freiriana, o quanto é nosso dever enquanto educadores e sujeitos históricos fazermos uma leitura crítica e verdadeira das palavras e informações. Mas, como bem observa Gadotti, diante de um contexto de disputas de concepções de mundo em tempos tenebrosos, devemos não agir de forma beligerante, pois dessa maneira estaríamos nos comparando a própria lógica da *fake news*. Seguindo Freire, devemos exercitar o diálogo, cruzar fronteiras, sair das nossas bolhas virtuais e presenciais, esperar em busca do *inédito viável*, da Utopia de um mundo de livros que nos liberte e nos possibilite a escuta e o reconhecimento do Outro, a leitura da palavra e do mundo, um diálogo com o Outro e com o mundo.

Nesse sentido, acreditamos que o fenômeno *fake news* deve ser analisado na perspectiva da colonização e da globalização. Verificamos que o fenômeno *fake news* disseminado pelas redes técnicas e rede de relações sociais, por um lado, deve ser analisado na perspectiva da *globalização fabulosa*, observamos que há uma analogia à compreensão de Freire e Cabral sobre o processo de colonização e descolonização, assim, igualmente a colonização que colonizou as mentes dos

4 Paulo Freire, Congresso Internacional, Vitória, ES, 1996.

colonizados, a *globalização*, também, *globalizou as mentes dos globalizados*, pois estes possuem mentes imersas ao mito da globalização, de cultura fabulosa e massificada, projetam dentro de si a ética do mercado, vivem num contexto de *infomitomania*, ou seja, estão *distantes da conscientização crítica e da ética universal*. Por outro lado, que deva ser analisado na perspectiva da *globalização perversa*, observamos que por meio do uso de tecnologias informacionais e tecnologias organizacionais as *fake news* ao serem disseminadas e atingirem o imenso território-rede da massa de dominados globalizados tem como propósito servir aos interesses do pequeno território-rede dos dominadores globalizadores perversos, ou seja, a exploração e opressão dos globalizados. Portanto, se o fenômeno *fake news* está a serviço dos dominadores globalizadores perversos, às *fake news* aderem com muito mais força as mentes dos globalizados massificados e mitologizados por uma globalização fabulosa. Como sustentava Freire e Cabral a libertação política colonial não eliminava a presença do colonizador, pois o colonizador continuava na cultura colonial imposta e introjetada nos colonizados, fazia-se necessário um trabalho educativo pós-colonial, uma educação cultural para descolonizar as mentes e os corações dos colonizados. Fazendo uma analogia a Freire e Cabral e seguindo a proposição de Santos, podemos dizer que somente a luta política contra a globalização fabulosa e perversa não eliminará a presença do globalizador, pois a *educação antidialógica e mistificadora sobre e para o sujeito globalizado não eliminará a presença do globalizador*; assim, o globalizador continuará na cultura global imposta e introjetada nos globalizados. Pensamos que à *aprendizagem dialógica, ética e solidária com os sujeitos globalizados e com o mundo* em contexto de sociedade da informação podem criar as possibilidades de *desglobalização das mentes e dos corações dos globalizados* e de construção do *território-rede da esperança*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em contexto de globalização e de *fake news*, faz-se necessário reinventar Freire, Cabral e Santos. Para Freire e Cabral diante da colonização fazia-se necessário para além da luta política para a descolonização, à luta por uma educação cultural, liberta dos traumas coloniais, para descolonizar as mentes e os corações dos colonizados. Para Santos diante de uma globalização fabulosa e perversa fazia-se necessário construir uma outra globalização solidária. Para nós, reinventando estes autores, diante da persistência da globalização faz-se necessário para além da luta política para a desglobalização, liberta das fabulas e perversidades, à luta por uma *aprendizagem dialógica, ética e solidária*, destituída da anti-dialogicidade

e da mistificação, que não seja uma determinação sobre e para os sujeitos globalizados, mas, sim uma autodeterminação com os globalizados e com o mundo, para que estes conscientes da sua condição histórica-concreta possam construir um território-rede da esperança, um outro mundo possível, dialógico, ético e solidário, que os conduzam ao inédito viável, à Utopia.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Adriana et al. **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução: Ronei de Venâncio Majer. v. 1, 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Vídeo aula bônus: Abertura do Curso ‘Paulo Freire em tempo de fake new’. Ministrada por Paulo Roberto Padilha, Angel Biz Antunes e Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Vídeo 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 5 – Temas – Bases e conexões do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. Ministrada por Afonso Celso Scocuglia. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 6: Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas globais. Ministrada por Floresço Varela. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020d.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 1: A noção de *fake news*, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020e.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 55ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 46ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (org.). **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- GOMES, Marcio F. **A Territorialidade dos Conglomerados Financeiros no Brasil**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências, Área de Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Marcio Fernando Gomes é doutor em Ciências, área Geografia Humana, Universidade de São Paulo. Atualmente é professor adjunto e pesquisador da Universidade Federal de São Carlos, SP; realiza pesquisa de pós-doutorado área Educação no CREA da Universidade de Barcelona. Contato: marciogomes@ufscar.br.

AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA UM DESIGN EMANCIPATÓRIO

MAZZAROTTO, Marco

RESUMO

Este artigo buscou aproximar a obra de Paulo Freire com práticas e abordagens do design, como o design participativo e o design para inovação social. O objetivo foi identificar como suas ideias acerca da educação, da cultura, da política, da história e da transformação social podem contribuir com o design, especialmente quando o viés social estiver explicitado. Como resultado, identificou-se que as contribuições são extensas e profundas, não só fornecendo subsídios para ampliar e consolidar práticas participativas e de inovação social, mas também ampliando sua base filosófica e política, acrescentando novas camadas ao pensar e fazer design. Essa visão expandida de design, incorporando aspectos metodológicos e filosóficos freirianos, foi denominada de design emancipatório.

Palavras-chave: Design emancipatório. Inovação social. Métodos participativos. Paulo Freire.

ABSTRACT

The present work sought to bring Paulo Freire's ideas closer to new practices and approaches in the field of Design, such as Participatory Design and Design for social innovation. The objective was to identify how his ideas about educational practice, culture, politics and social transformation could expand and contribute to these more socially oriented Design approaches. As a result, it was identified that the contributions are extensive and profound, not only allowing the expansion of Design methods and practices, but also expanding its philosophical and political base. This expanded vision of design, adopting Freire's methods and principles, combined with participatory and social innovation aspects, was called emancipatory design.

Keywords: Emancipatory design. Social innovation. Participatory methods. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

É comum que pessoas não envolvidas diretamente com o campo do design possuam visões equivocadas sobre o que ele seria. Para o senso comum, design é constantemente visto como algo apenas para embelezar as coisas, deixá-las mais atraentes e vendáveis, assumindo até mesmo um sentido pejorativo, algo supérfluo e pouco necessário. Não podemos culpá-las por essa interpretação, visto que nós designers muitas vezes falhamos em evidenciar que podemos ir além dessa visão restrita, quando não acabamos aceitando-a e reproduzindo-a.

Por outro lado, esse design reduzido à uma estética superficial dificilmente será compartilhada por pensadores da área. Lobach (2001), já na distante década de setenta do século passado defendia design como o processo de adaptação do mundo artificial para satisfazer necessidades tanto físicas quanto psíquicas das pessoas. Ou seja, tudo que produzimos para resolver nossos problemas e saciar nossos anseios, tanto de ordem prática quanto simbólica, estaria de certa forma ligado ao campo do design. Design é cultura e produz cultura. Nesse sentido já começamos a enxergar as primeiras aproximações com a obra de Freire, que defende que todos nós somos sujeitos passíveis de transformar a realidade que nos cerca, e assim produzir cultura também.

Ao longo do curso **‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, e do qual este artigo é a etapa de conclusão, esta e várias outras aproximações entre Freire e outras formas de enxergar o design foram sendo tecidas. Como designer preocupado com uma prática participativa, crítica e libertadora, o autor deste artigo sempre desconfiou que a obra freiriana guardava grandes contribuições para isso. Em evidência cada vez maior, o design participativo busca reconhecer a importância de todas as pessoas para o processo de criação de novos artefatos, que podem ser definidos, construídos e avaliados conjuntamente. Essa construção coletiva, tanto no design participativo quando no processo educativo freiriano, é outro ponto a aproximar Freire e design, e foi a primeira e mais óbvia relação encontrada. Porém, uma contribuição ainda limitada às questões metodológicas do design.

Uma das aulas do curso foi um ponto de virada para começar a enxergar essas aproximações à partir de uma perspectiva mais ampla. Estamos falando da aula de Oscar Jara Holliday intitulada “Paulo Freire: um método ou uma filosofia?”. Respondendo a pergunta feita no título, Holliday defende que a obra de Freire é justamente as duas coisas. Apresenta métodos concretos que podem ser aplicados, como é o caso do círculo de cultura. Mas vai além disso, trazendo implicações

filosóficas sobre como ser no mundo e sobre como produzir conhecimento, questões portanto de natureza ontológica e epistemológica (EAD FREIRIANA, 2020).

É justamente essa visão dupla da obra de Freire, tanto como método como filosofia que é a base para estruturar este artigo e tecer as contribuições para uma prática emancipatória de design. No próximo tópico buscamos traçar as relações de ordem filosófica entre a obra de Freire e o design. Já o tópico seguinte aborda uma comparação com questões metodológicas. Por fim, concluímos propondo o que entendemos como design emancipatório, aquele que se apropria tanto do método quanto da filosofia freiriana, para transformar o mundo de forma dialógica, horizontal e colaborativa, em um processo de design que não é “para”, mas sim “com” as pessoas, em busca da emancipação e libertação de todas.

FREIRE E DESIGN: APROXIMAÇÕES FILOSÓFICAS

A obra de Freire não é apenas sobre educação. Essa é uma forma de ver para quem possui uma definição estreita do conceito, principalmente se ligada à educação formal opressora, baseada na transmissão de conhecimentos do professor que sabe para o aluno ignorante. Porém, outra forma é entender que Freire justamente expande o conceito de educação, que passa a estar ligada a todos os aspectos da vida, dentro ou fora da escola, sendo imprescindível para a tomada de consciência do mundo, da nossa capacidade de intervir neste mundo, da existência da contradição entre opressores e oprimidos e da necessidade de superá-la.

Nesse sentido, Freire (2019) politiza a educação, carrega ela de intencionalidade, e lhe dá nova perspectiva ontológica, de ajudar todas as pessoas a se tornarem “ser mais”, livres para desenvolverem suas potencialidades, para serem seres para si, para retomarem sua humanidade roubada, sejam por serem oprimidos, sejam por serem opressores que dependem desse roubo para viver. Sobre essa relação entre essa nova educação e opressão, Freire afirma:

Pedagogia do oprimido: aquela que tem que ser forjada *com* ele e não *para* ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por a sua libertação, em que essa pedagogia se fará e se refará. (FREIRE, 2019, p. 43).

Ao propor uma pedagogia do oprimido, Freire nos coloca uma escolha política: fazer uma educação que mantenha a opressão ou que ajude a superá-la. E, do ponto de vista ontológico, apenas a segunda opção é justa, já que a vocação humana é “ser mais”, jamais “ser menos”.

Processo parecido queremos propor para o design, expandindo o seu conceito e sua atuação para todos os aspectos da vida, rejeitando práticas que limitem seu escopo apenas à criação de bens de consumo e artefatos voltados para perpetuar um mundo capitalista. Design pode ser um processo de identificação e ação sobre nossos problemas mais humanos, de transformação da realidade, de criação de cultura no seu aspecto amplo. Nesse sentido, como diz Escobar (2018), precisamos criar uma visão ampliada da teoria e da prática do design, que canalize sua capacidade de criação de mundos para modos de ser e de fazer profundamente sintonizados com a justiça e com a Terra. Um design que seja autônomo, desvinculado de objetivos capitalistas, e que permita abordagens colaborativas e focadas na realidade local de cada grupo social.

Ampliar os conceitos de educação e de design fazem com que essas áreas, antes vistas como distintas e com objetivos diferentes, possam se encontrar na escolha política de transformar o mundo em um lugar mais justo, onde todas as pessoas possam de fato exercer sua vocação ontológica de “ser mais”, livre de opressões e livre de opressores. Olhar para o design sob a perspectiva freiriana confere a ele um propósito maior, uma ontologia do design na qual a sua vocação passe a ser a libertação das pessoas para serem para si, não mais opressoras, não mais oprimidas.

Mas as contribuições filosóficas não param aí, como Freire também coloca, esse processo revolucionário de transformação do mundo precisa ser uma construção coletiva, compartilhada entre um educador-educando e um educando-educador, não só na sala de aula convencional, mas também nas mais diversas ações culturais e políticas, onde todos ensinam e todos aprendem. Sob uma perspectiva epistemológica, Freire refuta a possibilidade do conhecimento ser prescrito de uma pessoa para outra, pois isso seria uma ação opressora. Sobre isso Freire afirma:

Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência receptora no que vimos chamando de consciência hospedeira da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores. (FREIRE, 2019, p. 46).

Novamente, novas relações podem ser feitas com o design, em particular abordagens participativas, como é o caso do design para inovação social, que também defende essa importância da construção coletiva. Como afirmam Alves da Silva e Almeida (2015), a inovação social é uma ação coletiva que busca satisfazer necessidades humanas, aumentando o acesso a direitos e potencializando as capacidades humanas para continuar agindo e inovando, em um processo que não é imposto externamente, mas que parte de baixo para cima, de dentro da própria comunidade.

Em suma, tanto do ponto de vista ontológico, do “por que” e do “para quem” deveríamos fazer designer, quanto do ponto de vista epistemológico, do “como” devem emergir esses novos conhecimentos, a obra freiriana têm importantes contribuições a dar para o design. Um design ontologicamente voltado para a libertação dos oprimidos e não para a perpetuação dos opressores. E um design que, compartilhando desse ideal de libertação, não use métodos opressores para alcançar uma falsa liberdade, uma transformação prescrita. Pelo contrário, que trabalhe de forma humilde, horizontal, colaborativa, para que essa nova realidade seja uma construção coletiva compartilhada por todas as pessoas.

Encerramos parafraseando Holliday (EAD FREIRIANA, 2020) sobre a sua visão da filosofia freiriana, que não é só um método, mas sim uma forma de valorizar a escuta, de ouvir outras pessoas e compreender seu mundo e sua maneira de expressar, tendo o diálogo como fundamental. Não o diálogo como técnica, mas como algo ontológico, essência do que nos faz humano. Um diálogo que não é inocente, mas crítico, que problematiza as situações, através de um vínculo entre teoria e prática, para a partir da vida e das sensações teorizar e compreender, possibilitando voltar à prática com uma perspectiva diferente. Uma perspectiva libertadora, que nos libera da opressão ao mesmo tempo que libera nossas potências. Tudo isso demonstrando que muito além do método, há uma filosofia da transformação da história, feita pelas pessoas, convertidas em sujeitos transformadores de sua própria história, capazes de olhar, imaginar e construir um mundo novo. Essas foram suas palavras sobre a filosofia freiriana, fazemos delas as nossas palavras sobre a filosofia de um design emancipatório.

FREIRE E DESIGN: APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS

Freire não se limitou a defender sua visão transformadora de forma abstrata. Pelo contrário, sua obra traz ações concretas para implementá-la, como é o caso do círculo de cultura.

Como Freire (1967) coloca, o círculo de cultura é um método ativo, dialogal, crítico e criticizador. O conteúdo abordado é definido à partir do contexto, do mundo e das demandas dos próprios envolvidos, por meio de temas geradores significativos para o grupo e identificados em conversas com este, nunca impostos externamente ou pelo educador. Sua execução é horizontal, pautada no diálogo conduzido através de discussões em cima de codificações (representações geralmente visuais de situações existenciais relacionadas aos temas geradores) e decodificações (o processo de problematizar, debater, compreender criticamente e problematizar novamente as situações representadas). O aprendizado não é transmitido, mas sim construído colaborativamente por meio deste diálogo criticizador constante.

Dois objetivos são claros com esse método. O primeiro é aprender coletivamente sobre o próprio mundo que cerca os participantes, sua própria cultura, seus artefatos, sua linguagem, seus problemas e seus sonhos. O segundo é que essa aprendizagem seja crítica e problematizadora, e que gere uma consciência crítica que emancipe e permita um novo olhar sobre esse mundo. Mais do que aprender a ler palavras, o objetivo é aprender a ler o mundo. Mais do que aprender a escrever, escrever a sua própria palavra.

A participação no círculo de cultura é radical, sendo base inseparável desde o início, tanto pra definição dos conteúdos a serem abordados até a discussão e aprendizagem crítica sobre eles. Fazendo um paralelo com o design, essa importância em dar voz as pessoas e abrir espaços para sua participação é um princípio em muitos métodos, notadamente em obras recentes como Moraes e Rosa (2012), Vianna *et al.* (2014), Stickdorn *et al.* (2020) e Ideo (2020).

Nesse sentido, a apropriação de práticas do círculo de cultura pode contribuir para a implementação da participação e do diálogo em projetos de design. Projetos que abordem temas e problemas geradores que não foram definidos a partir de olhares externos, mas sim através do diálogo com a comunidade envolvida. Que utilizem codificações, representações visuais ou em outros meios para mediar a participação, inicialmente sobre os problemas, mas depois também sobre as propostas de solução. E que a decodificação, ou seja, o diálogo sobre essas representações e o que isso significa para o projeto de design, ocorra constantemente e sempre de forma colaborativa, horizontal, crítica e problematizadora.

Ao incorporar esses ideais freirianos, enxergamos duas implicações importantes para a implementação da participação: ela precisa necessariamente ser horizontal e empoderadora.

Uma participação horizontal implica na quebra da hierarquia que coloca designers

em uma posição privilegiada para decidir sobre o que é certo ou errado durante o processo de design. Pelo contrário, estão lá para aprender tanto quanto os demais participantes, se tornam designers-participantes. A arrogância do especialista em design precisa dar lugar a humildade e a abertura para os conhecimentos dos demais participantes, permitindo uma síntese entre ambos, e não a invasão cultural pelo designer. Essa quebra também tira qualquer limitação das outras pessoas que participam do projeto, que não estão lá só para serem consultadas em momentos específicos ou validar ideias preconcebidas, elas participam do início ao fim do processo, de forma ativa, crítica, criadora e transformadora, são participantes-designers. Pois já “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2019, p.95).

Por outro lado, uma participação empoderadora implica em estimular que as pessoas tomem consciência de si próprias como sujeitos de sua própria história, que podem e devem agir no mundo para transformá-lo. E que os conhecimentos gerados nesse processo participativo não sirvam apenas para resolver o problema específico abordado, mas que perdurem de forma a empoderar os participantes a continuarem transformando o mundo. Participação como a proposta por Gaudio (2015), que aponta que auxiliar a “infraestruturar” espaços abertos, horizontais e participativos é justamente o novo papel que se coloca para designers atuando no âmbito social. Enquanto criar projetos de design de forma convencional, com o designer à frente do processo e com começo, meio e fim é uma ação limitada, criar infraestruturas que permitam inovações constantes pela própria comunidade é a forma de permitir a sustentabilidade dessas transformações, emancipando-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UM DESIGN EMANCIPATÓRIO

O design emancipatório aqui proposto consiste em adotar de forma radical e abrangente tanto aspectos filosóficos quanto metodológicos presentes na obra de Paulo Freire.

Do ponto de vista ontológico, é o design que percebe a vocação humana para “ser mais”, e que existe, portanto, para lutar contra qualquer opressão. É um design político, dotado de intencionalidade e que escolhe um lado, o lado do oprimido. É um design que cria novos modos de ser e de viver mais justos e sustentáveis, e não apenas bens de consumo para perpetuar a lógica capitalista. Do ponto de vista epistemológico, não aceita a prescrição de conhecimentos, eles são uma construção coletiva, que surge a partir do diálogo crítico e problematizador.

Para isso, adota métodos participativos, podendo incorporar aspectos do círculo de cultura: a definição conjunta dos temas e problemas a partir da realidade da comunidade envolvida, o diálogo sobre esses temas mediado por codificações e decodificações. Um participação que não é uma autorização dada pelo designer, que não é limitada e nem reduzida a momentos específicos, mas que ocorre do começo ao fim de forma horizontal e empoderadora. Horizontal porque quebra hierarquias que separam designers responsáveis pelas decisões de um lado e participantes submetidos a essas prescrições do outro. No lugar dessa separação, agora designers-participantes e participantes-designers tanto aprendem quanto fazem design. Empoderadora porque visa tornar todas as pessoas conscientes de sua capacidade e da sua vocação para transformar o mundo, fazer cultura e escrever sua própria história, e, portanto, de serem também responsáveis por criar os novos modos de ser e de viver livres de opressão que tanto buscamos. Perceber que design não é algo feito apenas por especialistas formados e autorizados para tal, mas por elas também.

Um design que emancipe todas as pessoas para fazerem design, um design voltado para a luta pela emancipação de todas opressões, um design que emancipe a si próprio de visões restritas à perpetuação da lógica capitalista. Um design emancipatório e livre em todos seus aspectos.

REFERÊNCIAS

- ALVES DA SILVA, Ana; ALMEIDA, Joana. Palcos de inovação social: atores em movimento(s). In: **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXX, 2015, p.35-54.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 9.2 – Paulo Freire: um método ou uma filosofia? Ministrado por Oscar Jara Holliday. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- IDEO. **Human Centered Design Toolkit**, 2020.
- GAUDIO, Chiara Del. Os desafios para o design no âmbito social e as perspectivas futuras: o conceito de infraestruturação e a redefinição do papel do designer. In: **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2015.
- MORAES, Anamaria de; ROSA, José G. S. **Design participativo**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012.
- STICKDORN, Marc; et al. **Isto é design de serviço na prática**. Porto Alegre: Bookman, 2020.
- VIANNA, Maurício et al. **Design thinking: inovação em negócios**. Rio de Janeiro: MJV, Press 2014.

Marco Mazzarotto é designer, professor na UTFPR e voluntário da ONG TETO, sendo suas áreas de atuação a pedagogia do design, métodos participativos e inovação social. Contato: marcomazzarotto@gmail.com.

A PALAVRAMUNDO LIBERTA DAS PALAVRAS-FAKE: PAULO FREIRE, UM NÃO-INÉDITO VIÁVEL E NECESSÁRIO

BROGNA, Marcos

RESUMO

A mentira é velha companheira da ação humana, mas, hoje, a era digital lhe deu contornos muito desafiadores. E Paulo Freire, que certamente nem conheceu o termo “fake news”, deixou um legado muito rico no combate à desinformação, que nos convida à leitura do mundo para que, assim, não sejamos enganados na leitura da palavra. Nesse sentido, o criador do termo “inédito viável” se torna, apesar de não-inédito com sua obra de dimensão global, imensamente viável diante desses novos tempos e novos desafios.

Palavras-chave: Dialogismo. Palavras-fake. Palavramundo.

ABSTRACT

Lying is an old companion of human action, but today, the digital age has given it very challenging contours. And Paulo Freire, who certainly didn't even know the term “fake news”, left a very rich legacy in the fight against disinformation, he invites us to read the world so that we are not deceived into reading the word. As such, the creator of the term “unprecedented viable” becomes, despite not being non-unprecedented with his work of global dimension, he is immensely viable in the face of these new times and new challenges.

Keywords: Dialogism. Fake words. Worldword.

1. FAKE NEWS, PÓS-VERDADE E FILTRO BOLHA

A popularização do termo “fake news” nos convida a usá-lo, mas a própria expressão leva a uma dúvida conceitual: pode ser notícia algo que é falso? E o que vem a ser notícia?

Diz um velho jargão do jornalismo que um cão morder um homem não é notícia porque cães morderem pessoas são fatos triviais, mas o contrário (ou seja, uma pessoa morder um cão) seria um fato inusitado, uma novidade e, portanto, notícia. Então, apesar de nem todo fato virar notícia, toda notícia provém de um fato: precisa ter acontecido.

Não há, portanto, “fake” que seja “news”, ou seja, falsidade que seja notícia. Antes das redes sociais, Lage (1999) já era categórico ao enquadrar como fraude tanto a inverdade que se diz noticiosa quanto a imaginação:

Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. É também axiomática, isto é, se afirma como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro. (Lage, 1999, p. 30)

Portanto, quando falamos de “fake news” estamos tratando da desinformação, da mentira. Ou, ainda (e essa é uma estratégia muito utilizada pois tem enorme poder de iludir), de uma verdade tirada de contexto e, dessa forma, transformada em mentira. Isso se vê, por exemplo, no uso de conteúdos noticiosos antigos como se fossem atuais.

Outra observação sobre as “fake news” nos leva a uma dúvida contextual: seria a mentira uma exclusividade dos tempos atuais (e digitais)? Não teria havido mentira no mundo “analógico” das fofocas entre vizinhos através do muro, do papo entre colegas de trabalho na sala do cafezinho ou das conversas entre amigos numa mesa de bar?

Em entrevista ao jornal “Folha de São Paulo”, em 2017, o historiador estadunidense Robert Darnton afirma que as “fake news” estão longe de ser uma novidade. Ele cita, inclusive, um historiador que já espalhava notícias falsas no século VI. Na mesma entrevista, Darnton admite, entretanto, que as “fake news” dos tempos atuais são um grande problema, interferindo até em importantes decisões de uma sociedade, incluindo a eleição de um presidente da República:

Acho realmente que sem fake news, redes sociais e a nova mídia, Trump não teria sido eleito. Notícias inventadas e tuítes de Trump e de seus seguidores circularam pelo país e tiveram efeito maior que mídia séria, porque o público acredita nessas coisas. (Folha de São Paulo, Ilustríssima, 2017)

Ou seja, apesar de não serem uma exclusividade dos tempos atuais, as “fake news”, hoje, inserem-se em um contexto diferente, com novas dimensões de tempo e espaço. Graças às novas tecnologias da informação, há um imenso número de pessoas atingidas por mentiras em uma escala de tempo muito curta e de espaço muito ampla. Ou seja, muita gente pode ser enganada de forma muito rápida. A professora Dra. Jaciara de Sá Carvalho, do Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, discorre sobre o tema:

O que mudou foi a capacidade, a sofisticação dessas mentiras, sobretudo por conta da tecnologia. Hoje é muito mais fácil a gente acreditar e achar que uma informação é verdade por conta de uma série de recursos sofisticados que não tínhamos no passado, sobretudo por conta do grau de velocidade da disseminação e proliferação dessas notícias, que nós não conhecíamos anteriormente (EAD FREIRIANA, 2020a)

A sofisticação citada por Carvalho (EAD FREIRIANA, 2020a) vai além da velocidade e abrangência. Conta com um sofisticadíssimo processo de coleta, organização e cruzamento de nossos dados pessoais com base nos rastros que deixamos ao navegar na internet. Isso possibilita às empresas que comandam a tecnologia digital um imenso poder de manipulação.

Pariser (2012) chama a atenção para a existência de um “filtro invisível” que nos confina em “bolhas” de pensamento único, ou seja, somos levados cada vez mais próximos daqueles que pensam como nós, da mesma forma que somos afastados da adversidade de pensamentos.

Navegamos pelos “mares” digitais imaginando que estamos conduzindo o leme quando, na verdade, muitas vezes somos conduzidos tanto para o consumo quanto para o pensamento único. Isso, segundo Pariser (2012), nos dispersa da discussão de assuntos que deveriam ser encampados na esfera pública, mas acabam reduzidos a uma realidade antidialógica. Ou seja, nosso “barco” é levado a ilhas que renegam conflito de ideias e, pior, acabam instigando ao confronto.

A nova geração de filtros on-line examina aquilo de que aparentemente gostamos e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (Pariser, 2012, p. 14)

Ao nos depararmos, constantemente, com os mesmos tipos de ideias e informações, tendemos a encará-las como verdades absolutas. Eis um campo fértil para as “fake news”. Carvalho (EAD FREIRIANA, 2020a) cita uma pesquisa feita entre 2006 e 2017 pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) que escancara o resultado desses tempos: notícias falsas têm 70% mais chances de ser compartilhadas em redes sociais do que as verdadeiras.

As “fake news” contam, ainda, com outro fenômeno que se soma e se mistura ao advento da tecnologia digital: a era da pós-verdade, o tempo em que a verdade não importa mais porque cada um pode produzir a sua (ou a da sua bolha). Esse fenômeno está muito ligado aos tempos líquidos da pós-modernidade de Bauman (2000), em que as estruturas se desmancham, as verdades se moldam às conveniências individuais e, então, chega-se ao extremo de o formato da Terra ou a existência de um vírus serem vistos como apenas “questões de opinião”.

Surge, então, o paradoxo do individualismo de massa em prejuízo do bem comum: “O palco público não é tanto a busca de causas comuns e de meios de negociar o sentido do bem comum e dos princípios da vida em comum quanto a necessidade desesperada de ‘fazer parte da rede’” (Bauman, 2000, pág. 46)

Dunker et al (2017) entende a era da pós-verdade como um tempo de dicotomias. Ele explica que, nesse contexto, a argumentação é trocada pela irracionalidade. “Triste é a sociedade que vê nessa persuasão a explosão da irracionalidade, pois ela reconhece apenas um conceito de razão em dicotomias” (Id. Ibid., 2017, p.126). Essa realidade nos ajuda a entender a polarização, que reduz cada vez mais o campo para o diálogo.

O professor Dr. Moacir Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020b) explica que a “pós-verdade” pode ser entendida na maneira como se recebem as “fake news” pelos muitos canais digitais: as pessoas acreditam na informação que recebem e não se importam em ir às suas fontes porque mais importante que checar é afirmar o que condiz com sua visão de mundo. Ou seja, não fazem uma leitura crítica.

Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020b) defende que os educadores passam a ter um papel fundamental, com um “dever de esclarecer”, que é, segundo ele, o papel da própria escola. Ele cita, inclusive, a expressão “guerra suja” para descrever a dicotomia desses tempos: “É preciso reflexão crítica, debruçar-se sobre as fontes e não aceitar qualquer coisa que vem (...), não aceitar a lógica da guerra, uma guerra suja que destrói reputações” (Gadotti, EAD FREIRIANA, 2020b).

2. LEITURA DO MUNDO CONTRA A DESINFORMAÇÃO

O educador Paulo Freire não viveu os tempos de redes sociais, de pós-verdade ou de “fake news” fabricadas por robôs. Mas tanto ele quanto sua obra têm muito a ver com o tema.

Freire foi, ainda em tempos pré-digitais, vítima de uma “fake news”, como lembra a professora Dra. Sonia Couto (EAD FREIRIANA, 2020c): ele foi tido como “subversivo” e, por isso, exilado pela ditadura militar, nos anos 1960. Hoje, após sua morte, o legado de Paulo Freire é, também, vítima de desinformação, chamado de “doutrinador” por uma corrente de pensamento extremista que, não por coincidência, identifica-se com os desvalores antidemocráticos da ditadura. E o motivo de tudo isso nos revela um Paulo Freire atual, contemporâneo e necessário diante das “fake news”: sua obra, ao contrário de ser doutrinadora, pode nos libertar da desinformação, da polarização, do individualismo e do ódio. Por isso, Paulo Freire incomoda os que precisam da mentira para se sustentar.

Nesse sentido, o professor Guillermo Williamson (EAD FREIRIANA, 2020d) explica que “As ‘fake news’ expressam uma falta de ética profunda que surge das forças mais conservadoras e poderosas da sociedade”. Ou seja, estão a serviço de um modelo exploratório. Esse modelo nega, segundo o professor, um dos princípios básicos do pensamento freiriano: a leitura do mundo que precede a leitura da palavra. “As ‘fake news’ querem que a mentira surja antes da leitura do mundo, defendida por Freire”:

Essa leitura escrita que vemos nos coloca uma ordem diferente do pensamento freiriano. Como hoje nós lemos o mundo? A partir dessa leitura do mundo, podemos ter a leitura da escrita, da palavra escrita da realidade. Isso nos coloca numa questão fundamental: a luta pela consciência. (WILLIAMSON, EAD FREIRIANA, 2020d)

Entramos em uma das premissas do pensamento freiriano: a integração entre texto e contexto, em que o contexto precede o texto, ou seja, a capacidade do entendimento do meu mundo encontra-se antes da capacidade do que é escrito ou lido sobre ele. E a leitura, a interpretação do texto, a alfabetização, não rompem com esse contexto que começou antes. Pelo contrário: elas o ampliam. A leitura do texto com o entendimento do contexto me dá ferramentas para transformar o mundo, com consciência, com senso crítico, com autonomia:

No esforço de re-tomar a infância distante, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 2011, p. 22)

É com esse pensamento que Freire nos apresenta um belíssimo neologismo, a “palavramundo”, e ele o exemplifica com sua própria infância. Antes de frequentar a escola, o menino que viria a ser o patrono da educação brasileira já brincava com palavras à sombra de mangueiras e rabiscando com gravetos no chão. Ao chegar à escolinha e, nela, começar a construção de frases e de sentenças, ele conta que não houve uma ruptura com a leitura daquele “mundo anterior”, mas sua ampliação: o seu mundo ganhou as palavras e somou-se a elas na “palavramundo” (FREIRE, 2011).

Carlos (2008), em sua dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras de Porto, em Portugal, faz uma interessante triangulação entre o “eu”, o “outro” e o “mundo”, em que o “eu” se reconhece no “outro” por meio da abertura ao mundo no pensamento freiriano:

A palavra-mundo, diferente de qualquer dissimulação do real – expressão daquilo que Paulo Freire chama verbalismo vazio, palavra sem conteúdo –, afirma-se como uma palavra viva e comprometida com a própria existência humana no e com o mundo, através do diálogo. Portanto, o que está em jogo é o próprio diálogo existencial, onde o si mesmo se reconhece no outro através da abertura ao mundo, e onde as várias singularidades se relacionam admirando um mundo comum. (Carlos, 2008, p. 24)

Está, pois, na base do pensamento freiriano um caminho contra a desinformação, a pós-verdade, a dicotomia polarizada e contaminada pelo ódio. Trata-se do dialogismo. Freire defende que a comunicação deve ser embasada no diálogo,

na relação horizontal e dialética. Daí surge uma máxima freiriana: “O encontro amoroso dos homens, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2018, p. 51).

Ora, se hoje a comunicação em rede planetária está infestada pelas visões dicotômicas e repleta de mentiras criadas com o intuito de manipular mentes e corações, e se queremos viver civilizadamente, a construção do diálogo torna-se uma luta necessária. E como fazê-la senão educando, desde cedo, para o entendimento do contexto, da prática do diálogo, do respeito ao contraditório?

No livro “Pedagogia da Tolerância”, organizado por sua mulher, Ana Maria Araújo Freire, após sua morte, aparece um Paulo Freire em artigos, cartas e entrevistas que já antecipa uma questão tão contemporânea e necessária quanto o combate às “fake news”: o entendimento da diversidade. E aprendemos com Freire que a diferença ensina, mesmo quando em total discordância com o que pensamos ou fazemos. Esse entendimento é contribuição valiosa aos desafios de hoje:

O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por me ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente. (FREIRE, 2014, pág. 26)

3. PAULO FREIRE, UM NÃO-INÉDITO VIÁVEL

Tal qual na alegoria da caverna de Platão, segundo a qual estamos presos vendo apenas projeções da verdade na parede, as bolhas digitais nos confinam numa falsa ideia de autonomia diante do que vemos e na maneira como interagimos. Mudou o contexto e a plataforma, mas o desafio permanece: agir em busca da consciência e da autonomia.

Isso é possível, na visão de Pariser (2012), que considera a internet “o sistema que mais nos permite assumir a responsabilidade de compreender e gerir o nosso mundo” (2012, p.147). Segundo ele, “Algo está errado na nossa mídia. Mas a internet não está condenada, por uma simples razão: esse novo meio é extremamente plástico” (Id. Ibid., pág. 148).

Para Pariser (Ibid.), precisamos exigir das empresas de internet um controle social que preserve nossos dados pessoais para que não sejam usados por algoritmos que nos tornam mais suscetíveis tanto a produtos quanto a bolhas de “verdades absolutas”:

Temos que saber quem possui nossos dados pessoais, que dados são esses e como são usados; ter a capacidade de impedir que dados coletados para um determinado propósito sejam usados para outro; poder corrigir informações incorretas sobre nós mesmos. Nossos dados devem estar seguros. (PARISER, 2012, p.161)

O professor Dr. Ladislau Dowbor (EAD FREIRIANA, 2020e) argumenta no mesmo sentido, utilizando-se do pensamento freiriano: a necessidade de se lutar por uma internet mais livre e sem os “pedágios” dos grandes grupos empresariais que a controlam como donos. Isso permitiria assegurar a rede mundial como um espaço democrático do conhecimento.

Ou seja, antes de Pariser e de outros tantos autores contemporâneos à era digital, Paulo Freire já nos apontava o caminho contra todo tipo de dominação: a educação libertadora que permite senso crítico e transformação. E eis que a obra do criador do “inédito viável” se torna extremamente viável mais de duas décadas após sua morte, diante de um desafio explicado em um termo (“fake news”) que Paulo Freire sequer conheceu.

Educador dos oprimidos, comunicador do dialogismo e inspirador de sonhos possíveis na construção da autonomia. Assim eu descreveria Paulo Freire, citando as características mais marcantes a mim, antes do Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. Hoje, após os aprendizados do curso, somo a essas enormes contribuições do patrono da educação, a possibilidade de utilizar seu legado para combater um grande mal de nossos tempos: a “cibermentira”, ou, a desinformação que coloca em xeque até as mais sólidas democracias.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

CARLOS, Elter Manuel. **Palavramundo: a leitura como experiência de formação**. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18033/2/tesemestpalavramundo000068022.pdf>> Acesso em: 30.jun.2019

DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo.

Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 1 – A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 11 – A atualidade da metodologia freiriana para Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Ministrada por Sonia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 10 – O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?. Ministrada por Guillermo Williamson. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020d.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020e.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

VICTOR, F. Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador *Robert Darnton*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 fev. 2017. Caderno Ilustríssima. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PLATÃO. **A República**. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Marcos Roberto Souza Brogna é jornalista e professor universitário. Graduado e pós-graduado pela Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, mestrando em comunicação, leciona no Centro Universitário Senac. É autor do livro “Viva (e entenda) a diferença” (Editora Senac), da coleção Trilogia Contemporânea (Liberdade, Diversidade e Sustentabilidade) e co-autor, com a psicóloga Paula Napolitano, de “Diversidade e Sexualidade” (OPEE Editora). No jornalismo diário, trabalhou como repórter, colunista e editor-chefe. Contato: marcosbrogna@gmail.com.

PAULO FREIRE (1921-1997): COMPREENDER O 'DITO PARA REDIZÊ-LO'

CARDOSO, Maria Alice Ramalho

RESUMO

Os ensinamentos de Paulo Freire compartilhado por meio de várias obras e também por suas experiências educativas nos possibilitam ampliar a nossa percepção para uma educação significativa e transformadora em face desta sociedade, que se apresenta ainda, extremamente desigual e excludente para muitos; segundo nos diz em sua obra A importância do ato de ler *"A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente"*. Assim o presente trabalho busca realizar uma reflexão sobre alguns *ditos* de Paulo Freire na esperança de manter esta boa corrente filosófica em *'redizer o dito'*, com as vozes de autores em consonância ao pensamento freiriano, como foi desenvolvido durante o Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news'. Edição 2020.

Palavras-chave: Paulo Freire. Educação. Notícias falsas.

ABSTRACT

The teachings of Paulo Freire shared through various works and also through his educational experiences enable us to broaden our perception to a meaningful and transformative education in the face of this society, which is still extremely unequal and exclusionary for many; according to his work The importance of reading *"Reading the world precedes the reading of the word, hence the subsequent reading of the word, hence the subsequent reading of the word, hence the subsequent reading of it, it cannot dispense with the continuity of the reading of that. Language and reality are dynamically fast-off"*. Thus the present work seeks to carry out a reflection on some of Paulo Freire's sayings in the hope of maintaining this good philosophical current in *'retelling the saying'*, with the voices of authors in line with the Freiriano thought, as was developed during the Course 'Paulo Freire in times of fake news'. 2020 edition.

Keywords: Paulo Freire. Education. Fake news

Este trabalho busca realizar uma reflexão sobre alguns *ditos* de Paulo Freire na esperança de manter esta boa corrente filosófica em *'redizer o dito'*, com as vozes de alguns autores em consonância ao pensamento freiriano e com as diversas aprendizagens pessoais, profissionais, espontâneas (por vezes) e também, de forma consciente vivenciada nos estudos de formação continuada, como o foi durante a realização do Curso Paulo Freire em tempos de fake news, edição 2020. Paulo Freire em sua Pedagogia da Esperança, momento de reencontro com a sua Pedagogia do Oprimido aproximou-nos deste percurso

Num tom quase de conversa, não apenas com o leitor ou a leitora que agora busca sua convivência com ele pela primeira vez, mas também com aqueles e aquelas que o leram há quinze, há vinte anos e, que, neste momento, lendo este repensar, se preparam para relê-lo, gostaria de pinçar alguns pontos através de que pudesse melhor redizer o dito. (FREIRE. 2014, p. 74).

Também não foram poucos os muitos encontros que terá feito durante a sua trajetória de vida, autor de diversas obras e de resistência pelo exílio sofrido. Desta forma não serão poucos os encontros com o seu pensamento filosófico, voltado para uma educação democrática, libertadora, pelos quais autores brasileiros e estrangeiros o defendem sempre das notícias falsas e contrárias ao seu pensamento ético.

Será destacado ainda, no decorrer do trabalho algumas questões, a saber: Como não reconhecer um autor, pensador, filósofo que já é reconhecido mundialmente e merecedor de diversos títulos 'Doutor Honoris Causa'? Como agir em face de notícias falsas divulgadas sem base real de suas fontes sobre o pensamento freiriano?

EM DEFESA DO PENSAMENTO FREIRIANO

No decorrer do curso o professor Guillermo Williamson (EAD FREIRIANA, 2020f) constata o contexto onde "As forças conservadoras tentam associar o pensamento progressista a uma noção antipatriótica e de alguém que não pensa no bem comum e no desenvolvimento social". Bem como, o professor Carlos Rodrigues Brandão (EAD FREIRIANA, 2020g), destaca como os regimes ditatoriais tanto do Brasil, quanto em outros ocorridos nos países da América Latina, contribui de forma significativa para a nossa compreensão da "ânsia frenética" que se apresentam as **notícias falsas** sobre Paulo Freire, visando ludibriar, desfazer,

subjugar um trabalho educativo sério, comprometido com as camadas excluídas socialmente e, por sinal, com um comportamento extremamente crítico, ético. E, já substancialmente, reconhecido em vários países do mundo. Como o próprio Paulo Freire já advertia na Pedagogia como Prática da Liberdade

Nunca pensou, contudo, o Autor, ingenuamente, que a defesa e a prática de uma educação assim, que respeitasse no homem a sua ontológica vocação de ser sujeito, pudesse ser aceita por aquelas forças, cujo interesse básico estava na alienação do homem e da sociedade brasileira.(FREIRE.1979 p.36)

Segundo apresentação da professora Francisca Pini (EAD FREIRIANA, 2020e) “Realmente falar de Paulo Freire é falar de luta, de resistência(...)”. É preciso saber também, que os direitos humanos nos fornecem ferramentas indiscutíveis, pois “são direitos civil, político, social, econômico, socioambiental e cultural, sendo esses interdependentes e integrais(...)”. Compreender essa extensão quanto ao ‘direito’ possibilita-nos compreender essa será uma participação por meio ações coletivas e permanentes para enfrentar os desafios impostos nos diversos segmentos sociais, vividos principalmente, nestes tempos de grandes redes de comunicação e espaços virtuais, onde geralmente estão sendo veiculadas, de forma impositiva, falsidades sobre diversas pessoas, notadamente conhecidas por práticas democráticas, inclusive quando tentam destruir o legado aqui estudado de Paulo Freire.

As notícias falsas (‘fake news’), nas reflexões do professor Moacir Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020a) foram pontuadas de maneira direta, pois essas não são simples afirmações equivocadas, ou ainda, argumentos e noções de ‘pós-verdades’. São afirmações elaboradas e direcionadas para tornarem-se ‘verdades’, mesmo quando não passam de ‘inverdades’ direcionadas sistematicamente contra muitos, como no caso em particular também, sobre as ideias que Paulo Freire defendia.

Como não reconhecer um autor que já é reconhecido mundialmente?! Como nos trouxe a professora Luiza Cortesão (EAD FREIRIANA, 2020b), com os três conceitos estruturantes da obra de Paulo Freire: *Cultura(s); Politicidade e Inédito viável*. Sim, são ideias que possibilitam um pensar diferente, um pensar que respeita a historicidade de todos os sujeitos, fato que essa sociedade nega constantemente por meio das práticas excludentes e das desigualdades sociais.

Por isso, mesmo, é preciso saber a origem 'das falsidades contra Freire' e, geralmente quando se busca saber, o que se encontra, como nos apresentou o professor Ismar Soares (EAD FREIRIANA, 2020c), são elementos e afirmações ligadas aos preconceitos ou aos prejulgamentos insensatos sobre as ideias freiriana. Afirmações de pessoas que não o 'conhecem' ou 'não desejam' que outros possam conhecer a proposta democrática que Paulo Freire promoveu em ações e obras extremamente éticas, voltadas à educação, ao direito à voz das camadas populares.

Posicionar-se criticamente em face dos "fatos" e não das "falsidades" torna-se urgente e necessário; buscar saber quais são as fontes, autorias; fazer bom uso das tecnologias com acessos em sites confiáveis, já poderia ser um passo a favor da História. E, no caso de Paulo Freire, a sua vida e suas obras são os conteúdos que dizem por si: seu compromisso com a educação emancipadora, vislumbra a transformação dos envolvidos no processo de construção dos conhecimentos, em favor da politicidade, sim, com ética e a consciência crítica; unindo as pessoas por meio de atitudes e ações coletivas (sempre possíveis) para desvelar os obstáculos que dificultam a "boniteza" do mundo, no dizer freiriano.

O momento pelo qual estamos vivendo nos desafia sobremaneira, estamos no "olho do furacão" como disse o professor/economista Ladislau Dowbor em sua profunda apresentação (EAD FREIRIANA, 2020d) - Resgatar o poder do conhecimento em face às 'fake news'. As Ideias falsas são fundadas em ideais profundamente nefastos; contudo, Dowbor aponta alguns caminhos necessários e possíveis para equalizar as forças diante do atual momento de grandes avanços tecnológicos: "assegurar o acesso democrático a internet livre; organizar a regulação dos grandes grupos de internet; organizar redes on-line de jornalismo e os espaços de construção abertos..." Também em artigo publicado, ainda nos faz refletir

É legítimo não aceitarmos que tantas pessoas sejam transformadas em zumbis, repetindo o que aparece nesses diversos instrumentos de manipulação. O que me interessa aqui é dar, através do testemunho de como eu organizo a minha informação, indicações de excelentes fontes de análises, internacionais e nacionais, que apresentam não só boa informação, mas informação com facilidade de verificação. Ou seja, podemos, de forma rápida, gratuita e bem organizada, saber o que realmente está acontecendo pelo mundo e em particular no nosso quintal. Isso envolve repensar as

nossas fontes, mas também as formas de organização e de interação. O mundo do conhecimento mudou. (Ladislau Dowbor. 19 de fevereiro de 2019)

Desta forma poderemos nos apropriar da séria constatação ética como ele mesmo destaca: “resgatar o poder do conhecimento”. Quanto maior for o conhecimento e o acesso a esse conhecimento, construído historicamente, maior será nossa compreensão do mundo e da responsabilidade social. Segundo Freire (2004, p.33) “Mulheres e homens, seres históricos-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos”. Assim, se hoje precisamos defender com veemência os ideais democráticos, verdadeiramente inclusivos à toda sociedade, para muito além, ainda teremos que reafirmar em face das notícias falsas sobre Paulo Freire, em função das muitas inverdades deliberadamente manipuladas que visam confundir quem as recebe e/ou quem as transmite sem a devida crítica e verificação necessária. Freire já teria dito

No momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo *Ser Mais*. E, se a situação opressora gera uma totalidade desumanizada e desumanizante, que atinge aos que oprimem e aos oprimidos, não vai ceder, como já afirmamos, aos primeiros, que se encontram desumanizados pelo só motivo de oprimir, mas aos segundos, gerar de seu *ser menos* a busca do *ser mais* de todos. Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões. (FREIRE. 1987, p.19)

Por isso mesmo, precisamos nos manter conectados, mas atentos aos trabalhos que ocorrem em diferentes espaços de aprendizagens que valorizam o conhecimento que emancipa, que transforma a si mesmo, pois desperta a própria consciência crítica e a realidade na qual a pessoa se encontra; seja por meio de cursos presenciais ou cursos online, como o foi neste curso.

Nesses processos educativos podemos estabelecer relações significativas de aprendizagens sobre uma grande variedade de conhecimentos, seus autores e

suas conexões em diferentes partes do mundo de forma consciente e, porque não, até mesmo colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não deveria haver dúvidas a respeito dos conhecimentos e aprendizagens compartilhados sobre os saberes educativos que foram desenvolvidos por Paulo Freire ao longo de sua vida, voltada para uma educação democrática, jamais 'doutrinadora' como são noticiadas falsamente. Saber da relevância histórica, filosófica e educativa de Paulo Freire – aqui em nosso país, como Patrono da educação brasileira, ainda que tão tardiamente (2012), reconhecido por seus trabalhos, deveria ser evidente, no entanto, ainda não o é infelizmente.

Assim o contexto pelo qual vivenciamos ultrapassa os limites de serem apenas o convívio com as 'notícias falsas', porque assumem o caráter de ser informações inverídicas, conhecimentos desestruturados do contexto e de seu autor, quando alvo destas.

Notícias falsas que passam a serem transmitidas e retroalimentadas atendendo aos interesses de uma hegemonia que oprime e distorce a realidade, por meio, entre outras formas, de 'robos' que se utilizam de interconexões, pelos chamados 'algoritmos das redes sociais' – a partir de buscas instantâneas aos grupos similares e de maior relevância; também por invasões ou acesso de grupos privados por meio de simples repasse por algum dos membros, quando reforçam as narrativas nefastas de suas subjetividades rancorosas e preconceituosas que contaminam toda a sociedade.

Assumir responsabilidades e reinventar caminhos possíveis para o desenvolvimento de atitudes críticas em relação a convivência social, superando este fenômeno que se intitula **notícias falsas** (fake news). Como disse Freire (1979, p.96) *"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa"*. Essa constitui uma tarefa-desafio tanto para o campo da Educação em seus diversos níveis e modalidades de ensino, como também de todos os setores sociais e políticos que não devem isentar-se historicamente das posições críticas.

Podemos muito por meio de ações conscientes criticamente, portanto, não devemos abandonar a corrente filosófica freiriana que nos abre caminhos para a compreensão da educação enquanto direito universal, enquanto possibilidade

de transformação social, enquanto ato político, enquanto função democrática de (para) todas e todos como Freire insistia. Será pela união de esforços coletivos que tanto no espaço educativo, como nos diversos segmentos sociais as notícias podem ser discutidas sob a face da corrente verdadeira, sem distorção ao conhecimentos ou ao seu autor, em espaços que se abrem ao diálogo, às novas e diferentes ideias, bem como ao contraditório, mas sobretudo com a postura ética necessária para a compreensão que a desigualdade existente foi historicamente construída e assim poderá, um dia ser transformada.

Então, essa será a nossa resposta, participar da construção de redes de conhecimentos com os seus próprios autores no campo da realidade e da própria palavra, da 'leitura mundo' assumida com a consciência crítica e ética. Esse será o nosso esforço permanente na continuidade dos estudos, em nossa postura e prática educativa, sempre atenta às falsidades. Voltar-nos-emos sim, para as relações sociais com a preocupação do ato corajoso de comunicar e partilhar os conhecimentos autênticos, os saberes apreendidos e desenvolvidos para uma educação democrática, dialógica e emancipadora pela qual Paulo Reglus Neves Freire tanto defendeu como educador e filósofo brasileiro, com a alegria ao verdadeiro, sem jamais ceder ao falso.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Nós, os humanos. Disponível em: <<https://www.apartilhadavida.com.br>>. Acesso em: 3 de mai 2020.
- DOWBOR. Ladislau. **Como eu me informo**. Fev.2019, 5 p. Disponível em: <http://dowbor.org/2019/02/dowbor-como-eu-me-informo-fev-2019-5p.html/>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia como prática da liberdade**. 9ªed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 9ª ed. 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 30ª ed. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo, 21 ed. Paz & Terra. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2001.
- EAD FREIRIANA. **Curso "Paulo Freire em tempos de fake news" – edição 2020**. Vídeoaula 1 - A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação. Ministrada por

Moacir Gadotti. Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.

EAD FREIRIANA. **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – edição 2020.** Vídeoaula 2 - Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.

EAD FREIRIANA. **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – edição 2020.** Vídeoaula 3 - Educomunicação: uma herança dialógica freiriana. Ministrada por Ismar Soares. Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.

EAD FREIRIANA. **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – edição 2020.** Vídeoaula 7 - Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. Instituto Paulo Freire, abr. 2020d.

EAD FREIRIANA. **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – edição 2020.** Vídeoaula 8 - Contribuição de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos. Ministrada por Francisca Pini. Instituto Paulo Freire, abr. 2020e.

EAD FREIRIANA. **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – edição 2020.** Vídeoaula 10 - O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado? Ministrada por Guilherme Williamson. Instituto Paulo Freire, abr. 2020f.

EAD FREIRIANA. **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” – edição 2020.** Vídeoaula 16 - Paulo Freire em contextos de ditaduras. Ministrada por Carlos Rodrigues Brandão. Instituto Paulo Freire, abr. 2020g.

Maria Alice Ramalho Cardoso é professora do ensino fundamental/Rede Municipal de Goiânia. Especialização: Planejamento Educacional/Universidade Salgado de Oliveira (2002). Graduação: Pedagogia/PUCGoiás (2010) e Filosofia/Universidade Federal de Goiás (1999). Contato: mariaaliceramalho1965@gmail.com

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA FREIRIANA

OLIVEIRA, Maria Tereza de

RESUMO

O artigo aborda a temática dos Direitos Humanos, enquanto direitos universais e interdependentes, em todos os aspectos da vida e em todos os espaços. Tem como objetivo demonstrar que não há como dissociar a defesa dos direitos à educação dos demais direitos sociais, civis, políticos, culturais, econômicos e ambientais; e refletir a educação em direitos humanos na perspectiva de possibilitar uma melhor convivência em sociedade e uma cultura de paz, tendo como referencial teórico o pensamento de Paulo Freire.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Educação. Paulo Freire. Paz.

ABSTRACT

The article addresses the theme of Human Rights, as universal and interdependent rights, in all aspects of life and in all spaces. Its objectives are: to demonstrate that there is no way to dissociate the defense of education rights from other social, civil, political, cultural, economic and environmental rights; and to reflect human rights education in the perspective of enabling better coexistence in society and a culture of peace, taking Paulo Freire's thought as a theoretical framework.

Keywords: Human rights. Education. Paulo Freire. Peace.

INTRODUÇÃO

Reconhecer a liberdade como valor ético-central de uma democracia e estabelecer como um dos princípios a defesa dos direitos humanos e a recusa do autoritarismo em todas as esferas da vida cotidiana pressupõe a ampliação e a consolidação da cidadania, a defesa da participação política e da socialização da riqueza produzida, e um posicionamento político e ideológico em favor de um projeto de sociedade onde prevaleçam o respeito a diversidade cultural, a pluralidade de ideias, a equidade e a justiça social e que possibilite uma melhor convivência em sociedade e uma cultura de paz.

Segundo Bobbio (2004), em sua obra “A era dos direitos”, o tema dos direitos do homem está estreitamente ligado às questões relacionadas à democracia e à paz. A proteção dos direitos civis, sociais, políticos, culturais e econômicos tem como base e fundamentação as constituições democráticas modernas. Isto é, a democracia não pode existir sem direitos humanos e os direitos humanos não existem sem democracia.

A paz é o pressuposto necessário para o reconhecimento e a efetiva proteção dos direitos do homem em cada Estado e no sistema internacional [...]. Direitos do homem, democracia e paz são três momentos necessários do mesmo movimento histórico: sem direitos do homem reconhecidos e protegidos, não há democracia; sem democracia, não existem as condições mínimas para a solução pacífica dos conflitos (BOBBIO, 2004, p.7).

De acordo com o artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), de 1948, a educação é reconhecida como direito universal, isto é, “todo ser humano tem direito a instrução” e a conquista deste direito depende do acesso generalizado de todos/as (crianças, jovens e adultos), em condições de equidade e igualdade para todos/as, visando o “pleno desenvolvimento da personalidade humana” (DUDH, 2009, p.14). O direito à educação permanente é condição *sine qua non* para “o fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais”. Nesse sentido, “a instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz” (DUDH, 2009, p.14).

Conforme está explícito no art. 6º da Constituição Federal de 1988, o direito à educação não pode estar desvinculado dos demais direitos sociais como “a

saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (BRASIL, 2016, p.18).

No texto constitucional, a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, conforme art. 205, e “será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2016, p. 123). Ainda em seu art. 208, o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

educação básica obrigatória e gratuita; [...] universalização do ensino médio gratuito; atendimento educacional especializado as pessoas com deficiência [...]; educação infantil [...]; oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (BRASIL, 2016, p.124).

Nesse sentido, Gadotti (2009, p.17) afirma que,

para o exercício desse direito, o Estado precisa aproveitar o potencial da sociedade civil na formulação de políticas públicas de educação e promover o desenvolvimento de sistemas solidários de educação, centrados na cooperação e na inclusão.

Dito isto, a educação deve ser garantida pelo Estado de forma integral na perspectiva da intersetorialidade e estabelecida como prioridade à atenção dos grupos sociais mais vulneráveis.

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA FREIRIANA

Em “Contribuição de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos”, Francisca Pini, em sua videoaula do **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2020**, realizada pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, aponta como uma das primeiras *fake news*¹ que relaciona Paulo Freire aos Direitos Humanos é a de

1 O fenômeno das fake news se popularizou no Brasil a partir de 2016 e teve seu crescimento nas redes sociais em 2017, atingindo seu apogeu, especialmente na esfera política, durante as eleições de 2018.

que “direitos humanos são para bandidos, para pessoas que cometem crimes” (EAD FREIRIANA, 2020a).

É uma das *fake news* mais disseminadas nos meios de comunicação e redes sociais. Ouvimos praticamente todos os dias, além dessa, outras *fake news* como “bandido bom é bandido morto” ou “está com pena? leve para sua casa”. Combater a desinformação e desmistificar essas ideias, algumas já cristalizadas, é um desafio para todos os educadores que defendem a democracia e uma educação pautada nos princípios dos direitos humanos: dignidade humana; igualdade de direitos; reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; laicidade do Estado; democracia na educação; transversalidade, vivência e globalidade e sustentabilidade socioambiental.

Conforme art. XIX, da DUDH (2020, p. 10-11), a informação é um direito humano e deve estar em conformidade com a proteção da dignidade humana, portanto:

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

A Conferência Mundial sobre Direitos Humanos realizada em Viena, em 1993, reafirma o empenho da comunidade internacional em responder aos desafios em realizar plenamente todos os Direitos Humanos, com vista a impedir a continuada violação desses direitos. Aos países membros e signatários da DUDH é preciso:

garantir que a educação se destine a reforçar o respeito pelos Direitos Humanos e liberdades fundamentais [...], realçar a importância de incluir a questão dos Direitos Humanos nos programas de educação e apela aos Estados para o fazerem. A educação deverá promover a compreensão, a tolerância, a paz e as relações amistosas entre as nações e todos os grupos raciais ou religiosos [...] (DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DE VIENA, 2020).

O Brasil tornou-se signatário do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos e do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos e Sociais em 1966. No entanto, a discussão oficial sobre Educação em Direitos Humanos só se inicia após a Constituição de 1988, com o lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos, através do Decreto nº 1.904, de 13.05.1996.

Nesse contexto, os conteúdos relativos aos “Direitos Humanos” são considerados um dos temas transversais, nos currículos escolares, para todos os níveis de ensino e em todos os Estados da federação, conforme art. 9º, Lei nº 9.394, de 20. 12. 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13.07.1990.

Em 1997, o Ministério da Educação (MEC) lança a proposta de implantação do tema “Direitos Humanos”, tendo como referência os princípios constitucionais (dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e corresponsabilidade pela vida social), como um dos temas transversais a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em todas as series do Ensino Fundamental (1º ao 8º ano).

Em 2003, com a criação do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos (CNEDH), por meio da Portaria nº 98, de 09.07. 2003, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), teve início o processo de elaboração do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), cujo objetivo foi orientar a implementação de políticas, programas e ações comprometidas com a cultura de respeito e promoção dos direitos humanos. O CNEDH contou com a participação de especialistas, representantes da sociedade civil, instituições públicas e privadas e organismos internacionais. O Plano adotou as orientações da Conferência de Viena, ao incorporar vários aspectos dos principais documentos internacionais de direitos humanos, dos quais o Brasil é signatário, ao considerar

[...]que o ensino, a formação e a informação ao público em matéria de Direitos Humanos são essenciais para a promoção e a obtenção de relações estáveis e harmoniosas entre as comunidades, bem como para o favorecimento da compreensão mútua, da tolerância e da paz” (DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DE VIENA, 2020).

O PNEDH foi fruto do compromisso do Estado com a concretização dos direitos humanos e da construção histórica da sociedade civil organizada na busca pela efetivação da democracia, do desenvolvimento, da justiça social e pela construção de uma cultura de paz. Portanto, o PNEDH foi resultado da articulação institucional envolvendo o Poder Executivo nas três esferas de governo, a SEDH e o MEC,

[...] em parceria com o Ministério da Justiça (MJ) e Secretarias Especiais, além de executar programas e projetos de educação em direitos humanos,

são responsáveis pela coordenação e avaliação das ações desenvolvidas por órgãos e entidades públicas e privadas (BRASIL, 2007, p. 11).

Tendo em vista que Educação em Direitos Humanos tem caráter interdisciplinar, podendo ser trabalhada em praticamente todas as disciplinas, Pini destaca que “sem uma atuação coletiva e interdisciplinar a nossa contribuição fica muito individual. E em matéria de Educação em Direitos Humanos é muito importante a nossa atuação coletiva” (EAD FREIRIANA, 2020a).

O PNEDH orienta que a educação em direitos humanos deve ser promovida observando três dimensões:

a) conhecimentos e habilidades: compreender os direitos humanos e os mecanismos existentes para sua proteção, assim como incentivar o exercício de habilidades na vida cotidiana; b) valores, atitudes e comportamentos: desenvolver valores e fortalecer atitudes e comportamentos que respeitem os direitos humanos; c) ações: desencadear atividades para a promoção, defesa e reparação das violações aos direitos humanos (BRASIL, 2007, p. 32).

A Declaração e Programação de Ação de Viena (2020, p. 9) recomenda aos Estados

Introduzirem ou reforçarem a educação em direitos humanos, visando ao combate de preconceitos que levam à discriminação racial e a promoverem o entendimento, a tolerância e a amizade entre diferentes grupos raciais ou étnicos nas escolas e em instituições de ensino superior² e a apoiarem os programas de educação formal e não-formal desenhados para promover o respeito pela diversidade cultural e pela autoestima das vítimas.

Conforme delineado, historicamente a educação em direitos humanos corrobora com a concepção de educação libertadora de Paulo Freire na medida em que promove a autonomia dos sujeitos.

Pini, afirma “Paulo Freire nos deixou um legado de luta, de esperança e de movimento para continuarmos resistindo no campo da educação emancipadora.

2 O UNIFACEX, onde a autora leciona, firmou acordo de Cooperação com o MJ e o MEC para a implementação do Pacto Nacional Universitário pela Promoção do Respeito à Diversidade, da Cultura de Paz e Educação em Direitos Humanos através da Portaria nº 18, de 29.05.2017. Ao aderir ao Pacto através da Portaria nº 35, de 28.11.2017, criou o Comitê Gestor cujo objetivo é “interagir com todas as instâncias da IES visando implementar as ações do Plano de Trabalho aprovado pelo MEC, nos eixos associados ao Ensino, Pesquisa e Extensão”.

[...] Sem direitos humanos não é possível avançarmos em direção à uma educação emancipadora. (EAD FREIRIANA, 2020a).

A perspectiva freiriana é guiada por mudanças sociais e têm seu ponto de encontro justamente na possibilidade de aprender a **ser**, ser sujeito consciente politicamente, autônomo, crítico e transformador da realidade. A educação para a liberdade ligada aos direitos humanos nas palavras de Paulo Freire (2019, p. 43-44),

[...] tem que ser abrangente, totalizante, ela tem a ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver. E não apenas com a rigorosidade da análise de como a sociedade se move, se mexe, caminha, mas ela tem a ver também com a festa que é a vida mesmo. Mas é preciso fazer isso de forma crítica e não de forma ingênua

Para Paulo Freire (2019, p. 36), há duas perspectivas de educação para os direitos humanos. A primeira se refere ao professor reacionário, pois para este,

[...] a educação e os direitos humanos têm a ver com a educação da classe dominante, lutando para preservar as condições materiais da sociedade que aí está, para que a classe dominante, reproduzindo a sua ideologia e o seu poder através da educação, preserve o seu poder político e econômico.

A segunda concepção está pautada na perspectiva da justiça,

[...] que desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas a reinvenção do mundo, à reinvenção do poder” (FREIRE, 2019, p. 39-40).

À medida em que Paulo Freire constrói sua teoria do conhecimento, formula também uma concepção emancipadora de educação – educação libertadora, a qual pressupõe a promoção do exercício democrático no processo de socialização do saber e das experiências sociais tendo como princípio fundamental o diálogo. Nesse contexto, a concepção do conceito de liberdade no âmbito da educação vai de encontro aos interesses da ideologia das classes dirigentes e a concepção bancária de educação.

Defender um modelo de Educação em Direitos Humanos é romper com o paradigma da educação bancária e autoritária. Pressupõe uma educação libertadora com vistas

à ampliação e à consolidação da cidadania e da democracia, da participação popular e da criação de uma nova cultura, além de um posicionamento político em favor da ética, de uma cultura de paz, dos valores da diversidade cultural e a pluralidade de ideias. Nesse sentido, educar para os direitos humanos é educar para a paz,

para a justiça social e para a **diversidade cultural**, contra o sexismo e o racismo. É educar para a **consciência planetária**. É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o universo. É educar para a planetarização e não para a globalização (GADOTTI, 2007, p. 27).

Um dos grandes desafios é romper com a cultura do silêncio, se posicionar contra todo e qualquer tipo de exploração, preconceito e violação dos direitos humanos, enfrentar a perversidade das estruturas sociais e a pedagogia do conflito. Para tal é preciso participar efetivamente em defesa de uma educação para a liberdade, respeitar a pluralidade de ideias, ser tolerante e, de forma coletiva, transformar a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação educativa deverá estar vinculada ao processo de construção da autonomia do educando, sujeito de si e de suas ações no mundo, confirmando assim que o processo educativo tem como propósito o desenvolvimento de uma educação libertadora, que deve levar o sujeito a um compromisso com a transformação social e em defesa dos direitos humanos. Nesse processo, o educador deve buscar insaciavelmente o conhecimento, pois tem consciência que é um ser inacabado.

Na perspectiva freiriana, o educador é aquele que possibilita aflorar no educando o conhecimento e, ao optar em adotar o método freiriano, deve estar consciente de sua ação política, ação esta que tem como foco central a mudança e a possibilidade de romper com o sistema que o oprime.

Exercer a função de educador que defenda uma educação em direitos humanos, exige transformação de suas ações e pensamentos, enquanto intelectual orgânico das classes populares, além de requerer dos atores sociais e políticos compromisso e capacidade de intervenção na perspectiva de transformação.

O ato de ensinar/aprender/ensinar é uma ação ética, um compromisso ético e moral voltado para o bem comum de todos, não tendo como desvincular a educação da política. A finalidade é a mudança social visando a promoção, proteção e garantia dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BRASIL. SDH-PR. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/pp/edh/br/pnedh2/pnedh_2.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2014.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, educar para transformar**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005
- CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA O RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CONEXA. CONFERÊNCIA EUROPEIA CONTRA O RACISMO. Disponível em: <http://dhnet.org.br/dados/conferencias/internacionais/manual_gddc_racismo.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DE VIENA. Conferência Mundial sobre Direitos Humanos. Viena, 14-25 de junho de 1993. Disponível em: <<https://www.oas.org/dil/port/1993%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20Ac%C3%A7%C3%A3o%20adoptado%20pela%20Confer%C3%Aancia%20Mundial%20de%20Viena%20sobre%20Direitos%20Humanos%20em%20junho%20de%201993.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2020.
- DUDH. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. UNIC/Rio, 005, jan. 2009. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2020.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 8: Contribuição de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos. Ministrada por Francisca Pini. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- FREIRE, Paulo. **Direitos Humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire, Erasto Fontes Mendonça. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Adultos como Direito Humano**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. (Instituto Paulo Freire. Série Cadernos de Formação; 4).

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. In. **Revista Trimestral de Debate da Fase**. Ano 31. Proposta nº 113. jul/set. 2007.

Maria Tereza de Oliveira é assistente social do CAPS II da SMS de São Gonçalo do Amarante/RN e professora do Centro Universitário FACEX - UNIFACEX, filósofa e mestra em Filosofia pela UFPE; Especialista em Saúde Pública, Serviço Social e em Formação Docente para o Ensino Superior pelo UNIFACEX, Coordenadora de Cultura do IACEMF.
Contato: terezafilosofa6@gmail.com.

EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE, PAULO FREIRE RESPONDE: LEITURA DO MUNDO E CONSCIENTIZAÇÃO

NASCIMENTO, Marlúcia Nogueira do

RESUMO

Este artigo propõe uma discussão sobre a potencialidade de alguns conceitos da obra de Paulo Freire, notadamente *conscientização* e *leitura do mundo*, como categorias que podem oferecer bases para uma compreensão de motivações que favorecem a emergência de fake news na atual ambiência política e social do Brasil. Dentre as notícias fraudulentas que têm circulado pela internet, sobretudo nas redes sociais, algumas possuem o claro objetivo de degradar a obra e a memória do educador pernambucano. Tem-se como pressuposto que a própria obra de Freire apresenta fundamentos para uma contraposição responsiva a essas falsas informações. Assim, partindo das discussões geradas no “Curso Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, mais especificamente da noção de pós-verdade no contexto brasileiro recente, procura-se demonstrar que os princípios éticos e humanistas intrínsecos aos aludidos conceitos freirianos denunciam, em sua própria essência, a falsidade dessas mensagens.

Palavras-chave: Conscientização. Fake News. Leitura do mundo. Pós-verdade.

ABSTRACT

This article proposes a discussion about the potentiality of some concepts of Paulo Freire’s work, notably awareness and reading of the world, as categories that can offer bases for an understanding of motivations that favor the emergence of fake news in the current political and social environment of Brazil. Among the fraudulent news that has been circulating on the internet, especially on social networks, some have the clear objective of degrading the work and memory of the educator from Pernambuco. It is assumed that Freire’s own work presents grounds for a responsive opposition to this false informations. Thus, based on the discussions generated in the ‘Course Paulo Freire in times of fake news’ – Edition 2020, conducted by the Freirian Distance Education of the Instituto

Paulo Freire, more specifically on the notion of post-truth in the recent Brazilian context, it is intended to demonstrate that the ethical and humanist principles intrinsic to the referred Freirian concepts denounce, in their very essence, the falsity of these messages.

Keywords: Awareness. Fake News. Reading the world. Post-truth.

Escrever sobre Paulo Freire traz, para mim, uma dupla dificuldade: primeiro, o que dizer sobre um homem e um educador de tamanha envergadura, comprovada pelo alcance e reconhecimento encontrados por sua obra em diversos países do mundo? Segundo, como não ferir a boniteza do pensamento freiriano, moldado na utopia e na poesia, com a escrita formal requerida por um artigo acadêmico que não seja ele mesmo um convite à graça existente na defesa inarredável do ser humano e da vida, tão cultivada por Freire?

Para empreender esse desafio, foi determinante notar que, em um cenário de flagrante descompromisso com verdades históricas, faz-se necessária e inadiável uma discussão abrangente sobre as contribuições do pensamento freiriano à história das ideias pedagógicas no Brasil.

Durante a última década, têm-se avolumado ideias conservadoras extremistas que ganharam significativa visibilidade no cenário eleitoral de 2018. Ano este marcado pela disputa ideológica entre posições que se distinguem por, de um lado, ideias progressistas em favor da vida, da igualdade, dos direitos humanos e, de outro, ideias neoliberalistas em defesa do capital, da meritocracia, do autoritarismo e da exclusão.

No bojo do projeto econômico-político que foi conduzido ao poder naquele ano, em contraste com a franqueza e a ternura que emanam da obra e da própria imagem de Paulo Freire, tomou corpo um número crescente de distorções e acusações que visam ao descrédito de sua proposta pedagógica, centrada na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Dentre as fake news que têm alvejado o postulado de Freire mais recentemente, destaca-se a de que suas ideias são doutrinadoras e prejudiciais à efetividade da aprendizagem nas salas de aula brasileiras.

Foi tranquilizador descobrir que, em direção contrária à violência desses ataques, têm sido também crescentes as ações de entidades diversas no intuito de esclarecer a sociedade quanto à importância alcançada pelo legado de Paulo Freire não somente no Brasil, mas em diferentes lugares do mundo. Dentre as iniciativas que descobri comprometidas com a verdade da obra do patrono da educação brasileira, destaco o **Curso “Paulo Freire em tempo de fake news” - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire.

É a partir da noção de pós-verdade e de outras discussões geradas no referido curso que recorro aqui a conceitos do próprio Freire – notadamente *leitura do mundo* e *conscientização* – os quais me conduzem à seguinte indagação: de que forma tais conceitos oferecem elementos para uma compreensão de motivações

individuais e sociais em torno das fake news, como também para a desconstrução da falsidade dessas informações que miram especificamente Paulo Freire?

Moldadas por estruturas intersemióticas reiteradas, reproduzidas à exaustão de maneira automatizada, as fake news transmitem mensagens com uma roupagem fatalista que geralmente comunicam uma falsa ameaça a princípios e valores morais dos indivíduos. Em consequência disso, possuem a capacidade de abalar suas emoções e ofuscar sua capacidade de ponderação, efeito que fomenta o desejo impulsivo de repassar o falso alerta adiante, de forma irrefletida e imediata.

Ao contextualizar a chamada Era da pós-verdade, o docente Moacir Gadotti, na videoaula “A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Paulo Freire à educação”, salienta que, nessas circunstâncias, as pessoas não se importam em verificar a autenticidade das informações. O que importa é sentir que determinada informação corrobora suas próprias convicções. Nesse sentido, torna-se fundamental o papel da educação de levar os indivíduos a uma reflexão crítica por meio da verdade dos fatos, ainda que essa verdade seja contraditória. (EAD FREIRIANA 2020a)

Tal observação encontra respaldo na exposição feita por Paulo Freire acerca da relação entre leitura do texto e leitura do mundo em “A importância do ato de ler”, base primordial para a proposta deste artigo. No referido ensaio, o pensador brasileiro alerta para a significação ampla da leitura, que ultrapassa a decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita e se estende para além do universo linguístico. (FREIRE, 2011a) Portanto, a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, de modo que, para se compreender o *texto*, precisa-se compreender também, criticamente, o *contexto* em que ele se escreve e se inscreve.

Lançando mão de uma sólida coerência argumentativa, os escritos de Freire evidenciam que o conceito de leitura do mundo enxerga esse mundo como um texto amplo e diverso, enquanto que o próprio texto-linguagem é também revelador de um mundo, mais geral ou mais particular, para a leitora e para o leitor. A recepção do conteúdo aí descrito vai mais além do mero acúmulo de informações a serem passivamente consumidas, aprendidas, memorizadas. Freire propõe o “adentramento” ao texto, um mergulho em direção a uma compreensão autêntica, que permita às leitoras e aos leitores ultrapassarem a “visão mágica” do signo verbal escrito. (FREIRE, 2011a).

Relacionando essa observação aos dias presentes, quando se verifica uma saturação decorrente do intenso fluxo de informações que nem sempre possuem

compromisso ético com a verdade, fica patente o quanto é crucial que as pessoas disponham de informações verdadeiras acerca do mundo para que possam lê-lo e interpretá-lo de forma legítima e, não, baseada em um falseamento do referencial.

Nessa perspectiva, deve-se reconhecer, como o reconhece Paulo Freire, a impossibilidade de se fazer educação sem um posicionamento político fundado no compromisso ético com a legitimidade do conhecimento, pois não há -- nem deve haver -- neutralidade na prática educativa. Por isso mesmo, Freire sempre deixou bem evidente sua escolha pela formação cidadã dos oprimidos e, estivesse vivo hoje, certamente manifestaria seu repúdio a projetos como o Escola sem partido, cujo sentido é assim definido nas palavras de Frigotto:

Um sentido autoritário que se afirma na criminalização das concepções de conhecimento histórico e de formação humana que interessam à classe trabalhadora e em posicionamentos de intolerância e ódio com os movimentos sociais (...). (FRIGOTTO, 2017, p. 18)

Uma breve consulta aos escritos de Freire revela que, ao contrário do que preconiza essa proposta, ele se preocupava com que educadoras e educadores não incorporassem uma postura manipuladora. De igual modo foi explícito ao esclarecer a diferença entre manipulação e não neutralidade, pois “o fato de não ser o educador um agente neutro não significa, necessariamente, que deve ser um manipulador”. (FREIRE, 2011a, p. 36) A confiança na honestidade, na coerência teórica do autor e na clareza dessa afirmação mostra que ela coloca também em descrédito as acusações, decorrentes de fake news, de que as teorias freirianas são doutrinadoras.

A propósito, convém ressaltar que, ao defenderem uma suposta neutralidade para o discurso educacional, tais projetos demonstram seu servilismo a uma concepção de educação como processo voltado para a produção de efeitos, conforme esclarece o professor Ismar Soares (2020b), na videoaula “Educomunicação: uma herança dialógica freiriana”. Por essa perspectiva, os ataques sofridos por Paulo Freire confirmam o despeito daqueles que defendem uma educação como mero instrumento de acumulação de conteúdos, ou, no dizer do próprio Freire, uma “educação bancária”, de resultados práticos, utilitaristas e imediatistas que, em vez de emancipar, só contribui para o recrudescimento dos dispositivos sociais de exploração e alienação da classe trabalhadora.

Apesar da existência desse(s) projeto(s), de maneira geral, as práticas pedagógicas em voga na escola pública brasileira, que é essencialmente a escola das classes populares, não se mostram tão próximas da pedagogia freiriana. Esse aspecto, por si só, deveria contar como prova de que são falsas as informações que tentam responsabilizar as ideias de Paulo Freire pelos índices insatisfatórios do desempenho escolar no país.

Tamanho desconhecimento da obra de Freire, aliado ao desconhecimento da realidade vivida no espaço escolar público por parte dos produtores de fake news, leva-nos a refletir sobre a necessidade de se desenvolver uma educação cada vez mais comprometida com a emancipação humana. Para tanto, é imprescindível o compromisso ético da escola e dos educadores com a leitura do mundo, compromisso pelo qual se constrói a conscientização, categoria recorrente no postulado freiriano.

Paulo Freire entendia a conscientização não como a tomada de consciência em si mesma, mas como o processo de desenvolvimento dessa tomada de consciência, fortemente entrelaçada à criticidade, por sua vez resultante da “apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto.” (FREIRE, 1983, p. 69). Assim, para se alcançar uma consciência crítica, capaz de relacionar e compreender processos de causa e consequência no meio social, em integração com a realidade, faz-se necessária a superação da consciência ingênua, que, ao apreender os fatos da forma que melhor lhe convém, superpondo-se à realidade, serve de esteio à fertilização de comportamentos favoráveis às pós-verdades.

Numa dinâmica social estruturada pela desigualdade de classes e pela opressão, as práticas educativas, sobretudo das camadas populares, devem considerar que não há educação sem conscientização, entendida como processo que permita aos indivíduos formularem sua própria leitura do mundo, e que essa leitura, sendo crítica e ética, leve-os ao questionamento dos paradigmas que os aprisionam em espirais de injustiça social.

Daí a importância de que essa leitura não sofra a interferência de falsas informações, que circulam indiscriminadamente no universo das diversas redes de comunicação virtuais, pois, como observa o professor Eustáquio Romão (2020d), em videoaula intitulada “Paulo Freire frente à onda neoconservadora mundial”, ao interferirem na realidade, as fake news tiram a legitimidade científica e política das ações e das escolhas dos indivíduos. Em decorrência disso, suas decisões e consequências podem ser contaminadas por uma percepção distorcida do referencial.

Em conformidade com essa perspectiva, o professor Paulo Roberto Padilha

(2020c), em videoaula sobre o tema “Círculo de Cultura: metodologias ativas”, enfatiza que, ao colocarem em dúvida a proposta freiriana, as fake news prestam-se a macular não somente o homem, o pensador Paulo Freire, mas toda uma causa para a qual seu projeto se volta. Essa causa, com se sabe, é a dos oprimidos, dos desfavorecidos, penalizados por políticas sociais alinhadas à intransigência do capitalismo.

Ao mesmo tempo em que se chega a essa constatação, no entanto, educadoras e educadores do Brasil e do estrangeiro engajam-se em projetos que brotam do desejo de fazer uma reparação não somente à verdade da obra de Freire, mas também à verdade da educação como instrumento legítimo de luta pela desconstrução dos mecanismos opressores. Resultam desse engajamento a ampliação do interesse em torno da produção freiriana e a revitalização de seu legado, conforme observa Gadotti: “num momento em que ele mais é criticado, é alvo de fake news, paradoxalmente, sua obra e pensamento mostram-se mais fortalecidos e rejuvenescidos.” (GADOTTI e ANTUNES, 2019, p. 10)

Esse paradoxo reafirma a potencialidade da criação teórico-prática freiriana para a desmistificação do ambiente de pós-verdade que busca confundir e prejudicar a perspectiva das classes populares. Dessa forma, os conceitos de leitura do mundo e conscientização, fundamentais para a afirmação dos indivíduos como sujeito, mostram-se cada vez mais longevos e pertinentes, sobretudo quando o imprevisível de uma pandemia vem desmascarando a força irreversível e o lugar central que as redes de comunicação virtual ocupam no nosso tempo, impondo-se não apenas nas relações sociais, mas também na forma de lidarmos com o conhecimento. Exemplo dessa centralidade é a ascensão da cultura *maker* e da aprendizagem *mão na massa*, as quais pressupõem a autonomia e o protagonismo do indivíduo aprendente na construção de saberes a partir de novas e múltiplas leituras do mundo.

Tais perspectivas trazem profunda ligação com os preceitos de Paulo Freire, de modo que parecem se apresentar como variações dos Círculos de cultura por ele desenhados. Trata-se de noções e atitudes contemporâneas, ou seja, modos de ler o mundo, que corroboram a abrangência e a validade dos conceitos freirianos, ao reconhecerem a importância da construção comunitária de conhecimentos e das metodologias ativas como caminho para a conscientização, para a superação de uma ótica mágica do mundo, que tão bem se alia à noção de pós-verdade.

Nota-se, portanto, que *leitura do mundo* e *conscientização* são categorias fundadoras no postulado de Freire, as quais se encontram em pleno vigor operacional e podem fornecer bases epistemológicas para a compreensão de

motivações que favorecem a emergência das fake news voltadas a degradar a obra e a memória do educador pernambucano. Motivações que nascem do anseio desumano de segmentos elitistas por manter as desigualdades sociais, negar a luta de classes e os direitos humanos, controlar os corpos e sufocar os coletivos de trabalhadoras e trabalhadores, deslegitimar reivindicações das minorias, erguer muros geográficos e econômicos que nos dividem por cor, poder aquisitivo e condições de acesso aos bens culturais.

Essa nefasta lista, que poderia ainda ser prolongada, oferece-nos um panorama das razões pelas quais a concepção freiriana de educação e de sociedade causa incômodo a grupos alinhados a projetos de opressão. Contrariamente a esses interesses, o prisma pedagógico de Paulo Freire ancora-se justamente em valores emancipatórios, como o diálogo, a autonomia e a liberdade humanas. Pela defesa desses valores, sua contribuição intelectual tornou-se cara ao pensamento universal, dialogando com muitas vertentes de saberes e afirmando o papel do sujeito na história por meio da leitura do mundo, para além da luta de classes, numa releitura crítica do Marxismo. (EAD FREIRIANA, 2020a)

Não bastassem as limitações de ordem prática que as ideologias dominantes impõem aos indivíduos, estão amparadas em uma “recusa inflexível ao sonho e à utopia” (FREIRE, 2011b, p. 16), elementos que movem o ser humano na direção do *ser mais* e que, por isso mesmo, têm sua importância negligenciada por tal visão de mundo. Daí o esforço desse campo ideológico em desvirtuar e demonizar as realizações de Freire, por seu repúdio aos interesses do lucro em detrimento da dignidade dos homens e mulheres e ao falseamento da verdade, assim também pela radicalidade de seu compromisso com ações educativas guiadas por uma ética humana universal.

Enquanto estudante proveniente da classe popular e educadora em atividade na escola pública, percebo, com alegria e esperança, que a própria obra de Paulo Freire se impõe contra esse contexto, uma vez que seus princípios éticos e humanistas intrínsecos trazem fundamentos para uma contraposição responsiva à visão ingênua que tais grupos pretendem alimentar nestes tempos de pós-verdade. Leitura do mundo e conscientização são instrumentos de resistência vitais para a construção política de uma escola e de uma sociedade que se queiram emancipadas, igualitárias e inclusivas, pautadas na ética e na verdade, como nos mostra a obra do mestre pernambucano.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ângela Biz; GADOTTI, Moacir. Prefácio. *In*: PADILHA, Paulo Roberto; ABREU, Janaína. **Paulo Freire em tempos de fake news**: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019. [livro eletrônico]
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2020**. Videoaula 1 – A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2020**. Videoaula 3 – Educomunicação: uma herança dialógica freiriana. Ministrada por Ismar Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2020**. Videoaula 4 – Acervo Paulo Freire – Círculo de Cultura: Metodologias ativas. Ministrada por Ângela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.
- EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2020**. Videoaula 15 – Paulo Freire frente à onda neoconservadora mundial. Ministrada por Eustáquio Romão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020d.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011a. (Coleção Questões da nossa época, v.22)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido**: Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017. (p. 17-34)

Marlúcia Nogueira do Nascimento é professora da rede estadual do Ceará e tutora no curso de Letras/Português da UAB/Instituto UFC Virtual; graduada em Letras, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e doutora em Letras (Literatura Comparada), pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: marlucia.nogueira@hotmail.com.

SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE FAKE NEWS: DIALOGANDO COM PAULO FREIRE SOBRE A RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL

ABRANCHES, Monica

RESUMO

Este texto tem como objetivo dialogar com as reflexões dos educadores do Curso “Paulo Freire em Tempos de Fake News” (2020) e as ideias do próprio educador Paulo Freire. A proposta é fazer esse diálogo tendo como ponto central as contribuições dessas reflexões para a atuação dos profissionais do Serviço Social que se dedicam à defesa e garantia de direitos da população. A partir de todas as temáticas apresentadas, fica a pergunta: como cada um, no seu ambiente pessoal e profissional, pode absorver e praticar as ideias freirianas em seu cotidiano? A mediação do Assistente Social nesse processo é uma instância que torna possível a concretização da relação contraditória entre um processo de afloração de consciências ou a manutenção da alienação. Dessa forma, pretende-se organizar o que foi apreendido no curso para pensar a atuação profissional no sentido de desencadear novas formas de práticas de resistência contra o avanço de um setor neoconservador na sociedade, ensejando uma mudança no plano da correlação de forças e fortalecendo a participação dos sujeitos sociais nas políticas públicas.

Palavras-chave: Formação cidadã. Prática pedagógica. Serviço Social

ABSTRACT

This text aims to dialogue with the reflections of the educators of the Course “Paulo Freire in Times of Fake News” (2020) and the ideas of the educator Paulo Freire himself. The proposal is to make this dialogue having as a central point the contributions of these reflections to the work of Social Work professionals who are dedicated to the defense and guarantee of the population’s rights. From all the themes presented in the course, the question remains: how can each person, in their personal and professional environment, absorb and practice Freirian ideas in their daily lives? The mediation of the Social Worker in this process is

an instance that makes it possible to materialize the contradictory relationship between a process of raising consciences or maintaining alienation. Thus, it is intended to organize what was learned in the course to think about professional performance in order to unleash new forms of resistance practices against the advancement of a neoconservative sector in society, giving rise to a change in the plan of the correlation of forces and strengthening the participation of social subjects in public policies.

Keywords: Citizen formation. Pedagogical practice. Social Work.

A motivação para fazer o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, **“Paulo Freire em tempos de fake news” – Edição 2020**, surge das inquietações sobre as responsabilidades e potencialidades da atuação do profissional do Serviço Social nesses tempos nos quais emergem, com mais força em nosso país, setores que defendem uma ideia de Estado repressor da diversidade de ideias nas áreas da educação, política e economia. As reflexões que aqui se apresentam tentam responder a minha preocupação profissional na efetivação de um projeto político para a atuação em várias áreas das políticas públicas que possa retomar e estimular soluções coletivas para fortalecer a democracia, estabelecendo um comprometimento com as classes vulneráveis e excluídas do país.

Terminado o Curso “Paulo Freire em tempos de fake new”, fica a pergunta sobre o que nós, educadores, professores, agentes sociais, vamos fazer com tantas informações e orientações de como reagir a esses novos tempos que nos desafiam a combater os ataques crescentes contra a ética e os direitos humanos. Como vamos adequar nossas ações profissionais ao contexto de perseguição de atores que querem a democracia e a cidadania?

Refletindo sobre os conteúdos e as experiências no curso, sem dúvida, nos resta praticar o verbo ESPERANÇAR de Paulo Freire, que significa “se levantar”. Esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”.

Nessa perspectiva, os educadores do curso contribuíram para que possamos iniciar essa ação de construir algo novo nesse tempo de regressão moral e política da sociedade brasileira.

O professor **Moacir Gadotti**, em dois momentos, apresenta-nos a possibilidade de, por meio da educação, exercer o otimismo e nos aproximarmos cada vez mais da busca da verdade das informações. E que, para sobreviver a esses tempos, é necessário praticar cada vez mais o *diálogo* como nos ensinou Paulo Freire.

Luiza Cortesão, de Portugal, reapresenta-nos conceitos importantes de Paulo Freire (cultura, politicidade e inédito viável) e nos mostra de forma poética como podemos contribuir para construir um mundo menos discriminatório e injusto, através de uma relação pedagógica horizontal, e lembra que precisamos nos perguntar para quem e em benefício de quem estamos trabalhando.

Essas colocações me confortam no sentido de são plenamente possíveis de colocá-las em prática em minha atuação profissional, e podem ser construídas coletivamente com outros pares envolvidos no atendimento social aos indivíduos usuários das políticas públicas.

Os alertas do professor **Ladislau Dowbor** também foram importantes no sentido de entender que, em nossas relações sociais, há muitas pessoas que não querem dialogar, que não ouvem as críticas (só ouvem o que querem) e que estão se agrupando e se fortalecendo em torno de notícias falsas que afirmam os seus preconceitos e seus ódios pessoais. E que estamos à mercê de grandes grupos de mídias que disseminam informações com o poder de controlar a sociedade. Esses movimentos são contrários aos ensinamentos de Paulo Freire que defendia a informação e a educação como processo de libertação dos seres humanos.

*O professor **Jason Mafra** reforça esses alertas nos dizendo sobre os ataques às ideias de Paulo Freire por grupos que defendem um modelo de sociedade opressor e que enxergam Freire como inimigo. E isso acontece porque o pensamento e o legado do educador promovem o empoderamento da classe oprimida. Importante destacar ainda a diferença que nos apresenta entre o que é ataque e o que é crítica, entendendo essa última como uma ação positiva e como um processo que era inerente a vida e aos estudos de Paulo Freire, exemplo que devemos seguir.*

Da mesma forma, o Professor **Guillermo Williamson**, do Chile, também alerta para o crescimento dos setores conservadores em toda a América Latina e, principalmente no Brasil, que querem associar o pensamento progressista como inimigo do desenvolvimento do país. A ideia é desconstruir a possibilidade do povo e da democracia transformar a sociedade atual. O docente retoma fortemente o conceito de conscientização de Paulo Freire para combater a falta de ética e as ideias conservadoras de alguns grupos. Williamson afirma: “Entre a denúncia do mundo moderno e o anúncio de uma nova sociedade, está a força da educação da pedagogia libertadora de Freire – o processo de conscientização.”

Nesse sentido, é preciso refletir sobre nosso lugar nesse mundo e de que forma os profissionais de todas as áreas de conhecimento podem agir em nome da construção de um ‘Outro Mundo Possível’, conforme nos indicou **Carlos Rodrigues Brandão** no fechamento do curso, e que nos provoca a exercer uma educação emancipadora e freiriana.

Diante disso, como fazer? Onde buscar inspiração para ações pedagógicas e sociais que garantam a conquista da dignidade e da cidadania? Como vamos reinventar nossa prática diante dos desafios colocados pelos educadores? Como vamos defender radicalmente a cidadania planetária e os direitos humanos?

As experiências apresentadas no curso foram inspiradoras! A Educomunicação apresentada pelo professor **Ismar Soares**, da Universidade de São Paulo (USP) nos estimula a aproximarmos das práticas da comunicação popular, entendendo

o processo comunicativo como um direito humano. Boas lições foram colocadas pelos educadores do curso que compartilharam o seu aprendizado com as metodologias freirianas. como a riquíssima explanação sobre metodologias ativas como espaço de construção dialética de nova leituras do mundo realizada pelo professor **Paulo Roberto Padilha** e a didática apresentação da metodologia de Paulo Freire realizada pela educadora **Sonia Couto**, que destaca a importância de colocar a fala do educando como ponto de partida de nossa ação pedagógica e como orientadora de nossa intervenção.

Essas contribuições me deram rumos e ânimo para pensar a minha prática profissional como Assistente Social e de todos os colegas de profissão, pois já temos como referência, no Código de Ética do Serviço Social, a determinação por uma postura profissional que deve reconhecer e defender a

(...) liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais; e o "aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida" (1993).

Partindo dessas referências, é preciso entender de que forma vamos nos reinventar na profissão e assumir uma prática pedagógica que estimule a autonomia dos indivíduos e a participação política, compreendendo os desafios contemporâneos da sociedade que vive a era da informação e o advento das fake news. Para aqueles que atuam com as políticas públicas e, conseqüentemente, diretamente com a população, temos experienciado a forma como esse fenômeno do fundamentalismo de ideias e das notícias falsas tem promovido um obstáculo aos avanços das políticas públicas e dificultado a ação profissional.

Nessa perspectiva, a categoria de Assistentes Sociais já tem identificado muitas dificuldades de atuar com a população mais empobrecida que está mais suscetível a aceitar a imposição dessas notícias como: contra vacinação, direitos de trabalhadores apresentados como privilégios, perda de direitos para "ajudar" o desenvolvimento do país, ameaça comunista, ideologia de gênero nas escolas, entre outras. Informações que desgastam e regridem o trabalho das políticas de assistência social, de saúde, de educação e promovem a resistência da população em relação às informações técnicas e encaminhamentos dados pelos profissionais de várias áreas, incluindo os Assistentes Sociais.

A professora **Jaciara Carvalho** nos apresentou as fake news como um conteúdo

intencionalmente produzidos com o objetivo de enganar o receptor da informação. Acrescentou que, com as tecnologias atuais essas notícias têm maior alcance e são transmitidas cada vez mais rápido pela sociedade e, ainda, com a disseminação ajudadas por robôs. Notícias apelativas que nos envolvem emocionalmente e podem provocar desastres na sociedade como nas eleições brasileiras de 2018. Destaque para as ideias de Paulo Freire, que nesse período, foram bastante atacadas para reforçar o ideário político dos candidatos da extrema direita. De outra forma, a educadora apresentou as estratégias de combate a esses procedimentos que podem ser extraídas dos próprios ensinamentos de Paulo Freire como: a curiosidade crítica que nos move para buscar a verdade; a escuta e o diálogo que combatem as informações de via de mão única; e a amorosidade para combater o ódio espalhado nas redes sociais.

Diante desses contextos, penso que o trabalho do Assistente Social deve ser de mediador para a formação política da população e incentivador dos processos de participação popular. Com base nos temas discutidos até aqui, é preciso refletir sobre o trabalho educativo do Serviço Social fundamentado no processo de conscientização defendido por Paulo Freire e apresentado pelo professor José Eustáquio Romão que nos coloca a necessidade de que cada pessoa precisa entender a sua condição no mundo para se libertar. Assim, é imperioso que os Assistentes Sociais possam conhecer ou revisitar profundamente esse conceito e praticar ações que possam desconstruir a dominação cultural e as pseudoverdades que avançam pela sociedade e promover o empoderamento dos oprimidos.

A atuação do Serviço Social pode, então, direcionar-se para a organização de mais espaços de construção coletiva com os indivíduos e as comunidades, de discussão mais abertas sobre as questões polêmicas que envolvem as políticas públicas em tempos atuais e, principalmente, sobre a importância dos direitos sociais e o funcionamento do setor público que atua à serviço da sociedade. Penso que a inclusão das pessoas como participantes da elaboração e avaliação das políticas, altera a importância das ações políticas para a sociedade que passa de mera receptora dos benefícios para a condição de proponente e, logo, protagonista.

Assim, penso que essa estratégia de rodas políticas de discussão, como nos círculos de cultura de Paulo Freire, pode promover um aprendizado das pessoas sobre a coisa pública, além de exercício do diálogo, da escuta de diversas ideias e da possibilidade de fazer parte da construção das ações nas políticas públicas. A vivência das relações humanas e seus diferentes interesses permitem um aprendizado e a prática de estratégias de negociação, do exercício da correlação de forças entre dos diversos grupos e a elaboração de ideias e discursos de cunho

político. Tudo isso se configura em um potencial aprendizado que vai formando o sujeito político. E, aqui, os profissionais de Serviço Social podem ser um agente para a mobilização e o fortalecimento dessas práticas.

Nesse ponto, retomo as boas contribuições da aula da educadora **Francisca Pini**, do IPF, que nos apresentou as contribuições de Paulo Freire à educação em direitos humanos que está diretamente convergente para essa colocação sobre o trabalho do Serviço Social.

Francisca Pini nos apresenta algumas reflexões que deveríamos fazer nesses novos tempos para avançar na luta pela dignidade humana: Qual concepção defendemos? Como está nossa luta em relação a classe social mais violentada? Qual a nossa disputa nesse projeto de emancipação? Como é nossa postura nessa proposta de construção coletiva? Como estamos contribuindo com uma nova cultura política e participação cidadã? Como a sociedade pode ser mais educada na perspectiva dos direitos humanos?

Em suas reflexões apresenta as convocações de Paulo Freire para que façamos uma luta de classes e apoiemos as populações mais vulneráveis, uma escolha pelos “esfarrapados do mundo”. Reforça que as violações aos direitos vão se ampliando no mundo todo na medida em que há uma crescente não aceitação das diferenças e que o próprio Estado violou a nossa humanidade. Isso nos coloca frente a nossa responsabilidade de praticar uma educação em prol dos direitos humanos, até mesmo contra os governos no Brasil que continuam praticando violações contra os cidadãos, desde a ditadura militar. Nessa proposta de atuação com educação em direitos humanos, podemos retomar a Declaração dos Direitos Humanos da ONU e diversos autores que refletem essa temática, incluindo Paulo Freire que traz em suas obras as bases para essa educação emancipadora.

É com esse olhar que estamos analisando as condições e os resultados do trabalho do Serviço Social através de uma prática pedagógica em prol da formação política dos indivíduos, buscando compreender como pode se dar a organização política e de identidade coletiva dos usuários dos serviços públicos com os quais atuamos em nosso cotidiano profissional.

Fica, então, a orientação para que os profissionais de Serviço Social atuem e mobilizem espaços de discussão sobre a conquista de direitos, identidades culturais, justiça e outros temas. E que se baseiem suas ações em autores que possam nos ensinar sobre o trabalho de conscientização, sobre metodologias ativas, fortalecimento dos direitos humanos e educação emancipadora.

A partir desses conhecimentos do “Curso Paulo Freire em Tempos de Fake

News”, fica claro a posição de que o Serviço Social tem um papel fundamental nesse processo de mobilização e implementação de estruturas participativas na sociedade.

O assunto não se exaure aqui e, tampouco, torna absoluta essa forma de atuação ou elimina outros movimentos imprescindíveis para garantir a democratização do país e a luta pela cidadania. Esse texto apresentou apenas uma preocupação de tornar a ação do Assistente Social ainda mais politizada considerando os tempos atuais que estamos vivendo no país. Para combater o avanço das ideias contrárias aos direitos humanos e a diversidade, a onda de fake news e os retrocessos dos direitos já conquistados é preciso estar capacitado politicamente e fortemente orientado por teorias e metodologias reconhecidas e capazes de alterar o status quo atual. Para tal é preciso assumir o compromisso de uma postura político-pedagógica que não seja meramente a inclusão formal das pessoas nas discussões das políticas públicas sem participação efetiva. Para o Serviço Social significa: **vamos à luta, pois há muito que fazer!**

REFERÊNCIAS

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 1 - A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação Docente: Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 2 - Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 3 - Educomunicação: uma herança dialógica freiriana Docente: Ismar Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 4.2 - O Círculo de Cultura como referência de metodologia ativa: por uma Pedagogia Intertranscultural Docente: Paulo Roberto Padilha. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020d.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 7 - Resgatar o poder do conhecimento Docente: Ladislau Dowbor. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020e.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 8 - Contribuição de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos Docente: Francisca Pini. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020f.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 9.1 -

Paulo Freire no contexto do “Império contra-ataca” Docente: Jason Mafra. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020g.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 9.2 - Paulo Freire: um método ou uma filosofia? Docente: Oscar Jara Holliday. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020h.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 10 - O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado? Docente: Guillermo Williamson. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020i.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 11 - A atualidade da metodologia freiriana para Educação de Jovens, Adultos e Idosos Docente: Sonia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020j.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 14 - Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo Docente: Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020k.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 15 - Paulo Freire frente a onda neoconservadora mundial Docente: José Eustáquio Romão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020l.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 16 - Paulo Freire em contextos de ditaduras Docente: Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020m.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir; GUITIERREZ, Francisco (org). **Educação Comunitária e Economia Popular**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOHN, Maria da Glória. Participação e Gestão Popular na Cidade. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. SP: Cortez; nº 26, 1988.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Educação como Práxis Política**. São Paulo: SUMMUS, 1988.

Monica Abranches é assistente Social. Doutora em Tratamento da Informação Espacial pela PUC Minas (2005) e Mestrado em Educação pela UNICAMP – SP (1998). Experiência de docência no Curso de Serviço Social e Assessora da Pró-Reitoria de Extensão Universitária da PUC Minas. Professora Visitante da Faculdade de Educação da UFMG no período 2019/2021. Contato: monicaabranches@yahoo.com.br.

A “CULPA” É DE PAULO FREIRE

VASCONCELOS, Nelson Adriano Ferreira de
VASCONCELOS, Rosylane Doris de

RESUMO

Nos últimos anos, há um discurso, massivamente reproduzido entre setores conservadores da sociedade brasileira e reforçado pelo atual governo federal, de que os problemas da educação decorrem da dominação na escola pública do pensamento de Paulo Freire. O objetivo deste artigo é demonstrar que, além de falso, esse discurso demonstra a ignorância sobre a sua obra e sobre a realidade da educação pública, uma vez que o quadro decorre justamente da quase absoluta ausência do pensamento de Freire nas escolas.

Palavras-chave: Educação libertadora. Ontologia. Paulo Freire.

ABSTRACT

In recent years, there has been a massively reproduced discourse among conservative sectors of Brazilian society and reinforced by the current federal government that education problems are the result of domination, in the public school, of Paulo Freire's ideas. The purpose of this paper is to demonstrate that, in addition to being false, this speech demonstrates ignorance about his work and about the reality of public education, since the picture stems precisely from the almost absolute absence of Freire's ideas in schools.

Keywords: Liberating education. Ontology. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

A ausência do pensamento e prática freiriana nas escolas e nos cursos de formação de professores decorre, entre outras razões, da tradição presente e da herança das práticas pedagógicas jesuíticas e positivistas arraigadas no pensamento educacional brasileiro.

Em sua formação, os futuros professores recebem teoria desvinculada da prática e ao longo de toda sua carreira profissional, exercem uma prática desvinculada da teoria. O resultado é que os métodos tradicionais são repetidos, somados a uma quantidade sem fim de pragmatismo empobrecido, baseado no senso comum, que domina o ambiente acadêmico e o escolar. Essa realidade vai formando educadores pragmático-tradicionalistas. É nesse cenário que, nem Paulo Freire, nem qualquer outro teórico da Educação entram nas escolas, que se tornaram, ao longo da história, espaços blindados contra a inovação.

O objetivo deste trabalho é apresentar breves reflexões acerca da relação do pensamento freireano com a atual conjuntura da educação brasileira, considerando o movimento das fake news que detratam a vida e obra do patrono da educação brasileira.

Para a escrita destas palavras, seus autores inspiraram-se nas aulas do curso “Paulo Freire em tempos de fake news” ofertado pelo Instituto Paulo Freire, em sua segunda edição realizada em 2020, em diálogo com várias obras clássicas de Paulo Freire e outras do pensamento freiriano, além da própria vivência no campo da educação.

O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE

Para iniciar a reflexão sobre o pensamento pedagógico libertador de Paulo Freire, há que se refletir sobre a perspectiva ontológica de sua obra, considerando-a base de suas concepções político-pedagógicas. A ontologia freiriana pressupõe um ser humano histórico-social, inacabado, incompleto e inconcluso.

Seu inacabamento decorre de que a obra humana, que cada um produz em si mesmo, e que produzimos uns nos outros, nunca está pronta, uma vez que a formação humana inicia mesmo antes do nascimento e prossegue por toda a vida.

Sua incompletude está no fato de que está sempre na busca do ser ou de algo que o completa. O ser humano está em constante construção e evolução. “Ele precisa conhecer para tornar-se sujeito de sua história. Ele precisa do outro para completar-se. Por isso, precisa dialogar”. (GADOTTI, 2013).

Na ontologia freireana essas três dimensões dos seres humanos, os constituem dialeticamente.

Como todos os seres da natureza, homens e mulheres são incompletos, inconclusos e inacabados; mas diferente de todos os seres da natureza, sua ontologia específica os faz conscientes de sua incompletude, do inacabamento e de sua inconclusão, impulsionando-os para sua plenitude, para o acabamento e para a conclusão, portanto para a educação, pela qual podem superar o que são (incompletos, inconclusos e inacabados) para o que querem ser (plenos, concluídos e acabados). (ROMÃO, 2008, p. 151).

Outro elemento fundante da ontologia freireana é a esperança. Esse elemento é “exigência ontológica” na medida em que dela, homens e mulheres se nutrem para sobreviver, para produzir, para coletivizar, para enfim, educar.

O papel do educador e da educadora é cuidar para que a esperança não se desvie e não se perca, caindo ou não na desesperança ou no desespero. Em sendo um imperativo histórico, a esperança se manifesta na prática. Não há esperança na “pura espera”, isto é na imobilidade e na paralisia. [...] Da mesma forma, nem toda esperança é igualmente geradora de uma realidade distinta. A crítica é o seu elemento purificador. Para Freire, a esperança crítica é tão necessária quanto a água despouída para a vida do peixe. (STRECK, 2008, p. 173).

Esperançar freireanamente é seguir o caminho rumo ao futuro, considerando possibilidades de transformar coletivamente o presente e “estar sendo” no mundo. Outra categoria ontológica é a dialeticidade da vida humana. É a forma pela qual, o ser humano percebe-se como sujeito histórico, contraditório, em pleno movimento e protagonista das grandes mudanças. Essa maneira como Freire concebe a dialeticidade da vida humana como um “processo aberto, que vai se construindo e reconstruindo na busca de fazer a própria história, é o fundamento para uma concepção de história como libertação humana”. (ZITKOSKI, 2008, p. 381).

Em sua concepção de educação, Freire expõe a principal premissa, ou seja, o ato educativo é dialógico e dialético. No ambiente educativo libertador, uma premissa importante, que foi trazida por Sonia Couto no Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire; é a da “indissociabilidade entre leitura, escrita e oralidade” (EAD FREIRIANA, 2020) e

sua aplicabilidade na metodologia docente oferece ao sujeito uma experiência de aprendizagem participativa e democrática. Se ninguém educa ninguém, também não seria possível que alguém educasse a si próprio. A dimensão coletiva do ato de educar está em reconhecer que seres humanos educam-se em comunhão, em solidariedade, mediatizados pelo mundo. “A educação apresenta uma dupla dimensão: política e gnosiológica. A dimensão política é a leitura do mundo, e a dimensão gnosiológica é a leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, das ciências, enfim, das elaborações humanas anteriormente formuladas. A dimensão política dá os fundamentos da dimensão gnosiológica (de conhecimento).” (ROMÃO, 2008, p. 152).

A práxis pedagógica freireana pressupõe que o sujeito sócio-histórico está em constante transformação. Para Rossato (2008, p. 333), “a práxis torna-se um produto sócio-histórico próprio do homem consciente que faz de sua presença no mundo, uma forma de agir sobre o mesmo. Paulo Freire aplica essa dimensão à educação: o homem educa-se em totalidade num constante processo de devenir, em comunhão [...] Dizer a palavra é definir o seu lugar na história”.

Na educação libertadora torna-se possível a superação da contradição educador - educando, em sua relação inicial de subserviência do segundo em relação ao primeiro, cuja dominação foi historicamente imposta. Nesse sentido, propõe uma prática pedagógica que privilegie, por exemplo, a avaliação escolar como elemento íntegro na didática, com dimensão dialógica e diagnóstica.

Outro debate importante é o que trata do currículo, da construção do conhecimento, no lugar da mera socialização dos saberes prontos e acabados. “Uma pedagogia libertadora precisa criar novas vivências, vivências solidárias, precisa criar novas relações sociais e humanas e não só transmitir conteúdos”. (GADOTTI, 1997). Trata-se da ideia de transdisciplinaridade e interculturalidade. O currículo deve contemplar a unidade do conhecimento, cujos elementos articuladores possibilitam uma construção integrada no campo dos saberes, a partir da concepção de mundo, de conhecimento, de ciência.

Não se pode entender a pedagogia de Freire sem entender os conceitos de transdisciplinaridade, transcurricularidade e interculturalidade. A inter e a transdisciplinaridade freireanas não são apenas um **método** pedagógico ou uma **atitude** do professor. Elas se constituem numa verdadeira **exigência** da própria natureza do ato pedagógico. (GADOTTI, 1997).

A educação libertadora, produz uma escola de formação integral, cuja gente é ativa, livre, feliz e amorosa. Produz autonomia, traz esperança, promove libertação. Essa concepção de educação está explícita na obra freireana “A educação na cidade”, relatando sua passagem como secretário de educação no município de São Paulo, que é a concepção “crítico-dialógica”, que trata de uma apreensão crítica do conhecimento significativo, através da relação dialógica. “Paulo Freire colocou o oprimido no palco da história [...], valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o saber cotidiano”. (GADOTTI, 1997).

Certamente o conjunto da obra freireana, os pressupostos e categorias centrais de seu pensamento, embasados em uma ontologia humanizante, esperançosa e libertadora, constituem contribuição imprescindível para a construção de uma pedagogia crítica em superação ao modelo educacional hegemônico, inspirando educadoras e educadores em sua práxis, no caminho da emancipação humana. Seu legado nos inspira e nos guia.

A REALIDADE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Uma velha conhecida na educação brasileira, é a “Pedagogia da Culpa”. Trata-se de ideia bastante confortável que explica de forma linear e acrítica a realidade educacional brasileira. Assim, a má qualidade de educação e suas consequências têm uma cadeia de culpados. São eles, a sociedade, a própria escola, a formação dos professores, a família, o governo ou as políticas educacionais, a direção da escola, a televisão, a violência urbana e finalmente o próprio educando.

Sabe-se que alguns desses elementos, desde que compreendidos em conjunto, de forma contextualizada, compõem o conjunto de múltiplas determinações a partir das quais, a realidade pedagógica das escolas brasileiras é explicada. Acusar família e sociedade, governo ou o próprio jovem pelo padecimento da educação brasileira é recorrer ao pensamento fatalista e imobilizador e, portanto, anti-freireano. Mas, fundamentalmente, a culpa é de Paulo Freire.

A verdade é que muitos dizem que Paulo Freire precisa ser banido das escolas. Há uma legião de defensores dessa ideia, religiosamente dedicados a conceber argumentos falsos acerca de sua má influência na educação.

A pior fake news, a mais grave, é essa de dizer que Paulo Freire atrapalhou a educação brasileira, que a Paulo Freire prejudicou a educação brasileira.

Se Paulo Freire tivesse entrado em todas as escolas brasileiras certamente nós não teríamos tido os problemas que temos na educação até hoje. Quem diz isso não conheceu Paulo Freire ou conhece e está produzindo falsas notícias. (EAD FREIREANA, 2020).

Mas como retirar da escola brasileira alguém que pouco ou nunca nela entrou? Contraditoriamente, a obra de Paulo Freire tem dimensão internacional. Aclamado, seu pensamento pedagógico foi acolhido por educadores humanistas pelo mundo todo. Sua obra *Pedagogia do Oprimido* foi traduzida para cerca de 40 idiomas. Porém, sua ontologia e sua concepção pedagógica pouco se traduzem na organização do trabalho pedagógico, gestão das escolas, bem como dos estudos de pós-graduação brasileiros, mesmo que na área de educação.

José Eustáquio Romão, um dos maiores divulgadores da obra freireana, afirma que:

Paulo Freire nunca foi aplicado na educação brasileira. Estamos lutando para ver se ele entra nas universidades até hoje. Ele entra como frase de efeito, como título de biblioteca, nome de salão. Isso eu já vi no Brasil inteiro. Mas o pensamento dele não entrou até hoje. (ROMÃO, 2015).

Disso resulta uma desconexão das políticas educacionais que revela a ausência de uma abordagem intersetorial e integrada, pautada em teorias pedagógicas comprometidas com justiça social.

A formação inicial docente é fragmentada, distante de uma perspectiva transdisciplinar, e esvaziada de reflexão filosófica. O país tem ainda problemas quanto à adequação da formação de seus professores, ou seja, não atende o que recomenda a LDB, uma vez que dos 2,2 milhões de professores atuantes no Brasil, 25,8% não possuem licenciatura em sua formação (BRASIL, 2018), provocando carência de educadores e problemas pedagógicos de toda ordem. Os efeitos sobre as práticas pedagógicas, especialmente sobre as avaliativas, ampliam o quadro de abandono escolar e violência psicológica no cotidiano escolar.

Além disso o currículo vigente produz desarticulação entre a realidade vivida e o conjunto de conhecimentos produzidos pela humanidade. A transdisciplinaridade encontra resistência, mantendo saberes em diversas gaiolas epistemológicas, desconectadas da práxis social. “O científico e o social são faces de uma mesma moeda. (D’ AMBROSIO, 2011, p. 6).

Outro nó político-pedagógico é o da gestão democrática, que compreendida como princípio pedagógico, inexistente nas escolas, nem tampouco como perspectiva de emancipação humana. Um desafio, cuja prática dos gestores demonstra justamente o quadro inverso do desejável.

O desejo de gestão democrática das estruturas atualmente sob o domínio da lógica do capital exige a retomada da luta pela emancipação em todos os caminhos provocando a redescoberta da real democracia, a participação popular não reduzida à gestão da miséria pública, mas na resistência ao avanço neoliberal, na mobilização popular, na união dos “segmentos” escolares para a superação das diferenças. A gestão democrática pode ser o caminho para a reinvenção da escola para além do capital, mas precisa ter como horizonte a emancipação humana e como práxis a união e a luta. (VASCONCELOS, 2013, p. 158).

No campo das práticas pedagógicas pode-se destacar a questão da avaliação da aprendizagem. A “lógica do absurdo”, que pauta a escola, também orienta os pressupostos avaliativos e a prática da maioria dos professores. Para Vasconcellos (2011), a escola tem desempenhado bem o seu papel, pois recebe crianças curiosas, vivas, alegres e em poucos anos consegue deixá-las indiferentes, obedientes, desgostosas, passivas. Nesse sentido, a avaliação está muito distante de uma perspectiva dialógica, de um “compromisso ético exigido dos educadores contemporâneos, em uma relação transparente com seus alunos, permeada pela seriedade docente, pela defesa intransigente de seus valores e conceitos e pelo respeito à sua própria opção político-pedagógica”. (VASCONCELOS, 2004, p. 59).

Pelo contrário, a prática hegemônica é classificatória e punitiva. “O grande nó da avaliação escolar está, pois, nesta lógica quantitativa e excludente. É claro que existem outros problemas na avaliação, seja em termos de conteúdo, forma, relações. Só que de muito pouco adianta mexer nestes outros aspectos se sua intencionalidade não for alterada.” (VASCONCELLOS, 2011, p. 4).

Enfim, a educação hegemônica é a bancária, pois valoriza o econômico em detrimento do humano. Paulo Freire “se opõe diametralmente à educação bancária neoliberal pois o neoliberalismo recusa o sonho e a utopia”. (GADOTTI, 2013).

A educação bancária pressupõe uma relação unilateral entre educador e educando, entendendo que o primeiro é detentor do saber, “depositando” conhecimentos no cofre que é a mente do aluno. A lógica bancária é mercantilista no sentido de que o

depósito do conhecimento precisa ser constantemente verificado para se garantir sua integridade e a devida reprodução acrítica. Tal lógica está em oposição à ideia de emancipação humana, proposta e praticada pelo educador Paulo Freire em sua vida, que completaria 100 anos em 2021 e cujo legado permanece vivo nos corações e mentes de educadores humanistas pelo Brasil e pelo mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São distantes o pensamento de Paulo Freire e a prática pedagógica nas escolas. Tal constatação exige urgentemente um resgate da herança freireana, o que significa reinventá-lo, atendendo o seu próprio pedido.

A contribuição reflexiva e as aprendizagens propostas e desenvolvidas pelo Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' entram em diálogo profícuo com as experiências vividas na área de educação, em especial no movimento social, especialmente quando sugerem novas práticas pedagógicas à luz de um pensamento educativo que valoriza os aprendizados coletivos e as conquistas dialogadas e transformadoras da realidade, sempre instigados pelo pensamento freireano. Se havia algo realmente revolucionário que caracterizava o seu pensamento, era a inovação. Sem precedentes na história do Brasil, Paulo Freire continua novo, atual, moderno e, principalmente, necessário. Sua ontologia é capaz de melhorar significativamente não somente as práticas e a qualidade da educação, mas a formação humana dos nossos educandos e educadores. Formar uma gente livre, ativa, feliz e amorosa, é disso que se trata a educação freireana e desse crime, contra a tradição, Paulo Freire é culpado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar 2017**. Brasília: MEC, 2018.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **A transdisciplinaridade como uma resposta à sustentabilidade**. NUPEAT–IESA–UFG, v.1, n.1, jan./jun, 2011, p.1–13.
- EAD FREIRIANA. Curso '**Paulo Freire em tempos de fake news**'. Videoaula 11 – A atualidade da metodologia freiriana para educação de jovens, adultos e idosos. Ministrada por Sonia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, maio de 2020.
- EAD FREIRIANA. Curso '**Paulo Freire em tempos de fake news**'. Videoaula 15 – Paulo Freire frente à onda conservadora. Ministrada por José Eustáquio Romão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, maio de 2020.
- GADOTTI, M. O Trabalho coletivo como princípio pedagógico. **Rev. Lusófona de Educação**,

Lisboa, n. 24, p. 160-163, 2013.

GADOTTI, M. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 23, n. 1-2, p., Jan. 1997.

ROMÃO, J. E. **Brasil nunca aplicou Paulo Freire**. Entrevista à BBC NEws Brasil, 24 de julho de 2015. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ROMÃO, J. E. Educação. In STRECK, D. et al. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROSSATO, R. Práxis. In STRECK, D. et al. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STRECK, D. R. Esperança. In STRECK, D. et al. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ZITKOSKI, J. J. Ser Mais. In STRECK, D. et al. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VASCONCELOS, N. A. F. **Os grupos de pressão da educação e a lei de gestão democrática**. (Dissertação de Mestrado). Brasília: UnB, 2013.

VASCONCELOS, R. D. V. **A construção da concepção de avaliação da aprendizagem em professores universitários**: o caso dos coordenadores dos cursos de formação de profissionais da educação da Universidade Federal do Paraná. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 2004.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação**: Concepção Dialética-Libertadora do Processo de Avaliação Escolar. São Paulo: Libertad, 2011.

Nelson Adriano Ferreira de Vasconcelos é doutorando em Educação e membro do Grupo de Pesquisa Políticas Federais de Educação da Universidade Católica de Brasília, Linha de Pesquisa Políticas Educacionais. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Contato: vasconcelos.naf@gmail.com.

Rosylane Doris de Vasconcelos é doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Professora da Faculdade UnB Planaltina. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" no DF, Linha de Pesquisa Educação do Distrito Federal: História e Memória. Contato: rosyvasconcelos@unb.br.

PAULO FREIRE E A RESISTÊNCIA NEGRA EM TEMPOS DE *FAKE NEWS* – NOTAS PRELIMINARES

SILVA, Osvaldo José da

RESUMO

A estrutura deste ensaio busca situar a proposta pedagógica de Paulo Freire para combater as *fake News*. Na sequência, aborda-se o legado desse educador, e como se dá a resistência dos negros contra o preconceito racial a partir da distinção pedagógica de Paulo Freire. Nas considerações finais encaminha-se como esta proposta pedagógica, em tempos sombrios, pode levar a humanidade a uma nova concepção de sociedade.

Palavras-Chave: Educação. Fake News. Negros. Pedagogia. Resistência.

ABSTRACT

The structure this essay seeks to situate Paulo Freire's pedagogical proposal to combat fake News. In the sequence, the legacy of this educator is approached, as well as how blacks resist against racial prejudice based on Paulo Freire's pedagogical distinction. In the final considerations, it is guided how this pedagogical proposal, in dark times, can take humanity to a new conception of society.

Keywords: Education. Fake News. Blacks. Pedagogy. Resistance.

No ensaio, *"Verdade e Política"*, Arendt (1972), faz a distinção entre verdade racional e verdade factual. Ela argumenta que há na tradição filosófica ocidental a tentativa de manter o domínio político dentro dos padrões da verdade racional, que não é apenas apolítica, mas antipolítica.

Já a verdade factual, é a possibilidade de se adquirir um consenso mínimo de compreensão sobre um determinado evento, ou um determinado ponto de vista comum sobre estes eventos, nos quais as diferenças se reconheçam. Para ultrapassar as *fake news*, há que se apropriar destas duas formas de verdades, Arendt (1972), nas quais o inédito viável deve estar no nosso horizonte, como, ensina Paulo Freire (1992): *"A única possibilidade que tenho de fazer amanhã, o impossível de hoje, é fazer hoje, o possível de hoje"*.

Como apontado na dissertação acadêmica, Silva (2018), o tráfico de negros escravizados do continente africano para o Brasil representa o cenário mais completo na modernidade, do declínio do Estado-nação na Europa, e a consequente expansão ultramarina de Portugal como potência da Europa a utilizar a estratégia de expansão ultramarina para construir um Estado rico naquele Continente à custa do tráfico negreiro e da mão de obra escravizada da população de negros e negras africanos, transportados para o Brasil, conforme aponta Querino (1955).

Já, para Paulo Freire e Guimarães (2019), na narrativa acerca de uma das passagens de Paulo Freire por Genebra, 1978, lança a presença no continente africano com um profundo respeito aos cidadãos africanos, como extensão de ser brasileiro e latino-americano.

Para Tandoc Jr (Org. 2018), há uma variação de manifestações de tipos de *fake news* como formas de falseamento de notícias e informações que podem emergir nas formas de fabricação de notícias falsas, manipulação fotográfica, relações públicas adversas, propagandas sempre em função de audiências para capturar as consciências das massas.

Assim, podemos perceber que prossegue no cenário de *fake News* a velha máxima de Joseph Goobels, ministro da propaganda do regime totalitário nazista (1933-1945): *"uma mentira contada várias vezes, se torna uma verdade"*. Neste contexto inicia-se uma guerra entre os meios de comunicação tradicionais, tais como: jornais, rádios, televisões e agências de propaganda; contra plataformas de comunicação, redes sociais e grandes corporações da indústria 4.0, tais como: Facebook, Google, Twiter, Amazon, Apple, Microsoft, Youtube, Instagram dentre outras. No texto do documento de apresentação no **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' – Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire,

página 1. (*Saiba Mais*) no terceiro parágrafo, encontramos a descrição deste cenário.

As *fake news* contra Paulo Freire possuem um conteúdo político nazifascista, autoritário e de cunho totalitário, são violentas e realizadas com base no desconhecimento e na ignorância.

Não possuir um lar em canto algum, é a realidade e a imagem do negro na face da terra, sobretudo ao tornar presente os argumentos da obra *Os Condenados da Terra* de Fanon (1979) no continente africano a terra do negro que foi invadida e expropriada e na afro-diáspora é um apátrida em permanente exclusão por meio do preconceito racial, como já denunciava Fanon (2008), o racismo desumaniza também o branco.

Em Dalmazio e Valente (2018) há registros de mais algumas configurações das concepções das *fake news*, tais como: artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores; um novo tipo de desinformação política, dubiedade factual com finalidades de poder e de lucro.

Como também, na concepção de Querino (1955) o negro africano traficado para o Brasil como escravizado e posteriormente aqui nascido também escravizado, é o agente que irá realizar todas as tarefas do labor e do trabalho, mesmo não possuindo a liberdade é o elemento colonizador no sentido de operar as formas produção e circulação de bens e produtos, ou seja, no labor e no trabalho são dos negros os pés e as mãos dos brancos europeus portugueses que o escravizava.

Frente a este cenário a *Pedagogia do oprimido*, obra clássica do educador Paulo Freire (2017) pode ser recuperada com a sua dimensão de proposta política pedagógica de alfabetização, conscientização, e leitura do mundo, de modo a poder interagir com este, e levar adiante novas formas de organização democrática e de distribuição justa de riquezas e poderes comuns.

A *Pedagogia do oprimido* desperta o *fast-checking* e ou / *fact-checking*, ou seja, a checagem dos fatos para a distinção entre o que é real e verdadeiro, e o que é mentira deliberada emanadas das forças hegemônicas do capitalismo.

Para tanto, o uso da ferramenta *fact-checking* (checagem dos fatos) é uma dessas vertentes estratégicas eficaz no momento, conforme Conceição (2018), pode-se responsabilizar os criminosos das *fake news* visando o enfrentamento.

Ainda, refletindo globalmente Gadotti e Carnoy (2018) alimenta esta mesma esperança, visto que a exploração das grandes massas é global, a luta contra a

exploração por meio da educação pedagógica emancipadora também deve ser global. Para Silva (2019), notícias a serem verificadas possuem como características: autenticidade dos acontecimentos, lealdade com os receptores, verificação dos fatos, independência de poderes e interesses, contraponto o discurso e/ ou da ideologia, liberdade de consciência, aceitar críticas e ser compreensível ao mundo. Não podemos ficar presos à vã tentativa de delimitar um fenômeno mutante e que a cada momento histórico se apresenta com novas configurações, conforme afirma McGonagle (2017).

O desafio, conforme Silva (2018), é analisar os eventos para entender a alienação no mundo moderno nos seus aspectos culturais e sociais. Para tanto, é necessária à compreensão das ações e eventos dos homens na história. A questão elaborada por Arendt (1991) pergunta: *o que estamos fazendo?* Pode ser alargada com a pergunta *o que estamos fazendo contra o negro?* Racismo, escravização e preconceito racial, são manifestações elementares contra a condição humana, que estão presentes como eventos históricos, sobretudo, pela suspensão do livre pensar. O pensar instrumentalizado causou a derrota do livre pensar ao estereotipar o negro como um não humano.

Encontramos em Querino (1955), a denúncia de exclusão social dos negros escravizados, explorados e excluídos há mais de 500 anos considerando os tempos hodiernos, denúncia esta, não muito diferente da que Freire (1992) realizou, quanto à exclusão social de pessoas a partir de ideologia de raça, etnia, classe social, pobreza, ou cor da pele vigente nos tempos atuais nas diversas sociedades.

Para que o negro Mbembe, Achile (2014) possa estar inserido e incluído no mundo social contemporâneo, este deve superar a alienação entre o pensamento e o conhecimento, e fazer também com que a comunidade negra possa interagir e propor como parte da tradição cultural comum da humanidade e da natureza, alternativas à destruição do planeta Terra e a aniquilação da vida em comum. As sociedades livres de todas as formas de racismos, visto que, o devir negro escravizado, se permanecer escravizado pela tecnologia poderá escravizar a todos, negro e branco, pois o divórcio entre conhecimento e pensamento, suspende a capacidade de pensar o que estamos fazendo com nossas vidas e com o planeta Terra (?) se não for examinada e desencadear ações responsáveis, resultará em incertas consequências.

As formas de resistência das comunidades negras contra as *fake news* surgem da intrínseca contribuição de Paulo Freire em termos políticos-pedagógicos para com as comunidades negras. Silva (2019) elenca dez medidas de prevenção e

intervenção para que as fake news possam ser combatidas, são elas: educação para as mídias elucidar a verdade e a mentira promovendo a competência crítica, capacitando os indivíduos; maturação do tempo de reflexão acerca da informação; detectar as omissões e as ausências na informação divulgada; mudança de paradigma na prática jornalística; desmascarar plataformas que têm como ecoar mentiras deliberadas como verdades absolutas; mobilizar e levantar questões junto aos profissionais de dentro do campo; bloquear e denunciar páginas de *fake news*; recuperar a transparência da esfera pública para com a verdade e a credibilidade para as novas gerações; ampliar o número de pessoas atingidas pelos esclarecimentos; não comprometer a veracidade com a pressa de divulgação; fortalecer a relação entre informação e a liberdade individual de cada cidadão como mandamento democrático. Assim, também afirma Kohan (2020).

O enfrentamento é providencial para que a herança deixada por Paulo Freire não seja vilipendiada. Herança essa testemunhada por parte dos africanos educadores dos círculos de cultura, singular e solidária de Freire para com os negros, conforme depoimento do Prof. Florenço Varela (Videoaula, IPF, 2020) que elabora estudos a partir da obra *"Cartas à Guiné Bissau"* de Paulo Freire, do IPF da Universidade Federal Paraíba e do IPF de Cabo Verde, para analisar a questão fundamental do trabalho como questão educativa, e conforme afirma Amílcar Cabral (líder político de Cabo Verde), entender a descolonização das mentes donde as experiências não se transplantam, mas se reinventam como acontece na obra *Cartas à Guiné Bissau* é experiência em processo.

Na Guiné Bissau, Paulo Freire se reencontra com a sua própria história. Mas, foi em Cabo Verde a influência mais impactante, pois foi sem rupturas e em um processo contínuo que, por exemplo, os círculos de cultura como experiência prática de educação consolidou as experiências pedagógicas de Paulo Freire. As contribuições diretas de Paulo Freire com o Instituto de Ação Cultural (IDAC) (1975) e com o IPF (1990) na formação de educadores em Cabo Verde, são sementes que desabrocharam nos tempos atuais em inúmeras ações e eventos que estão solidificados nas práticas educativas: foi o educador Paulo Freire, que lançou as bases de uma educação transformadora, disseminada na pedagogia com consciência crítica, e as ideias pedagógicas freirianas se inserem nas ideias pedagógicas globais, dessa forma as concepções e trajetórias de Paulo Freire junto aos educadores marcam uma identidade própria destes como emancipação humana.

O ano de 2021 marca o centenário de nascimento de Paulo Freire e ao celebrar as causas educacionais com a qual Freire inspira, criou, e se desdobra no tempo

presente no testemunho dos educadores, professores e agentes sociais; as comunidades negras na diversidade e na pluralidade pedagógicas que engendram, enlaçam a resistência contra as *fake news*.

Por volta do ano de 1818, a população de negros escravizados no Brasil era de 1.930.000, aproximadamente, esses números constituem a metade da população do total de brasileiros que era de 3.818.000, conforme Malheiro (1944), citado por Conrad (1985). Evidente que os mecanismos de negação compõem um confronto proposital provocado para levantar mentiras deliberadas e tentar sufocar as resistências negras. No combate às *fake news*, Delmazo e Valente (2018) alertam para este fato.

Nesta direção quando se recupera a *Pedagogia da autonomia*, de Paulo Freire (1997), agregam-se ideias, pensamentos, palavras, críticas e conscientização acerca dos desafios que as comunidades negras devem levar adiante frente ao contexto social do século XXI, sobretudo, a preservação da liberdade de expressão. As contribuições de Paulo Freire (1997) deixam para os excluídos socialmente uma herança sem testamento, herança de vontade de estabelecer a luta social por justiça, democracia e renda.

A condição humana é complementar à existência humana pelo próprio impacto da realidade do mundo que nascemos, e esta condição conforme, Arendt (1991) não é determinista, mas sim condições para que a vida possa existir, condições tais como: a própria terra, a vida biológica (labor), a mundanidade (trabalho), a pluralidade (a ação), a natalidade, a mortalidade e o condicionamento (condições que se alteram constantemente sob a nossa responsabilidade), condições que requerem que os saberes sejam construídos no sentido em que haja o reconhecimento de um mundo comum, em que coabitam vidas plurais e diferentes, sem que se sobreponha inferioridade ou superioridade entre as pessoas de etnias diferentes. *Educar em Todos os Cantos: por uma Educação Intertranscultural*, conforme Padilha (2012) é uma forma de fazer ressoar as ideias pedagógicas emancipadores de Paulo Freire, e em conjunto com os negros em luta, estabelecer mecanismos de resistência e resiliência contra o racismo.

Para enfrentamentos contra a estrutura de se manter o negro submisso e com a apartação social simbólica e real, aprendemos com Freire (1997) na *Pedagogia da autonomia*, como combater e resistir as *fake news*. A grande contribuição de Paulo Freire fora da classificação das caixinhas ideológicas é a utopia real na qual os educadores e os agentes sociais, sobretudo, os das comunidades negras, incorporam à luta por justiça social e democracia, como uma "*criança cognitiva*", como se autodefiniu o próprio Paulo Freire.

Desta forma pode-se considerar que a teoria político pedagógica de Paulo Freire nos ensina a pensar sem corrimão, como também aponta Arendt (1993/2019) e assim, ter uma prevenção contra o mal viral das *fake news*, impossibilitando que o fungo do mal banal possa crescer na esfera da vida privada e na esfera do espaço público.

Ao se refletir sobre: "*Paulo Freire em Tempos de Fake News: Atualidade, Metodologias e Práticas*", ponto de partida para a criação desta reflexão, trata-se da prova de que Paulo Freire não é o responsável pelo fracasso da educação brasileira, é justamente o contrário, é a ausência da proposta pedagógica freiriana na educação básica no Brasil é, que pode ser considerada como uma das causas do nosso atraso educacional. As atuais metodologias ativas que tem como objetivo as tecnologias pelas tecnologias acabam encerrando-se no modismo de consumo raso sem conteúdo de referências. Por outro lado, o círculo de cultura é uma filosofia que amplia o ensino aprendizagem dialogicamente com o tema gerador. O saber nasce das problematizações de temas acerca da vida das pessoas relacionando este saber com a prática. Não podemos repetir os erros da ditadura militar e exilar novamente Paulo Freire,

Por fim, convém lembrar que nenhum nome dos que perseguiram e perseguem Paulo Freire nos momentos de autoritarismos e ditaduras no Brasil, se quer são lembrados na história. E aqueles que espalham notícias falsas sobre Paulo Freire, nos tempos atuais, serão esquecidos, antes mesmo de morrerem.

Axé! Ubuntu!

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. 5.ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 1991.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução Antônio Abranches e outros. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- ARENDT, Hannah. **Pensar sem Corrimão (Antologia)**. Tradução de João Moita. Lisboa (Portugal): Relógio D'Água Editores, 2019.
- CARNOY e TARLAU, Martin; Rebecca. 7. Paulo Freire Continua Relevante Para a Educação nos EUA. IN: GADOTTI e CARNOY, Moacir; MARTIN. **Reinventando Freire: A práxis do Instituto Paulo Freire**. São Paulo (SP): Ed,L, 2018.
- CONRAD, Robert Edgar. **Tumbeiros – o tráfico de Escravos para o Brasil**. São Paulo (SP):

Brasiliense, 1985.

DELMAZO e VALENTE, Caroline; Jonas C.L. **Fake news nas redes sociais on line: propagação e reações à desinformação em busca de cliques**. Media & Jornalismo. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra (PORT.): Coimbra University Press. N° 32. VOL. 18, N° 1, 2018.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 2 – **Cartas à Guiné Bissau**. Ministrada por Florenço Varela. São Paulo: Instituto Paulo Freire, maio. 2020.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. – Salvador (BA): EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo**. 6ª ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 2ª ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo (SP): Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64ª ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 2017.

FREIRE e GUIMARÃES, Paulo; Sérgio. **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. 3ª ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 2019.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. 2ª ed. São Paulo (SP.): Ed,L, 2011.

GADOTTI e CARNOY, Moacir; MARTIN. **Reinventando Freire: A práxis do Instituto Paulo Freire**. São Paulo (SP.): Ed,L, 2018.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Curso "Paulo Freire em tempos de fake news"**. EaD Freiriana São Paulo (SP): 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução Marta Lança. Lisboa (Portugal): Antígona, 2014. [2013].

MCGONAGLE, Tarlach. **"Fake news": False fears or real concerns?** NQHR. Netherlands Quarterly of Human Rights. Vol. 35(4) 203–209. DOI: 10.1177/0924051917738685. Amsterdam (Neth.): 2017.

PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em Todos os Cantos: reflexões e canções por uma educação intertranscultural**. 1ªed. São Paulo (SP.): Ed,L, 2012.

QUERINO, Manuel. **A Raça Africana e os seus Costumes**. Salvador: Livraria Progresso e Editora, 1955.

SILVA, Andreia Fernandes. « **Porque é que as *fake news* se transformaram em protagonistas do jornalismo contemporâneo?** », *Comunicação Pública* [Online], Vol.14 nº 26 | 2019, posto online no dia 28 junho 2019, consultado o 12 março 2020. URL: <http://journals.openedition.org/cp/4139>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.4139>.

SILVA, Osvaldo J. **Considerações Sobre o Pensamento Político de Hannah Arendt e o Pensar do Negro no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Araraquara (SP): UNESP – FCL-Ar. 2018.

Osvaldo José da Silva é Doutorando em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC – SP. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista UNESP FCLAraraquara. Contato: kayona@uol.com.br.

AS NOTÍCIAS FALSAS EM TEMPOS DE OLIGOPÓLIOS FINANCEIROS

SOUZA, Paulo Henrique de

RESUMO

Como promover o diálogo crítico e emancipador a partir das *fake news*? As notícias falsas disseminam a desinformação, o ódio, a alienação e a dominação. São ações criminosas de manipulação da opinião pública e ataques à democracia. A quem interessa essas ações? Quem são os financiadores dos aparatos tecnológicos que ampliam essa rede de desinformação, de informações maliciosas que enganam e confundem a sociedade? A necessidade de reflexão e debate sobre essas questões se faz urgente. Os oligopólios financeiros, com suas características globais, cada vez mais organizados, controlam a economia mundial e o poder político das nações. As redes sociais passam a ser um forte instrumento de propagação de notícias enganadoras com o interesse na manipulação da opinião pública. Assim, as recorrentes notícias mentirosas sobre o educador Paulo Freire e suas obras é uma tentativa de calar, de reprimir e oprimir quem acredita em uma transformação da realidade.

Palavras-chave: Fake News. Paulo Freire. Educação Crítica.

ABSTRACT

How to promote critical and emancipatory dialogue based on fake news? Fake news disseminate disinformation, hatred, alienation and domination. They are criminal manipulation acts of public opinion and attacks on democracy. Who is interested in these actions? Who are the financiers of technological devices that expand this network of misinformation, of malicious information that deceives and confuses the society? It is necessary reflecting and debating about these issues urgently. Financial oligopolies, with their global characteristics, increasingly organized, control the world economy and the political power of nations. Social networks become a strong tool for spreading misleading news with the intention of manipulating public opinion. Thus, the constant fake news about the educator Paulo Freire and his works is an attempt to silence, to repress, to oppress anyone who believes in a transformation of reality.

Keyword: Fake News. Paulo Freire. Critical Education.

INTRODUÇÃO

Fake news, notícias falsas, notícias mentirosas, boatos. Como provocar o diálogo crítico e emancipador a partir desta temática? A quem interessa uma notícia mentirosa? Por que as notícias falsas ameaçam os direitos humanos e a democracia? Há alguma relação entre a educação escolar e as *fake news*? Essas questões têm produzido inquietações no âmbito de educadores comprometidos com uma educação cidadã. A manipulação da opinião pública por meio da mídia, incluindo falsas informações na internet e nas redes sociais, são fatos graves que comprometem a democracia no Brasil e no mundo. Essa situação tem intensificado estudos e debates sobre a temática nos últimos anos.

As políticas conservadoras, os movimentos que discriminam as minorias, os discursos de ódio e de falso moralismo têm surgido com mais frequência nos meios de comunicação de massa. O formato de comunicação dos jornais, das revistas, do rádio, da televisão, da internet, entre outros, está se alterando a cada ano e os padrões de acesso também se modificam com o tempo. Temos “informações” de todos os lugares do mundo quase instantaneamente, a quantidade de notícias e sua velocidade impressionam. Contudo, nos parece que a facilidade na obtenção de notícias e “informações” não deixou as pessoas mais conscientes de suas realidades, mais preparados para a tomada de decisões comunitárias visando o bem-estar da maioria da população mundial.

Ladislau Dowbor, no Curso **‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, comenta que “hoje temos uma imensa oportunidade da desmaterialização do conhecimento e da gratuidade de sua disseminação”. O autor debate o fenômeno da revolução digital e da conectividade planetária como um grande potencial que se abre, permitindo um processo colaborativo e interativo na construção de conhecimento. Contudo, as informações e o conhecimento, em um mundo globalizado, tornaram-se mais um instrumento de poder e dominação, com o controle na mão de poucos. (EAD FREIRIANA, 2020b)

O PODER DOS OLIGOPÓLIOS FINANCEIROS

Observamos cada vez mais concentrações de renda e uma ordem mundial baseada no mercado financeiro. No livro *A era do capital improdutivo*, Ladislau Dowbor (2017) faz uma reflexão sobre essa ordem financeira globalizada, na qual, apesar da existência de muitas corporações mundiais, há um núcleo pequeno de corporações que controla as demais, sendo esse pequeno grupo

composto principalmente por corporações financeiras. Assim, essa ação gera um controle econômico e político que leva a uma “tendência de dominação geral dos sistemas especulativos sobre os sistemas produtivos” (DOWBOR, 2017, p. 49). A organização de oligopólios financeiros, com amplitude mundial, domina as estruturas políticas de nações que se endividam e submetem sua população aos arrochos salariais e restrições econômicas, principalmente, aqueles com menor renda. Com isto, geram riquezas que ficam concentradas nas mãos de poucos.

Na ausência de governo/governança mundial e com a fragmentação da capacidade pública entre 200 nações, qualquer regulação ou ordenamento do que acontece no planeta parece estar fora do nosso alcance, o que abre espaço para o vale-tudo global. São trilhões de dólares em mãos de grupos privados que têm como campo de ação o planeta, enquanto as capacidades de regulação mundial mal engatinham. O poder mundial realmente existente está em grande parte nas mãos de gigantes que ninguém elegeu e sobre os quais há cada vez menos controle. (DOWBOR, 2017, p. 59)

Podemos pensar que essas corporações e interesses econômicos sempre existiram. Contudo, os oligopólios financeiros possuem uma estruturação e organização muito maior.

O poder corporativo tornou-se sistêmico, capturando uma a uma as diversas dimensões de expressão e exercício de poder, e gerando uma nova dinâmica, ou uma nova arquitetura do poder realmente existente. (DOWBOR, 2017, p. 115)

No cenário de uma grande concentração de riqueza, em que 1% dos mais ricos controlam mais da metade da riqueza mundial, os direitos da maioria não são importantes, não há como se constituir uma nação democrática. Na construção de uma ilusão de democracia, de respeito às nações, todo um cenário deve ser então construído para manutenção do sistema. Diante de abismos sociais, a opinião pública também deve ser acompanhada e controlada. Assim, as formas de comunicação em massa devem defender as corporações para manterem seus financiamentos.

Os oligopólios financeiros, assim, se organizam para o controle sobre os poderes democráticos de uma nação. Muitas vezes vemos a corrupção dos órgãos públicos, mas poucas vezes é possível perceber os corruptores por trás do mecanismo de dominação.

Nas últimas décadas, o que se observa é uma poderosa ofensiva no sentido da captura dos sistemas políticos que poderiam apresentar um contrapeso: os governos, o judiciário, a mídia, os organismos internacionais, as organizações da sociedade civil, a opinião pública. (DOWBOR, 2017, p. 113)

As grandes redes de comunicação de massa vêm há várias décadas formando a opinião pública no Brasil, afirmando a ineficiência e a corrupção do Estado, em uma posição neoliberal, que favorece as privatizações de órgãos públicos, entregando as estatais para o setor privado. Assim, os setores estruturais do País estão cada vez mais nas mãos de empresas privadas, com a participação de consórcios internacionais, controlados por oligopólios financeiros. Os setores de Saúde e Educação são constantemente atacados como ineficientes na disputa dos setores privados pelos recursos públicos.

Com a manipulação da opinião pública compreendemos melhor o contexto político no Brasil e o avanço dos setores mais reacionários. O golpe de 2016 deixa claro que os interesses financeiros dos conglomerados empresariais precisavam ser atendidos: a reforma trabalhista, a reforma da previdência, as privatizações de poços de petróleo, dentre outras. Assim, fica evidente o objetivo da ação realizada pelos poderes legislativo, judiciário e boa parte do próprio executivo, com apoio de grandes empresas, indústrias e redes de comunicação.

As reformas realizadas atingem somente o trabalhador, que é colocado como o responsável pelo “Custo Brasil”, que onera as contas públicas e atrapalha o desenvolvimento e crescimento econômico do País. Os servidores do poder judiciário, do poder legislativo, das forças armadas e da polícia federal foram beneficiados na lei da reforma da previdência com o propósito de divisão de interesses dos servidores públicos e fortalecimento da reforma.

O mais impressionante nos episódios das reformas é que os trabalhadores são convencidos de que elas são necessárias para o desenvolvimento do País, embora os maiores salários do setor público não tenham sido atingidos pelas mesmas. As maiores riquezas, os lucros das empresas e os benefícios fiscais não tiveram nenhuma alteração tributária. Não é visto um debate na mídia sobre a dívida pública, os gastos do governo com o pagamento de juros, perdões fiscais das grandes empresas, entre outros. Como é possível formar uma opinião pública em que a reforma da previdência ou a reforma trabalhista é mais importante que a reforma tributária e/ou a implantação de um sistema de tributação de grandes fortunas?

EDUCAÇÃO CRÍTICA E LIBERTADORA

A reflexão sobre a pergunta acima nos auxilia a compreender os ataques ao pensamento de Paulo Freire. A quem interessa uma educação que promova uma libertação, uma preocupação com a justiça social, uma valorização da cultura do trabalhador? Não podem ser os mesmos que buscam tirar direitos, oprimir, manter o controle do poder e o acúmulo de riquezas?

Os meios de comunicação em massa já realizam um forte trabalho de alienação, com programas que trabalham bastante com a emoção e pouco com a razão/reflexão. Porém, como as mídias e redes sociais cresceram de forma espantosa nos últimos anos é preciso também conseguir uma forma de dominar esses meios. O anonimato ou a possibilidade de criar perfis falsos é uma grande oportunidade de propagar falsas notícias ou notícias mentirosas. Assim, vivemos um momento de forte expansão de mecanismos tecnológicos de propagação de *fake news*.

O surgimento de ambientes virtuais que produzem e divulgam falsas notícias tem crescido substancialmente. Essas notícias, diferentes de indiscrições de pouco valor, têm sido utilizadas para afrontar pessoas e ideias, geralmente com grande impacto político e social. Como afirma Guilherme Williamson (EAD FREIRIANA, 2020a),

querem mostrar que o pensamento dos professores e de movimentos progressistas são inimigos do Brasil. [...] Forças conservadoras tentam associar o pensamento progressista a uma noção antipatriótica e de alguém que não pensa no bem comum. [...] Quando dizem que Freire é contra o Brasil tentam desconstruir a ideia de que a sociedade pode ser transformada pelo povo e pela democracia.

O ataque ao educador Paulo Freire é uma tentativa de calar, de reprimir e oprimir quem acredita em uma transformação da realidade. A pedagogia de Paulo Freire tem sua essência no diálogo. A intensa hostilidade apresentada por aqueles que são contrários às suas obras ocorre porque são pessoas “que defendem uma sociedade opressora, que não acreditam em uma emancipação humana, em um diálogo humano e em uma educação libertadora” (EAD FREIRIANA, 2020a).

A atualidade das obras de Paulo Freire, e seu reconhecimento mundial, incomoda aqueles que defendem um projeto de alienação do trabalho e da consciência humana, no qual o direito de cidadania não é para todos. Guilherme Williamson afirma que “na luta política e ideológica de hoje precisamos reconstruir a consciência

do povo. Pensar criticamente a realidade por meio da educação conscientizadora". (EAD FREIRIANA, 2020a)

Pensar em uma educação que possa tratar a apropriação do conhecimento a partir da problematização do contexto do sujeito, com base na dialogicidade, no diálogo com o outro, em uma perspectiva de transformar a realidade, é uma pedagogia humanizadora, que dá voz ao sujeito. Deve ser compreendida a indissociabilidade entre a leitura, escrita e oralidade, na sala de aula a palavra do educando é fundamental. (EAD FREIRIANA, 2020c)

A leitura do mundo é fundamental em um processo de autonomia do cidadão diante dos problemas que se apresentam na sociedade e de todas as complexas variáveis de análise. Nesta concepção, o cidadão deve ser questionador, pois suas questões vão promover a busca por novos conhecimentos e pelas respostas. Deve entender que é um cidadão de direitos: direito à educação, direito ao trabalho, direito à moradia, entre outros. Portanto, é preciso problematizar a realidade.

Retomando as questões iniciais, podemos mergulhar nas obras de Paulo Freire que se inicia com Educação como Prática para Liberdade a fim de trazermos algumas ideias para nossa reflexão, como afirma Sheila Ceccon (EAD FREIRIANA, 2020d),

Temos renunciado à nossa capacidade de decidir, embalados pela força dos mitos e comandados pela publicidade organizada, sem que nos perguntemos a favor de que e de quem estão esses valores. Temos nos deixado expulsar das órbitas das decisões.

Em nossos processos educativos não há um posicionamento neutro, esse é outro ponto destacado por Freire em suas obras. Refletir sobre a realidade, questionar as informações, de onde elas vêm e qual sua intencionalidade são os primeiros passos para uma leitura de mundo. Não é possível construir uma educação emancipadora se o educando não tem direito a voz, não é possível um diálogo crítico sem uma problematização da realidade. Os processos educativos devem dialogar com os interesses de uma formação cidadã. Assim, é preciso definir quais são meus objetivos no processo de ensino. O objetivo é de uma formação transmissora de informações ou dialógica e problematizadora?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As notícias falsas precisam ser denunciadas, assim como seus autores, pois os princípios éticos, a transparência, a legitimidade científica e política são negados

e atacados. Quem produz *fake news* de forma clara quer enganar ou agredir alguém com uma intencionalidade e deve responder por isso, pois atacam os direitos do outro.

Os ataques das *fake news* são principalmente sobre as ideias defendidas por Paulo Freire, uma escola humanizada, transformadora, cidadã, democrática, portanto o direito a essa escola é atacado. (EAD FREIRIANA, 2020f)

Por fim, quem são as pessoas, ou grupos, que produzem as falsas notícias? Além da certeza de que são criminosos, podemos sempre questionar a quem interessa essa notícia. Como afirma Jaciara de Sá Carvalho,

O pensamento de Paulo Freire é o oposto das fake News, ele sempre acreditou em uma educação crítica, provocativa, questionadora, que leva os sujeitos cada vez mais a não cair em falsos discurso e a duvidarem daquilo que leem e do que veem, contrário a aceitar passivamente aquilo que ouvem, vê e passa adiante. (EAD FREIRIANA, 2020e)

O desafio dos educadores em “tempos de fake news” é conseguir promover o diálogo e a reflexão com os educandos. Os questionamentos do “Por quê? Para quê? Contra quem? Para Quem?” devem ser constantes na leitura de mundo. A leitura das obras de Paulo Freire nos fortalece no enfrentamento e na compreensão dos desafios do processo educativo. Leiam Paulo Freire!

REFERÊNCIAS

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**: Por que oito famílias tem mais riqueza que metade da população do mundo? São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Guilherme Williamson. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020**. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Lasdislau Dowbor. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 11 – A atualidade da metodologia freiriana para Educação de Jovens, Adultos e Idoso. Ministrada por Sonia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 13 – A atualidade de Paulo Freire na perspectiva da educação ambiental. Ministrada por Sheila Ceccon. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020d.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake News e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. São Paulo: Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. Instituto Paulo Freire, abr. 2020e.

EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula bônus – Centenário de Paulo Freire: Educação para Cidadania Planetária. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020f.

Paulo Henrique de Souza é doutor em Física, professor de educação básica, técnica e tecnológica no Instituto Federal de Goiás, Campus Jataí. Atua nos cursos de pós-graduação, de graduação e de nível médio na modalidade de educação de jovens e adultos da Instituição. Contato: paulo.souza@ifg.edu.br.

ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

PORTO, Raisal Ketzer

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo propor um ensino crítico de língua inglesa por um viés decolonial. Para tanto, serão apresentados alguns mitos concernentes ao ensino de inglês como língua adicional que são propagados com o intuito de fortalecer a hegemonia dos países do centro. Por fim, serão destacadas as contribuições do pensamento de Paulo Freire para educação de maneira a sugerir uma pedagogia de línguas adicionais contra-hegemônica, que valorize a diversidade, o diálogo e a justiça social.

Palavras-chave: Decolonialidade. Ensino de Línguas adicionais. Paulo Freire.

ABSTRACT

The present article aims at proposing a critical approach to the teaching of the English language through a decolonial perspective. For this purpose, some myths regarding the teaching of English as an additional language, which are disseminated with the objective of strengthening the hegemony of central countries, will be presented. Lastly, contributions of Paulo Freire's thought to education will be highlighted in order to advocate for a counter-hegemonic additional language pedagogy, which values diversity, dialogue and social justice.

Keywords: Decoloniality. Additional Language Teaching. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

“A língua sempre foi companheira do império” (apud LOPES, 2008, p. 313). Essa célebre afirmação do filólogo espanhol Antonio de Nebrija ilustra muito bem o papel colonizador que a língua pode assumir. Como professora de inglês como língua adicional há mais de dez anos, venho acompanhado esse papel bem de perto. Ele se manifesta por meio de comentários como “Nas férias, vou fazer um curso na Inglaterra para poder aprender inglês de verdade” ou “No curso X, você aprende inglês com nativos”. Ele também se manifesta quando nos é exigido um certificado internacional para que nossa proficiência na língua seja atestada ou quando países do centro do capitalismo nos ditam quais abordagens de ensino devemos utilizar para ensinar essa língua. Em suma, a língua é um instrumento político e ideológico e, como tal, não pode ser encarada como neutra.

A imposição de línguas sempre foi um fenômeno comum em processos de colonização, uma vez que a manutenção da hegemonia política e social passa pelo domínio ideológico, religioso, cultural e, sobretudo, linguístico (SOUSA, 2008). O projeto de Marquês de Pombal de imposição da língua portuguesa como língua única (em detrimento das demais línguas nativas) exemplifica como uma língua pode ser utilizada como instrumento de controle e dominação. No Brasil, por exemplo, 90% das línguas indígenas já foram extintas desde a chegada dos portugueses ao país. Esse é apenas um exemplo, dentre os diversos, que demonstram a relação entre língua e poder.

O colonialismo histórico de outrora deu lugar à colonialidade e as formas de dominação dos países do centro do capitalismo sobre os países da periferia se dão de outra maneira. De acordo com Quijano (1997), o sistema capitalista e seu modo de vida estão intrinsecamente vinculados à experiência colonial, ainda que já tenhamos passado por processos de independência e descolonização. Isso ocorre porque a lógica colonial construída no imaginário dos colonizados, ao longo dos anos de exploração e colonialismo, foi naturalizada na forma de colonização internalizada (SILVA, 2018). Por conta disso, há a manutenção da colonialidade do poder e da dependência cultural, que se soma às dependências social e econômica, na conservação da hegemonia eurocêntrica como perspectiva de conhecimento (SILVA, 2018).

Jason Mafra, no **Curso “Paulo Freire em tempos de fake news” - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, afirma que os modelos imperialistas, em contramão à pedagogia libertadora defendida por Paulo Freire (1981), têm por objetivo a manutenção de um modelo civilizatório único, ou seja, um

modelo que valoriza o ideal eurocêntrico, de uma classe dominante que deslegitima qualquer cultura divergente da sua, com o intuito de manter o *status quo*. Desse modo, no tocante à educação, é possível perceber a predominância de um modelo bancário e não-dialógico, em que os alunos são encarados como meros recipientes de informações, histórias e ideologias propagadas pela classe dominante.

MITOS DE UMA LÍNGUA HEGEMÔNICA

O inglês se tornou a língua global por ser superior às demais línguas? O falante “nativo” de uma língua é melhor professor do que o falante “não nativo”? O inglês é a porta de entrada para uma vida melhor? Quem trabalha na área de ensino de inglês como língua adicional certamente já se deparou com alguma dessas perguntas ou com qualquer uma de suas variantes como “Preciso morar num país de língua inglesa para aprender essa língua da forma correta?”. Mitos como esse são, de acordo com Barthes (1999), falas despolitizadas que ignoram a contingência histórica do mundo, inocentando os sentidos e dando-lhes o aspecto de uma constatação. No que concerne aos mitos em questão, é possível traçar um paralelo entre eles e a ideia da superioridade do homem branco europeu, surgida na modernidade.

De acordo com Pennycook (2002), os povos colonizados eram vistos pelos colonizadores como inferiores. O mito da superioridade europeia, inclusive, foi utilizado como justificativa para as invasões e para a colonização do sul global. Para os europeus, os povos colonizados não possuíam história, cultura, religião e inteligência e cabia a àqueles preencher esse vazio (PENNYCOOK, 2002). Isso é muito bem ilustrado por meio da seguinte citação do membro da Clapham Sect, Charles Grant: “A verdadeira cura para as trevas é a inserção da luz. Os hindus erram, por serem ignorantes, e seus erros nunca lhes foram apresentados antes. A comunicação da nossa *luz e conhecimento* a eles se provará o melhor remédio para os seus transtornos (...)” (apud PENNYCOOK, 2002, p.78, tradução e ênfase nossas).

No tocante à língua, o argumento não era diferente. Para os ingleses, por exemplo, a língua do *outro*, isto é, dos povos colonizados, era também vista como inferior em comparação à insuperável língua inglesa. De acordo com Read (apud MAKONI & PENNYCOOK, 2007, p.149, tradução nossa):

A nossa é a língua das artes e da ciência, do negócio e do comércio, da civilização e da liberdade religiosa... É o armazém do conhecimento diverso que leva a nação aos limites da civilização e Cristianismo... É já a língua da Bíblia... Tão predominante já se tornou essa língua. como para indicar que vai, em breve, transformar-se na língua da comunicação internacional para o mundo.

O mito da superioridade da língua inglesa não se dissipou com o colonialismo. Para o autor contemporâneo Simon Jenkins (apud JENKINS, 2003), por exemplo, essa língua não ganhou seu *status* de língua mundial por meio do que ele chama de "*a trial of imperial strength*"¹, mas sim por sua propensão a adquirir novas identidades, assim como sua série de variedades e sua aptidão para a literatura. Em outras palavras, a difusão do inglês, para ele, nada tem a ver com o longo processo histórico que envolveu, dentre outras coisas, a invasão e ocupação de territórios e a exploração de populações diversas e, tampouco, está relacionada a questões econômicas. Para Jenkins, e para todos aqueles que acreditam no mito da superioridade do inglês, essa língua se tornou hegemônica por sua inerente distinção perante as demais línguas tão pobres lexicalmente ou tão complexas gramaticalmente.

Naturalmente, uma língua tão distinta como o inglês só poderia ter como falantes pessoas de inteligência e raciocínio superiores. Dessa forma, passamos para um conhecido mito na área de ensino e aprendizagem de língua estrangeira que é o da superioridade de falantes nativos. De acordo com Holliday (2006), o *native-speakerism* é uma ideologia pervasiva que parte da crença de que os professores nativos são os reais representantes de uma cultura ocidental que é o berço não só da língua inglesa, mas também das metodologias de ensino dessa língua. Partindo também da dicotomia "nós" e "eles" que, como mostrado anteriormente, foi essencial para o processo de colonização, essa ideologia coloca falantes "não nativos" como professores e estudantes culturalmente inferiores e que necessitam treinamento nos métodos corretos de ensino e aprendizagem de língua inglesa (LOWE & KICZKOWIAK, 2016).

É importante ressaltar, contudo, que o simples fato de ser "nativo" de um país de língua inglesa não é o suficiente para que o falante se beneficie de tal ideologia. Conforme destacado por Lowe e Kiczkowiak (2016), a *speakerhood*, ou seja, o grupo de falantes de uma determinada língua, não é construído biologicamente, mas socialmente. Dessa forma, pessoas podem ter sua *speakerhood* negada com

base em características como raça, de forma que só aqueles que aparentam ser europeus serão aceitos no restrito clube de “falantes nativos”. De acordo com Ali (*apud* LOWE & KICZKOWIAK, 2016), o fato de não ter um nome que soe “ocidental” é o suficiente para que o falante seja tratado como “não nativo” e, como tal, perca oportunidades de emprego. Mais uma vez, a ideia de raça é utilizada para sustentar uma suposta superioridade europeia.

Por fim, o último mito a ser problematizado aqui é o do inglês como porta de entrada para uma vida melhor. De acordo com Tollefson (2000), essa ideia é bastante insólita, visto que, ao mesmo tempo que a língua inglesa é vista como a chave para o sucesso econômico das nações e dos indivíduos, ela também contribui para a desigualdade social, política e econômica. Para aqueles que já falam inglês, o valor econômico desse conhecimento é refletido em melhores oportunidades de estudos, negócio e emprego, em contrapartida, para os que precisam aprendê-la, em especial, aqueles que não têm acesso a um ensino de inglês de alta qualidade, essa língua se mostra um obstáculo no tocante à educação e à busca de emprego (TOLLEFSON, 2000). Em outras palavras, cabe a indagação: seria o inglês um passaporte para uma vida melhor ou seria a sua exigência, em diversas esferas da vida acadêmica e profissional, um instrumento de propagação da desigualdade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 1989, p. 9).

A língua é um dos instrumentos pelos quais se mantém a hegemonia e, por conta disso, é fulcral que o ensino de línguas se dê de uma maneira crítica. De acordo com Gramsci, “toda língua é uma concepção de mundo integral, e não apenas um vestido que de modo indiferenciado dá forma a qualquer conteúdo” (LIGUORI, 2017, p. 475). Dessa forma, é possível afirmar que toda língua é dotada de historicidade e, por conta disso, línguas não são entidades estáticas e homogêneas. Ainda assim, quando se fala em ensino de línguas adicionais, em especial da língua inglesa, fica claro o papel do círculo central (KACHRU, 1985) em propagar essa visão de língua homogênea e padronizada (SIQUEIRA, 2011), que visa a manutenção de países do círculo central como os “detentores” dessa língua. A consequência disso é um

ensino de língua que dissemina e sustenta a hegemonia dos países do centro do capitalismo, em detrimento dos países da periferia.

Para que nos livremos dos mitos que envolvem o ensino de inglês como língua adicional, e assumamos uma perspectiva crítica de educação, é essencial que tenhamos em mente a necessidade de nos questionarmos constantemente “por quê?”, “contra quem?”, “a favor de quê” e “contra o quê” fazemos o que fazemos, como já nos ensinava Freire (2014; EAD FREIRIANA, 2020b). A quem interessa um ensino de língua que despreze o “eu” em detrimento do “outro”? Quem se beneficia de um ensino de língua no modelo bancário, responsável por propagar mitos que promovem a opressão? A partir desses questionamentos, podemos perceber o quão relevantes são os ensinamentos de Paulo Freire para nós professores de línguas, em especial, de língua inglesa. Há ainda profissionais nessa área que acreditam que nossa função é unicamente a de ajudar os estudantes no desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e que esse processo deve se dar de maneira neutra, livre de ideologias. Contudo, como nos lembra Francisca Pini (EAD FEIRIANA, 2020c), é inconcebível falar em uma educação neutra, uma vez que toda educação possui uma intencionalidade político-pedagógica. Aqueles educadores que afirmam ser adeptos da neutralidade na educação estão, na realidade, representando os interesses da ideologia dominante (FREIRE, 1996). Sendo assim, é indispensável que nós, que ensinamos uma língua hegemônica, entendamos a politicidade da educação e não tenhamos medo de nos posicionar como educadores.

Finalmente, por acreditar em uma educação política, libertadora, problematizadora e dialógica, assim como a defendida por Freire, não posso acreditar em modelos pré-fabricados de ensino de línguas, oriundos de realidades tão diferentes das nossas. Acredito, assim como Jordão (2004), que a educação pela língua tem como função preparar docentes e discentes para a cidadania, para a participação política informada, visando à atuação nos rumos da sociedade em nível local e, conseqüentemente, global.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 9 – Paulo Freire no contexto do “Império contra-ataca”. Ministrada por Jason Mafra. Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake news e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá. Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 8 – Contribuição de Paulo Freire à educação em Direitos Humanos. Ministrada por Francisca Pini. Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- HOLLIDAY, Adrian. Native-speakerism. **ELT journal**, v. 60, n. 4, p. 385-387, 2006.
- JENKINS, Jennifer. **World Englishes: A resource book for students**. Psychology Press, 2003.
- JORDÃO, Clarissa Menezes. A língua inglesa como commodity: Direito ou obrigação de todos. **Conhecimento local e conhecimento universal**, v. 3, n. 1, p. 272-295, 2004.
- KACHRU, Braj Bihari. Standards, codification, and sociolinguistic realism: The English language in the outer circle. In: QUIRK, Randolph; WIDDOWSON, Henry. **English in the World: Teaching and Learning the language and the literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LIGUORI, Guido. **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. Boitempo Editorial, 2017.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 24, n. 2, p. 309-340, 2008.
- LOWE, Robert J.; KICZKOWIAK, Marek. Native-speakerism and the complexity of personal experience: A duoethnographic study. **Cogent Education**, v. 3, n. 1, p. 1264171, 2016.
- MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair (Ed.). **Disinventing and reconstituting languages**. Multilingual Matters, 2007.
- PENNYCOOK, Alastair. **English and the discourses of colonialism**. Routledge, 2002.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: **Anuário Mariateguiano**. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

SILVA, F. P.; BALTAR, Paula; LOURENÇO, Beatriz. Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina. **Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas**, v. 12, n. 1, p. 68-87, 2018.

SIQUEIRA, D. S. P. (2011). Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana C. Simões; EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.) **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 87-115.

SOUSA, R. F. **Ambiguidades e Vaguezas em Textos Legais: Uma Análise da Constituição Brasileira**. Tese- PUC. Rio de Janeiro. 2008.

TOLLEFSON, James W. Policy and ideology in the spread of English. **Bilingual Education and Bilingualism**, p. 7-21, 2000.

Raisa Ketzer Porto é mestra em Drama in Education pela Trinity College Dublin, especialista em ensino de inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais, licenciada em Letras (português/ inglês) pela Universidade Federal Fluminense. É professora de inglês como língua adicional há mais de 13 anos. Contato: raisa.ketzer@gmail.com.

O FENÔMENO DAS *FAKE NEWS* E A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

PIETROBON, Sandra Regina Gardacho

RESUMO

Este ensaio teórico tem como objetivo central abordar sobre o conceito de *fake news*, o fenômeno das notícias falsas, e como a escola, enquanto espaço social, pode contribuir para que as crianças e adolescentes realizem uma seleção das informações que recebem a todo momento. Nesse sentido, organizou-se a seguinte problemática: Como a escola pode contribuir para a leitura e seleção de informações? Primeiramente, que essa perspectiva de trabalho com a informação, possa estar no planejamento docente, sendo este um problematizador das informações, realizando uma leitura contextual, incluindo os alunos nesse processo de desvelar a realidade, e sempre realizando as pontes com o conhecimento científico, que é a matéria prima da escola. Para tanto, realizou-se uma discussão acerca do papel da escola e sua função social, no que tange ao incentivo da leitura analítica e crítica frente às informações, e que a concretização disso possa dar-se por meio do diálogo e da interação entre os sujeitos nas instituições educativas.

Palavras-chave: Escola. Fake news. Leitura crítica. Seleção de informações.

ABSTRACT

This theoretical essay has the central objective of addressing the concept of *fake news*, the phenomenon of false news, and how the school, as a social space, can contribute for children and adolescents to make a selection of the information they receive at all times. In this sense, the following problem was organized: How can the school contribute to the reading and selection of information? First, that this perspective of working with information may be in the teaching planning, which is a problem of information, performing a contextual reading, including students in this process of unveiling reality, and always bridging with scientific knowledge, which is the school's raw material. To this end, a discussion was held about the role of the school and its social function, with regard to encouraging analytical and critical reading in the face of information, and that this can be achieved through dialogue and interaction between students and subjects in educational institutions.

Keywords: School. Fake news. Critical reading. Selection of information.

INTRODUÇÃO

Abordar sobre o papel da escola e a postura dos(as) professores(as) frente ao trabalho com as informações e o conhecimento, é objetivo desta discussão. Entende-se que, por meio das mídias digitais, em especial nas redes sociais, ou sites que divulgam notícias não confiáveis, estão as *fake news*. Estas tornaram-se um fenômeno no campo da guerra ideológica e política que veicula fatos que não condizem com a realidade, inclusive utilizando-se de links diversos que dão a impressão de que, a informação propagada possui um aprofundamento.

A escola enquanto espaço que prima pelo conhecimento, pela pesquisa, e pela formação da cidadania, necessita promover momentos de discussão, reflexão e levantamento de hipóteses acerca do que os alunos trazem como sendo fatos verídicos. O papel do(a) professor(a) está numa perspectiva então, de problematização das situações de aprendizagem, realizando as devidas relações com as informações que podem contribuir ou não com o conhecimento científico que é base do planejamento docente.

AS FAKE NEWS NA ATUALIDADE: INFORMAÇÃO?

Na fala dos adolescentes e crianças, por ser uma linguagem de internet, há o termo *fake*=falso, ou aquilo que não é verdadeiro. No caso do termo *fake news*, este encontra-se atrelado a notícias falsas, ou informações falsas. As *fake news*, com o advento da internet, das ferramentas variadas e redes sociais, tornaram-se mais fáceis de serem propagadas, sendo utilizadas em vários setores, em especial, vemos as mesmas sendo utilizadas como “arma” política para disseminar fatos (DELMAZO; VALENTE, 2018).

Na chamada sociedade da informação e conhecimento, as pessoas recebem várias informações, por meio das diferentes mídias, e sobretudo pela internet, e pela rapidez dessa disseminação, em muitos momentos, não as analisam, se são verdadeiras, oriundas de fontes confiáveis, ou se são, de fato, algum tipo de conhecimento elaborado, que surgiu de pesquisas por exemplo. “A informação traz um dado, um comentário, um fato; mas para transformar-se em conhecimento há que os discutir, aprofundá-los, passando por um processo de elaboração individual e assimilação por parte dos sujeitos envolvidos” (PIETROBON, 2020, p. 6).

Esse processo de aprofundamento e leitura da realidade é uma questão essencial quando se trata da formação dos cidadãos de uma sociedade, para tanto, o processo educacional, desde a infância, deveria ser pensado como espaço de

leitura da realidade, no qual os sujeitos pudessem trazer suas experiências, aprofundá-las em relação ao conhecimento científico e viver estes saberes em sua prática social.

E, sobre a questão da sociedade da informação e conhecimento, Gadotti (2011, p. 54-55) traz uma distinção a ser considerada:

A sociedade contemporânea está marcada pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça-chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas atuais. Fala-se muito hoje em sociedade do conhecimento, às vezes, com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional (grifo do autor).

Considerando a ponderação do autor, vive-se a era da informação, mais que do conhecimento, pela questão da forma de disseminação de ambos, e o conhecimento não é algo que pode ser construído, sem antes ter um processo de aprofundamento e pesquisa, o que exige de quem o produz constante estudo, análise, levantamento de hipóteses, comparações, para se chegar a uma tese ou conclusão acerca do objeto de estudo.

Sobre esta temática das notícias falsas, Gadotti trouxe esclarecimentos sobre “A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação” (EAD FREIRIANA, 2020a), quando explica que, na era pós-verdade, as pessoas tendem a acreditar nas informações que recebem, não as distinguindo do que é verdade ou não, por não analisá-las de modo mais profundo. E, alerta que, sobretudo os professores possuem um papel de alertar, esclarecer sobre notícias falsas, não pulverizando as mesmas. Comenta que, se as pessoas refletissem que as próprias notícias falsas se encontram numa lógica da guerra, não estariam disseminando informações, e assim não agiriam com essa tônica, mas sim estariam no campo do diálogo e do entendimento. Como exemplo, explicita que, Paulo Freire sempre foi contrário à doutrinação e alienação das pessoas – esta é uma *fake news* sobre ele –, e por isso sua teoria é permeada de saberes que levam à emancipação dos sujeitos, transitando por diferentes formas de conhecer, e por isso não se pode reduzir Freire a apenas um rótulo por ser um pensador global, um autor conectivo¹.

1 “Sou um menino conectivo”(P. Freire em Vitória do ES, 1996).

Este movimento de ataques à obra de Paulo Freire deu-se em função do desconhecimento de sua obra, nos últimos tempos, por pessoas que estão em discordância a uma educação que **não serve** à educação bancária e com desconexão da problematização da realidade, aspectos estes tão discutidos pelo Patrono da Educação Brasileira².

Então, observa-se que, em qualquer campo que as *fake news* sejam utilizadas, estas servem para desmobilizar, criar confusões, mascarar realidades, e como é informação rápida, as pessoas acabam por consumi-las sem uma pesquisa ou busca em outras fontes, tomando isto como verdade. Para tanto, isto demanda algumas perguntas em relação às informações que se recebe a cada momento: Por quem foram feitas? Qual a fonte? Que objetivo estas possuem? Que desdobramentos estas informações poderão ter? O questionamento auxilia na busca por vislumbrar os motivos da elaboração das notícias/informações, e como ensina Freire, nenhuma prática é, de fato, neutra.

Também, Carvalho, na vídeo-aula “Introdução ao fenômeno *fake news* e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo” (EAD FREIRIANA, 2020b), corrobora com Gadotti quando dá destaque nos aspectos perniciosos que as *fake news* podem conter, sobretudo quando pensamos na discussão das mesmas no âmbito educacional. E, dá destaque à ideia de que Paulo Freire buscou uma educação emancipatória, que os sujeitos envolvidos pudessem questionar, aprofundar seus saberes, o que vai na contramão daqueles que propagam notícias falsas, que incitam o ódio. Nesse viés, Carvalho coloca que a curiosidade ingênua é a que nos faz aproximar dos objetos de conhecimento, mas que pode levar as pessoas a uma curiosidade crítica, epistemológica. E, sobretudo, destaca que em tempos de *fake news* há que ser curiosos criticamente, analisar as informações com desconfiança, e chegar a uma leitura mais aprofundada.

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NO CONTEXTO DAS FAKE NEWS

A educação possui um papel muito relevante na sociedade, numa perspectiva de que, é neste espaço social que conhecimentos são trabalhados, os quais compõem o currículo escolar, e estes podem ser enriquecidos em relação a uma análise e relação mais ampla com o contexto social dos sujeitos que fazem parte desse processo. Então, entende-se que, é na escola, que estes sujeitos se socializam e conhecem as diferentes formas de pensamento, olhares sobre o mundo e

2 Lei n. 12.612 de 13/04/2012). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12612.htm. Acesso em junho de 2020.

compreendem a forma de organização de uma sociedade. Para Sacristàn e Gómez (1998), a educação possui esse papel de socialização, a qual durante a história realizou a mesma de maneiras diversas, com os idosos transmitindo a sua herança cultural, com tutores/preceptores, até o momento em que a educação formal foi organizada, contudo, desde seu início não foi estendida a todos.

Tomando isto como ponto inicial, Sacristàn e Gómez (1998) destacam que a escola não é o único espaço de transmissão/assimilação social e cultural, mas que há outros espaços como a família, grupos sociais como os religiosos, os próprios meios de comunicação, que vão realizando esse tipo de função, mas com mecanismos diferentes daqueles que a escola se preocupa. Desse modo, torna-se crucial pensar sobre a função social dos conteúdos/conhecimentos com os quais a escola trabalha, para não apenas realizar a transposição de um currículo estático, focado numa aprendizagem acadêmica, com o fim de que os alunos somente sejam aprovados em provas e exames. Nesse sentido, convém a reflexão de que professores, coordenação e gestão da escola, pais/responsáveis perguntem-se sobre a função social da escola e para quem ela está a serviço na atualidade, ou seja qual o seu sentido, e como se quer contribuir para a formação dos sujeitos, cidadãos, numa sociedade que está voltada a valores do mercado, da competição, e do individualismo.

Sobre a discussão da relação do sujeito com o conhecimento na escola, e como essa apropriação constitui a forma de entender o que é verdadeiro ou não nesse espaço, alienante ou libertador, é destacado por Edwards (1997, p. 20), mas sem desconsiderar que essa relação, embora com suas limitações é importante para aqueles que dela fazem parte:

A situação escolar está constituída de maneira importante pelos conhecimentos que nela circulam: os que se transmitem e os que se constroem. A escola é o espaço social que deve, legitimamente, transmitir os conhecimentos que para esse fim se legitimaram socialmente. O conhecimento é um elemento constitutivo fundamental da situação escolar, inclusive a partir de sua definição institucional.

A autora levanta a problematização de que, conforme se trabalha com o conhecimento na escola, isto vai constituindo a forma de ser dos seus alunos, e se for num viés autoritário não há espaço para a discussão, e esta relação define, sobretudo, o que é possível de se conhecer, e o que não é importante de se conhecer. Então, vê-se que, embora não se tenha a intenção de afirmar

que os conhecimentos da escola não devem ser trabalhados, pois se cairia no espontaneísmo; ao mesmo tempo, não considerar estes sujeitos-alunos, sejam crianças ou adolescentes/adultos, seria uma equivocação, haja vista que não estaríamos desenvolvendo uma relação do(a) professor(a) como autoridade, mas sim como autoritário(a), que somente este detém o conhecimento, isentando-se de uma interação com seus alunos, com a situação da escola, do contexto social/cultural/histórico e econômico mais amplo.

Cabe, então enfatizar o compromisso do(a) professor(a), enquanto profissional, com a sociedade que, conforme Freire (2008, p. 16): “A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”. O autor traz esse desafio, de que os professores necessitam não somente estarem no mundo, mas conhecerem que, a forma como se está neste mundo, acaba por condicionar sua consciência. Conhecendo os limites de sua existência, e de sua profissão, o(a) professor(a) pode buscar realizar uma transposição daquilo que dificulta sua ação na realidade, e buscar superar estes obstáculos, atuando, sendo:

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (FREIRE, 2008, p. 17).

Nessa relação com a realidade, na qual o(a) professor(a) é transformado e pode transforma-se, há muitos saberes que emergem da prática pedagógica e social, segundo Freire (1996), e dentre estes encontra-se o respeito aos saberes dos educandos, os quais trazem para a escola suas vivências, experiências, o que pode ser discutido em relação aos saberes/conhecimentos científicos. E, são estes alunos que, em muitos momentos, trazem informações que visualizam nas redes sociais, sites de busca, ou por meio de jogos digitais que acessam.

Portanto, deixar de inserir as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) seria deixar de discutir informações que são relevantes para o contexto social dos alunos, e sobretudo, seria uma oportunidade de poder discutir com os mesmos a questão do acesso a essas formas de comunicação, ainda mais em tempos em que as *fake news* estão assolando as mentes de todos. Aí se encontra o momento do(a) professor(a) assumir a função de elevar a consciência de seus alunos, saindo de uma consciência ingênua, que entende a realidade como algo

simplista, sem possibilidade de mudança, sem investigar os fatos; para uma consciência crítica, a qual visa aprofundar os problemas, entende que a realidade pode ser modificada, tem uma postura desprovida de preconceitos, indaga, dialoga, mas não aceita os fatos prontamente, sem antes investigar (FREIRE, 2008).

Assim, ressalta-se que: “A educação, “leitura do mundo” e “leitura da palavra” se impõe como prática indispensável a essa reinvenção do mundo. A assunção de nós próprios como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura, da opção” (FREIRE, 2019, p. 68). O autor destaca que essa necessidade de tomar decisões para agir de forma rápida e com resoluções são parte de sociedades que avançam em termos de informação e conhecimento, contudo, essa postura está a serviço de quem? Esta é uma questão para se pensar em relação ao papel da escola e como docentes reproduzem essa função.

Tomando estes aspectos discutidos, pode-se questionar os possíveis caminhos pedagógicos para orientarmos os alunos, para o uso da internet e a postura diante das informações. Estes caminhos precisam ser levados em conta a partir da investigação do meio onde o(a) professor(a) encontra-se, e assim inserir em sua leitura da realidade, a leitura crítica das informações, buscando chegar a uma consciência crítica. Pode-se pensar em rodas de conversa sobre assuntos que chamam a atenção das crianças/adolescentes por exemplo, buscar outras fontes que podem trazer elementos similares ou antagônicos sobre a mesma. Destaca-se, também, que é papel da escola, orientar seus alunos sobre o acesso a determinados tipos de sites conforme a idade, para que não se tenham problemas quanto a não compreensão de algum tema, ou que possam ser abordados na rede por pessoas que possuem objetivos não confiáveis. “Assim, no cotidiano, com os alunos, problematizar as informações que chegam, ler com eles as notícias e pensar sobre elas, se não são *fake news*, debater e construir conceitos e hipóteses são exercícios que propiciam uma leitura mais minuciosa e crítica da realidade”(PIETROBON, 2020, p. 26). Portanto, inserir recursos tecnológicos ou as mídias digitais na prática pedagógica, pode ser um estímulo à aprendizagem, desde que seja algo planejado e refletido pelos docentes, considerando a escola como espaço social, de troca e diálogo. Sobre a necessidade dessa leitura crítica e analítica na escola, Leite (2019, p. 14-15) reforça:

Neste contexto, as instituições e os agentes que lidam com a educação, seja ela formal, não-formal ou informal, se deparam com novos paradigmas sobre seu papel de mediação na construção do conhecimento, da informação,

principalmente tendo em vista o poder de dominação ideológica que caracterizam os meios de informação e comunicação. A leitura crítica dos conteúdos que transitam pelas redes midiáticas de comunicação acabou se tornando tão essencial quanto foram, em seu tempo, os estudos sobre emissão, mensagem e recepção dos veículos de comunicação de massa, como a televisão e o rádio.

A mediação do conhecimento, em situações que se encontram os meios de informação e comunicação, requer dos docentes uma postura diferenciada frente ao trabalho do conhecimento, como coloca Gadotti (2011), como organizador, alguém que problematiza o conhecimento da escola, que realiza interações com seus alunos por meio do questionamento, para que estes possam desenvolver suas potencialidades, criar e desenvolver-se, não restringindo-se ao modelo transmissão-recepção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio teórico, buscou-se problematizar a função social da escola e o papel do professores frente à leitura analítica e crítica das informações que chegam a todos por meio das mídias. As *fake news* trazem em si um aspecto bastante daninho para a formação da mentalidade dos sujeitos educativos, haja vista que não há, na maioria delas, nenhuma sustentação ou aprofundamento, o que revela fatos distorcidos e que não contribuem para a formação humana.

A escola enquanto espaço social é o ambiente para se discutir diferentes informações, aprofundar, contrapor argumentos, pesquisar sobre os fatos, levando os alunos a levantar hipóteses, criar relações entre conceitos, desenvolver a argumentação e reflexão sobre a realidade. Nesse sentido, a leitura crítica e analítica nos dá o entendimento de que é na escola que pode ocorrer essa instrumentalização, com os caminhos pedagógicos desenvolvidos para essa superação do senso comum e da consciência ingênua (FREIRE, 2008).

REFERÊNCIAS

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**. Universidade de Coimbra. nº 32, Vol. 18, nº 1, 2018, p. 155-169.

EAD FREIRIANA. Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020. Videoaula 1 – **A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação**. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.

EAD FREIRIANA. Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020. Videoaula 14 – **Introdução ao fenômeno fake news e as contribuições de Paulo Freire para combatê-lo**. Ministrada por Jaciara Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.

EDWARDS, Verônica. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria de A. **À sombra desta mangueira**. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido**. 2ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

LEITE, Ana Paula da Mota. A alfabetização midiática e informacional em tempos de fake news e o legado de Paulo Freire. In: PADILHA, Paulo Roberto; ABREU, Janaina (Orgs.). **Paulo Freire em tempos de fake news**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019. P. 12-18.

PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. **Formação docente: reflexões sobre comunicação, educação e tecnologia**. UNICENTRO, 2020 (Material didático para o curso de Pedagogia EaD). Disponível em: https://moodle.unicentro.br/pluginfile.php/430061/mod_label/intro/Forma%C3%A7%C3%A3o%20docente%20reflex%C3%B5es%20sobre%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20tecnologia.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2020.

SACRISTÀN, José G.; GÓMEZ, Ángel I. PÉREZ. **Compreender e transformar o ensino**. 4ª ed. Artmed, 1998.

Sandra Regina Gardacho Pietrobon é pedagoga e licenciada em Letras pela UNICENTRO. Mestre em Educação pela PUCPR e Doutora em Ensino de Ciência e Tecnologia pela UTFPR. É professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), no Campus de Irati-PR. Líder do grupo de pesquisa "Práxis Educativa: Estudos sobre a Infância e Práticas Pedagógicas" (CNPQ). Contato: spietrobom@unicentro.br

FONTES DA VERDADE CONTRA AS FALSAS NOTÍCIAS: O LIVRO MEDO E OUSADIA EM TEMPO DE *FAKE NEWS*

GUGLIOTTA, Simone Maria

RESUMO

Este artigo propõe uma releitura do livro *Medo e Ousadia: O cotidiano do professor*, fruto de diálogos entre Paulo Freire e o educador americano Ira Shor, que tem como tema central a educação libertadora. Minha tentativa neste artigo é buscar conexões entre a formação de um educador libertador e a reflexão crítica sobre o fenômeno da disseminação de falsas notícias (tema tratado no Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020). O artigo também apresenta depoimentos do Professor Ira Shor que respondeu a perguntas com sua atual visão sobre a questão das fake news. O artigo tem o intuito de lembrar a nós educadores que se não tivermos coragem de sonhar e de ousar a fazer mudanças, corremos o risco de reproduzir uma lógica obscurantista ligada ao modelo capitalista. Como seres conectivos, podemos combater esta lógica através de diferentes campos do saber e do pensamento crítico e criativo.

Palavras-chave: Educação libertadora. Fake News. Iluminação.

ABSTRACT

This article proposes a re-reading of *A Pedagogy for Liberation: Dialogues on Transforming Education*, based on a dialogue on liberating education between Paulo Freire and the American educator Ira Shor. My attempt is to connect the formation of the liberating educator with critical reflection on the widespread phenomenon of fake news (the theme debated in the course "Paulo Freire in Time of Fake News" 2020). This article incorporates statements from Professor Ira Shor responding to questions about his current views on fake news. The article also aims to remind us educators that if we do not have the courage to dream and dare to make changes, we risk reproducing an obscure logic connected to the capitalist ideology. As connective beings, we can combat this logic across many knowledge fields and through creative and critical thinking.

Keywords: Liberating education. Fake News. Illumination.

INTRODUÇÃO

Este artigo, como conclusão do **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, apresenta uma releitura de *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor* para uma reflexão sobre a pedagogia libertadora em tempos de fake news. Este livro-diálogo de Freire e do educador americano Ira Shor e as ponderações de Moacir Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020a) e Afonso Celso Scocuglia (EAD FREIRIANA, 2020b) foram as principais inspirações. Shor também contribuiu respondendo às minhas perguntas sobre a conexão das ideias do livro com a noção do combate às fake news.

Embora a veiculação de notícias falsas como parte de campanhas de marketing para inversão de foco e difamação não seja nova, esta prática aumentou em recentes anos no Brasil. O questionamento sobre as consequências deste fenômeno, no entanto, também vem ganhando mais espaço. As falsas notícias vão desde difamações de pessoas e partidos até mentiras sobre fatos sociais, científicos e econômicos gerando danos à sociedade. A disseminação destas acontece por meio de rádios, jornais, TV e, sobretudo, plataformas digitais. A difusão mecânica das fake news chega às redes sociais (correios eletrônicos, contas de WhatsApp, Facebook, Twitter entre outras) de forma rápida, mas não para aí. Muitos as repassam para familiares e amigos sem checar a veracidade. Parte da prevenção a estes ataques depende do senso crítico de cada indivíduo e as escolas transformadoras podem ajudar e muito nesta tarefa. Com base nestas reflexões, minha pergunta inicial para este artigo foi a seguinte:

- Como a pedagogia dialógica e a curiosidade crítica podem nos ajudar em sala de aula e em nossas comunidades a combater o fenômeno das falsas notícias?

Ter consciência da nossa condição de sujeitos políticos nos ajuda a refletir e questionar sobre como criar em sala de aula a curiosidade, o hábito do diálogo e a não imposição de ideias. As mudanças históricas, políticas e sociais devem ser vistas como um impulso para nos fortalecermos e nos renovarmos no papel de educadores libertadores. Outra lição é reconhecer que a formação dos educandos não acontece de forma neutra, nem é neutra a posição política do professor. Entender o mundo para poder transformá-lo em um lugar melhor para todos e não apenas para alguns poucos privilegiados é outra lição. Estas reflexões são comentadas nas próximas seções.

PEDAGOGIA LIBERTADORA

Vários temas ligados à pedagogia libertadora estão ao longo de sete capítulos do livro *Medo e Ousadia*, mas nem todos os tópicos estão neste artigo. Elenco aqui os que considero relevantes para tratar o tema fake news: as potencialidades da pedagogia libertadora e dialógica; a formação a partir de medos e sonhos; os processos de iluminação e empoderamento e a realização de que a pedagogia libertadora em sala de aula é um grande passo (mas não toda a caminhada) para a transformação da sociedade.

A transformação pode vir acompanhada de medos que acontecem porque sonhamos. O professor Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020a) acrescenta que a utopia é o verdadeiro realismo do educador. Ou seja, é como uma força motora para gerar mudanças e conquistas. Assim, constrói-se o processo de análise, ousadia e tentativa. Afirmarmo-nos como educadores libertadores requer esforços como o de reagir à tradição da transferência de conhecimento, a que Freire chama de educação bancária, na qual educadores passam o conhecimento que é memorizado pelo aluno, sem análise ou diálogo. Em contraste, a educação libertadora oferece os elementos necessários ao enfrentamento das fake news, por exemplo. Os educadores libertadores aprendem a iluminar a realidade pelo desenvolvimento do trabalho intelectual. A educação crítica é o processo de criação e recriação mútua do conhecimento (Freire & Shor, p.13, 1987).

Este processo engloba tanto o crescimento profissional do professor quanto sua transformação como ser social. O aprender e o transformar a sociedade se encontram, como explica Shor (p. 50, 1987). Freire adiciona que a educação libertadora motiva as pessoas a se organizarem como grupo e se empoderarem umas às outras, mas é importante lembrar que a batalha política para transformar a sociedade não acontece apenas nos limites da escola. Ainda que o ambiente escolar seja uma peça importante na luta por mudanças, o educador corre o risco de ficar imobilizado se acreditar que pode mudar tudo de uma só vez e sozinho (pp. 34-35, 1987). Para não ficarmos paralisados ou desesperançados, o pensamento crítico precisa ultrapassar as barreiras da escola e unir-se à sociedade. Nesta trajetória, o pensamento crítico se conecta ao empoderamento fora da escola, mas nada acontece de um momento para o outro e sim gradualmente em um longo processo de conexões e mudanças.

A FORÇA DO DIÁLOGO

Um dos primeiros passos da pedagogia do diálogo é muito simples de ser entendida: os educadores precisam saber ouvir seus alunos e não apenas fazer com que eles os ouçam. Conhecer o vocabulário de nossos alunos nos leva a conhecer a realidade vivida por eles. Esse exemplo da pedagogia libertadora tem inspiração no método de alfabetização de Paulo Freire, mas se expande para um trabalho mais efetivo de conscientização e de transformação. E mesmo o curriculum imposto pode ser adaptado e incluir os tantos saberes que os alunos trazem para a sala de aula. O Professor Scocuglia (EAD FREIRIANA, 2020b) reforça a importância da dialogicidade dizendo que as formas de diálogo e conexões com outros educadores em todo o mundo são também relevantes na construção do diálogo sob a ótica da filosofia freiriana.

Em relação à importância da conexão, como conta Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020a), durante uma conferência em Vitória, em 1996, Freire se autodenominou um menino conectivo ao ser perguntado sobre como se classificaria. Uma descrição exemplar para educadores que querem ser libertadores. Como seres conectivos, não precisamos nos enquadrar em uma só categoria e podemos contribuir em diferentes campos do saber com o pensamento crítico e criativo por meio de discussões e perspectivas interdisciplinares. Gadotti acrescenta que, sobre esse aspecto, o educador americano Henry Giroux chamou Freire de “cruzador de fronteiras”. Essas definições ajudam a entender a constante busca de conexões e fontes de saber para crescermos não individualmente, mas em grupo. Esta afirmação se relaciona a uma declaração de Freire no livro *Medo e Ousadia* sobre a importância de conectar-nos dentro das escolas em que trabalhamos, conhecendo professores e decanos do próprio e de outros departamentos, criando um mapa ideológico da instituição, para saber com quem contar porque, como diz Freire, “agir sozinho é a melhor forma de cometer suicídio” (Freire & Shor, p. 61, 1987). Saber que não estamos sozinhos ajuda a diminuir o medo, assim como o diálogo também ajuda a superá-lo.

Freire define o “diálogo” não como uma técnica ou tática para obter resultados ou para ganhar a confiança de outros, o que seria manipulação, mas sim como o conceito de “iluminação” e parte de nossa natureza humana e do encontro para refletir, criar e recriar a realidade. Trata-se também do momento de nos inteirarmos sobre o que sabemos (mais do que apenas saber). “Diferentemente das outras espécies animais, os seres humanos estão conscientes do que sabem e do que não sabem. Assim, por meio do diálogo refletindo sobre o que sabemos ou não, somos capazes de agir de forma crítica para mudar a realidade” (pp. 98-99, 1987).

Pela iluminação, reconhecemos a utilidade da teoria que leva à prática educativa. As conexões entre boas ideias continuam quando os educadores reconhecem a pluralidade e a solidez das teorias pedagógicas transformadoras que seguem dialogando e trazendo mudanças para a educação no Brasil e no mundo.

ILUMINAÇÃO E EMPODERAMENTO

Iluminação é um dos pontos-chave para entender como combater os efeitos das fake news. Mesmo não sabendo se as falsas notícias deixarão de ser veiculadas, podemos agir para que suas consequências sejam minimizados ou ineficazes. Freire e Shor explicam que iluminação é o processo permanente de “lutar contra a falta de nitidez e o ocultamento da realidade (...) evitar cair no cinismo.” Há, todavia, o risco de deixar os educadores desesperançados, depois de tanto trabalhar sem ver resultados. Os autores chamam isso de burocratização da mente, uma espécie de fatalismo. Por isso, segundo Freire, a solução é tomar uma postura de um militante crítico que constantemente se recria como ativista do processo de aprender e ensinar (p. 33, 1987).

O conceito de iluminação é também a transformação por meio de experiências que fazem uma espécie de conversão. Esta conversão é, na verdade, um desenvolvimento político e o entendimento de que educar é um ato político, como tantas vezes explicado por Freire. No entanto, Freire (p. 49, 1987) enfatiza que o educador libertador não se deve ver como “o iluminador”. O foco é a iluminação da realidade. Mesmo que tenham mais experiência em determinados assuntos e mais ferramentas para analisar e atuar, os educadores precisam lembrar que trabalham unidos aos educandos. Assim se atinge o equilíbrio para questionar a noção de poder.

Entender o “poder” é também um argumento importante no livro-diálogo de Freire e Shor. O empoderamento da classe social, para Freire, não é uma atividade individual ou de uma comunidade restrita (p.111, 1987). A ideia de Freire se diferencia da forma norte-americana de entender esse conceito. Em resposta a uma correspondência via e-mail, Ira Shor me escreveu que Freire tinha uma relação cética com a palavra empoderamento, entendendo que ninguém se empodera sozinho e que empoderamento deve ser tido como um projeto social, colaborativo e histórico. “As pessoas empoderam umas às outras agindo juntas contra injustiça e desigualdade, o que nenhum indivíduo poderia enfrentar sozinho. Assim, Paulo acreditava que educadores não empoderam educandos, mas ambos em harmonia se empoderam mutualmente,” observou Shor.

A palavra “empoderamento”, como definida por Pedrinho Guareschi no *Dicionário Paulo Freire*, organizado por Streck, Redin e Zitkoski (2008), é tida como um conceito central no referencial teórico e prático freiriano. O texto informa que Freire a usou pela primeira vez em *Medo e ousadia*, e junto a Shor, alerta sobre os equívocos a que pode nos levar o termo quando considerado de maneira individualista.

MEDO E OUSADIA EM TEMPO DE FAKE NEWS: AS SUGESTÕES DE IRA SHOR

Com base na pedagogia dialógica, Shor sugere que os educadores descubram como o termo fake news circula nos discursos dos alunos. Por e-mail, perguntei a opinião de Shor sobre aplicar a pedagogia libertadora em tempos de fake news. Referindo-se como exemplo à realidade norte-americana, Shor explicou que Donald Trump e seus apoiadores promovem em programas de rádio e TV a noção de fake news que influencia uma grande audiência contra qualquer informação que contradiga as afirmações, acusações e posições feitas pelo presidente. Shor acrescenta que, como qualquer outro tema no contexto histórico e social do momento, é importante descobrir nas salas de aula o impacto que a campanha das fake news têm sobre os alunos e propor perguntas e atividade de leitura, escrita e discussão.

Como atividade prática, Shor propõe as seguintes perguntas para reflexão: “O que são fake news? O que você já ouviu sobre o termo? Você acredita que a mídia as reproduziam maior parte do tempo, às vezes ou raramente? Quais são exemplos de fake news que você já leu, ouviu ou viu?” Os alunos escrevem de 5 a 8 minutos um texto (que não será recolhido). Logo se faz uma discussão em grupo, para a qual o professor prepara com antecedência exemplos de notícias dos meios de comunicação de massa que tenham sido acusadas de *fake news* por autoridades conservadoras ou governativas. Podem ser *tweets* com acusações de *fake news* ou vídeo clipes de explosões vocais contra repórteres em coletivas de imprensa para contextualizar o problema. Podem-se usar também notícias produzidas pela mídia conservadora que amplificam as acusações de governantes. E é importante ter também as notícias veiculadas pelas organizações de mídia que são alvos desses governantes e aliados. Podem ser fotocópias de fontes impressas, vídeos e material online.

Shor sugere então que se convide os alunos a desenvolver um conhecimento conceitual, escrevendo uma definição de uma ou duas frases sobre fake news do ponto de vista dos conversadores e seus aliados na mídia. Ele explica que esta

é uma habilidade cognitiva de “abstração” para generalizar o significado de algo específico. Por isso é muito importante que os estudantes examinem exemplos de fake news criadas por conservadores e articulem uma definição conceitual do que querem dizer com isso. Em seguida, se pode testar quanto a reivindicação da ala conservadora consegue se manter como verdade.

No ensino médio ou superior, Shor sugere trabalhar com editoriais e artigos opinativos sobre fake news escritos por defensores e adversários para efeitos de comparação. Outra sugestão para cursos mais avançados, como análise mais aprofundada, é o estudo de fake news integrado a técnicas de propaganda, como aquela conhecida como a grande mentira (do alemão *Große Lüge*) usada como distorção da verdade para fins políticos principalmente.

CONCLUSÃO

A releitura de *Medo e Ousadia* confirma a contemporaneidade do pensamento freiriano para a formação educadores/educandos-cidadãos. Os temas centrais do livro nos inspiram a discutir, identificar e combater os efeitos das falsas notícias. O livro também ajuda a refletir sobre a importância das conexões e do diálogo como caminhos para a ética em disseminar informações e em usar a liberdade de expressão para fins de uma transformação social.

Além das principais fontes, a obra *Medo e Ousadia* e o Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2020, este artigo também foi enriquecido pelas atividades sugeridas por Shor para combater fakes news. E para finalizar, refletindo sobre os ensinamentos de Freire, é importante lembrarmos que o senso crítico, a imaginação e a intuição nos permitirão enxergar o que temos adiante. E o que temos adiante depende de sabermos transformar nossos medos em sonhos, estes em ideias e nossas ideias em práticas de mudanças sociais para todos.

REFERÊNCIAS

- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 1: A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020**. Videoaula 5: Bases e conexões do pensamento de Paulo Freire Ministrada por Afonso Celso Scocuglia. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- FREIRE, P. & SHOR, I. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. & SHOR, I. **A pedagogy for liberation**: Dialogues on transforming education. South Hadley, Mass: Bergin & Garvey Publishers, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GADOTTI, M. **Reading Paulo Freire**: His Life and Work. New York: State University of New York, 1994.
- SHOR, I. Correspondência pessoal via e-mail, junho de 2002.
- STRECK, D., REDIN, E., & ZITKOSKI, J. J. (org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

Simone Maria Gugliotta é professora universitária, jornalista e doutora em Educação (Língua, Letramento e Cultura) pela University of Massachusetts Amherst. Gugliotta dá aulas de italiano, português e ensino de línguas neolatinas no Smith College. Contato: sgugliot@smith.edu.

EDUCOMUNICAÇÃO: DO COMBATE ÀS *FAKE NEWS* AO INCENTIVO À PRÁTICA DEMOCRÁTICA

PELLEGRINO, Vinny

RESUMO

Esse artigo apresenta uma reflexão sobre a possibilidade de a educomunicação ser utilizada no combate às *fake news* e sobre os demais benefícios que podem surgir dela, em especial o incentivo à prática democrática. Para tanto, aplicando-se o método científico indutivo, destaca-se a necessidade de uma via alternativa, conceitua-se educomunicação, descreve-se algumas de suas particularidades e relaciona-se a prática educomunitativa às suas raízes, bem como a algumas das proposições dos professores Paulo Freire e Ismar Soares. Demonstrou-se, ao final, que a educomunicação se mostra apta a dificultar a disseminação das *fake news* e estimular a prática da democracia pelos seguintes motivos: porque a prática encontra-se em posição privilegiada para a atuação política dos praticantes; porque ela possibilita o protagonismo dos sujeitos sociais, de forma humanista, participativa e historicizada; e porque estrutura-se e realiza-se em um ambiente democraticamente organizado quanto à gestão e à comunicação.

Palavras-chave: Democracia. Educomunicação. Emancipação. Práxis.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the possibility of the educommunication being used to avoid fake news. It also aims to show the benefits that comes from educommunication, mainly to the democratic practices. To do so, using scientific inductive method, we highlight the necessity of an alternative way; conceptualize "educommunication"; describe some of its peculiarities and relate the educommunicative practice to its roots, as well as some of Paulo Freires' and Ismar Soares' propositions. At last, we demonstrate that educommunication is able to hamper the spreading of fake news and stimulate democracy, for the following reasons: because the practice is in a privileged position amongst the practitioners; because it enables the protagonism of social subjects in a humanist, participative and historicized way; and because it structures and happens in a democratic and organizes environment as it relates do education and communication.

Keywords: Democracy. Educommunication. Emancipation. Praxis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca responder à seguinte pergunta: por que a educomunicação, para além da promoção da emancipação, pode ser uma via capaz de dificultar a disseminação das *fake news* e estimular a prática da democracia?

Para tanto, propõe-se discutir a necessidade de uma via alternativa aos meios de comunicação em massa para que se evite o controle de cima para baixo da informação e também problemas como as *fake news*. A via proposta deve ser estruturada de uma forma popular para a efetividade da ação atrelada ao ato de fala consciente do cidadão, em comprometimento a um projeto de libertação que busque também o estímulo à prática democrática.

Conceituada a educomunicação e trabalhadas as suas raízes, adota-se como hipótese da questão inicialmente proposta que os benefícios resultantes da educomunicação surgem pela forma como é estruturado o meio educutivo, uma vez que a via é capaz de concretizar algumas das proposições do filósofo decolonial Paulo Freire (1921-1997) e do professor Ismar Soares (1943-Atual).

POR QUE UMA VIA ALTERNATIVA É NECESSÁRIA?

Os meios de comunicação em massa são estruturados em grandes conglomerados empresariais privados e a indústria cultural foi desenvolvida “como instância de mediação fundamental entre o Estado, burguesia e a população em geral” (MARTINS, 2020, p. 41), o que permitiu a “expansão da sociedade de consumo e a ampliação dos fluxos de comércio mundial, o investimento externo, a formação de mercados globais e, na esteira desse processo, de uma **cultura internacional mais padronizada**” (MARTINS, 2020, p. 42).

A identificação dessas bases é necessária porque, se há uma fala sendo transmitida, se há comunicação (ainda que unilateral), há também um projeto pautado em uma lógica pertencente a alguém, replicante de algum discurso, no caso, a lógica mercantilista do sistema neoliberal propagada pelo grupo dominante detentor dos meios de comunicação.

Além da crítica quanto à falta de dialogicidade desses meios, ressalta-se a exclusão promovida por eles ao ignorar as singularidades e as especificidades locais, ao padronizar em prol de um objetivo maior: instaurar um império mercadológico, pautado no lucro e nos demais interesses do mercado (CASARA, 2017, p. 27).

Via comunicação de amplo alcance, padroniza-se para criar consumidores, não seres humanos. Padroniza-se para atender aos interesses do próprio conglomerado

empresarial e dos seus parceiros anunciantes, para facilitar o controle das massas. Para superar essa questão de uma forma emancipadora, comprometida com um projeto de libertação, "*qualquer proposta educacional, que se queira ao mesmo tempo planetária e local, deve estar muito atenta às armadilhas da ideologia neoliberal*" (PADILHA, 2012, p. 79, grifo nosso). É dizer: não basta a afirmação de que a via alternativa é libertária, também não basta o simples uso da tecnologia pelas comunidades ou movimentos sociais; é necessário que se contextualize a pretendida liberdade, que se signifique localmente o que é liberdade, em um movimento de codificação/decodificação, de ressignificação e também de adaptação à linguagem, como propôs Paulo Freire.

Isso se aplica à ideia de "*liberdade*" e também a de "*direito*", de "*justiça*", entre outras, pois "do contrário, não conseguiremos mapear todas as injunções históricas, sociais, culturais e econômicas que impedem, de fato, que as pessoas, nas cidades ou nos campos, a exerçam [a liberdade]" (PADILHA, 2012, p. 79), tampouco a influência das vias de comunicação em massa e seu projeto político de dominação para o capital.

É justamente nesse contexto que a educomunicação se encaixa tão bem como via alternativa às mídias de massa para a realização da práxis libertadora e o enfrentamento das fake news.

O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO?

Educomunicação é um neologismo proposto pelo argentino Mário Kaplun¹ e adotado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP ao final da década de 1990 para um campo de relação entre dois saberes: educação e comunicação.

Influenciada pelo movimentos de libertação latino-americanos, especialmente a pedagogia de Paulo Freire, das décadas de 1960 e 1970, a educomunicação surgiu não apenas entre comunicação e educação, mas entre "*comunicação de resistência*" e "*educação popular*", o que a aproxima do projeto de libertação proposto pelos pensadores decoloniais.

Influenciada, também, pelo conceito de *educação para os meios*, um estudo realizado pelo NCE/USP² no final da década de 1990 constatou que esse tipo de

1 Kaplún entende a educomunicação como "una educación para la democracia y un instrumento para la transformación de la sociedad" na busca de um resultado formativo (1998, p. 49), embasando-se na concepção freireana humanizante da práxis transformadora e libertadora (ação/reflexão/ação) e no processo dialógico como método essencial e permanente (1998, p. 50).

2 Designada pela instituição como "Pesquisa Perfil": <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/>. Acesso em 30/05/2020.

comunicação participativa para o desenvolvimento continuava vivo por toda a América Latina, tratando-se de verdadeira instância de resistência cultural que apenas não estava sistematizada.

Mas o que, de fato, é a educomunicação? No **Curso 'Paulo Freire em Tempos de Fake News' - Edição 2020**, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, o professor Ismar Soares nos dias de hoje (EAD FREIRIANA, 2020) reafirma a definição funcionalmente dada anteriormente em sua obra, entendendo-a como (SOARES, 2002, p. 155):

o conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas com o uso dos recursos da informação nos processos de aprendizagem.

Por *espaços educativos* entende-se tanto os locais onde ocorre a educação formal, quanto os lugares da educação popular como os movimentos sociais, associações de bairro e as demais áreas de convivência humana, locais que permitem o encontro na proximidade.

Já por *ecossistema comunicativo* entende-se "*a organização do ambiente, a disponibilização de recursos, o 'modus faciendi' dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de fato comunicacional*" (SOARES, 2013, p. 186).

Partindo desses conceitos, Soares analisa o resultado da pesquisa do NCE/USP e conclui que a educomunicação "trata essencialmente de implementar paradigmas sobre **como ler o mundo** e conviver com os que nele habitam e o transformam a partir da ótica da liberdade universal de expressão aplicada especialmente aos processos educativos" (2013, p. 186-187, grifo nosso), e representa "o esforço de romper as barreiras que dificultam o diálogo social mediante o **exercício concreto** de se ampliar, **coletivamente**, os espaços da expressividade humana" (2013, p. 188, grifos nossos).

POR QUE A EDUCOMUNICAÇÃO?

O que a educomunicação tem que a faz eficaz, contra-hegemônica e política, para a realização da prática libertadora pelo próprio Oprimido?

A educomunicação não é apenas inspirada nos movimentos de libertação latino-americanos, mas sim verdadeira concretização deles, é a ação que se associa à palavra e se torna *práxis libertadora*. É o agir coletivo que permite, como afirmava Paulo Freire, a leitura do mundo e a disseminação, ambos de maneira horizontal, dessa nova visão pelo Oprimido, que subjetiva-se, historiciza-se, ou seja, emerge da Exterioridade clamando por justiça (aqui aproximando-se da filosofia de Enrique Dussel) e pode, então, libertar-se a si próprio.

Mas a aproximação da educomunicação com os movimentos libertadores não se encerra no oferecimento do *meio* de comunicação aos Oprimidos.

Ao se associar o conceito de educomunicação ao movimento libertador, especialmente no tocante aos *ecossistemas comunicativos em espaços educativos*, percebe-se a tentativa de organizar uma *comunidade de comunicação ideal* partindo da Exterioridade: periférica, não hegemônica como a que inserida a mídia tradicional de massa (DUSSEL, 1995, p. 60-61), para que se permita a formação da *Razão do Outro* (Oprimido) e, apenas depois, a disseminação e incorporação dessa Razão à Razão da Totalidade quando associada ao projeto de libertação.

Ou seja, a autenticidade do processo educ comunicativo e o real exercício da *práxis libertadora social* devem ser analisados a partir da própria estrutura dos espaços educativos e dos ecossistemas comunicativos. A via alternativa da educomunicação cumprirá seu papel apenas quando respeitar “a liberdade das ações e a cooperação solidária, rompendo-se definitivamente com toda possibilidade de manipulação do poder via comunicação” (SOARES, 2013, p. 193).

Hierarquizar o processo educ comunicativo, afastando sua essência democrática, participativa e solidária, é apenas replicar em menor escala a organização da mídia de massa e dos grandes conglomerados, mantendo-se a lógica do capital. É impor uma Razão para o Outro — ainda que os agentes estejam ambos dentro da Exterioridade —, não criar em conjunto uma Razão do Outro.

Daí a necessidade de todo o processo educ comunicativo ser **democrático** e **participativo**, e de se criar uma *comunidade de comunicação ideal* nos espaços educativos ao se estruturar o ecossistema comunicativo, aplicando-se a lógica de libertação dentro do próprio meio, em consonância e compromisso com o projeto de libertação.

Esse compromisso pode ser observado na prática ao se analisar o caso da *Educom. radio*. Desenhado pelo NCE/USP a pedido da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo no início dos anos 2000, o projeto transdisciplinar deveria ser (e foi) aplicado em complementação à educação formal e foi batizado como

"Educomunicação pelas ondas do rádio" (*Educom.rádio*) e propunha "[...] promover e garantir condições para o exercício do direito de fala!". Como núcleo essencial, no entanto, Soares aponta que "o que caracterizava a ação era, na verdade, o **comportamento colaborativo e a gestão democrática** de todo o processo de produção midiática, envolvendo adultos e adolescentes, não importando a posição de cada um na hierarquia funcional da escola" (SOARES, 2019, p. 19-20).

Analizando-se a efetiva prática do projeto educacional *Educom.rádio* e dando sequência à discussão sobre a aproximação do método com os movimentos de libertação latino-americanos, nota-se que há outro conceito freiriano bastante presente: o *círculo de cultura*.

Partindo da necessária presença de colaboração entre os homens para a efetiva libertação e quebra da cultura do silêncio, da falta de voz ao Oprimido, Freire defende que a "*ação política juntos aos oprimidos tem de ser, no fundo, 'ação cultural' para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles*" (FREIRE, 2019, p. 73), ou seja, o deslocamento do Oprimido de posição passiva imposta a ele por uma educação bancária e acrítica no processo educacional, para uma posição de protagonismo, que permita a dialogicidade e a intersubjetividade.

A valorização da participação do Oprimido no processo pelo autor leva à pergunta: mas onde isso vai acontecer?

Em relação ao processo educacional, nos *espaços educativos*. São nesses espaços organizados que serão formados os *círculos de cultura* propostos por Freire, os quais permitirão aos participantes, de forma intersubjetiva e não-hierarquizada, desvelarem o seu mundo pelo processo dialógico (ação/reflexão/ação...) e dizerem a sua palavra.

Daí, mais uma vez, a importância de ser um processo organizado democraticamente desde a gestão, incentivador de uma atuação colaborativa e dialógica de todos e em todas as fases, em uma sequência ilimitada do movimento horizontal e circular de ensinar-aprender em conjunto³, que considera cada pessoa como uma fonte cultural autêntica e única.

Vê-se que a educomunicação, além de possuir raízes nos movimentos de libertação latino-americanos, situa-se em posição privilegiada para uma atuação política em prol da confirmação da *práxis libertadora*, ou seja, para ser um meio democrático e alternativo aos meios de comunicação em massa, de efetivação

3 "[...] apenas através de uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos e consciente e solidariamente dispostos a três eixos de transformações: a de si-mesmo como uma pessoa entre outras; a das relações interativas em e entre grupos de pessoas empenhadas em uma ação social de cunho emancipatoriamente político; a das estruturas da vida social" (BRANDÃO, 2010, p. 69, grifos nossos).

da educação popular e de resistência às *fake news*, partindo dos (para e com os) próprios Oprimidos.

CONCLUSÃO

Verificou-se, no artigo, que a educomunicação se mostra eficaz à realização de uma *práxis libertadora*, apta a dificultar a disseminação das *fake news* e estimular a prática da democracia porque a privilegiada posição em que se localiza (entre a comunicação e a educação) permite a formação de enunciados realizadores pautados na realidade local e a disseminação dos conteúdos propostos de maneira horizontal, tratando-se de verdadeira ação que se associa à palavra para compor a *práxis*.

Também porque esse tipo de expressão comunicativa possibilita o protagonismo dos sujeitos sociais, que podem ler o seu mundo, desvelar a sua realidade e transformar essa realidade a partir dessa ótica humanista e comunitarista. Isso se dá porque a ideia de *ecossistemas comunicativos em espaços educativos* (integrante do conceito de educomunicação), busca organizar uma *comunidade de comunicação ideal*, que pressupõe o respeito mútuo e a valorização das diferenças para viabilizar a formação da Razão própria do Oprimido em um ambiente democraticamente estruturado (da gestão à informação/comunicação), não hierarquizado, dialógico e estruturado na cooperação solidária; o que muito se distancia da estrutura dos conglomerados empresariais detentores dos meios de comunicação dominantes, que se embasam na lógica mercantilista e desumanizante (desde a gestão à informação/comunicação).

Por fim, destaca-se que o presente trabalho embasou-se na aplicação do método científico indutivo, partindo de dados particulares suficientemente constatados e, a partir deles, inferiu-se a verdade geral de que: por ter raízes nos movimentos de libertação latino-americanos e por possibilitar um arranjo igual e democrático em toda a sua estrutura, a educomunicação possibilita a concretização dos ideais político-emancipadores em prol da confirmação da *práxis libertadora* e do incentivo à prática da democracia, funcionando como via alternativa eficaz ao combate das *fake news* e aos meios de comunicação em massa, já que parte dos (para e com os) próprios Oprimidos e é pautada no diálogo e no respeito aos homens.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Círculo de Cultura**. In: **Dicionário Paulo Freire**. Danilo R. Streck; Euclides Redin; Jaime José Zitkoski (orgs.). 2. ed., rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CASARA, Rubens R. R. **O estado pós-democrático**: neo obscurantismo e gestão dos indesejáveis. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**: crítica à ideologia da exclusão. Tradução Georges I. Maissiat. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- EAD FREIRIANA. **Curso: 'Paulo Freire em Tempos de Fake News' - Edição 2020**. Videoaula 3 - **Educomunicação**: uma herança dialógica freiriana. Ministrada por Ismar Soares. Instituto Paulo Freire, abr. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogia de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crise**: economia e política. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.
- OSOWSKY, Cecília Irene. **Cultura do silêncio**. In: **Dicionário Paulo Freire**. Danilo R. Streck; Euclides Redin; Jaime José Zitkoski (orgs.). 2. ed., rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em Todos os Cantos**: reflexões e canções por uma educação intertranscultural. 1. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Metodologia de educação para a comunicação e de gestão comunicativa no Brasil e na América Latina**. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Gestão de processos educacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**: 2012/2013. João Cláudio Garcia R. Lima; José Marques de Melo (organizadores). Brasília: Ipea, 2013.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **A Educomunicação a serviço dos Planos Estaduais de Educação para os Direitos Humanos**. In: MOREIRA, Benedito Dielcio (Org.). **Educomunicação e Transmídia**: um Encontro na Escola dos Media, Ciência e Saberes Populares. Cuiabá: EdUFMT, Editora Sustentável, 2019.

Vinny Pellegrino é advogado e professor, mestrando em Ciência Jurídica pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Graduado em Direito pela UENP. Especialista em Direito Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Contato: vinny@pellegrinoenovaes.com.br.

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: O INÉDITO VIÁVEL DE PAULO FREIRE NA LUTA PELO DIREITO HUMANO À LEITURA E INFORMAÇÃO

GAMA, Ywanoska Maria Santos da

RESUMO

A importância da leitura para a formação humana e construção da cidadania tem sido abordada nos mais diversos espaços de discussões em nossa sociedade. Um discurso recorrente na grande imprensa e em vozes menos atentas insistem em afirmar que o brasileiro não lê ou não tem o hábito de ler. Esse discurso esconde as relações de poder que, dentre outras exclusões que gera, naturalizou a negação do acesso de uma parcela significativa da população à literatura, associando este fenômeno a uma mera questão de opção. O presente artigo busca discutir o papel das bibliotecas comunitárias e populares como agentes de transformação, emancipação e ressignificação de visão de mundo nas comunidades periféricas, historicamente excluídas de direitos fundamentais, inclusive o direito à literatura. Partimos da concepção de biblioteca comunitária como espaço de resistência e construção cidadã e desse modo, discutiremos esse elo que liga as bibliotecas comunitárias ao pensamento de Paulo Freire.

Palavras-chave: Bibliotecas comunitárias. Leitura. Emancipação. Direito à Literatura.

ABSTRACT

The importance of reading for human formation and the construction of citizenship has been addressed in the most diverse spaces of discussion in our society. A recurring discourse in the mainstream press and in less attentive voices insists on affirming that Brazilians do not read or are not in the habit of reading. This discourse hides the power relations that, among other exclusions that it generates, naturalized the denial of the access of a significant portion of the population to literature, associating this phenomenon to a mere question of option. The present article seeks to discuss the role of community and popular libraries as agents of transformation, emancipation and re-signification of worldview in peripheral

communities, historically excluded from fundamental rights, including the right to literature. We started from the conception of community library as a space of resistance and citizen construction and, thus, we will discuss this link that connects community libraries to Paulo Freire's thought.

Keywords: Community libraries. Reading. Emancipation. Right to Literature

INTRODUÇÃO

Um movimento crescente de busca por espaços de leitura e acesso à literatura pode ser evidenciado, há algumas décadas, particularmente nas periferias das grandes cidades, e chama a atenção pelo seu caráter de mobilização social e construção coletiva, na contramão de uma ausência forte de políticas públicas de leitura no Brasil. O movimento a que nos referimos é o surgimento e fortalecimento das bibliotecas comunitárias que se configuram como espaço de cidadania, resistência cultural e política, protagonismo social e convivialidades.

Contrariando um discurso excludente de que “o brasileiro não lê”, as bibliotecas comunitárias (que abreviaremos nesse texto como BCs), se diferenciam das bibliotecas públicas oficiais desde sua gênese. Como descreveremos mais adiante, suas origens estão invariavelmente ligadas a uma articulação local que tem como base, como destaca Machado (2009) a autonomia, a flexibilidade e a ação cultural, não se constituindo como instituições governamentais de qualquer esfera.

No presente artigo, discutiremos a partir de uma inspiração no pensamento de Paulo Freire, o papel da biblioteca comunitária como agente de transformação, emancipação e ressignificação de visão de mundo nas comunidades periféricas, historicamente excluídas de direitos fundamentais, inclusive o direito à literatura, conforme preconizado por Antônio Cândido (2011). De início apontaremos delimitações conceituais e princípios que norteiam o trabalho e ação cultural das bibliotecas comunitárias. Com isso, pretendemos destacar o(s) conceito(s) de leitura e de biblioteca implicados em tais ações comunitárias. Nesse sentido apontaremos porque as BCs são exemplos vivos da importância do ato de ler, conforme destacado por Freire (1991).

Um segundo ponto que abordaremos é articulação entre a concepção inerente às BCs de literatura como um direito humano, e a luta de militantes e estudiosos que discutem no cenário atual a necessidade de políticas públicas voltadas à formação de leitores e acesso ao livro e literatura de forma democrática.

Por fim, discutiremos o papel das BCs como espaço de resistência cultural, social e existencial. A partir dessa confluência de aspectos traçaremos nossas considerações que não serão, de fato, finais, mas poderíamos dizer, considerações provisórias e transitórias.

A importância do ato de ler e o enraizamento comunitário como base

O surgimento de bibliotecas comunitárias e a utilização desse termo não é tão recente, como destaca Machado (2009). A autora enumera estudos internacionais que apontam em diferentes épocas e países a criação de bibliotecas chamadas comunitárias ou, em alguns casos chamadas populares, a partir da mobilização

de pessoas ou grupos no sentido de criar espaços e ações voltadas ao acesso à leitura. Encontramos em Freire que:

É evidente que a questão fundamental para uma rede de bibliotecas populares, ora estimulando programas de educação ou de cultura popular [...], ora surgindo em resposta a exigências populares provocadas por um esforço de cultura popular, é política (FREIRE, 1991).

Ao considerar as BCs como agentes de inclusão social, mas também como território de memória, informação e conhecimento, Prado (2010) nos leva a pensar no sentimento de pertencimento gerado nesse território, que possibilita aos sujeitos acesso a elementos da coletividade mobilizados numa construção de si mesmo, ao mesmo tempo em que o evidencia como cidadão e, portanto, pertencente a uma comunidade que partilha lutas contra exclusões e negações.

Por outro lado, o reconhecimento da diversidade e de cada sujeito em suas singularidades, pauta dos movimentos sociais e comunitários que integram a ideia de construção cidadã, atrela às bibliotecas comunitárias uma outra característica evidenciada por Prado (2010): a de ser potencializadora da “libertação da mente humana”. No reconhecimento de que cada pessoa se constrói como leitor, e nesse sentido, leitor do mundo, antes mesmo de ler a palavra, como afirmava Paulo Freire, encontramos a possibilidade de um movimento de libertação que não se dá de forma isolada. Isso porque nas BCs o movimento de rodas de diálogos, atividades coletivas, reflexões, oficinas, ações articuladas com outros movimentos da própria comunidade, ampliação da participação de todas e todos nas atividades desenvolvidas pela biblioteca, sinalizam o tempo inteiro para a concepção freiriana de que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, defendida na Pedagogia do Oprimido e em tantas outras obras.

Mobilizadora de acesso ao conhecimento e debate sociocultural (MACHADO, 2009) as BCs cumprem um papel educativo, que no nosso entender, vincula-se à práticas de educação popular e cidadã e, por assim dizer, crítica e revolucionária, ao possibilitar uma mudança no acesso de populações excluídas aos bens culturais da leitura, informação e literatura. Uma educação crítica no sentido proposto por Freire.

Elisa Machado (2009) destaca particularidades das origens e elementos constitutivos de uma biblioteca comunitária que nos permitem reflexões importantes. No que se refere à forma de constituição, a autora destaca que

são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural. A perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social. O processo participativo na qual é gerada e se mantém demonstram uma articulação local e forte vínculo com a comunidade. Além disso, a autora destaca também a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas, em comunidades excluídas da participação nos equipamentos de acesso à bens culturais considerados de uma elite escolarizada (teatro, cinema, exposições de arte, museus, entre outros).

Paulo Freire destaca a posição crítico-democrática de uma biblioteca popular (como se caracterizam as BCs) caracterizando-a como centro cultural e não como um “depósito silencioso de livros”, considerando-a como “fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto” (FREIRE, 1991).

Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica (FREIRE, 1991, p.20).

As formas como atuam as bibliotecas comunitárias – na linguagem de Freire “biblioteca popular” – “a constituição do seu acervo, as atividades que podem ser desenvolvidas no seu interior, e a partir dela”, está relacionado ao que ele chamou de técnicas, métodos, processos, dentre outras questões, mas fundamentalmente na concepção de Freire, relaciona-se a uma política cultural. Acreditamos que na base de tal política cultural deve estar a concepção de literatura como um direito, que abordaremos a seguir.

A LITERATURA COMO DIREITO

Antônio Cândido, considerado uma das mais importantes referências entre os estudiosos da literatura e crítica literária, destacou em seus escritos que uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um *direito inalienável* (CÂNDIDO, 2011).

Destacamos que embora seja direito de todos, o acesso ao livro e à biblioteca no Brasil ainda é privilégio para poucas pessoas. As marcas da exclusão social podem ser vistas na dificuldade de acesso ao livro, cerceando o desenvolvimento do interesse pela leitura, privando do prazer de ler uma considerável parcela da população negando-lhe o acesso a esse importante elemento da cidadania.

Além das ações locais, as bibliotecas comunitárias também têm se engajado na luta por políticas voltadas ao acesso a livros, leitura e biblioteca. Pautados pela premissa de que a leitura literária está fortemente relacionada à construção de subjetividades, da cidadania, a partir de uma ampliação da leitura de mundo e redimensionamento de valores, essa discussão tem fortalecido a criação de redes de trocas e articulações e o fomento a criação de novas bibliotecas comunitárias nos últimos anos, ampliando movimentos de leitura nas comunidades, impulsionando projetos socioculturais, e mobilizando atores sociais que atuam nas BCs, famílias e comunidade na interlocução com públicos diversos (em gênero, faixa etária, concepções religiosas e tantas outras singularidades). Essa interlocução gera um redimensionamento de visão de mundo e compreensão de si mesmos. Nesse sentido, resgatamos de Antônio Cândido que

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto (CÂNDIDO, 1974, p. 83).

Se falamos nas questões humanizantes relacionadas à literatura, não podemos esquecer do argumento de Antônio Cândido de que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar (CÂNDIDO, 1974, p. 84). É ainda destacado pelo autor que ela [a literatura] não corrompe nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (op. cit, p.85). E sobre a literatura ter uma função de conhecimento do mundo e do ser. Cândido destaca ainda que muitas correntes estéticas, inclusive as de inspiração marxista, entendem que a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos. (p. 85).

Ao optarmos por uma aproximação com o trabalho das BCs nos últimos anos, temos encontrado eco de nossas concepções nas colocações de Francisca Pini, docente do Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' – Edição 2020, realizado pela EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, que destaca a importância do fortalecimento dos coletivos que promovem nas pessoas uma nova cultura política, participativa e cidadã. (EAD FREIRIANA, 2020c). Pini defende que essa deve ser uma preocupação nossa, de educadoras e educadores. Acrescento que deve ser um engajamento nosso, de pesquisadoras e pesquisadores.

A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

As BCs demonstram em suas formas de atuação, diversas e multifacetadas, que estão muito mais ligada a ação cultural do que aos serviços de organização e tratamento da informação, como destaca Machado (2009). Suas ações, inspiradas na luta pela democracia em sua plenitude e respeito aos direitos humanos, estão ancoradas na luta pela equidade em todos os sentidos e, principalmente, os que rompem com a lógica da opressão.

As contribuições de Luiza Cortesão (EAD FREIRIANA, 2002a), por exemplo, nos fazem perceber que as contribuições de Freire, que vão muito além da Educação Escolar, estão impregnadas do sentido de sujeito histórico-cultural que, tendo acesso à educação, entra em um processo de construção de saberes compartilhado com outros sujeitos construindo e reconstruindo cultura. Percebemos nas BCs essa preocupação com a transformação/libertação através da construção de práticas que são educativas, de caráter não escolar, mas que evidenciam a interlocução de Paulo Freire com os movimentos sociais e com a intervenção nos problemas comunitários e, portanto, sociais.

A ideia do inédito viável, tão bem definida por Cortesão (op. cit.) nos dá a devida dimensão da utopia freiriana e nos aponta que ela é uma construção permanente e enriquecida por cada sujeito em um contexto de significados compartilhados na cultura. Embasam seu pensamento uma concepção filosófica de homem, de sociedade, de mundo. E essa concepção freiriana não é algo simples ou superficial. Cortesão destaca que no pensamento de Freire o homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos, num movimento de recriação e não de repetição. Assim, a cultura é concebida como criação sistemática da experiência humana.

A exemplo dos círculos de cultura, em que as pessoas trocam saberes, os coletivos que constituem as BCs reconhecem que as diferentes vivências das pessoas

resultam em aquisições de conhecimentos diversos também, reconhecendo a importância das aprendizagens ligadas ao cotidiano, como Luiza Cortesão destaca no vídeo acima citado nomeando Paulo Freire como pensador e militante sábio, lúcido, corajoso e criativo.

A dinâmica de existência e resistência das BCs é algo que nos remete ao que diz Ismar Soares, ao discutir a Educomunicação, herança dialógica freiriana. (EAD FREIRIANA, 2002b), como um processo em que todos se educam mutuamente e produzem uma prática de libertação das pessoas que se tornam capazes de ler a si mesmas, de ler o mundo e construí-lo de uma forma alternativa àquelas estabelecidas até mesmo pela tradição científica, indo na contramão de um pensamento hegemônico e em uníssono com as pautas de uma educação popular. Soares destaca o profícuo diálogo do pensamento de Paulo Freire com os movimentos sociais e a valorização de práticas dialéticas que respeitam a cultura, a voz, a comunicação dialógica e a luta pela garantia de direitos.

Também na direção de pensarmos nos movimentos de resistência e emancipação, destacamos as colocações de Francisca Pini (EAD FREIRIANA, 2020c) que uma questão central para termos em mente é que sem a garantia de direitos humanos não é possível avançar para uma educação emancipadora. Considerando que as BCs são espaços de educação com vistas à emancipação, vale enfatizar o que Pini nos lembra serem direitos humanos: direitos civis, políticos, sociais, econômicos, socioambientais e culturais. Todos eles indivisíveis e interdependentes.

CONSIDERAÇÕES PROVISORIAMENTE FINAIS

Ao desenvolvermos a escrita do presente texto, tínhamos em mente uma reflexão que evidenciasse a íntima relação entre as concepções norteadoras e as práticas desenvolvidas em bibliotecas comunitárias que encontram-se fortemente relacionadas à perspectiva da emancipação proposta por Paulo Freire como prática educativa que se evidencia nos movimentos populares, nas ações comunitárias, nas opções políticas de luta contra a exclusão e a opressão. Mesmo quando não há um conhecimento aprofundado sobre o pensamento e a obra de Freire, as BCs sempre me evidenciaram, desde que iniciei uma aproximação maior com algumas delas em Pernambuco, uma expressão viva do pensamento freiriano.

A cada novo mergulho na obra de Paulo Freire essa percepção se torna mais forte e descubro outros elementos que precisam fazer parte da reflexão-ação nesse campo. Embora certezas sempre sejam provisórias, elas nos apontam caminhos. Por ora o caminho que construo enquanto professora, pesquisadora e cidadã,

é que é preciso fortalecer os movimentos de emancipação desenvolvidos pelas bibliotecas comunitárias. Conhecê-los, descrevê-los e somar-se a eles nos parece investir no inédito viável.

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antônio. A Literatura e a Formação do Homem. Ciência e Cultura, São Paulo, vol. 24, n.9, p.803-809, 1974. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>>. Acesso em: 01 de junho de 2020.**
- CÂNDIDO, Antônio.** O direito à literatura. In: **CÂNDIDO, Antônio. Vários Escritos.** 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020.** Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020a.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020.** Videoaula 3 – Educomunicação: uma herança dialógica freiriana. Ministrada por Ismar Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020b.
- EAD FREIRIANA. **Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news' - Edição 2020.** Videoaula 8 – Contribuições de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos. Ministrada por Francisca Pini. São Paulo: Instituto Paulo Freire, abr. 2020c.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados. 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016
- MACHADO, Elisa C. Uma discussão acerca do conceito de Biblioteca Comunitária. **Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da informação.** Campinas, v.7, n.1, pp 80-94. jul/dez 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.
- PRADO, Geraldo M. A Biblioteca **Comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação.** Inc. Soc., Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.143-149, jan./jun., 2010. Disponível em: <revista.ibict.br>. Resultados da pesquisa. Acesso em: 30 de abril de 2020.

Ywanoska Maria Santos da Gama é professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE/Departamento de Educação. Psicóloga, Doutora em Educação. Membro do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL/UFPE) no qual desenvolve atividades formativas em parceria com Mediadores de Leitura de Bibliotecas Comunitárias. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem (GELPP). Contato: ywanoskagama@gmail.com

POSFÁCIO

FORTES, RESISTENTES E CONFIANTES NA LUTA: RUMO AO CENTENÁRIO PAULO FREIRE

Este é o primeiro e-book da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire que produzimos no contexto das comemorações rumo ao Centenário Paulo Freire, um movimento nacional e internacional que torna-se, a cada dia, mais fortalecido em vários países e, especialmente, no Brasil.

Paulo Freire, intelectual recifense, brasileiro e do mundo, educador popular e um escritor sempre à frente de seu tempo, referência em vários países e patrono de nossa educação nacional, é, ainda assim, vítima das fake news. Essas notícias intencionalmente falsas, alardeadas para macular não apenas a vida e obra de uma pessoa, mas, sobretudo, para tentar destruir e enfraquecer as causas defendidas por ela.

Nas 292 páginas da edição 2020 do e-book do Curso 'Paulo Freire em tempos de fake news', lemos os textos de 23 autoras e 10 autores que produziram novos conhecimentos na busca da inclusão sociocultural, de justiça em todas as esferas da vida, da educação democrática, das narrativas femininas, tentando enfrentar o avanço neoconservador, buscando a descolonização das mentes, valorizado a educomunicação, a educação em direitos humanos e superando toda e qualquer forma de preconceito e discriminação – que são, entre outras, as principais causas defendidas por Freire em sua história. Este e-book, portanto, reinventa o legado de Paulo Freire, como ele queria, na perspectiva da valorização da “educação popular e libertadora, como prática da liberdade”, como sinônimo de direitos humanos, como afirmação da dignidade humana.

Temos muito o que festejar, agradecer e parabenizar todas as pessoas que acreditaram na possibilidade da realização deste curso e desta publicação inédita da EaD Freiriana. Mesmo em tempos de confinamento, de isolamento social, de medo, de cuidado, de mortes de quase 150 mil brasileiras e brasileiros e diante de retrocessos históricos representados pelas crises sanitária, da saúde pública, da educação, da cultura, da economia etc., não perdemos a esperança.

Em tempos de crises, criamos as oportunidades. Em tempos de situações-limites, buscamos e inventamos os “inéditos viáveis”; em momentos de gravidade, transformamos em processos de gravidez de ideias, de ações e de novas

possibilidades. E no caso de nossa EaD Freiriana, do Instituto Paulo Freire, diante de tantas dificuldades e obstáculos à uma educação que queremos, com qualidade sociocultural e socioambiental, incentivamos nossos e nossas cursistas a serem, eles e elas, sujeitos ativos de suas próprias histórias.

Deixamos o nosso reiterado reconhecimento e parabéns aos(às) coautores(as) destas páginas, aos(às) professores(as) orientadores e revisores dos artigos, e nos sentimos orgulhosos por, novamente, termos organizado e trabalhado em mais esta importante produção. Todos que dela participaram o fizeram tendo por referência os estudos realizados no curso 'Paulo Freire em tempos de fake news - Edição 2020', discutindo e refletindo o sentido e significado dos nossos tempos, das próprias fake news e de temas tão relevantes à educação na contemporaneidade, sempre relacionados às suas experiências pessoais, docentes e acadêmicas.

Nosso muito obrigado a vocês que compartilham conosco a responsabilidade de defender, lutar e afirmar o legado freiriano e de sua reinvenção. Seguimos fortes, resistentes e confiantes na luta. Viva o Centenário Paulo Freire. Paulo Freire Sim!

Primavera de 2020.

Paulo Roberto Padilha e Janaina M. Abreu

Diretores do Instituto Paulo Freire

